



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

BÁRBARA REBOUÇAS MARINHO RIBEIRO

**Identidade, Beleza Negra e Racialização: Nas mechas da trajetória de vida de
Marly Paixão**

MANAUS-AM

2024

BÁRBARA REBOUÇAS MARINHO RIBEIRO

**Identidade, Beleza Negra e Racialização: Nas mechas da trajetória de vida de
Marly Paixão**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Banca Examinadora do Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal do Amazonas, como exigência para
obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Profº Drº Glauber Cícero
Ferreira Biazo

MANAUS-AM

2024

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- R484i Ribeiro, Bárbara Rebouças Marinho
 Identidade, beleza negra e racialização: Nas mechas da trajetória de vida
 de Marly Paixão / Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro. - 2024.
 227 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Glauber Cícero Ferreira Biazó.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
 de Pós-Graduação em História, Manaus AM, 2024.
1. História Oral. 2. Identidade. 3. Beleza Negra. 4. História das
 Mulheres. 5. Trajetória de vida. I. Biazó, Glauber Cícero Ferreira. II.
 Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em
 História. III. Título
-

TERMO DE APROVAÇÃO

Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro

Identidade, Beleza Negra e Racialização: Nas mechas da trajetória de vida de Marly Paixão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História – Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, como requisito à obtenção do Título de mestre em História.

Linha 1: Cultura e Representações

Orientador: Profº Drº Glauber Cícero Ferreira Biazio

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Glauber Cícero Ferreira Biazio – Presidente da banca
Universidade Federal do Amazonas – PPGH-UFAM

Prof. Dr. Júlio Cláudio da Silva – Membro interno
Universidade Federal do Amazonas – PPGH-UFAM

Profa. Dra. Luane Bento dos Santos – Membro externo
Universidade do Estado do Amazonas – SEDUC-RJ

MANAUS/AM
2024

Dedico este trabalho a toda a Comunidade Negra Amazonense que resiste frente aos processos de invisibilização e apagamento, fazendo de suas trajetórias a prova de que não só há negros e negras no estado, mas que nossas existências movem este território.

Dedico à minha mãe e melhor amiga, Maria Helena Rebouças Ribeiro, pelo apoio incondicional e por ser meu maior exemplo enquanto mulher preta.

In memoriam de Joana Rebouças, Maria Auxiliadora, Marilza Evangelista, e tantos homens e mulheres negros e negras – nossos mais velhos(as) – e a todos(as) os (as) ancestrais que foram imprecindíveis na caminhada de nossa comunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente e acima de tudo a minha mãe Maria Helena Rebouças Ribeiro, cujo apoio foi imprescindível para que esse trabalho fosse realizado. Você sempre foi e continuará sendo a força que me move e minha maior inspiração, sem você eu não poderia ter chegado tão longe.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em História UFAM por ter possibilitado a execução desta dissertação. À CAPES pela concessão da bolsa ao longo desses longos meses, sem a qual seria completamente inviável que esse trabalho chegasse até aqui.

O desenvolvimento desta pesquisa não teria sido possível sem o apoio, acolhimento e colaboração de algumas pessoas que tive o privilégio de ter em minha vida. Às minhas colegas que me ajudaram a sobreviver nessa jornada acadêmica: Isabel Saboia, Jordana Caliri, Marineide Ribeiro, Nicole Maria, Taynara Munduruku, meus sinceros agradecimentos. Além delas, deixo ainda o agradecimento ao movimento do qual sou fruto, o movimento de mulheres negras, e ainda saúdo aqueles e aquelas que vieram antes de mim, abrindo as portas da universidade para que hoje, pessoas como eu, possam entrar, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço ao meu orientador, profº drº Glauber Cícero Biazo cujo olhar criterioso e cuidadoso me ensinou a trilhar os caminhos da História Oral e da Escuta sensível, serei eternamente grata. Agradeço ainda mais por sua humanidade que foi tão imprescindível quanto sua orientação durante este trabalho.

Agradeço a minha banca de qualificação pelas contribuições e apontamentos tão valiosos para que essa pesquisa ganhasse corpo. Meus sinceros agradecimentos ao professor Dr. Júlio Claudio que se manteve também na minha banca de defesa e a professora Drª Giovana Xavier que me deu seus valiosos apontamentos na qualificação. Deixo ainda agradecimentos a professora Drª Luane Bento dos Santos que esteve comigo na defesa deste trabalho acrescentando muito a ele nessa reta final fazendo sua leitura sensível e dedicada.

Por fim, deixo meu agradecimento para a protagonista dessa História Oral de vida, minha colaboradora Marly Paixão. Pela sua disposição, generosidade e doação. Agradeço do fundo de meu coração por ter me dado a honra de compartilhar juntamente a você, sua trajetória de vida. Ademais su grata a Jéssica Dandara por ter sido a ponte que ligou nossos caminhos. Todo o meu respeito e agradecimentos mais profundos a vocês que marcam este momento de minha caminhada nos movimentos sociais e na vida acadêmica.

RESUMO

Esta dissertação explora a história oral de vida de Marly Paixão, fundadora do primeiro salão especializado em Tranças Afro de Manaus. Ao longo de sua trajetória, a pesquisa busca abordar, de maneira interseccional, a construção da identidade negra e sua profunda relação com a estética. Em um cenário onde a presença de pessoas negras é historicamente invisibilizada no Amazonas, Marly apresenta uma narrativa que desafia o discurso dominante, revelando que os cuidados com a aparência, para mulheres negras, vão muito além do simples embelezamento. A estética aqui é entendida como uma linguagem que reflete as múltiplas opressões enfrentadas e articuladas, sendo fundamental na construção étnico-racial. Com base na história de vida de Marly, o trabalho adentra o universo das interações de gênero, raça e classe no contexto brasileiro, revelando como, por meio da memória, Marly "trança" não apenas sua própria história, mas também a de muitas outras mulheres negras que resistem frente ao apagamento sistemático de homens e mulheres negras na cidade.

Palavras chave: História Oral, Beleza Negra, História das mulheres

ABSTRACT

This dissertation explores the oral life history of Marly Paixão, the founder of the first salon in Manaus specialized in Afro braids. Throughout her journey, the research seeks to address, in an intersectional manner, the construction of Black identity and its deep connection with aesthetics. In a context where the presence of Black people is historically erased in Amazonas, Marly presents a narrative that challenges the dominant discourse, revealing that, for Black women, caring for one's appearance goes far beyond mere beautification. Here, aesthetics is understood as a language that reflects the multiple, intertwined oppressions faced by these women and plays a crucial role in ethnic-racial identity formation. Drawing from Marly's life story, the work delves into the complex interactions of gender, race, and class in the Brazilian context, illustrating how, through memory, Marly "braids" not only her own story but also the stories of many other Black women who resist the systematic erasure of Black men and women in the city of Manaus.

Keywords: Oral History, Black Beauty, Women's Histor

LISTA DE SIGLAS

ACOLHEDOR – Associação Brasileira Acolhe Dor

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FOJUNE – Fórum de Juventude Negra

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

PSC – Processo Seletivo Contínuo

SIMPTAMA – Simpósio Psicocultural sobre os Povos Tradicionais da Amazônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – RAÇA, IDENTIDADE E BELEZA: UM CORPO EM MOVIMENTO	
ENTRE SÃO PAULO E AMAZONAS	38
<i>I.1 O peso da diferença: memórias de infância entre guaianazes e belenzinho (sp), uma discussão sobre a construção do feminino na infância negra</i>	<i>38</i>
<i>I.2 “A dor do “voltar”: vigilância e fiscalização do cabelo crespo”</i>	<i>47</i>
CAPÍTULO 2 – DA BRANQUITUDE PAULISTA À MANAUARA: TRANÇANDO MEMÓRIAS SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇAS	64
<i>II.1 Territorialidade e branquitude manauara: “manaus não tinha pessoas negras, eu era uma das poucas negras aqui.”</i>	<i>68</i>
<i>II.2 Memórias do tornar-se o “outro” para o “eu branco”: estereotipagem e exotificação do corpo negro</i>	<i>84</i>
<i>II.3 Fantasias brancas, fetichismo e animalização do corpo da mulher negra: “então eu deixei de ser macaca, em são paulo, pra virar onça.</i>	<i>93</i>
<i>II.4 Resistência frente a animalização do corpo negro: memórias de um corpo que assusta</i>	<i>98</i>
CAPÍTULO III O PODER DA AUTODEFINIÇÃO: UM CAMINHO DO CABELO IDEAL PARA O CABELO REAL	104
<i>III. 1: Memórias de silêncios compartilhados entre mães e filhas</i>	<i>105</i>
<i>III. 2: Memórias de desafetos rumo à tomada de consciência de si: “então eu entendi, eu acho que os brancos tem o lugar deles e a gente tem o nosso.”</i>	<i>117</i>
<i>III. 3 Eu e ela, ela e eu: onde nossas memórias se (des)encontram</i>	<i>124</i>
<i>III.4 “Dali em diante marly jurou nunca mais usar química”: o corte químico que mudou tudo</i>	<i>128</i>
<i>III.5 “Alisamento nunca mais”: O legado de Marly Paixão frente a criação do primeiro salão afro da cidade de Manaus</i>	<i>144</i>
NAS TRAMAS DE UMA CONCLUSÃO	160
ENTREVISTAS	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	223

INTRODUÇÃO

Sempre me perguntei o que levava os autores e autoras que leio e li ao longo de minha trajetória, a escreverem. O que nos motiva a pesquisar o que pesquisamos? Acredito que essa é uma resposta que carece de esclarecimentos e é por este motivo, respeitando a tradição do movimento a qual pertencço, a saber, o de feministas negras, que começo esta introdução apresentando não somente o tema dessa pesquisa, mas quem é esta que escreve porque escrevo e para quem. Dito isso, já adianto que essa não é uma introdução tradicional, porém, isso não diminui sua relevância para essa dissertação. Sem mais delongas, me apresento.

Me chamo Bárbara Ribeiro, sou manauara nascida e crescida no contexto urbano da cidade de Manaus, numa zona periférica da cidade, na zona norte. Sou uma mulher cis, racializada, filha de mãe negra e pai indígena, o que faz de mim racialmente negra e etnicamente indígena da etnia Sateré Mawé, em processo de retomada. Sou filha de uma mãe solo que tem até o ensino médio completo que fez no Mobral em meados da ditadura militar. E apesar de ter o sobrenome de um pai em meu registro, não fui criada por ele, na verdade, só o conheci aos 13 anos, mas de fato, ele não participou de minha vida mesmo após esse encontro.

Sou de uma família de muitas mulheres cuja matriarca, Joana Rebouças, minha avó, só sabia escrever o próprio nome. A minha infância e adolescência se deu sendo criada por várias outras além de minha mãe porque a mesma tinha que trabalhar para me sustentar. Por esse motivo fui criada por vizinhas, parentes e babás. Foram Joanas, Marilzas, Alcienes, Joselhes, Fátimas, Auxiliadoras, Ivanildes e muitas outras.

Aprendi a ler com 4 anos de idade e não tendo irmãos ou crianças próximas para brincar, me apaixonei pelos livros. Primeiro os contos de fadas, que encontrava na casa de uma das vizinhas que cuidou de mim e depois, pelos livros didáticos quando pude acessar a escola. De toda forma, desde as literaturas infantis foi plantada uma semente que no colégio pôde florescer. Lá eu aproveitava meu contato com os únicos livros que tinha acesso, mas com o tempo meus vizinhos perceberam minha paixão e alguns passaram a doar livros didáticos velhos de séries variadas e eram esses livros que eu lia.

Os livros tornaram-se meus companheiros e seguiram sendo ao longo da minha formação fundamental. A partir do trabalho de minha mãe tive a oportunidade de estudar parcialmente numa escola privada do meu bairro conhecida como Centro Integrado Milton

Pongitory localizada também na zona norte de Manaus, no bairro Cidade Nova. Estudei ali durante o ensino fundamental 1 até o 8º ano (sétima série). E quando se tornou insustentável financeiramente fui colocada na Escola pública Francisca de Paula de Jesus Isabel que fica no mesmo bairro. Nessa escola passei a frequentar mais a biblioteca que na época funcionava e tinha uma parente por parte de pai que era a bibliotecária e facilitava o acesso aos livros. Por esses motivos, passei a acessar outros livros além dos didáticos tendo acesso a literatura, romances clássicos e muito mais.

Todo meu ensino médio foi em outra escola, na Estadual Professor Ruy Alencar localizada no bairro Nova Cidade e foi ali onde alimentei meu interesse pela ideia do ingresso à universidade incentivada por duas professoras de História, professora Cláudia Marques e professora Andreza Bianca. Quando ingressei nessa escola soube sobre o Processo Seletivo Contínuo PSC, que era uma outra possibilidade além do ENEM de ingressar na Universidade. Me inscrevi e continuava a empenhar nos estudos, focando meus interesses especialmente nas disciplinas de História e Letras. Ali já sabia que queria ser professora, porém fazer uma faculdade parecia um sonho distante para estudantes como eu que vinham de uma escola de periferia.

Lembro que no último ano do ensino médio eu não tinha esperança alguma de passar no vestibular, apesar dos meus esforços, problemas pessoais afetaram meu desempenho nos estudos naquele ano. Porém, tive o acolhimento de professoras que foram essenciais para que eu permanecesse estudando e não desistisse. Assim, fiz a última prova do PSC sem muita esperança por conta das dificuldades daquele ano letivo. Temia pelo meu futuro porque nem eu nem minha mãe teríamos condições financeiras favoráveis para arcar com uma faculdade privada. Assim, minha única opção para tentar melhorar de vida eram os estudos e eu já me sentia culpada antecipadamente por achar que não conseguiria.

Porém, no fim que também se tornou um começo, consegui uma vaga para Licenciatura em História, ingressando na Universidade Federal do Amazonas pela política pública de Cotas Raciais. Fiz parte da turma que ingressou em 2014 e lembro que minha mãe pisou pela primeira vez em uma universidade ali comigo. O dia de me matricular certamente foi um dos nossos dias mais felizes. Entrei realizando um sonho, animada e também com receios e não foi nada fácil me manter nesse espaço. A universidade realmente não foi inicialmente feita para pessoas como eu, mas a formação acadêmica não era só por mim, quando entrei também considerei todas as dificuldades que minha mãe passou para que eu estudasse. Por conta disso, nunca foi uma questão somente individual, geralmente

para nós, pessoas racializadas, não é sobre um único indivíduo, quando entramos um pedacinho de nossas famílias também adentram nesses espaços.

Em virtude dos preconceitos de classe, de raça e também de gênero, o ambiente se revelou extremamente hostil. Tive de lidar com a discriminação despendida aos alunos cotistas que vinha, tanto de professores, quanto de colegas de curso, e ainda ouvir comentários acerca dos danos que as cotas representavam. Muitos afirmavam que desde que as últimas foram implementadas o nível da universidade havia decaído. Essas falas me fizeram esconder por um bom tempo que eu havia entrado por essa política pública,*- especialmente por ser cota racial que era o maior alvo de descontentamento e levantaria questões sobre meu intelecto. Havia ainda uma noção extremamente elitista de que quem havia entrado pelo PSC não seria tão inteligente quanto quem entrou pelo ENEM, entre outros preconceitos de uma classe que não poderia aceitar outras formas de ingresso que possibilitasse a ampliação do acesso à universidade, sobretudo para pessoas da periferia.

Dito isto, a barreira da entrada na universidade havia sido vencida, mas agora eu esbarrava na dificuldade da permanência. Continuar neste espaço foi uma das coisas mais difíceis com as quais tive que lidar desde a graduação. As questões eram variadas e implicavam tanto no acesso a recursos financeiros para custear impressão de textos, passagem de ônibus, alimentação, até dificuldades específicas de aprendizagem. Foi somente ao adentrar a universidade que descobri o que era um fichamento, até então nunca tinha ouvido falar, e foi somente depois de pesquisar no *Google* que descobri do que se tratava. Em virtude disso, meu empenho tinha que ser dobrado para dar conta das demandas que a vida acadêmica exigiria dali em diante. Além de ainda lidar com o terror psicológico que partia de alguns professores que gostavam considerar a si mesmos enquanto espécie de “peneiras do curso” dificultando o processo propositalmente.

Dessa forma, para mim foram 7 anos de graduação. Ao longo deles fiz parte do Centro Acadêmico, organizei eventos, vivi a experiência válida e necessária de algumas greves de professores e alunos e enfrentei ainda os meus primeiros problemas de saúde mental que nunca havia experienciado antes, além de encarar uma pandemia durante o processo. Porém, esses anos no espaço da universidade me foram de grande aprendizado, uma fase importantíssima de minha jornada acadêmica. Participei de projetos de extensão voltados para música com o Coro Universitário e também com o Coral Vozes da Ufam onde fui bolsista, recebendo na época uma bolsa de seiscentos reais que me ajudou a enfrentar as

demandas financeiras por pelo menos um ano dentre todos esses de graduação.

Durante minha trajetória acadêmica também cheguei a produzir um projeto de iniciação científica pelo PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. O foco eram as trajetórias de vida de professores de História que ministraram suas aulas durante o período da ditadura militar, especificamente focado nos professores do ensino básico. Nesse projeto eu já visava trabalhar com a metodologia da história oral, mas infelizmente não pude dar prosseguimento porque após finalizado, o mesmo foi repassado para um outro aluno executar por escolha do professor que me orientaria. Na época esse foi o estopim que comprometeu a minha saúde mental me obrigando a não me matricular em nenhuma disciplina do semestre seguinte. Precisei cuidar do meu quadro psicológico e com dificuldades retornei no semestre seguinte. Entretanto, desde aquele momento tive dificuldades em viver a experiência da iniciação científica ainda na graduação e meu contato com a pesquisa se deu de forma mais efetiva somente a partir da execução da monografia que tive que entregar ao final do curso.

Foi então na luta pela permanência que me deparei com a necessidade de me aquilombar. Nesse sentido, entra a importância do movimento negro em minha trajetória, aqui alguns coletivos em especial se destacam e influenciam direta e indiretamente na temática de minha pesquisa. Fiz parte do movimento dos estudantes, coletivos feministas e formei meus vínculos com essa grande rede de movimentos sociais da cidade de Manaus. Inclusive vale citar aqui o papel de importância do antigo Coletivo Feminista Baré, atualmente conhecido pelo nome Banzeiro Feminista, que foi imprescindível nos anos iniciais de graduação possibilitando a compreensão inicial das discussões feministas e negras e contribuiu no meu processo de autoconhecimento e afirmação de minha identidade étnico-racial.

Outro coletivo que é importante destacar é o Coletivo Alexandrina ao qual nutro carinho até os dias de hoje por ser um espaço voltado a disseminação da leitura de autores negros e negras no espaço da universidade e que é composto por alunos da graduação e da pós-graduação que também são negros/as, o que possibilitou um contato mais focado nas leituras de alguns importantes teóricos e teóricas negros/as e figuras pertinentes ao movimento negro no Brasil e no mundo, além de possibilitar um debate entre pessoas racializadas que estavam ali com o mesmo objetivo, permanecer.

Por fim, vale citar aqui o FOJUNE AM, Fórum de Juventude Negra do Amazonas que me fez caminhar em outros espaços imprescindíveis para entender acerca da luta pela defesa de políticas públicas e além disso, evidenciou a importância de destacar o protagonismo de pessoas negras no Amazonas. Ainda hoje permaneço vinculada ao fórum que de tempos em tempos, passa por renovações no seu quadro de membros com o foco de manter o diálogo constante com a juventude negra manauara, além de contar com a participação de uma parte da juventude indígena no grupo, ainda que em menor número.

É importante ressaltar a importância que estes coletivos tiveram na minha formação acadêmica e de vida. Foram nesses espaços de luta coletiva em que pude ter meus primeiros contatos com leituras e discussões do psicanalista Frantz Fanon, da pedagoga Nilma Lino Gomes, da professora e literata Conceição Evaristo, do escritor e professor Abdias Nascimento, da filósofa Sueli Carneiro e ainda das contribuições teóricas de bell Hooks entre outras. Essas leituras possibilitaram uma compreensão mais aprofundada acerca da importância de pautar além da classe, a raça e o gênero, bem como outras dimensões das opressões sofridas pela população negra que já apontavam a pertinência de um olhar interseccional para a leitura e interpretação das fontes.

A vivência nos movimentos sociais negros e o olhar para suas diversificadas pautas, me fez notar ainda em 2016 que havia aqui em Manaus uma movimentação de foco na afirmação e valorização da estética negra, sobretudo voltada para a assunção dos cabelos crespos e cacheados. Havia um evento Encrespa Geral Manaus que ocorria pelo menos uma vez ao ano, com atividades que visavam congregar pessoas negras que estavam em processo de transição capilar, ou seja, o objetivo era realmente acolher pessoas que estavam abandonando ou decidindo deixar o alisamento e a química alisadora para assumir seus cabelos na sua textura natural, um processo que leva muito tempo e por vezes é extremamente difícil afetando inclusive o emocional de muitos/as pessoas negras.

Além disso, o evento trazia atrações culturais negras da própria cidade para somarem com a programação e dialogava com o povo de terreiro, da cena do hip hop, capoeira, das danças urbanas e muitos outros grupos e movimentos que pautavam a presença negra no Amazonas. Nesse espaço, foram produzidas diversas discussões voltadas para inúmeras pautas do movimento negro como o encarceramento em massa, a violência contra as mulheres negras, o processo de construção de identidades negras no contexto Amazônico, além de uma luta pela valorização da estética capilar dos sujeitos.

Foi então que em 2018 tive a oportunidade de participar da 7ª edição do Encrespa Geral Manaus na busca de um espaço de sociabilidade, acolhimento e aquilombamento. Essa edição ocorreu no Palácio da Justiça no Centro de Manaus e ali ocorreram rodas de conversa, apresentações artísticas variadas e eu até cheguei a ministrar uma oficina de dança com a qual estava envolvida. O lugar se constituiu em um espaço de escuta, acolhimento e muitas trocas. Lembro de ouvir nossas mais velhas, especialmente a professora Iolete que é uma referência para nós, dizer que, no tempo dela, eles, pessoas negras, tinham de entrar pela fresta da porta da universidade e essa não era uma tarefa fácil. E ali naquele lugar quando nos observava, se sentia imensamente feliz em ver tantos jovens negros e negras ocupando a Academia. Nós não entrávamos mais pelas frestas, mas já havíamos arrombado as portas. Lembro que essa fala foi muito marcante para mim.

As discussões sobre identidade étnico-racial especialmente negra sempre foi um tema caríssimo para a comunidade por estarmos inseridos num contexto de apagamento. Elaborar identidades negras numa realidade de invisibilização da presença negra que era sentida cotidianamente pelos homens e mulheres negras manauaras sempre foi e por vezes ainda é extremamente desafiador. Até mesmo o ato da autodeclaração era dificultado por conta da rejeição às origens negras locais que inclusive era validada pela história da cidade. Essa experiência fez parte também de minhas vivências que já se constituíam de forma complexa em virtude da origem étnica de meus pais.

Foi a partir desse espaço coletivo de debate que meu olhar passou a se direcionar ainda mais para a questão da invisibilização de homens e mulheres negras e a sensação de estrangeirismo que se fazia muito presente no relato desses/dessas ao meu redor. A questão da construção identitária, especialmente negra, passou a receber mais atenção minha, principalmente porque as questões étnicas no contexto amazonense são extremamente complexas e multifacetadas. De fato, foi através dessa quebra de silêncio em grupo que percebemos que tínhamos ali dilemas compartilhados e assim, enxergando nossas vivências para além de cada caso, vimos que o desconforto identitário se constrói coletivamente, portanto, deveria haver motivos históricos, sociais e culturais que ajudassem a compreender este apagamento.

Como relembra a psicanalista Neusa Santos, teórica que também conheci dentro dos

coletivos negros, o ‘ser negro’ é um tornar-se, um vir a ser¹, e nesse Amazonas de ampla predominância de cabelos lisos e ondulados, que é o estado com maior predominância de povos originários² possuindo uma pluralidade de traços e tons, o “tornar-se negro” era um processo ainda muito mais complexo. Foi assim que os movimentos de afirmação especialmente os que pautavam a estética negra chamaram a minha atenção apontando que ali havia uma luta por afirmação, uma busca pelo direito de existir e por reconhecimento.

Dito tudo isso, alguns anos após aquela participação no Encrespa Geral, por volta da metade de 2020, essas inquietações ganharam rumos de pesquisa. Foi entregue como monografia em 2021 com o título: *“História Oral de Vida de Mulheres Negras: A importância da Estética para construir-se negra (2000-2019)”*. Neste trabalho monográfico meu foco foi refletir como a questão da estética interferia no processo de construção e afirmação de identidades negras em Manaus. Investiguei como se manifestava enquanto pauta de afirmação política, identitária e cultural através das narrativas de duas mulheres negras que faziam parte desse movimento. Uma que é a idealizadora do evento Encrespa Geral Manaus, que conheci na militância, Jéssica Dandara. E a outra mulher que foi, por sua vez, indicada pela própria Jéssica, apontada em nossas primeiras conversas sobre a pesquisa, como alguém que teria grande importância para a comunidade negra já que fundou um salão de Beleza em meados da década de 1990, voltado especialmente para tranças afro, o que naquele contexto era uma raridade.

Foi então, por meio da indicação de Dandara, que conheci brevemente a história de Marly Paixão. A partir dessas primeiras entrevistas adentrei nos caminhos da pesquisa sobre Beleza Negra e os Saberes-estético-corpóreos como pautado pela autora Nilma Lino Gomes que é uma das peças chaves para pensar os movimentos de resignificação da estética negra no Brasil³. Nesse primeiro trabalho focado nos movimentos organizados algumas lacunas se escancararam indicando outras possibilidades de pesquisa posterior, no entanto, até aquele momento, em meados de 2021 eu ainda não vislumbrava adentrar um programa de

¹ SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

² Segundo os dados do censo do IBGE de 2022, o Amazonas é o estado que mais possui pessoas indígenas no país, com cerca de 490,9 mil indígenas autodeclarados. Para mais informações, ver a notícia Brasil. Dados do censo 2022 revelam que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas#:~:text=Os%20dois%20estados%20com%20maior,%2C%20com%2071%2C7%20mil>. Acesso em: 8 ago. 2024.

³ GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

pós-graduação apesar de desejar isso.

De toda forma, apesar dos receios e inseguranças que me impediam, além do próprio cansaço proveniente de uma graduação cheia de altos e baixos que comprometeram minha saúde mental, fui incentivada a ao menos tentar adentrar no Programa de Pós-Graduação em História da UFAM para a turma de 2022. Numa esperança ainda remota o sonho da pós-graduação foi alimentado. Apesar dos meus receios, enfrentei, não sem ajuda, o processo seletivo que abriu por volta de novembro de 2021 e seguiu até o primeiro bimestre de 2022 com os resultados saindo no mês de março. No meu caso, fiz a minha inscrição somente em janeiro (11/01) que foi quando se tornou possível enviar toda a documentação juntamente do projeto.

Submetido em janeiro de 2022, o projeto de mestrado com o título “*Identidade, estética e resistência: Narrativas de mulheres negras em Manaus (2000-2019)*” para a seleção do PPGH-UFAM, foi pensado como uma extensão da monografia que defendi em 2021 e visava uma ampliação da discussão feita inicialmente. Nesse ínterim, devido o contexto pandêmico coleí grau numa turma especial em 21 de janeiro de 2022 de forma remota e no dia 22 de fevereiro realizei a prova de conhecimentos. Passada a prova, o resultado saiu em março, no dia 04 e para minha surpresa e felicidade eu havia passado. Por fim, no dia 18 de março saiu o resultado final e oficial do processo de seleção em que recebi o resultado oficial da aprovação com muita alegria.

Em março de 2022, ingressei no Programa de Pós-Graduação de História da UFAM, vinculada a linha de pesquisa I “Cultura e Representações” onde desenvolvi a atual pesquisa de mestrado, sob orientação do Profº Drº Glauber Biazio, como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - CAPES que gerou este trabalho de dissertação. Aqui dedico-me a estudar a história daquela mulher negra com a qual meus caminhos de pesquisa se cruzaram anteriormente. Com foco na sua História Oral de vida tratei de escutar atentamente dona Marly me contar sobre sua trajetória de vida e sua atuação enquanto trancista na cidade de Manaus.

Meu foco se direcionou a respeitar a maneira como a colaboradora elencou suas memórias, perpassando sua infância, adolescência e juventude. Marly experienciou ser esse corpo negro no contexto pós abolição, mais especificamente nos tempos finais da ditadura e início da redemocratização. Nessa direção voltei meu olhar não necessariamente para o seu empreendimento, mas para suas memórias acerca do caminho que trilhou ao longo da

vida para chegar nesse lugar de fundadora do primeiro salão voltado para tranças afro na cidade de Manaus. Por meio de seu trabalho de memória reflito sobre um Brasil que perpassa a década de 1960 em São Paulo e 1980 até os dias de hoje no Amazonas. Dessa maneira, dona Paixão é aqui protagonista de uma história que, em outros tempos, não seria ouvida, mas que agora pode se fazer escutar.

Apesar de um processo difícil de permanência na universidade, para mim esta foi e ainda é um ambiente necessário, sobretudo para pessoas racializadas, negras/pretas/indígenas e pardas. O que vivemos nesses espaços é carregado em nossa formação, mas também levado para a vida. Compreendido isso, entendo que alguns de nós decidam adentrar, pegar seus diplomas e ir embora. Outros, por outro lado, mobilizados pela raiva e pela revolta que esse espaço nos gera, resolvem ocupá-lo. Ambas reações são válidas e justas, porém no meu caso, optei pela segunda opção.

Eu queria e ainda quero ocupar esse lugar. Digo tudo isto na tentativa de não romantizar o processo, mas de denunciá-lo e de alertar a outras/os como eu. Ainda que a universidade não tenha proporcionado somente momentos ruins, eles existiram e é importante deixar isso registrado aqui. Entretanto, é nesse lugar que construo meu caminho porque acredito que apesar da universidade não ser feita para pessoas como eu, nós decidimos que faremos dela um lugar nosso e assim será feito.

No mais, tenho plena ciência de que minhas vivências, dificuldades, assim como as questões pessoais voltadas para a construção de minha identidade étnico racial e a revolta perante as violências imbricadas nas relações de gênero, raça e classe que me rondam a vida toda, sou ainda inspirada pelo desejo de melhorias e mudanças de vida para mim, para minha mãe e para os meus. Foram esses sonhos e essa trajetória que fizeram com que eu enveredasse para um campo de pesquisa que, de diversas maneiras, envolve essas estruturas de opressão que cercam os sujeitos e sujeitas racializados/as aos quais eu pertencço.

Assim, sei também que carrego comigo os saberes que a academia não pôde me ensinar, além dos saberes daqueles e daquelas que a universidade não validou e, para além disso, a sensibilidade do saber da coletividade, que faz ciência com um olhar sensível e atento, sabendo que nós não somos meros objetos de pesquisa das ciências humanas, mas protagonistas de nossas histórias e que, apesar de sermos constantemente limitadas/os, e de sentirmos que nossa linha de chegada nunca chega, mesmo assim, nós resistimos.

Nesse sentido, parto em direção a construção de um compromisso primeiramente com a voz de minha entrevistada, mas também com a comunidade negra manauara e com aquela da qual ela se origina, bem como, com os desafios enfrentados de invisibilização, inferiorização e também negação de suas presenças e estéticas no contexto amazonense. Dessa feita, entendo o trabalho em história oral a partir de uma perspectiva específica, aquela que privilegia a escuta de sujeitos/as que antes não eram ouvidos na História. Na abordagem apresentada em Meihy, entendo a oralidade enquanto uma possibilidade metodologia de democratização das vozes:

Atualmente, cabe ao oralista recordar-se dos compromissos públicos que significam os empreendimentos na seara da memória e valorizar criticamente os elementos empíricos. A história oral tem o poder de estabelecer a convivência de quando se pode escutar os mais variados grupos humanos em diferentes redes verbalizadas.⁴

Assim, foco na narrativa de Marly Paixão enquanto espinha dorsal que compõe esse trabalho. Minha colaboradora, fonte com quem dialogo desde o final da graduação é atualmente psicóloga, mas é também responsável por trazer outras possibilidades para além do alisamento para a comunidade negra local. Seu empreendimento surgiu num contexto em que o único procedimento disponibilizado para “cuidar” de cabelos crespos e cacheados, era alisar e é somente a partir de seu trabalho que a comunidade negra passa a acessar as tranças enquanto um caminho possível tanto para homens quanto para mulheres negras. A memória acerca dessa colaboradora constitui parte dos relatos orais dentro do próprio movimento negro da cidade e já se tornou tema de projetos culturais de veiculação de figuras negras importantes aqui. Vale citar o projeto Direito à Memória⁵ de Keyla Sankofa que se propôs a relembrar do empreendimento de Marly e seu salão.

Dona Marly, como eu a chamo respeitosamente, nasceu em São Paulo, filha de um torneiro revolver⁶ com uma dona de casa. Aos 57 anos, quando nossos caminhos se cruzaram e

⁴ GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos; Seawright, Leandro. **História oral: a democracia das vozes**. São Paulo: Pontocom, 2019. P.14

⁵ Keila Serruya é artista visual e produtora cultural e tem um trabalho no âmbito audiovisual e fotográfico que visa visibilizar sujeitos históricos negros do Amazonas. Keila exerce esse trabalho em suas redes e outros campos de atuação artística. Vale deixar aqui algumas das redes onde é possível acompanhar esse trabalho. Ver instagram: @keilasankofa e @grupopicoledamassa. Vale ainda citar a entrevista fornecida por ela para o Cinecet a respeito desse trabalho: Keila Serruya: Desejo mudar a realidade de apagamento do negro em Manaus. Cineset 2020 Disponível em: <https://www.cineset.com.br/entrevista-direito-a-memoria-keila-serruya/> Último acesso em 24 de abril de 2024.

⁶ Torneiro revolver é uma especialização dentro do segmento da metalurgia e da usinagem onde o operário precisa utilizar uma máquina-ferramenta chamada torno revolver. Essa profissão ganhou destaque no Brasil a partir do

ela aceitou meu convite para ser colaboradora nessa pesquisa, carregava uma trajetória em que o peso de ser uma mulher preta e crespa guiavam os seus caminhos. Desde a infância havia toda uma preocupação com a sua aparência e ela tinha, nos cuidados com os seus cabelos um processo de lida difícil. Digo lida não de forma despretensiosa, cuidar de sua estética ao longo de sua trajetória não se tratava de um cuidado carinhoso consigo mesma, mas uma luta contra os *bullyings*, a violência racial e de gênero e o próprio racismo enquanto estrutura que a rodeava sendo ela uma menina preta e crespa.

Para a militante que me indicou que falasse com dona Marly, essa mulher era uma referência na criação de eventos e espaços de autocuidado com os cabelos crespos. Seu empreendimento, o salão de beleza afro focado em tranças, cuja criação remete a meados da década de 1990, tornou-se um espaço de refúgio para toda uma comunidade que não tinha tantas opções para os seus cabelos crespos/cacheados nesse período. O espaço construído por Marly era significativo não somente para ela, mas constituiu-se enquanto um local de sociabilidade importante para os negros e negras que por ele circularam.

Nos dias de hoje Manaus já conta com diversos salões voltados para os cuidados com os cachos e crespos proporcionando cortes, tratamentos, tinturas e vários procedimentos para cuidar dos fios. Além desses espaços que mais se assemelham a salões tradicionais, porém, com foco específico em cabelos com curvatura, ainda existe um outro tipo de salão ou mesmo estúdio, como muitos preferem chamar. Trata-se de uma rede de trancistas e trançadeiras que prestam seus serviços em espaços especializados somente em penteados com tranças em local fixo. Ainda é possível encontrar trancistas de rua que fazem os cabelos dos seus clientes a céu aberto no centro de Manaus, na avenida Eduardo Ribeiro. E ainda, existem os/as trancistas que se deslocam até seus clientes prestando seus serviços à domicílio.

Definitivamente, hoje podemos falar em uma comunidade trancista que cresceu e se tornou bastante expressiva na cidade, mas nem sempre foi assim. Essa realidade, com diversificadas opções em diversas regiões e com preços variados, é uma possibilidade constituída atualmente na cidade de Manaus e é parte de um processo recente de luta por afirmação identitária. De acordo com o que a própria colaboradora expôs, quando chegou à cidade de Manaus com os seus quatorze para quinze anos de idade, em 1979 e passou a

processo de industrialização do país, especialmente em meados do final do século XX. Essa máquina, o torno revolver, é usada na produção de vários tipos de componentes metálicos. O torneiro precisa operar o torno de maneira a garantir a produção de peças com precisão, ele controla os parâmetros da máquina e ajusta as ferramentas. É importante destacar que dentro do período em questão, de industrialização vivido nas décadas de 1960/1970 aumentava a demanda de trabalho qualificado na área de metalurgia e usinagem que valorizava a profissão de torneiro revolver.

circular por aqui, o procedimento mais conhecido e oferecido, especialmente para pessoas que possuíam curvatura crespa ou cacheada, era o alisamento. O procedimento não era somente indicado, tinha caráter impositório e era parte da norma social.

Como negra e paulistana que viveu um processo de migração entre São Paulo e Manaus, Marly carrega em sua história uma vivência que abriga as singularidades de alguém que experienciou de forma ampla o sexismo e o racismo à brasileira. Aquele que implica em similitudes em suas dinâmicas de exclusão de sudeste ao norte do país, mas que também possui particularidades na roupagem que incorpora em cada localidade no Brasil. E o que tornou toda essa vivência mais peculiar, é que Marly entrelaçou tudo isso numa história que também é sobre o corpo, sobre a cor da pele e sobremaneira, sobre os cabelos crespos, por fim, uma História de sua beleza negra e seu processo de autodefinição que não é só sobre ela.

O fato é que minha colaboradora conta uma história que diz respeito a toda uma coletividade de mulheres pretas/negras, crespas/cacheadas que vivenciaram, e ainda hoje vivenciam, a dura realidade de viver em uma sociedade marcada pelas concepções, valores culturais e ideais de Beleza que projetam por sua vez, na brancura europeia, magra, loira e de olhos claros, o padrão a ser alcançado. O que de antemão coloca sobre os ombros das mulheres como todo, uma carga pesada de busca por um lugar de uma beleza idealizada, completamente eurocêntrica e inatingível, especialmente se aquelas que buscam o ideal forem mulheres pretas, indígenas, ou não brancas de alguma maneira.

Essa pesquisa então apresenta sua relevância acadêmica no âmbito da história social e cultural estabelecendo diálogo direto com o que tem se constituído enquanto campo de uma história social da beleza negra. Na perspectiva apresentada pela historiadora Giovana Xavier⁷, se escancara um universo de possibilidades investigativas dentro de uma seara ainda pouco adentrada acerca da Indústria da Beleza e das práticas culturais que envolvem os cuidados com a aparência, especialmente tratando-se de uma sociedade capitalista, patriarcal, sexista e racista.

Por meio desse olhar torna-se possível adentrar o universo de significados históricos dos cuidados com a aparência e o que eles implicam na subjetividade de mulheres negras ao longo de suas vidas. A história da beleza negra nesse sentido, é evidenciada “enquanto um campo de estudos comprometido em resgatar os sentidos culturais, políticos e sociais que o físico assume, tendo a raça negra e seus processos de racialização próprios como foco em

⁷ XAVIER, Giovana. **Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA**. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 26, 2013.

diferentes territórios pós-abolição”.⁸

Xavier explora as complexas interações transnacionais entre a Indústria Cosmética no Brasil e nos Estados Unidos por meio da imprensa negra de ambos países. O recorte temporal com o qual trabalhou que abriga o final do século XIX e início do XX permitiu perceber por meio das tentativas de embranquecimento como eram comercializados produtos clareadores e alisadores capilares e como se expressa a busca por enquadramento dentro de um determinado padrão social de beleza que estaria mais próximo do aceitável, ou seja, mais perto do branco. Estes ideais ainda presentes no imaginário nos dias de hoje, carregam alguns valores de bases eugenistas que remodelaram os significados do belo e tornam norma comum a busca por uma beleza que se apresenta, senão pela perseguição à brancura, pelo menos por uma tentativa incessante de aproximar-se ao máximo de suas características.

Metodologicamente, trabalho com a oralidade enquanto fonte focando numa trajetória de vida importante para a comunidade negra manauara. Entendo a abordagem da História Oral enquanto um conjunto de procedimentos que possibilitam centralizar essa história. Assim sendo, a narrativa de Marly Paixão, é incorporada como fonte central e norteadora desse trabalho. Para isso, destaco a importância da subjetividade entendendo-a não como um empecilho para o fazer dos historiadores ou ainda um problema para pensar processos históricos, ao contrário, a mobilizo como matéria prima imprescindível para a discussão aqui proposta. Parto do entendimento da subjetividade enquanto um caminho norteador que nos abre à diversas possibilidades investigativas que só seriam privilegiadas a partir da oralidade.⁹ “Em termos de história oral de vida, a questão subjetiva é essencial. Onde a história vê fragilidade a história oral encontra seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e possibilidade original.”¹⁰

Ressalto ainda a importância que a memória e os estudos da mesma possuem para esse trabalho, sendo ela um dos eixos imprescindíveis para se fazer história oral. Entendo a partir do olhar de Ecléa Bosi¹¹ que o que se constituiu importante e que deve ser enfatizado ganhando espaço neste trabalho é o que foi lembrado, o que foi escolhido para ser perpetuado na história de vida de Marly no ato de entrevista e principalmente, a maneira como ela elaborou e reelaborou essas memórias. Ou seja, as significações que a colaboradora constituiu sobre si e sobre sua vida, são centrais para esse trabalho. Assim sendo, entendo a memória enquanto um

⁸ Ibidem p. 435.

⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; Barbosa, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁰ Ibidem, p.32

¹¹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

trabalho ativo de produção e construção, articulada no tempo presente e que implica no ato da entrevista em um processo de interpretação e reinterpretação de quem narra a sua história de vida. Nessa perspectiva, como Alessandro Portelli também nos diz:

(...) o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam um significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem.¹²

Assim, direciono minha escuta para a história de vida de dona Marly Paixão entendendo que é possível adentrar por meio dela em um universo interacional que envolve as questões históricas acerca da racialidade, a própria dinâmica das relações de gênero, bem como a dimensão de classe imbricada em todas essas relações, dentre outros marcadores de opressão. Entendo que em contextos como o Brasil, com longo histórico escravocrata, mesmo pós abolição, existem permanências histórico-sociais e culturais que corroboram na manutenção da colonialidade preservando valores eurocêntricos acerca do belo, que por sua vez direcionam os indivíduos a uma busca incessante pelo embranquecimento. Porém não esqueço que esse comportamento coletivo é por vezes, uma busca por humanização e respeitabilidade como veremos mais a frente. Dessa maneira, para mulheres negras como dona Marly, a busca pela beleza tende a guardar significados muito específicos que envolvem um desejo de ser, existir e pertencer, além de fazer parte de uma luta por reconhecimento de sua humanidade e individualidade que lhe são negadas.

Agregando as contribuições dos trabalhos de Xavier aos meus caminhos de pesquisa, mergulho nessa história oral de vida de minha colaboradora, cuja trajetória de expressão e afirmação de identidade negra na cidade de Manaus, com todas as suas particularidades, permitem um adensamento no debate acerca da história da beleza negra no país, bem como, articula uma discussão que contribui no processo de visibilização da população negra aqui. Nesse sentido, construo diálogo articulado com os estudos de memória advindos dos debates em história oral, tendo em vista que estamos diante de uma trajetória que abriga todas as particularidades de uma negritude vivida, primeiramente no sudeste do país, em dois bairros de São Paulo e posteriormente ao norte, onde reside até os dias de hoje, no Amazonas.

Essa pesquisa, inserida num debate interseccional também reflete acerca dos

¹² PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo, Letra e Voz, 2016. P.18

marcadores de opressão de gênero, raça e classe partindo primordialmente de um diálogo com as teóricas feministas negras norte-americanas, francesas, argentinas, portuguesas e brasileiras e se insere em um debate ainda mais abrangente que envolve os estudos decoloniais.¹³

Dito isso, adoto uma abordagem que se constrói na observação cuidadosa dos marcadores de opressão que permeiam a vida de minha colaboradora. E entendo, a importância social de destacar a trajetória de Marly Paixão reconhecendo as particularidades de suas experiências e a forma como ela rememora eventos, pessoas e vivências. A narrativa de minha colaboradora entrelaça as dinâmicas de opressão racial, de classe e de gênero trazendo à tona questões que estão profundamente presentes nas memórias da Marly de 57 anos que compartilhou sua história de vida comigo.

Esse trabalho também se insere num espaço importante da historiografia, aquele que diz respeito ao lugar da luta para produzir pesquisas que aprofundem-se nos estudos da história das mulheres, especialmente as subalternas. O lugar das mulheres na história foi um espaço conquistado, cujo silêncio e até mesmo a indiferença era a norma predominante.¹⁴ Esse debate que nos inclui, e não a todas nós, não ganha foco antes do século XIX. Acerca disso, Michelle Perrot ainda disse mais:

[...] faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem.¹⁵

Sabendo que o que o propiciou esse longo caminho foram múltiplos fatores, trago aqui a importância do papel de influência da escola dos *Annales*, sobretudo a partir de sua Terceira Geração e as novas perspectivas que partiram daquela Nova História¹⁶. Desde gerações anteriores haviam ares de mudança no direcionamento das pesquisas. Dessa

¹³ Esse debate tem se constituído a partir das contribuições das seguintes autoras: Hooks, bell. Teoria feminista: da margem ao centro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020. p. 91. Lugones, María. Colonialidade e gênero. Tabula Rasa, n. 9, p. 73-102, 2008. Gonzalez, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

¹⁴ PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. Cadernos Pagu, n. 4, p. 9-28, 1995.

¹⁵ Ibidem, p. 13

¹⁶ DA SILVA, Tânia Maria Gomes. **Trajétória da historiografia das mulheres no Brasil**. Politéia-História e Sociedade, v. 8, n. 1, 2008.

maneira, ao privilegiarem um olhar para temas sociais, como a vida privada, bem como as práticas cotidianas, além da família e da questão da sexualidade, foi possível abrir caminhos que posteriormente possibilitaram direcionar os historiadores e historiadoras para estudos específicos voltados para as mulheres.

Ressalto, além disso, a importância de duas lutas por independência que corroboraram para essas mudanças, a luta contra o colonialismo e a luta encabeçada pelos movimentos feministas,¹⁷ ambos com implicações profundas para a história cultural por questionarem as narrativas estabelecidas e ampliarem nossa compreensão das experiências humanas. A primeira luta surgiu como uma resposta à exploração econômica e cultural dos países colonizadores, denunciando a maneira como as representações culturais produzidas por eles, reforçaram as hierarquias de poder fazendo a manutenção da dominação colonial. Já a segunda, desafiou as estruturas patriarcais e seu caráter limitador na vida das mulheres em diversos aspectos, seja no âmbito social, político ou mesmo econômico.

É somente através dessa mudança de paradigmas que se torna possível um direcionamento mais focado no social o que concomitantemente transformou-se numa possibilidade de olhar também para a dimensão cultural da história. Assim, foi possível que houvesse uma abertura para pensar as mulheres no centro do debate histórico e historiográfico, ainda que não fossem todas elas. Essa mudança de olhar vai além de uma busca por representação feminina na narrativa histórica. O intuito, como afirma Joan Scott¹⁸, era destacar a importância que o gênero assumiu quando entendido enquanto categoria de análise dos processos. Não se trataria mais somente de uma história das mulheres, mas da história das relações de gênero, que a partir de então entendem a dimensão do gênero enquanto uma lente, uma das lentes que possibilita uma outra forma de enxergar a realidade histórico-social.¹⁹

Porém, como já pontuei esses avanços ainda não contemplavam todas nós, e por isso a perspectiva das mulheres de cor, especialmente as contribuições das feministas afro-americanas, foi imprescindível para promover outras reflexões e questionar os seus lugares no mundo, especialmente diante das mulheres brancas e do feminismo universalista. Quando Sojourner Truth, diante da posição de privilégio de feministas brancas, questionou se não era uma mulher - tendo em vista a condição das mulheres negras a um lugar de violência e

¹⁷ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005. p. 64-68.

¹⁸ SCOOT, Joan Wallach; Louro, GUACIRA, Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

¹⁹ Ibidem.

desumanização e jamais o lugar da vulnerabilidade, direcionado comumente às mulheres brancas - ela denunciou que existem diferenças entre as opressões vividas por mulheres brancas e àquelas pertencentes a outros grupos étnicos, especialmente sendo ela uma mulher negra e ex escravizada na sociedade norte-americana.²⁰

Assim, de uma maneira ou outra, Truth escancarou que havia outras questões para serem pensadas na discussão de gênero que pediam uma ampliação do olhar para as lutas enfrentadas pelas mulheres não brancas e instituiu ali a importância de um olhar que enxergasse suas particularidades e similitudes de forma inter-relacional. Nessa direção, como a questão foi articulada no suposto país da democracia racial, no caso brasileiro? Aqui, muitas mulheres pretas denunciaram o feminismo universalista e seu caráter segregacionista, além de exporem o caráter opressor desse feminismo que não considerava a cor da pele, mas oprimia mulheres não brancas a partir do silenciamento de suas pautas.

Lélia Gonzalez destacou de forma muito contundente o quanto o lugar de onde viemos modifica e direciona nossos olhares, percepções e leitura da realidade. Nesse sentido, a autora escancarou as diferenças postas entre mulheres brancas e mulheres de cor quando escreveu “*Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*”²¹ e denunciou a falácia do mito da democracia racial:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.²²

Além da produção de uma hierarquização racial e de gênero, Lélia aponta para um processo de naturalização das desigualdades enquanto um projeto político e ideológico no contexto brasileiro, um trabalho muito bem sucedido que utiliza de uma suposta imagem de harmonia em termos raciais para esconder ao mesmo tempo, a opressão sistemática que vivem as mulheres negras, e eu iria mais longe, mulheres não brancas no geral. Nesse sentido, o silenciamento de mulheres negras não seria acidental, mas um sintoma do próprio processo da violência racial e sexista parte do modus operandi do racismo à brasileira:

²⁰ E não sou uma mulher? Portal Geledés, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

²¹ GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista de ciências sociais hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

²² Ibidem, p.224

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto.²³

É por meio da negação da existência da diferença que o Brasil evita o debate acerca de como a democracia burguesa se estruturou pela desigualdade social, racial e de gênero. Por esse motivo, continua a perpetuar o racismo e o sexismo em suas práticas sociais por meio de diversos mecanismos articulados que envolvem a sociedade, o estado e o imaginário. Nessa direção, Lélia Gonzalez apontou para o papel da cultura na manutenção da ilusão de igualdade. Através das mídias, da literatura e outras formas de representação, se corrobora com a afirmação e reprodução de diversos estereótipos sobre as mulheres negras. Dessa maneira, este grupo é posto em situação de vulnerabilidade também e ao mesmo tempo quando suas demandas são de antemão invalidadas. Ao mesmo tempo, este complexo sistema se nega a assumir que haja tratamentos diferenciados que digam respeito às relações raciais.

Destaco ainda a dimensão trazida pela filósofa brasileira Sueli Carneiro. A autora apontou para a recusa do movimento feminista em reconhecer a dimensão racial nas discussões de gênero. Ou seja, para além da movimentação de conservação das estruturas ainda existem barreiras dentro dos movimentos progressistas. Assim, me parece, infelizmente, que saber das diferenças existentes entre as mulheres brancas e não brancas não bastou para mobilizar favoravelmente o primeiro grupo em relação ao outro. Dessa forma, a autora expôs algumas das desvantagens estabelecidas na experiência relacional entre as feministas negras em relação às feministas brancas e suas vivências:

Isso se torna mais dramático no mercado de trabalho, no qual mulheres negras são preteridas (no acesso, em promoções e na ocupação de bons cargos), em função do eufemismo da boa aparência cujo significado prático é: *preferem-se as brancas, melhor ainda se forem louras*. (grifo meu)²⁴

Diversas teóricas feministas negras têm pontuado a importância do olhar interseccional para os problemas das mulheres, desde Angela Davis, Patricia Hill Collins e outras norte-americanas. No Brasil, temos ainda as contribuições de grandes intelectuais

²³ Ibidem, p.226

²⁴ CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 121

como a própria filósofa Sueli Carneiro, a autora e ativista Lélia Gonzales, a pedagoga Nilma Lino Gomes e na História ainda podemos contar com a historiadora Beatriz Nascimento, entre tantas outras. Entre todas as discussões, seja nos Estados Unidos ou no Brasil, o alerta caminha para uma mesma direção, é necessário aguçar o olhar para as opressões vividas pelas mulheres de forma relacional e articulada. Dito isso, na abordagem de bell Hooks que é uma das autoras com a qual também diálogo aqui, ela aponta que a dimensão sexista da opressão das mulheres está completamente interconectada com o racismo²⁵:

A teoria feminista teria muito a oferecer se mostrasse às mulheres os caminhos pelos quais o racismo e o sexismo se interconectam, em vez de colocá-los um contra o outro ou simplesmente deixar o racismo de lado. Uma questão central do ativismo feminista tem sido a luta pelo direito das mulheres de controle de seu corpo. O próprio conceito de supremacia branca depende da perpetuação da raça branca. Manter o controle sobre o corpo das mulheres faz parte do interesse de dominação global do patriarcado branco. Qualquer ativista branca que trabalhe diariamente para ajudar as mulheres a obter controle sobre seus corpos e, ao mesmo tempo, se comporte de modo racista, nega e mina seus próprios esforços. Quando as mulheres brancas atacam a supremacia branca elas estão simultaneamente participando da luta para acabar com a opressão sexista.²⁶

Dessa maneira, a história de Marly Paixão está inserida numa seara que tem recebido um olhar ainda recente, mas muito afluyente no interior da história das mulheres, aquele que diz respeito a história das mulheres negras e a uma oportunidade real de construir uma escuta atenta a essas outras histórias e também à suas leituras de mundo. Os caminhos seguidos por dona Paixão ao longo de sua vida, são carregados de memórias que dizem respeito a sua própria trajetória de forma particular, mas que também se estende para além dela, a ultrapassando. Trata-se então aqui de escutar com os ouvidos aguçados, pois existe na narrativa de Marly a histórias de outras mulheres negras que estão, de uma maneira ou outra, presentes em suas vivências. Seja no norte ou no sudeste, estamos falando aqui de uma narrativa de uma mulher negra pertencente a uma comunidade que é maior que ela.

Dessa forma, parto de um lugar muito específico de abordagem, aquele que pensa os estudos sobre as relações de gênero com acuidade para uma crítica à colonialidade e ao próprio feminismo hegemônico, de base liberal ou mesmo aquele de cunho universalista. Estabeleço um diálogo primordial com os estudos de Hooks e sua crítica ao caráter limitado

²⁵ HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020, p. 91.

²⁶ Ibidem, p.92.

desse feminismo de outrora²⁷, que por vezes, não deu conta de demandas específicas de determinados grupos como são os movimentos de mulheres racializadas, no caso aqui, as mulheres negras, mas poderia ser de qualquer outro grupo, como o próprio movimento de mulheres indígenas e outros, encabeçados por mulheres não brancas.

Hooks tece uma crítica a *práxi* do feminismo de cunho universalista, convidando a refletir acerca da problemática de um ênfase na conquista individual feminina que é propagada pelo feminismo hegemônico e que foi ainda cooptada pelo discurso neoliberal. A autora alerta para esse comportamento enquanto uma dimensão perigosa do feminismo de características liberais porque assim ele contribui diretamente na manutenção de todas as estruturas das quais tenta se defender, inclusive o próprio sexismo.

Um feminismo que se sustenta numa noção de sucesso de um único indivíduo e na liberdade de se definir seu próprio destino, evoca uma ideia romantizada de liberdade que, quando cooptada pela própria ideologia capitalista como o foi, sustenta uma definição quase apolítica do feminismo.²⁸ Ainda sobre isso, trago as reflexões da autora acerca do que o feminismo é e não é, percepção da qual também partilho e que é fundamental para entender de que lugar eu falo quando escrevo sobre Marly Paixão:

O feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista. Seu objetivo não é beneficiar apenas um grupo específico de mulheres, uma raça ou classe social de mulheres em particular. E não se trata de privilegiar a mulher em detrimento do homem. (...) O feminismo não é um estilo de vida nem uma identidade pré-fabricada ou um papel a ser desempenhado em nossas vidas pessoais.²⁹

A autora nos relembra que falar de uma perspectiva feminista é focar na transformação social de toda uma coletividade. É importante lembrar que nos últimos anos vimos um crescimento exponencial do debate acerca do gênero, na direção de tecer uma crítica que vise uma prática efetiva de modificação dessas estruturas. Por esse motivo, parto dessa perspectiva advinda dos movimentos de mulheres negras, entendendo que existe um teor político que essa pesquisa também sustenta:

Como grupo, as mulheres negras, estão numa posição peculiar na sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional,

²⁷ HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020, p. 59

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem.

mas também porque o nosso status social é inferior ao de qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe.³⁰

A crítica de bell Hooks ao caráter limitado do feminismo hegemônico é na verdade um convite para um outro olhar acerca das práticas sociais, bem como, da forma como construímos os nossos saberes e como temos caminhado através deles. Se, como afirma Joan Scoot, é importante tratar a dimensão do gênero enquanto uma lente, precisamos então aumentar o grau, ou melhor, os graus dessa mesma lente, para assim amplificar o nosso olhar. As reflexões acerca do caráter liberal do feminismo, e do olhar direcionado às relações de gênero, possibilitam um direcionamento específico para o nosso fazer acadêmico enquanto pesquisadores e pesquisadoras.

A partir disso, consigo visualizar mudanças nos espaços acadêmicos, estas provenientes de um trabalho de luta dos diversos movimentos sociais de mulheres e suas devidas produções, com as quais a universidade viu-se obrigada a aprender. De certa maneira, estamos lidando com um novo ponto de inflexão, que pensa os estudos de gênero numa relação com o capitalismo e também com a colonialidade, enquanto um fenômeno entrelaçado e amplo que entre articula opressões.³¹

Essa perspectiva de debate - que visa uma intersecção entre raça, classe e gênero, além de sexualidade e outros demais marcadores de opressão - tem o intuito de amplificar o debate e aprofundar nosso olhar em dimensões que, por vezes, eram consideradas de forma isolada, ou como pequenos recortes, o que, por conseguinte perdia na totalidade de análise.

Mas talvez a pergunta que não queria calar seja: Poderiam os cuidados com a aparência de uma única sujeita, bem como suas memórias acerca de sua história de vida, como é o caso de dona Marly, terem tanto assim a dizer sobre a realidade brasileira, onde a diversidade racial é uma característica fundamental da identidade nacional? Sem dúvida alguma. O estabelecimento do mito de uma democracia racial enquanto ideologia, que afirma uma harmonia entre os diferentes grupos étnicos é uma falácia. Como já criticado por Lélia³², a tentativa de convencer os sujeitos acerca de uma paz entre as raças, na verdade mascara a existência de hierarquias pré-estabelecidas que guiam as normas sociais e culturais, inclusive

³⁰ Ibidem, p.45.

³¹ LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

³² GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista de ciências sociais hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

no que diz respeito à construção do aceitável, do aprazível e também do belo.

Dessa maneira, a suposta igualdade, reflete na prática, padrões eurocêtricos que marginalizam ou hipersexualizam corpos não brancos e superiorizam estéticas que se aproximem da brancura, eleita enquanto padrão³³. Assim, se existe algo que a história de dona Marly possibilita compreender, são essas intersecções, pois ela pertence a toda uma comunidade que se constitui para além dela. Além disso, por meio da experiência de lidar com as influências de branqueamento e embranquecimento que sempre aparecem em sua trajetória, é possível mergulharmos historicamente em lugares outros que somente privilegiando a subjetividade dessa sujeita é possível adentrar.

No Brasil os estudos sobre branquitude evidenciam como determinados padrões e valores são vinculados a uma cor de pele específica³⁴. Oportunidades e reconhecimento são, por vezes, negados à população negra por conta de sua aparência física. Isso, como lembra Kabenguele Munanga, se dá como consequência do fato de que, ao proteger pessoas brancas, as elegendo como o padrão universal de beleza, inteligência, competência e civilidade, o racismo – fruto dos resquícios da colonialidade e, posteriormente fortalecido em valores eugenistas –, acabou por estabelecer também, um sentimento oposto aos que não apresentassem tais características eleitas ideais:

Desde a construção da ideologia racista, a cor branca com seus atributos nunca deixou de ser considerada como referencial da beleza humana, com base na qual foram projetados os cânones da estética humana. Por uma pressão psicológica visando à manutenção e à hegemonia “racial” de um grupo sobre outros, os negros introjetaram e internalizaram a feiura do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada em seu favor.³⁵

Ainda sobre essa questão, os estudos de Nilma Lino Gomes, evidenciam a importância que o cabelo assume dentro da nossa sociedade como um elemento formador de identidade. Para além da pressão e também da opressão voltada para a busca de um padrão de beleza inalcançável, existe ainda um movimento na contramão que traz outros significados para os cuidados com a aparência, os movimentos de valorização da estética negra por meio

³³ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Essa fala feita por Munanga pode ser encontrada num livro muito importante para entender a dimensão dos cabelos e sua importância para as mulheres negras de Belo Horizonte mas para todas as mulheres negras brasileiras. Para maior aprofundamento ver: GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p.23

da insígnia do “Poder Preto” ou mesmo, os movimentos “*Black is Beautiful*”. Nesse sentido, para Nilma: “A expressão Estética negra é inseparável do plano político, do econômico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade”³⁶.

Como apontado a partir de Sueli Carneiro, existe uma camada ainda mais profunda do racismo à brasileira, aquela que se esconde às vistas. A procura pelo candidato ideal nas vagas do mercado de trabalho se utilizam de critérios como o da “boa aparência”. É preciso lembrar que normalmente, as preferências estéticas não estão atreladas aos corpos de pessoas negras, a aparência boa é a de quem mesmo? E a questão escalona, a estética física não ideal pode não somente dificultar o acesso ao trabalho, mas marcar toda a vida de um sujeito. Se a boa aparência é critério para conseguir um emprego, ela também o é para direcionar os afetos, a autoestima e os acessos, além de promover isolamento, preterimento e até invisibilização para quem não ostente o tom “certo” de pele, ou os melhores traços ou os bons cabelos.

O projeto de construção de um silêncio sobre a negritude manauara e brasileira

A invisibilização da presença negra é um problema crônico, tanto no âmbito histórico quanto historiográfico, e hoje muitos pesquisadores e pesquisadoras já têm se debruçado a visitá-lo e debatê-lo melhor, especialmente ao norte do país. À vista disso, existe uma obra em especial que ousou denunciar o silenciamento construído na historiografia acerca da população negra nesse contexto, a obra organizada por Patrícia Alves Melo, intitulada *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia* que já conta com sua segunda edição, publicada em 2021. Melo nos diz assim:

Esta poderia se chamar a história da construção de um silêncio, porque, se há uma ausência inquestionável e longa na historiografia produzida no (e sobre o) Amazonas, sem dúvida, é aquela que tematiza a presença negra.³⁷

O que se transcorre ao longo daquelas vinte e duas páginas iniciais de balanço historiográfico feitas por Melo, é um reclame e uma queixa acerca de como, paulatinamente, aqueles que escreveram a história do Amazonas e da presença negra aqui, o fizeram de maneira a não evidenciar essas existências e contribuições mas, por outro lado, promoveram um apagamento sistemático desses sujeitos retirando qualquer possibilidade de olhar para

³⁶ GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 36

³⁷ MELO, Patrícia Alves. **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Curitiba: CRV, 2021. p. 13

suas trajetórias enquanto parte importante da história do Amazonas.

Melo discute que desde Arthur Reis já se demarcava um lugar de insignificância para os negros e negras vindos do continente africano durante o processo de sequestro e escravização. Na medida em que o autor se referia ao número de pessoas negras escravizadas como inexpressivos, o que a, seu ver, se manteve assim desde quando chegaram até posteriormente no período provincial, ele cravou os primeiros suportes argumentativos que vão posteriormente justificar a invisibilidade que negros e negras sentem no tempo presente, na cidade de Manaus. Quando tratou-se da abolição que aqui ocorreu em 1884, Reis apagou também a luta desses homens e mulheres, construindo um cenário perfeito para pôr no centro de tudo, as elites locais, que ganharam a fama de terem fortes ideais abolicionistas e serem pioneiras no processo de abolição. No entanto, apesar do desserviço inicial, uma mudança ocorreu que modificou o olhar de Reis:

O livro de Vicente Salles dava conta de tal tarefa e Reis parecia ter se rendido à força das evidências: a presença negra poderia ser reduzida numericamente, mas não se justificava mais tratá-la como “assunto desprezado” ou “insignificante”. *O Negro no Pará*³⁸, afinal, inauguraria o que ele chamou de “verdadeira revolução nos estudos amazônicos”.³⁹

Patricia Alves Melo aborda a influencia que a obra “Negro no Pará” teve para desarmar o posicionamento de Reis frente à negritude manauara e dá continuidade explanando acerca do lugar que o negro vai ganhando ao longo do tempo na história e também na historiografia. Melo, discute a partir dos estudos folclóricos, que são espaços em disputa acerca da memória negra no século XX, a maneira como estes estudos abrem caminhos para discutir a presença negra. No entanto, esse debate se constrói a partir de um olhar apaziguador das diferenças raciais e sociais, constituído a partir de noções de uma caboclitude e regionalismos, uma exaltação de uma mestiçagem que abriga povos negros e indígenas, bem como, os brancos, mas que ainda necessita de avanços na complexa discussão das identidades étnico-racial ao norte. Vale dizer, que essas significações construídas a partir do olhar folclorizado, por vezes assumiu o papel de manter um mito vivo, aquele antigo postulado em Gilberto Freyre, o da democracia racial.

Patricia ressalta ainda que em 1980 ocorre uma mudança que em muito vai

³⁸ À título de informação, a obra citada por Melo trata-se desta, que pode facilmente ser encontrada digitalizada: Salles, Vicente. *O negro no Pará, sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

³⁹ MELO, Patrícia Alves. **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Curitiba, CRV, 2021.p.20

transformar o trabalho historiográfico acerca de negros e negras no estado. É neste momento que ocorre a criação do curso de graduação em História da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, em 1981, para sermos mais exatas, sendo a criação do departamento de História em 1985. A partir da possibilidade de profissionalização desses pesquisadores, foi possível colher os frutos que possibilitaram novas discussões e outros olhares acerca da presença negra: “Será no decorrer na década de 1990 que veremos a emergência de dissertações nas quais teremos a possibilidade de vislumbrar a presença negra em tais abordagens (...)”⁴⁰

Nessa direção vale citar *Os fios de Ariadne*⁴¹ de Patricia Sampaio que trata da construção das fortunas no século XIX na cidade de Manaus e que se constituiu a partir também da escravidão africana. E também é importante ressaltar a tese de doutorado⁴² do professor Luiz Balkar Pinheiro de 1998 que traz a temática negra através da denúncia do silenciamento sobre os grupos subalternizados que tiveram papel fundamental na construção do movimento Cabano. Daí em diante, a busca por outras abordagens de pesquisa, bem como outros sujeitos, não mais parou. Hoje já contamos com algumas dezenas de trabalhos direcionados especificamente a questão da presença negra, inclusive, a obra que está nos ajudando a discorrer sobre isso, que teve sua primeira versão publicada em 2011⁴³ e conta com diversas contribuições de pesquisadores que priorizaram trabalhar com a temática negra.

Mas o caminho continua, como nos diz Melo:

“Nossa expectativa, contudo, era tentar dar um passo adiante no debate acerca do silêncio sobre a presença negra tentando deslindar alguns dos fios que ajudaram a tecer essa rede argumentativa que parece ter nós tão apertados. Buscar suas origens possíveis, identificar modulações, recuperar argumentos e contra-argumentos para tentar responder a uma pergunta inquietante e urgente para as populações negras no Amazonas no presente: “Como foi que nos tornamos estrangeiros na nossa própria terra?”⁴⁴

Assim, carregando esta dura missão que é caríssima à comunidade negra local, optei

⁴⁰ Ibidem, p.25

⁴¹ Conferir: SAMPAIO, Patrícia Melo. *Os fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus (1840-1880)*. 1994 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 1994.

⁴² PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **De mocambeiro a cabano: Notas sobre a presença negra na Amazônia na primeira metade do século XIX**. Terra das águas, Brasília: Paralelo 15, v. 1, n. 1, 1 sem. 1999. [UnB – Núcleo de Estudos Amazônicos].

⁴³ SAMPAIO, Patricia Melo (org.) **O fim do Silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Açai/CNPq, 2011.

⁴⁴ MELO, Patricia Alves. **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Curitiba, CRV, 2021. P.33

por lançar luz à história de dona Marly. Uma trajetória que permite uma reflexão acerca da dimensão subjetiva que abriga esse doloroso processo de apagamento. A vida de uma sujeita que também vivenciou a sensação do apagamento e que possibilita finalmente escancarar dimensões outras acerca da experiência de ser uma mulher negra no Brasil, especialmente ao norte do país, no Amazonas, em Manaus.

A história de Marly Paixão e as experiências narradas por ela expõem uma realidade de opressão que atravessa sua subjetividade enquanto mulher negra desde a infância até a vida adulta. Com seus 57 anos, cultiva um carinho e zelo com a sua aparência que está imerso em significados constituídos ao longo de toda uma vida marcada pela importância que essas características físicas assumiram para o outro, sobretudo o outro branco e a relação que estabelecia com ele enquanto seu oposto e antagônico.

Na trajetória de dona Marly, a questão da estética que abriga o corpo, a cor da pele, os cabelos, dentre outros elementos, foi fundamental para o seu processo de construção de identidade étnico-racial, tanto enquanto uma identidade - a priori - negativa, quanto posteriormente, positivada e ressignificada de si. Essa complexa relação de afirmação da sua negritude sempre esteve ancorada a uma interação com seu corpo, traços e cabelos, enunciadas desde a primeira memória por ela compartilhada. Dessa forma, é importante desde já evidenciar que todas as tensões, alegrias e dissabores que foram elencados através do trabalho de produção de memória no ato de entrevista, me guiaram a refletir acerca de suas questões em diálogo com os autores e autoras, mas também a partir da bagagem trazida pela colaboradora enquanto compartilhava não só suas experiência de vida, mas suas interpretações sobre.

Tendo ciência disso, ficará evidente que a relação estabelecida com a sua estética, a cor de sua pele e o tipo de curvatura de seus cabelos, marcaram profundamente sua trajetória e definiram até mesmo a maneira como ela delimitou como contaria sobre si. Mas vai além, transpassou tudo isso, a questão da estética, de certa forma, tornou-se aspecto imprescindível no seu processo de construção identitária, um processo primeiramente confuso, por vezes conflituoso, que passou por diversos altos e baixos, mas que é único e essencial para ela.

Ressalto ainda que a maneira como cada capítulo foi pensado e estruturado leva em consideração que o processo de entrevista foi constituído numa relação dialógica. Assim, parto de uma história oral entendida enquanto a arte da escuta⁴⁵ um processo que prioriza

⁴⁵ PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e voz, 2016, Coleção Ideias. P.10

o sujeito de maneira única, sensível e cuidadosa. A construção dessa pesquisa foi completamente influenciada por essa relação e não escondo isso. Admito que sim, foi um trabalho construído mutuamente no processo de entrevista, e motivou diretamente as minhas escolhas de abordagens, bem como dos teóricos e teóricas com as quais optei por dialogar, dentre outras decisões importantes para a construção do trabalho. Por esses motivos busquei aguçar meu olhar para os problemas que, sendo apontados enquanto pertinentes para Marly, deveriam de alguma maneira se tornar para a pesquisadora que a entrevistou.

A rica vivência de Marly que abriga São Paulo e Amazonas é uma chamada provocativa que entrelaça, no âmbito da micro história, as particularidades postas por ela acerca de sua trajetória enquanto mulher negra em situação de invisibilização e ainda o preconceito racial da cidade de Manaus. É ao mesmo tempo um trançado narrativo que não permite perder de vista o contexto macro ao qual sua história se liga. Dessa forma, corrobora na denuncia do projeto de invisibilização da presença negra no país como todo, mas de forma ainda mais específica, nas singularidades desse apagamento no Amazonas que ainda se nega enquanto negro até os dias atuais.

Nas vésperas do primeiro capítulo trago ainda algumas informações pertinentes sobre a forma como Marly construiu sua narrativa para situar o leitor e a leitora. É comum os narradores procurarem ancorar-se em uma busca de construção de sentido ao narrarem sobre suas trajetórias de vida e isto é completamente compreensível. Sobre isso, Bourdieu salienta que:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

(...) o real é descontínuo, formado de elementos e justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito".⁴⁶

Ciente que minha narradora não está imune a esse processo de busca pela coerência e coesão de sua trajetória, vale a pena ao menos esclarecer que ela até buscou no começo das entrevistas, a narrar sobre si de forma linear. No entanto, em diversos momentos tudo isso

⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica. Usos e abusos da história oral**, v. 8, p. 183-191, 1996. p.185

escapou e Marly rememorou sobre suas experiências entrelaçando-as a acontecimentos e pessoas como quem construía uma longa trança que atravessava o tempo em múltiplas tramas. Sua história não foi contada a mim sem sobressaltos como em um fio retilíneo e liso. Nossa especialista construiu sua narrativa como quem trança não só cabelos, mas histórias, estas últimas carregadas de muitos fios e alimentada por várias mechas de relatos, que findam num trançado elaborado.

Dito isso, entendo a importância de cuidar para não cair nas armadilhas de escrever essa pretensa história linear e coesa, Esse todo com início meio e fim onde tudo o que fora vivido, seja descomplicado e inequívoco, mas reitero que no meu caminho enquanto pesquisadora, trilho uma jornada na busca de focar muito mais nos significados atribuídos a história narrada, ainda que seja construída de forma idealizada em alguns momentos. A maneira pela qual a sujeita narra tudo o que vivenciou e como isso a atravessou, também abriga mensagens importantes carregadas de elaborações importantes em si mesmas, que são pertinentes para esse trabalho.

Dito tudo isso, escolhi respeitar a maneira como ela optou contar sobre sua história. Marly constitui seu trançado partindo primeiramente de sua infância, uma fase de sua vida que é carregada de dificuldades enfrentadas por conta de sua cor de pele e tipo de cabelo e que trazem importantes elementos a serem destacados já nesse primeiro momento para entender o que vem depois. Nesse sentido, é em respeito à maneira como ela construiu essa jornada trilhada não sem grandes transformações, que seguirei, pelo menos por enquanto, o seu trançado narrativo inicial.

Meu trabalho aqui é agregar a essa trança mais mechas de fibras que podem engrandecer ainda mais nosso trançado narrativo. O faço tendo ciência de que também trago meus conhecimentos enquanto aprendiz de trançadeiras – que é inclusive um ofício que desenvolvi aprendendo em curso com suas filhas - agregado a meu outro espaço de atuação enquanto maquiadora especializada em Belezas Negras e Indígenas e, evidentemente, enquanto pesquisadora, para ajudá-la a entrecruzar o que nós já construímos no nosso trançado inicial em processo de entrevista.

No mais, trago no primeiro capítulo uma foto de dona Marly Paixão que foi tirada no dia primeiro de maio de 2023 e é do meu acervo pessoal que foi por ela autorizada para ser utilizada. Essa imagem foi feita com o meu *smartphone* na residência de dona Marly onde foram realizadas todas as entrevistas que logo mais poderão ser lidas na íntegra.

CAPÍTULO I – RAÇA, IDENTIDADE E BELEZA: UM CORPO EM MOVIMENTO ENTRE SÃO PAULO E AMAZONAS

I.1 O peso da diferença: memórias de infância entre guaianazes e belenzinho (sp), uma discussão sobre a construção do feminino na infância negra

Figura 1 – Marly Paixão Costa



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2023.

Marly Paixão Costa é a filha mais velha de seu Geraldo Magella da Paixão com dona Innocência Rodrigues da Paixão. Seu pai trabalhou a vida inteira como torneiro revolver e sua mãe sempre foi dona de casa. Marly nos conta que seus pais, que migraram para a grande São Paulo, na verdade teriam nascido em Minas Gerais, seu pai na capital em Belo Horizonte e sua mãe em Guapé na região sudoeste de Minas⁴⁷. Marly é a filha mais velha do casal e nasceu e viveu sua primeira infância no atual distrito de Guaianazes, que na época ainda era bairro, localizado na zona leste de São Paulo e considerado gueto paulistano. É um bairro afastado que hoje tem por característica marcante a forte presença negra que se constituiu ali, uma presença que se adensou, especialmente, por conta dos processos migratórios de populações que procuravam oportunidades de trabalho e melhores condições de vida na cidade de São Paulo em processo de urbanização acelerada.

Sem a pretensão de me aprofundar na história de Guaianazes é importante ao menos

⁴⁷ No tópico voltado para as Entrevistas que optei por disponibilizar na íntegra existe ainda uma ficha completa com os dados gerais da colaboradora Marly Paixão, seus pais, cônjuge e filhos, dentre outras informações pertinentes para o leitor. Caso opte por acessar essas informações o quanto antes, as mesmas encontram-se localizadas a partir da página 170.

salientar algumas questões referentes ao local onde Marly nasceu. É fato que essa região sofreu com diversos processos migratórios e enfrentou além da colonização, o processo de adensamento do modelo capitalista de urbanização e industrialização. Mas antes disso, Guaianases com “s” é território indígena. O próprio nome do bairro que vem do Tupi, remete aos Guainás que foram extintos por volta de 1820.⁴⁸ Este foi um processo violento de genocídio que quando se busca em notícias ou mesmo na própria história do local, não se encontram muitas informações, ou mesmo, não são abordadas com a devida seriedade.

Mas a realidade é que desde o processo de colonização esse território foi visado devido a sua localização geográfica. Guaianases já foi ponto de passagem para viajantes que seguiam para as minas de ouro. Posteriormente passou a ser território de grande fluxo migratório de imigrantes e migrantes que vinham, tanto da Europa quanto do resto do país, em busca de trabalho. E a partir da década de 1960, durante a Ditadura Militar com seus objetivos de intensificação de um projeto de desenvolvimento industrial, essa área sofreu diversas intervenções urbanísticas para fornecer infraestrutura ao avanço do modelo capitalista de industrialização, resultando dessa maneira, numa ocupação intensa que modificou tanto a paisagem quanto a população que ali vivia.⁴⁹

Nascida em meados da década de 1960 no início da ditadura militar brasileira, mais especificamente um ano depois, em 23 de novembro de 1965, Marly cresceu e viveu sua primeira infância em um momento de intensificação dos projetos desenvolvimentistas dessa São Paulo dos anos ditatoriais. No entanto, apesar de estar inserida nesse contexto, não são questões referentes a ele propriamente que irão marcar sua memória e, portanto, sua narrativa. Por outro lado, ser uma criança negra nesse país racista em desenvolvimento, indicou uma relevância de caráter muito específico para ela. Portanto, é a partir desse lugar que nossa narradora começa tecendo seu trançado narrativo acerca de sua história de vida.

Marly começa contando de si assim:

Meu nome é Marly Paixão, sou paulista, nasci em 1965 em São Paulo capital, mas em um bairro quase limite com o finalzinho de São Paulo. Nasci em Guaianases, que é chamado gueto de São Paulo e que é uma região em que a grande maioria da população é negra. Então nasci no gueto e ali eu me sentia em casa. Foi somente quando eu comecei a frequentar a escola que comecei a ver

⁴⁸ GUAIANASES, Subprefeitura, Cidade de São Paulo. *Guaianases é nossa terra, 151 anos de muita história. Guaianases com “z” ou com “s”*. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/guaianases/noticias/?p=32303>> Último acesso em 18 de março de 2023.

⁴⁹ CASTILHO, Edimilson Peres et al. *A praça dos trabalhadores de Guaianazes: periferia de São Paulo*. 2007.

mais pardos, mais pessoas brancas e aquilo foi me chamando a atenção. Eu vi o colorido na escola e eu conversava muito sobre isso com a minha mãe, mas até ali pra mim, nós éramos maioria, nós estávamos no topo. E era muito confortável pra mim, vindo de uma família muito unida, em que todo mundo era muito próximo, com meus tios sendo sambistas, com samba todos os dias e que era um ambiente muito gostoso e assim foi a minha primeira infância, desde que eu nasci até uns oito anos mais ou menos, morei ali em Guaianazes. É um bairro no limite ali com Ferraz e com Monte das Cruzes e foi ali que eu tive as maiores felicidades da minha vida, da minha infância, porque a gente brincava muito e também ia pro litoral nas férias.

E é interessante que eu só vim entender que existiam os brancos quando eu tinha uns oito ou nove anos, porque todo mundo ali onde eu morava era negro. Mas foi ali na escola onde eu comecei a conhecer o diferente. Na escola foi onde eu tive meus maiores conflitos, os meus primeiros conflitos por conta do cabelo, porque lá eu via outros cabelos. E até então só existiam *Blacks*, todo mundo era *Black* e estava ótimo ou tinham aqueles cabelos um pouco mais lisos na chapinha, em que a gente usava o pente quente nessa época e queimava realmente o cabelo. A gente passava vaselina que era tipo um óleo e aquilo fritava literalmente o cabelo, fritava a orelha.

E a mamãe começou a me arrumar pra ir pra escola por conta desses bullyings na escola, isso com oito anos. E era “Cabelo de bombril”, e pegavam no meu cabelo e faziam o barulho, simulavam o barulho do bombril, e ali começaram os apelidos e a vontade de não ir mais pra escola. O primeiro lugar onde eu não me sentia pertencente. E eu queria pertencer. E isso acontecia ainda em Guaianazes porque era numa escola estadual muito grande, era um outro ambiente, até porque Guaianazes é limite com outros bairros, então vinham pessoas de outros lugares. E então com 8 anos eu já comecei a me interessar por cabelos afro, porque eu sofria muito com os meus. Meu cabelo era aquele cabelo bem estilo “Pelezinho” mesmo, e que sempre precisava estar curto porque eu sofria com cortes químicos porque a minha mãe alisava o meu cabelo desde pequeninha com o pente quente. Então era chapinha e o pente quente e às vezes quebrava muito o cabelo. E assim, pequeninha eu já comecei a pensar:

- Será se não tem outro jeito? - Será que não dá pra ficar de outra forma?

E eu sempre preocupada com o outro, muitas vezes me via sendo esse outro com o qual as pessoas não se preocupavam.

E por quê? Porquê se eu chegasse na escola, se eu fosse com o meu cabelo “bombrilzinho” como eles chamavam, eu era apelidada dessa forma:

- Olha o bombril!

E aí a minha mãe fazia duas chuquinhas. Imagina, aquela orelhinha do *Mickey*, fazia duas, uma de cada lado, porque era o jeito que dava pra amarrar, e aí quando

eu chegava na escola eles ficavam apertando aquilo, faziam o som do “bombril” com a boca e aquilo, nossa, me doía muito!

E aí a minha mãe dizia:

- Olha, é por isso que eu preciso alisar teu cabelo, pra você não passar por isso.⁵⁰

Marly conta sobre um processo que a marca enquanto um corpo negro no contexto brasileiro. Porém, antes de adentrar nos pormenores importantíssimos do que ela compartilha, dona ela já começa de antemão, narrando sobre raça e identidade⁵¹. Ser negro é desde o início ser o outro para alguém, um outro que carrega um significado negativo e antagônico a esse eu que o enxerga, esse “eu” branco, diga-se de passagem. Nesse sentido, o direito a ser sujeito é retirado da equação desde o momento em que a mesma foi estabelecida e isso se evidencia no que ela narra e também no debate já posto pelos teóricos⁵² que discutem a dimensão da construção das identidades.

Existe uma relação imbricada entre diferença e identidade que vale trazer aqui. Para constituir a identidade é necessário criar a diferença, diz Tomaz Tadeu⁵³. Partindo da reflexão desse autor, entendo que dizer quem somos também é, ao mesmo tempo, dizer quem não somos. Entendo que o afirmar-se negro é também afirmar ao mesmo tempo, que não sou o outro branco. E mais importante que isso, é entender que essas identidades estão carregadas de outros significados que as precedem. Nesse sentido, é necessário refletir sobre o que seria essa constituição do ser negra e crespa na narrativa da Marly Paixão de 57 anos, que narrou sobre as vivências da pequena Marly em sua primeira infância.

Sendo uma mulher negra e crespa, dona Marly narra sobre o racismo vivido no âmbito

⁵⁰ Este primeiro longo trecho de nossa entrevista trata-se do resultado de um processo de transcrição feito a partir de nossa primeira entrevista realizada no dia 24 de abril de 2021 ainda no contexto da feitura da pesquisa monográfica e uma segunda entrevista de retorno que foi realizada no dia 21 de dezembro de 2022. Nessa segunda entrevista eu estou retornando com a colaboradora para falar dos resultados da pesquisa monográfica em que ela colaborou no ano de 2021. Aproveitei também esse diálogo para ouvir suas considerações sobre a primeira pesquisa e reforçar o convite de colaboração da entrevistada nessa próxima fase de pesquisa que seria o mestrado dali em diante. Esse nosso diálogo foi dividido em duas partes sendo a primeira relacionada a suas questões e críticas que ela teria com relação ao primeiro trabalho e a segunda já se relacionava a algumas questões que ficaram em aberto na primeira entrevista. De toda forma, lhe pedi que novamente se apresentasse e falasse abertamente sobre suas origens. E o que trago aqui é o resultado do processo de transcrição que une em parte as duas entrevistas.

⁵¹ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

⁵² A saber: CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

⁵³ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

escolar e a percepção de ser diferente e de ter cabelos diferentes em relação aos outros. Mas também mostra que essa diferença não é algo que ela mesma construiu, a partir de si e completamente sozinha, mas expõe uma dinâmica que é inter-relacional e que a antecede. Dito isso, quando trago a questão da maneira como são construídas as identidades, entendo que estas se constroem numa relação desigual de forças, o que implica em dizer que existem aqueles que têm o poder de definir e, de outro lado, aqueles a quem cabe somente lidar e negociar como podem com as definições prévias do outro⁵⁴.

Dessa maneira, num país em que predomina historicamente uma busca ideológica de branqueamento e que é, por sua vez, ressentida e maquiada na ideia de uma democracia racial, entendo que o eu branco é quem aqui tem esse poder de definição⁵⁵. Nesse sentido, caberia ao outro diferente deste primeiro, o “não branco”, o lugar de recebê-la e viver em sociedade a partir dela. Assim, enquanto para o “eu branco” caberia o direito à uma individualidade, sobre as pessoas não brancas, restaria a definição étnica e racial⁵⁶, carregada de suas diversas significações inferiorizantes.

Historicamente o Brasil buscou exaustivamente pelo branqueamento e isso se deu desde o processo de pós-abolição da escravatura, quando se buscava uma identidade nacional para chamar de sua⁵⁷. Esse desejo pelo embranquecimento da população se evidencia nas próprias políticas de migração de pessoas de origem europeia para o país, inauguradas no século XX⁵⁸. Dessa maneira, apesar de raça enquanto questão biológica já haver sido superada, e sabermos que só existe biologicamente a raça humana, no âmbito social ainda somos guiados por relações que se constituem pela racialidade⁵⁹. Essa, ainda guia as relações brasileiras e hierarquiza os sujeitos, sobretudo em sociedades como a nossa, atravessada por um processo violento de colonização do qual, apesar de no geral não se orgulhar, também não priorizou de nenhuma maneira reparar os danos sociais a médio e longo prazo.

Dito isto, desde as primeiras palavras sobre como se percebia e era percebida em sua infância, Marly narra sobre colonialidade⁶⁰, sobre o poder do outro de defini-la e também

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

⁵⁶ CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021. BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022. NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista estudos feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014. E ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

sobre o racismo e sexismo brasileiro. Quando suas características físicas são apontadas como um problema e como uma diferença que recebe atenção enquanto algo negativo, isso diz muito mais sobre o outro, esse outro branco, universal, que tem o poder de distingui-la. Dessa maneira, Marly se depara com uma realidade em que ser branco é ser normal e dá direito à universalidade, um privilégio que lhes confere também, e ao mesmo tempo, o direito de definir a partir de si quem serão os outros, bem como estabelecerem uma hierarquia entre eles e os outros fabricados. Não devo esquecer o que já apontou a filósofa argentina María Lugones sobre as classificações sociais e raciais e que vale trazer aqui:

Ao produzir essa classificação social, a colonialidade permeia todos os aspectos da vida social e permite o surgimento de novas identidades geo-culturais e sociais. “América” e “Europa” estão entre essas novas identidades geo-culturais; “europeu”, “índio”, “africano” estão entre as identidades “raciais”. Essa classificação é “a expressão mais profunda e duradoura da dominação colonial”. Com a expansão do colonialismo europeu, a classificação foi imposta à população do mundo.⁶¹

A construção da diferença entre os povos é um elemento de permanência da colonialidade explicada em Lugones e é parte constituinte da sensação de não caber no mundo do outro branco, uma experiência que Marly compartilha. No entanto, apesar de sujeitos negros comumente se entenderem a partir dessa definição imposta, Marly narrou como foi para ela, que nasceu num bairro preto, descobrir que existiam outros além dela, que possuíam um cabelo diferente e outras tonalidades de pele que destoavam da sua e das outras pessoas pretas com quem convivia:

E ali eu comecei a conhecer o diferente. Na escola foi onde eu tive meus maiores conflitos, os meus primeiros conflitos por conta do cabelo, porque lá eu via outros cabelos. E até então só existiam Blacks, todo mundo era Black e estava ótimo.⁶²

“Até então todo mundo era “black” e estava ótimo”⁶³. Até então o negro estava no topo”, até ali eram todos iguais. Essa sensação de que ela estava diante de semelhantes é abordada não somente no sentido de possuírem uma aparência similar, mas na sensação de

⁶¹ LUGONES, María. Colonialidade e gênero. 2020. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda, p. 53-83.

⁶² Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus AM, no dia 21 de dezembro de 2022 (Entrevista 2 de 3)

⁶³ Ibidem.

que não havia uma percepção de hierarquia entre os seus, entre pessoas negras Marly era só Marly. Esse tipo de apontamento em que uma subalterna pode falar em primeira pessoa e enquanto protagonista, aproxima do entendimento de outras dimensões da construção da identidade étnico-racial e do processo conflituoso que implicou o contato com pessoas brancas.

Foi somente quando eu comecei a frequentar a escola que comecei a ver mais pardos, mais pessoas brancas e aquilo foi me chamando a atenção. Eu vi o colorido na escola e eu conversava muito sobre isso com a minha mãe, mas até ali pra mim, nós éramos maioria, nós estávamos no topo.⁶⁴

Mas foi ali na escola onde eu comecei a conhecer o diferente. Na escola foi onde eu tive meus maiores conflitos, os meus primeiros conflitos por conta do cabelo, porque lá eu via outros cabelos.⁶⁵

E a mamãe começou a me arrumar pra ir pra escola por conta desses bullyings na escola, isso com oito anos. E era “Cabelo de bombрил”, e pegavam no meu cabelo e faziam o barulho, simulavam o barulho do bombрил, e ali começaram os apelidos e a vontade de não ir mais pra escola. O primeiro lugar onde eu não me sentia pertencente. E eu queria pertencer.⁶⁶

Diante do outro branco ou mesmo pardo, como ela aponta, aquela menina deixa de ser somente Marly e se torna coisa, um ser estranho e até exótico. Dali em diante tudo passou a ser sobre os supostos problemas que havia na sua aparência, sobretudo em seus cabelos, seus cabelos incomodavam o outro branco e seus colegas de escola faziam questão de lembrá-la por meio da violência racial que praticavam. Ela sabia que era diferente, e sabia que essa diferença não era positiva. As chacotas e todas as violências sofridas, desde os apelidos recebidos até as práticas invasivas que incluíam toques intrometidos nos seus cabelos, a colocaram na condição de coisa exótica, estranha, feia e até anormal.

Quando falo de anormalidade também falo de poder pois a criação da diferença envolve uma construção social e cultural que permite a uns definirem-se enquanto normais e definirem ao mesmo tempo o que seria anormal⁶⁷. A branquitude, nesse sentido, é aquela que

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ Ibidem.

⁶⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.).

tem o poder de ter a liberdade de se auto atribuir todas as características positivas possíveis, enquanto atribui às outras identidades uma avaliação negativa⁶⁸. Por esse motivo, ser branco não significa ser tratado como ser pertencente a uma determinada raça, porque o branco aqui é o normal e também o universal e quando um branco fala de si ele fala somente de si e não de todo um povo⁶⁹. Dessa forma, sendo o branco o ápice da definição do que designa ser sujeito sobra para os não brancos serem definidos pela identidade étnica e pela racialidade que torna-os anómalos e estranhos.

Mas por que os cabelos de Marly eram tão incômodos para esse outro branco? Como nos explica Maria Bernardete Ramos Flores:

A estética moderna se desenvolve pari passu com o desenvolvimento das teorias raciais. O debate em torno da estética e das noções de feio e de belo forneceram instrumentos discursivos para classificar, hierarquizar e dividir as culturas da Terra, no contexto da partilha do mundo entre as nações imperialistas.⁷⁰

A dinâmica racial e sexista define qual o modelo ideal de mulher e de um cabelo aceitável se colocando enquanto uma dimensão de extrema importância ao longo de toda a narrativa de Marly, entrelaçando os padrões normativos de gênero. O cabelo liso e longo não era uma característica que a menina Marly poderia ostentar, mas tudo era feito para que pudesse se aproximar ao máximo disso. Por ser uma menina negra e crespa, sua narrativa acerca de suas memórias de infância evidenciam uma trajetória que era para ela extremamente confusa e dolorosa. Vestir-se de uma beleza que não lhe cabia e que talvez nem devesse ser cobrada dela se tornou um fardo com o qual ela teve de lidar por muitos anos.

A menina Marly precisou de alguma maneira caber no mundo do outro branco e seguir o referencial de cabelos que seriam considerados normais e o padrão ideal. Desde cedo meninas negras enfrentam uma cobrança para se conformarem aos padrões estéticos eurocêntricos, um processo que vai além de uma simples adaptação, mas trata de um dos mecanismos de controle constituído pela violência racial e sexista. Essa cobrança trata de

Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

⁶⁸ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102. E BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** Companhia das letras, 2022.

⁶⁹ ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

⁷⁰ FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo. Ciência e arte na política da beleza.** Chapecó: Argos, 2007. p.41.

uma imposição ligada ao papel social atribuído às mulheres que desde pequenas são ensinadas a buscar a beleza e a desejabilidade enquanto atributos essenciais para serem aceitas e valorizadas. Essa conformação trata de uma dimensão obscurecida ainda mais violenta e perversa para mulheres negras especialmente porque não se trata somente de alcançar o ideal de beleza, mas uma tentativa de ser respeitada e humanizada dentro de um sistema que dehumaniza corpos negros.

O pedido feito para Marly era de uma beleza específica, de uma estética completamente oposta à que ela possuía. E a pior parte dessa cobrança tão injusta era que caber no mundo do outro era importante na medida em que poderia lhe permitir ser aceita pelo outro branco, e ela deixou claro: “eu queria ser aceita”⁷¹. Sua experiência narrada e a vividez com que me contou sobre essa parte de sua infância vieram abrigados de um peso que ela teve de carregar por muito tempo, um peso de precisar negar a si mesma para ser aceita entre os brancos. Nesse sentido, sua trajetória revela como a interseção entre racismo e o próprio sexismo moldam suas experiências exigindo que ela negocie não somente sua identidade mas sua autoestima⁷².

De antemão, essa história de gente pouco importante que tem muita importância, é um convite que instiga a reflexão acerca dos impactos que a imposição de padrões de beleza balizados na brancura da pele e em cabelos escorridos, podem causar a uma criança negra. Seu cabelo, crespo, que em nada corresponde ao padrão liso como tipo de cabelo ideal e “pelezinho” curtinho, contrariando os cabelos longos que se vinculam a uma construção de feminilidade, também idealizada e normativa, a tornam a criança diferente que logo depois torna-se a adolescente diferente e que segue assim até que ela encontre uma maneira de estar confortável em sua própria pele preta.

Dessa forma, somos convidados por Marly a pensar sobre os padrões de Beleza tratados com tamanha naturalidade, postos como se fossem dados, quando não o são. Quando ela conta sobre si, carrega uma história particular que diz respeito somente a ela, mas, ao mesmo tempo, expõe às imposições sociais vividas por toda uma coletividade de mulheres pretas e crespas que experienciam opressões sustentadas na dinâmica estabelecida pelo

⁷¹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus AM, no dia 21 de dezembro de 2022 (Entrevista 2 de 3).

⁷² LUGONES, María. Colonialidade e gênero. 2020. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda, p. 53-83.

patriarcado⁷³ e pelo próprio sexismo⁷⁴ no ato de hierarquização e controle dos corpos. Marly é colocada no papel de uma mulher destoante do padrão estabelecido como belo e valorizável.

Nessa direção, me aproprio da compreensão acerca da memória coletiva em Maurice Halbwachs⁷⁵, um conceito importante em história oral, que explica a dimensão que essa memória assume na narrativa individual. Como posto pelo autor, a memória é construção, e ela diz sobre o contexto social e sobre a coletividade, sendo, portanto, um organismo vivo. A memória sofre interferências, transformações e é modelada e remodelada a partir do tempo presente, além de ser também, nesse caso, um fenômeno coletivo e social que abriga experiências compartilhadas. Isso se dá, não somente por tratar-se, nesse caso, de um grupo étnico em situação de opressão, mas pela própria maneira como a memória se constitui enquanto elemento importante para a construção da identidade tanto individual quanto coletiva.

Como já amplamente reiterado pelos oralistas, contar é interpretar e essa interpretação ganha sentido no individual porque possui suas significações coletivas que a atestam e confirmam essa experiência individual, agregando-lhe sentidos próprios pois nenhuma lembrança se constrói no isolamento.⁷⁶ Dessa maneira, a narrativa de dona Paixão é carregada de valores culturais acerca do belo evidenciados no antagonismo que sua aparência representou para o outro branco e que ela teve a oportunidade de denunciar.

Marly nos escancara a dimensão opressora dessas significações por meio de sua memória. Não era ela quem odiava o seu cabelo, era sempre o outro, e este último, por odiá-lo, impunha que ela o odiasse também. Nesse sentido, não parte necessariamente dela o desejo por caber neste mundo do outro branco, mas vem na verdade dessa imposição externa que a fazia buscar incessantemente pela aproximação do que é considerado normal. A brancura representada nos cabelos ideais que era inalcançável desde o início foi o exigido e

⁷³ Entendo o patriarcado enquanto um sistema histórico e social de dominação masculina que organiza as relações de poder posicionando os homens – especialmente brancos- como centro e medida de todas as coisas. Porém, não isoladamente. A partir de Lugones e Collins entendo que esse conceito está atrelado também as normas coloniais enquanto processo imposto que balizou e constituiu esse sistema em noções binárias e hierarquizantes tanto no âmbito das relações de gênero, quanto raciais. Dessa forma, o patriarcado é uma dimensão de um sistema que se constrói de maneira interseccional de opressão entrelaçando raça, gênero e classe.

⁷⁴ O sexismo aqui é compreendido enquanto parte dos tentáculos do patriarcado, ou seja, a expressão prática desse sistema patriarcal. Esse, por sua vez é manifestado por meio de discursos, dos códigos sociais e culturais, do cotidiano e ainda do conjunto de leis e comportamentos de discriminação de pessoas com base no gênero. A partir de Grada Kilomba entendo o sexismo, bem como o racismo, enquanto formas de violência epistemológica e simbólica que define não somente quem pode falar, mas também quem pode ser ouvido quando fala. Assim, o sexismo é também uma ferramenta de controle sobre o corpo e a voz das mulheres.

⁷⁵ HALLBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

⁷⁶ Ibidem.

permitido para que ela fosse tratada dentro do que seria uma normalidade.

Essa memória individual diz muito sobre toda uma coletividade de mulheres negras que passaram e passam ainda nos dias de hoje episódios nada isolados de hostilização e menosprezo por parte dos outros com os seus cabelos crespos e cacheados. Afinal, a sensação de que é necessário se adequar ao mundo do outro branco começando pela estética dos seus fios é uma experiência comum às mulheres negras e isso se estende não somente pelo Brasil, mas é experiência partilhada por todo um conjunto de mulheres afro-americanas, afro-ameríndias, africanas, entre outras em diversos territórios para além do nosso.

I.2 “A dor do “voltar”: vigilância e fiscalização do cabelo crespo”

Enquanto criança negra que não apresentava características atreladas à brancura, a menina Marly passou por um processo doloroso de busca por enquadramento que diz respeito às pressões estéticas. Pressões estas para o que - socialmente se estabeleceu - se entende por ser feminina e bela, uma cobrança que tem estreita ligação com a tentativa de controle dos corpos femininos e estabelecimento de normas e padrões que caibam numa visão ideal de mulher e do que seria uma bela mulher, lê-se branca⁷⁷.

Seus cabelos crespos que não crescem da mesma maneira que um cabelo liso, nem apresentam características semelhantes em curvatura e textura, fizeram Marly viver uma série de dores psicológicas, mas também físicas. Por conta das imposições sociais, expostas na maneira como o outro lidou com ela, a menina Marly teve sua subjetividade completamente atravessada por uma série de violências raciais, diretas e indiretas. Tanto ela quanto sua mãe, se viam obrigadas a tentarem adequar os seus cabelos. Além de alisá-los todos os dias para ao menos moldá-lo minimamente dentro do aceitável também tinham de fiscalizá-lo para garantir que tudo estava nos conformes ideias, Paixão conta sobre isso assim:

O triste é que tinha um tal de “voltar”. Lá em São Paulo a gente usava muito essa palavra “voltou”. Quando uma olhava pra outra e a gente dizia: - Voltou! O quê que significava isso? O cabelo voltou ao seu estado normal. Ou seja, pegou sereno, a gente suou, o cabelo voltou ao estado normal. Depois daquele sofrimento de duas horas ali na chapinha, no pente quente, que era literalmente quente mesmo, ele ia pro fogão, ficava ali uns minutos no fogão e quando ficava vermelhinho ia pra nossa cabeça. E aquilo doía muito, queimava várias vezes,

⁷⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102. E BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

então imagina, uma criança entre 6 a 8 anos pra ir pra escola, passar por isso todos os dias.⁷⁸

A questão da “fiscalização” enquanto um trabalho constante que Marly tinha que fazer em relação ao seu próprio cabelo reflete um vigilância sobre o corpo negro que vai além da estética. Esse comportamento revela uma profunda internalização das normas eurocêtricas⁷⁹. Dessa maneira, o retorno do cabelo ao estado natural não remete somente a um retorno físico, mas simboliza uma falha em cumprir as expectativas impostas pela sociedade branca. O processo de vigiar-se reforçava sentimentos de inadequação e vergonha e tornava a lida com os cabelos um processo de enfrentamento constante na tentativa de adequar-se às pressões sociais que no fim lhe eram incabíveis⁸⁰.

Não foi somente Marly que se sentiu pressionada a alisar os seus cabelos crespos, ela narra sobre uma experiência profundamente compartilhada por mulheres negras, não brancas e até mesmo brancas que possuem a curvatura crespa ou cacheada⁸¹. Trata-se da pressão em torno do alisamento de qualquer cabelo que não apresente a curvatura ideal. Esta é uma realidade compartilhada por muitas mulheres, sobretudo negras, que também precisaram enfrentar o desafio diário de ter de utilizar um pente que ia para o fogão e que depois de quente, era direcionado aos seus fios, lhes gerando desconforto e dor cotidianamente.

Os instrumentos alisadores usados no cotidiano de Marly e de sua mãe, são ferramentas utilizadas desde o final do século XIX⁸². Esses instrumentos foram popularizados entre as mulheres negras, tanto no Brasil como nos EUA⁸³. Eram muito procurados por aquelas que buscavam uma oportunidade de finalmente “domar” suas madeixas para tentar, de alguma maneira, alcançar um cabelo que fosse minimamente aceito socialmente.⁸⁴

⁷⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

⁷⁹ SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

⁸⁰ DE SOUZA QUEIROZ, Rafaela Cristina. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 12, n. 40, p. 213-230, 2019.

⁸¹ GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

⁸² Sobre essa temática vale ler o artigo: XAVIER, Giovana. **Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA**. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 26, p. 429-450, 2013.

⁸³ A historiadora Giovana Xavier aborda sobre o “Cabelisador”, instrumento disseminado para auxiliar no alisamento dos cabelos dentre outros instrumentos que são citados no artigo recomendado anteriormente.

⁸⁴ Sobre isso vale ressaltar o filme biográfico de Madame C. J. Walker que não é a criadora do pente quente, mas é responsável por popularizá-lo nos Estados Unidos além de ter feito fortuna com o empreendimento. Ela foi a primeira mulher a se tornar milionária vendendo produtos cosméticos capilares. Walker é inclusive registrada no Guinness Book, o livro dos recordes. O filme que conta sua história pode ser encontrado na plataforma mais popular de streaming do mundo, a Netflix. No Brasil o título do filme é “A vida e a História de Madam C. J.

A autora afro portuguesa Grada Kilomba em seu livro “*Memórias de plantação, episódios de racismo cotidiano*”⁸⁵ dedica um capítulo exclusivamente à discussão sobre o cabelo e como as intervenções invasivas dos comentários, mas também do toque ao cabelo crespo, são mais uma maneira de marcar a diferença entre mulheres negras e brancas. No capítulo intitulado “*Políticas do cabelo*” a autora nos lembra que “Uma pessoa apenas se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela difere daquelas/es que têm o poder de definirem-se como “normais”⁸⁶ Nesse sentido, a experiência de ter de alisar os cabelos trata-se de uma maneira de tentar adequar-se ao padrão de normalidade constituído a partir do outro.

A experiência do alisamento é uma prática que reflete o padrão normativo do mundo branco que é recomendado de forma impositiva para mulheres pretas. Essa é uma experiência transnacional que muito diz sobre a tentativa de tornar-se igual ou ao menos parecido com esse outro, que dita o que é um cabelo tido enquanto normal e ideal. Falo aqui de uma experiência coletiva partilhada por mulheres negras em diversos territórios que foram colonizados, como é o caso do Brasil. Kilomba explica:

Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período da escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização.⁸⁷

Disseminadas essas atribuições, os alisamentos dos cabelos crespos tornam-se práticas comuns e incentivadas entre mulheres pretas crespas e cacheadas. Primeiramente a partir do instrumento alisador o “pente quente” e depois modernizando-se para as chapinhas e ainda, os produtos químicos alisantes, ou mesmo uma combinação de tudo isso. No caso de dona Marly, submeter-se ao alisamento trata-se de uma tentativa de caber no mundo do outro branco enquanto uma estratégia para driblar o sofrimento vivido, especialmente devido a violência racial no cotidiano escolar. Mas o alisamento também fez parte de uma estratégia familiar na busca de inserir a menina Marly nesse mundo enquanto parte de um desejo de

Walker.

⁸⁵ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

⁸⁶ Ibidem, p.121

⁸⁷ Ibidem, p.127

seus pais que aquela Marly acessasse lugares socialmente não disponibilizados a ela e para tanto ela precisaria se adaptar a eles. Há um trabalho de adequação posto para ela e sua família, especialmente para sua mãe, que era quem se encarregava de ajudá-la nesse processo da busca de uma ascensão familiar no pós-abolição:

E aí a mamãe botava aquele laço de fita branco bonito e até aí tudo bem, mas choveu? “voltou”. E era um desespero porque você não tinha um espelho ali e você se imaginava um monstro porque as pessoas falavam isso pra você, e desde a infância começou essa dor.⁸⁸

Apesar das tentativas de adequar os cabelos alisando-os e até enfeitando-os com um laço branco, algo que a mãe de Marly fazia na tentativa de protegê-la da violência racial e permitir que transitasse por esse outro mundo, lê-se o universo branco, só era possível manter o ideal imposto até o momento em que chovesse ou que a colaborada suasse. Por conta disso, a menina Marly vivia num estado constante de insegurança e fiscalização do seu próprio cabelo. Até porque a percepção moldada sobre si foi completamente influenciada pela visão negatizada que os outros projetavam de seus cabelos e consequentemente dela.

A prática do alisamento capilar compulsório e da própria fiscalização tornou-se um costume em seu cotidiano. Esse olhar de vigilância sobre o próprio corpo tem raízes históricas e culturais em sociedades racistas como a nossa, sendo uma experiência particularmente presente nas famílias negras, embora não se restrinja a elas. Por esse motivo, o hábito de alisar os cabelos que é parte do dia-a-dia de Marly é carregado de significados, pois expressa comportamentos naturalizados que exprimem a partir dessas corriqueiras, o processo violento do racismo e do sexismo na vida de mulheres negras e mais que isso, a luta pela inserção em espaços negados a essa população.

A preocupação deste grupo é direcionada à construção de hábitos por vezes dolorosos direcionados a sua aparência, uma prática a qual se submetem em busca de um projeto, a construção de uma respeitabilidade complexa que implica em negociar com o ideal e códigos de conduta originalmente branco, burguês e patriarcal e sua modificação a partir do olhar negro no pós-abolição que reivindica humanidade e reforça um sentido de valor próprio, além de visar a criação de espaços de mobilidade⁸⁹. Dessa maneira, quando falo de

⁸⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

⁸⁹ SILVA, Julio. Claudio. **Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia**. 2. ed. Manaus: Editora UEA, 2024. P. 29-55

respeitabilidade, entendo-a a partir do olhar do historiador Julio Cláudio da Silva⁹⁰ quando analisou a trajetória da atriz Lea Garcia, em que a mesma precisou incorporar certos códigos de comportamento atrelados aos brancos de classe média e alta ⁹¹para assim, driblar os entraves postos a ela enquanto mulher negra que visava construir sua carreira artística circulando no mundo deste outro branco.

Dessa maneira, quando falo de cabelos crespos na sociedade brasileira trato de uma característica que está diretamente vinculada a adjetivos de inferiorização, sujeira e desordem, algo que é fruto da mentalidade racista construída no âmbito social e alimentada por meio de um conjunto de representações imagéticas negativas que foram construídas ao longo do tempo sobretudo acerca do corpo negro. No entanto, esse ideal é anterior, foi consolidado historicamente por uma série de processos sociais e culturais que remontam ao período colonial quando é criada uma hierarquia racial no contexto de escravidão. Mas também é um legado fortalecido ao longo do século XX através das representações midiáticas no cinema, teatro, revistas de moda, novelas e outras formas de mídia que vincularam ao longo do tempo o sucesso, a limpeza e a beleza, a um modelo que antagoniza com as estéticas não brancas, posicionando as mulheres negras em lugares de servidão, subserviência e inferioridade.⁹²

Nesse sentido, os cabelos crespos sempre estiveram posicionados historicamente nesse lugar de oposição ao que seriam os cabelos ideais, lisos e longos assimilados ao que seria um cabelo arrumado, alinhado e feminino e por conseguinte belo. Portanto, vale questionar quais seriam os reais significados que se escondem no alisamento dos cabelos e porque Marly via-se obrigada a fazê-lo. Existe uma preocupação em manter seus cabelos crespos “domados”. Digo domados propositalmente, entendendo que os valores coloniais preservados na lógica supremacista branca vinculou a eles significações de desordem e animalização. Logo, é necessário que sejam tolhidos e controlados de maneira que se faça caber neste mundo do outro, desse outro branco. Por esse motivo, quando falo de cabelo crespo e corpo negro, estou falando de um signo de identidade estabelecido num território

⁹⁰ Ibidem.

⁹¹ Ibidem, p.30

⁹² Vale ler as obras: SILVA, Julio Claudio. C. **Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza (1945-1952)**. 1. ed. atualizada. Manaus: UEA Edições, 2017. SILVA, Julio. Claudio. **Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia**. 2. ed. Manaus: Editora UEA, 2024. Em ambas o autor aborda a trajetória de atrizes negras que tiveram que driblar e lidar exatamente com o modus operandi da indústria do cinema, teatro, novelas, dentre outras mídias, possibilitando uma compreensão mais aprofundada acerca da importância dessas representações no processo de reforço de estereótipos acerca do corpo e do papel de mulheres pretas. Mas o autor vai além, trata ainda a resistência de dessas artistas negras que lutaram contra essas imposições e narram em primeira pessoa sobre si a partir da escuta deste autor.

inseguro como nos explica Nilma Lino Gomes:

Estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. [...] Por isso para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais que uma questão de vida e ou de tratamento estético, é identitária.⁹³

O cabelo e o corpo são inseparáveis coexistindo em uma articulação entre a corporeidade, a fisionomia, bem como a vestimenta e os significados atribuídos por detrás das práticas culturais e os códigos de postura. Nessa direção, sendo o corpo humano maleável à mudanças e a sociedade em contexto capitalista àquela que torna os próprios corpos em produtos, o corpo passa a receber toda uma atenção especial. Por esse motivo, pode ser adornado e embelezado de variadas formas conforme os ideais predominantes e os valores que são a eles atribuídos na sociedade em que vivemos.⁹⁴

Nesse contexto, os cabelos são um dos elementos presentes no corpo que mais estão propensos a modificações, podem ser cortados, alisados, pintados, ou mesmo trançados, recebendo enfeites e adereços. E hoje em dia podem até ser vestidos, por meio das perucas realistas atuais⁹⁵. Já o rosto, este pode ser pintado ou mesmo maquiado, entre outras diversas transformações que podem ser implementadas à aparência facial a partir dos procedimentos estéticos. Estes possibilitam mudar desde a tonalidade dos lábios até modificá-los completamente em tamanho e formato, ou ainda, alterar narizes e maxilares para parecerem menores e mais afilados. Envelhecer ou manter traços distantes do padrão, passa a ser opcional para quem tem recursos financeiros e acesso. No entanto, para mulheres pretas é diferente.

O fato é que todas essas modificações no cabelo, na fisionomia ou mesmo no corpo, carregam significados atrelados à construção do que é entendido enquanto belo dentro da sociedade em que essas práticas estão inseridas. Portanto, é importante entender esses processos historicamente, pois revelam outras dimensões das relações estabelecidas entre o corpo, o capitalismo, o racismo e o próprio sexismo que permeia a sociedade brasileira. Assim, é possível adentrar nos significados conferidos ao que se entende por Beleza e Boa

⁹³ GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p.29

⁹⁴ Ibidem, p.36

⁹⁵ Falarei em mais detalhes sobre isso no capítulo 3.

Aparência e os valores culturais que essa sociedade construiu e visa fazer manutenção. O que se faz com os elementos que compõem o corpo pode ser revelador acerca da dinamicidade que o racismo e o sexismo assumiram ao longo do tempo nesse país.

Nesse sentido, a historiadora Denise Bernuzzi tem muito a nos dizer sobre a *História da Beleza no Brasil*, especialmente no contexto do século XX. A mercantilização do “belo” no país foi fortemente pautada em ideais racistas, isso se deu tanto na solidificação de um mercado que produziu produtos clareadores da pele, quanto na própria disseminação do alisamento dos cabelos. O mercado brasileiro não somente lucrou com o racismo ao longo do tempo, mas também reforçou o preconceito de cor e de traços dessa negritude de diversas maneiras, estimulando uma busca pela branquidão e um desprezo pela negrura da pele:

Max Factor criou uma maquiagem para clarear a pele morena de Rodolfo Valentino. Nas décadas de 1920 e 1930, mesmo com a voga do bronzamento à beira-mar, a pele branca imperava na propaganda de diversos produtos de beleza. Havia conselhos que sugeriam a proximidade entre sujeira, doença e pele escura. Pior ainda, havia quem empregasse a expressão “pele encardida”. Uma parte da propaganda reforçava o preconceito de que a mestiçagem era a causa de um trio supostamente inseparável: atraso cultural, indolência e sujeira.⁹⁶

Diga-se de passagem que quando a mestiçagem é criticada ela é direcionada a mistura que enegrece, no entanto, para o clareamento da negrura brasileira, torna-se amplamente estimulada. A valorização da estética no Brasil, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, reforçam toda uma propaganda de consumo de uma busca pelos padrões eurocêntricos de beleza. Nesse sentido, o cabelo também é central na medida em que o alisamento é uma tentativa de conformidade a estes padrões. O que se faz com eles, ou mesmo com o rosto e com o corpo é completamente influenciável pela cultura de uma sociedade e suas simbologias em torno da construção de gênero, raça e classe, que podem ou não possibilitar acessos ou inacessibilidades dentro da sociedade brasileira. Nessa direção,

A cor da pele era importante tanto quanto o tipo de cabelo. Cabeleireiros “especialistas em pessoas de cor preta” existiam na capital paulista dos anos 1920 e 1930, justamente quando a imprensa negra anunciava um produto denominado o Cabelisador, que incluía um pente, a ser aquecido antes do uso, e uma “pasta

⁹⁶ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014, p.75-76

mágica". Sua propaganda garantia o alisamento do "cabelo mais crespo sem dor". O instrumento era vendido dentro de um estojo e permitia que o alisamento fosse realizado em casa de modo econômico.⁹⁷

De fato, os cuidados com a aparência não estão dissociados do contexto histórico e cultural em que os sujeitos estão inseridos e o alisamento que já datava o século XIX permaneceu ao menos dois séculos depois. Nesse sentido, minha colaboradora faz parte desse conjunto de mulheres que teve de alisar os fios para enfrentar a sociedade em que viveu e vale dizer que, diferente do que era posto nas propagandas desde a década de 1930 e 1940 sobre o procedimento ser indolor, a história de Marly dirá o completo oposto. E aqui não falo somente de dor física que também houve, mas também da dor psicológica.

O alisamento refletiu aspectos da dominação, sobretudo no que diz respeito ao caráter impositivo dela. Alisar os cabelos não diz respeito somente a um tipo de penteado, mas tem relação profunda com o quanto os cabelos crespos são estranhos para o outro branco, uma estranheza que foi criada e reforçada ao longo do tempo. Quando Marly falou sobre o cabelo voltar, ela revelou ainda um outro aspecto dessa dominação, aquele que cabe a ela fazer. Com o outro fiscalizando o retorno do seu cabelo a curvatura natural, a ela também coube o papel de se auto supervisionar e fazer a manutenção disso, uma vigilância que começou no outro, mas que findou colocando-a numa constante de vigiar esse cabelo para verificar se estava adequado ou não, o que foi martirizante para ela:

E era um desespero porque você não tinha um espelho ali e você se imaginava um monstro porque as pessoas falavam isso pra você, e desde a infância começou essa dor.⁹⁸

Essa questão vem abrigada de diversas outras que envolvem viver em uma sociedade capitalista. A insatisfação consigo mesma é proveitosa, inclusive para toda uma indústria que lucra com ela e vende que você só é feio “se quiser”. Para muitas empresas que produzem e ainda produzem produtos alisantes, até a autoestima poderia ser comprada. Dentro dessa ideologia de mercado, em que somos induzidas a acreditar que podemos comprar a aparência ideal, o auto-ódio é extremamente lucrativo. Além disso, não podemos esquecer que, como tudo dentro desse sistema vira produto, a beleza e a aceitação que é prometida a partir da

⁹⁷ Ibidem p.79-80

⁹⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

conquista de ter chegado mais perto do ideal de belo, pode muito bem caber num pote de alisante, ou não?

Marly traz outras questões que implicam entender essa tentativa de caber no mundo desse outro branco a partir de suas memórias sobre as vivências no Belenzinho⁹⁹:

Embora eu tenha nascido e crescido no gueto, até os meus oito anos vivendo em Guaianazes, nessa fase, eu não morava mais no gueto, eu não tinha mais a proteção das minhas raízes. *Eu já estava morando num bairro elitizado, onde 90% das pessoas eram italianas, e a minha mãe, queria me inserir na sociedade, queria que eu fosse aceita.* Até porque nós moramos num condomínio fechado, no bairro do Belenzinho e a gente se mudou para esse bairro porque o papai teve uma promoção e conseguiu comprar uma casa ali e a gente foi pra lá. Só que, esse conjunto com esse condomínio fechado, de crianças brancas, com seus cabelos lisos e loiros, não era a minha realidade. *E ali eu me descobri diferente, um diferente porque o outro vê você diferente. Até porque pra mim, todo mundo era igual até aquele dia.* E foi ali onde eu comecei a ouvir essas piadas, essas chacotas e o meu terror era a palavra “voltou”. [Grifo Meu]¹⁰⁰

A vivência de Marly entre Guaianases e Belenzinho traz uma outra dimensão da identidade para ser refletida. Um processo de estranhamento diante do outro aparece quando ela e a família mudam-se para um bairro que sustenta uma narrativa de identidades italianas, uma identidade que também é construída historicamente e que tem objetivos próprios no intuito de solidificar no imaginário a ideia de que existem mais descendentes de italianos que outro tipo de migrantes e imigrantes naquele território, o que tem, por sua vez, uma relação direta com o processo de branqueamento no Brasil.¹⁰¹

Em virtude da mudança no trabalho de seu pai, nesse caso uma promoção, a família Paixão muda-se para o bairro do Belenzinho, o que permanece sendo parte do projeto da família Paixão de melhorias de vida, acesso e a luta pela ascensão social família. No entanto, para a colaboradora significa uma outra realidade mesmo dentro da mesma São Paulo em processo de urbanização. Do gueto preto seu núcleo familiar mudou-se para um bairro branco

⁹⁹ Belenzinho é um bairro da cidade de São Paulo localizado na região central adjacente à Paróquia São José do Belém, na zona leste, no distrito do Belém.

¹⁰⁰ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (entrevista 1 de 3)

¹⁰¹ Para maior entendimento acerca do processo de afirmação de uma identidade italiana na região e aprofundamento nas contradições acerca desses processos migratórios vale a leitura da obra: SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano : São Paulo e pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume / FAPESP, 1998.

e não qualquer um, mas Belenzinho que reforça discursivamente todo um imaginário sobre uma descendência italiana devido às origens daqueles que migraram para a região¹⁰².

A partir dessa mudança, Marly vai morar numa vila¹⁰³ que abrigava trabalhadores de origem italiana. Como ela conta, a aparência dessas pessoas era muito característica, eram sujeitos de peles alvas, de cabelos lisos e loiros, que possuíam olhos claros. Essas pessoas a chocam primeiramente pela diferença antagônica entre suas aparências, mas não somente isso, ela já imaginava que ali seria um lugar difícil para ela. Aqueles sujeitos constituíam os outros que nossa narradora já havia tido contato na escola, mas que agora teriam de conviver de forma mais aproximada do que antes.

E foi ali que teve péssimas experiências devido a hostilidade e chacota que faziam com ela na escola enquanto uma criança negra, de pele retinta e cabelos crespos. Marly viveu quase uma década de sua primeira infância em Guaianazes e menos da metade desse tempo no Belenzinho antes de efetivamente se mudar para a cidade de Manaus. Nesse sentido, a partir da vivência entre os dois bairros começa a constituição de sua identidade étnico racial. Um processo conflituoso em que Marly Paixão, enquanto menina preta, vai ganhando consciência dos significados de estar no mundo do outro branco, além de dar início ainda a um entendimento mais profundo acerca de quem era ela ali.

Diante disso, quando parto do pressuposto de que o sujeito constitui sua identidade não somente a partir dele, mas na alteridade - e que essas identidades são trocadas e negociadas¹⁰⁴ - como se daria esse processo para Marly, que possui uma identidade sublinhada pelos marcadores de opressão racial e de gênero atrelados ainda a uma valorização da sociedade patriarcal que vincula mulheres pretas à projeções inferiorizadas? Com o olhar de si sendo construído sempre antes dela enquanto pessoa, mas, também, enquanto pertencente a um grupo étnico-racial, que carrega um conjunto de estereótipos atrelados a suas existências, como dimensionar essa construção identitária? Marly fala sobre esse processo para ela:

Naquela vila não havia nenhum negro, então você imagina, eu saí de um bairro onde eu estou no gueto, onde eu estou ambientada e preciso sair dali pra entrar

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ Por vezes a vila de trabalhadores onde Marly e seus familiares foram morar é chamada também de condomínio fechado. Essas diferenças na hora de classificar a organização habitacional, ao fim e ao cabo, são maneiras diferentes encontradas por Marly para falar de um mesmo lugar. No entanto, para fins de esclarecimento, neste contexto realmente existiam vilas operárias onde os trabalhadores podiam morar mais próximos das fábricas, facilitando o acesso as mesmas.

¹⁰⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

na zona totalmente de guerra, desconhecida. Ali foi outro impacto, “Quem sou eu aqui, meu Deus, quem sou eu?”¹⁰⁵

Na tentativa de abarcar as questões identitárias parto primeiramente da compreensão de que a racialidade se dá a partir de uma perspectiva interacional, o que, no caso de Marly Paixão, se constrói a partir de uma dinâmica de diferença que já começa na hierarquização racial, algo que de certa maneira, foi absorvido por ela no encontro com as pessoas brancas com quem conviveu. Nessa direção, a tese da filósofa afro-brasileira Sueli Carneiro dialoga profundamente com a construção dessas diferenças e traz aqui um olhar teórico imprescindível para refletir acerca do processo de construção de si¹⁰⁶. Sueli expõe a relação hierarquizante, mas também discute as consequências subjetivas para os sujeitos negros e a maneira como as consequências recaíram a este “Outro” Negro na interação com o “Eu” Branco.

Sueli explica a partir do “paradigma do Outro” que quando se trata da maneira como as pessoas negras são percebidas na sociedade, ou como a própria pessoa negra se perceberá enquanto sujeito, ela o faz a partir de concepções pré-estabelecidas pelo que é considerado o padrão de normalidade e civilidade, o que, neste caso, seria representado pelo “Eu” Branco. Nesse sentido, o “outro” negro é definido primordialmente a partir de um antagonismo a este outro branco, seja na constituição do que é Belo, do que é o ideal de humanidade e do que seria o Padrão e, portanto, o Normal. Para isso, Sueli aborda a relação que existe entre o ôntico e o ontológico a partir da Ontologia de Heidegger:

O ôntico se refere à ausentes particulares, ou as determinações do ser. Ontológico diz respeito ao ser enquanto tal. Então, raça, cor, cultura, religião e etnia seriam da ordem do ôntico, das particularidades do ser. Ser e especificamente Ser Humano, inscreve-se na dimensão ontológica. O que nos permite supor que o racismo reduz o ser a sua dimensão ôntica, negando-lhe a condição ontológica, o que lhe atribui incompletude humana.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (entrevista 2 de 3)

¹⁰⁶ CARNEIRO, Aparecida. Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) –Instituto de Educação, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2005.

¹⁰⁷ Ibidem, P.27

Se entendo que o ôntico estaria ligado as características, definições e adjetivações sobre o Ser, porém não seria o Ser em si, e o ontológico, por sua vez, já diria respeito ao que conferiria a unicidade enquanto Ser Humano, preciso admitir que para os sujeitos negros aos quais foi relegado apenas o lugar de antagonistas e inferiores, - desse Eu Branco, normal, padrão e civilizado – sobraria apenas a dimensão ôntica que, por seu turno, tiraria das pessoas negras a oportunidade de terem individualidade diante do outro branco.

Dessa forma, negros e negras são vistos enquanto um bloco marcado tão somente pela etnicidade e racialidade e todas as representações negativadas e estereotipadas associadas a sua negritude. Assim, o “Ser” negro quando reduzido a dimensão ôntica, significa restringir o negro à condição de coisa, ele é à priori o próprio adjetivo e as particularidades raciais que o definem que implicam, tanto os estereótipos constituídos sobre negros e negras quanto as dimensões da fetichização e animalização que se constuíram no imaginário sobre o corpo negro. Dessa maneira, muito antes de ser humano, o sujeito/a é raça, é etnia, é negro/a e tudo o que vem abrigado nesta adjetivação.

Nesse entendimento, quando Marly busca humanizar-se e se tornar normal perante o outro branco, a alternativa que ela encontra é de alguma maneira ver-se enquanto branca, porque afinal, o lugar de humanidade não lhe cabe enquanto uma mulher preta. Para ser igual aos brancos ela precisou primeiramente embranquecer seu olhar e depois sua aparência. Nesse sentido, existiu um momento em que o contato com o outro branco na vila de “italianos” a motivou a buscar a brancura enquanto um ideal para si. Durante a convivência com aquelas pessoas foi necessário efetuar mudanças que se deram tanto no âmbito psicológico quanto no físico, por esse motivo, modificar os cabelos, mas também sua maneira de se vestir se tornou imprescindível para sua sobrevivência neste mundo do outro:

”E ali eu comecei a me construir de novo e eu achava que eu era branca. Teve um momento da minha vida que eu comecei a entender que eu era igual a todo mundo, que eu era branca também. Ali eu comecei a precisar me embranquecer. Precisei viver de cabelo alisado, roupas claras, nada de colorido, de jeito nenhum. As roupas tinham que ser em tons pastéis e os vestidos rodados. E aquilo começou a me incomodar, mas eu não sabia que estava me incomodando, era algo estranho que eu não podia dizer que não gostava e que eu não queria, porque ao mesmo tempo a minha mãe dizia: ‘- É pro seu bem, a gente precisa ser igual a todo mundo, a gente precisa ser aceito aqui.’¹⁰⁸

¹⁰⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada,

Marly fala sobre um processo de anulação de si que também é discutido por Sueli Carneiro. Para caber na outridade Branca ela precisava embranquecer-se. Dessa forma, a opressão racial e de gênero a atravessa de maneira muito específica atrelada ao projeto de mobilidade social que sua família engendrou. Dessa forma, ela precisava que o cabelo estivesse alisado para de alguma maneira suprir o padrão ideal do que seria feminino e arrumado e que implicava na exaltação desse cabelo liso e longo enquanto atributo de feminilidade. Suas roupas deveriam ser claras, em tons pastéis, não deveria ter muitas informações de estampas ou muitas cores e ela deveria além de tudo isso, usar vestidos rodados que novamente reforçam a ideia do feminino.

A mudança do gueto para um universo classe média e branco impactou diretamente sua construção de identidade. O problema é que isso implicou em anular a si mesma. O referencial que Marly constituía para a sua aparência e no qual se inspirava, incorporava cores, estampas e diversos acessórios. Dona Marly se inspirou por muito tempo em figuras como a cantora Beth Carvalho que teve grande proeminência nas décadas de 1970 no Brasil e também na cantora e modelo Corona, que fez muito sucesso nos anos 80 e 90. Ambas tinham maneiras próprias e autênticas de vestirem-se e também de usarem seus cabelos. Beth Carvalho, apesar de branca exibia seus volumosos cabelos naturais e Corona, por sua vez, ostentava uma variedade de penteados feitos em tranças. As duas agregavam muita cor e acessórios nas suas vestimentas além de usarem vários adereços, o que encantava a menina Marly:

E eu era louca pela Beth Carvalho, meu Deus, eu era apaixonada pela Beth Carvalho e eu queria usar tudo o que ela usava, eu queria ser ela, nossa. Então eu usava penduricalhos dos pés à cabeça e isso era muito constrangedor para as pessoas (...)¹⁰⁹

Apesar de amar andar enfeitada, Marly compartilhou ainda que as pessoas a chamavam de “árvore de natal” e seu estilo era sempre questionado “- Mas pra quê todos esses balangandãs?” andar enfeitada “demais” como era apontado pelo outro, era um incômodo, um tipo de constrangimento para este que a repreendia. Dessa forma, ela teve que

na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (entrevista 2 de 3)

¹⁰⁹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (entrevista 2 de 3)

abrir mão do que gostava e do que a fazia ser ela mesma para de alguma maneira driblar as violências sofridas e para isso ela se anulou.

No entanto, o referencial imagético próprio construído a partir das artistas proeminentes nesse momento de sua vida também revelam a importância da representatividade negra neste período pois apesar de Marly ter de se enquadrar em sua aparência assumindo o que era ditado a ela naquele momento, esse referencial é guardado por ela e se torna muito importante na fase adulta. Por esse motivo, saber que estas mulheres serviram de inspiração para que ela construísse imagens positivas da beleza negra não perde sua relevância e diz muito sobre a necessidade ainda atual de mulheres pretas e não brancas em espaços televisivos, nas mídias sociais e demais espaços de visibilidade.

Marly alertou sobre o quanto aquelas imposições a incomodavam, aquela era uma negociação injusta em que ela não parecia ter uma escolha. Como mobilizar suas escolhas quando você está à mercê da violência racial e sexista ainda enquanto criança e precisa utilizar mecanismos para tentar driblar essas violências? Havia desconforto e muito conflito interno, mesmo incomodada em tentar caber ali ela vive uma relação confusa consigo mesma em que entendia que de alguma maneira não deveria considerar aquilo um incômodo, pois aquela atitude era para tentar pertencer e ser “igual” e ela precisava ser.

De certa forma esse processo de anulação me lembrou acerca de outra dimensão que Sueli Carneiro aponta, a reflexão a respeito da construção de identidade negativada em processo de interiorização pelos sujeitos negros. Esse processo ocorre quando a pessoa negra internaliza a imagem negativada e se incube de caber no que esse outro branco espera, porém quando isso é feito, a mesma pode ser conduzida a dois processos diferentes, Sueli explica:

Tal identidade negativa impacta-o de tal modo pela internalização da imagem negativa, socialmente atribuída, que o impele à profecia auto realizadora que referenda os termos de estigmatização, ou o conduz à autonegação ou adesão e submissão aos valores da cultura dominante.¹¹⁰

No caso de Marly, ela vivenciou os dois processos. No ato de tentar caber num mundo que não era o seu, mas que agora visava pertencer, sofreu com o que Sueli Carneiro explica enquanto um processo de laboração da autonegação. A adesão aos valores da cultura branca dominante, no entanto, ainda lhe gerava um desconforto, uma desconfortabilidade que ela não

¹¹⁰ CARNEIRO, Aparecida. Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) –Instituto de Educação, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2005. p.277

entendia muito bem o motivo de incomodá-la, mas que, de qualquer forma, precisou reprimir para conseguir se adequar a realidade vivida. Nesse sentido, aparece a segunda problemática da alteridade definida a partir do Branco como ideal. A constituição da identidade de Marly passa por uma construção ambígua, a aceitação e negação de si. Como aponta Carneiro:

Aqui está o fundamento do branco como ideal de Ser para os Outros. A mística da mulher branca para os não-brancos. Essa forma de afirmação da burguesia instituiu para todos o padrão estético desejável, a forma de amor e de sexualidade, a moral correspondente, e o corpo é a expressão da auto afirmação.¹¹¹

No momento em que compreendeu que a brancura nos moldes apresentados era o parâmetro a ser buscado e seguido, Marly não teve outra escolha a não ser tentar se encaixar e foi o corpo seu alvo das modificações que precisavam ser operadas. No entanto, o incômodo que isso lhe gerava permanecia e geraria frutos posteriormente. Nesse sentido, os papéis discursivos vinculados a uma boa aparência, também são atravessados pelos constructos patriarcais no seu sentido mais primitivo, enquanto um sistema de dominação e subjugação dos corpos de mulheres. O que, neste caso, se tratando de uma mulher preta, se manifesta a partir de uma dinâmica própria envolta nas relações raciais e se materializa no corpo que passa a se constituir numa negação de si enquanto mulher preta.

A identidade assombrada pelo olhar racista do outro atravessa Marly e a maneira como ela se enxerga no mundo, além de apresentar a ela a maneira como deveria se portar, se ver e também agir, bem como se adequar. Dessa forma, a incorporação do ideal branco sendo uma mulher negra, se converteu, por sua vez, numa relação complexa e até paradoxal, marcada por um ciclo de constante negação e aceitação de si. Marly se sentia desconfortável de tentar enquadrar-se ali, mas se fazia caber neste desconforto, para logo em seguida, sentir-se novamente desconfortável. Esse tornou-se um ciclo interminável, adoecedor e traumático ao longo de sua história de vida.

Por esse motivo, para compreender essa dinâmica é essencial reconhecer a história da opressão racial e a maneira como se constroem as hierarquias sociais que moldaram as concepções de beleza e também de humanidade ao longo do tempo e que muito aparecem no cotidiano narrado por Marly. Durante séculos, a ideologia colonial e a escravidão implantaram no imaginário coletivo a ideia de que a pele clara e os traços europeus eram

¹¹¹ Ibidem, P.43

superiores. Essas crenças foram internalizadas e continuaram a influenciar as percepções de Beleza, um processo que permanece até os dias de hoje, porém, assumindo novas roupagens. De toda forma, estereótipos extremamente prejudiciais inclusive à saúde mental de sujeitos negros e negras ainda são perpetuados marginalizando a estética de todo um povo e suas expressões autênticas de identidade.

Dessa maneira, quando Marly narra sobre si e sobre suas dores, traumas, mas também sobre seus enfrentamentos, ela o faz partindo do seu lugar de ser mulher negra no Brasil no contexto pós-abolição que implica em escancarar as permanências sociais e culturais do racismo e sexismo direcionado aos corpos das mulheres negras e outros corpos não brancos. A partir de sua história, é possível enxergarmos a profunda relação que existe entre identidade, dinâmica do patriarcado e as relações raciais, bem como, todo o conjunto de valores construídos acerca da beleza nesse país que marcam em sua subjetividade.

O racismo à brasileira, que utiliza um discurso apaziguador para mascarar os conflitos raciais, ao menos no campo das ideias, promove na verdade uma ideologia que busca convencer a todos de que a cor da pele não é um problema ou uma questão, afinal somos todos mestiços - filhos de brancos, indígenas e negros - portanto todos iguais. Porém, ao contrário do que se possa querer dizer para convencer-nos sobre isso, a narrativa de Marly Paixão, desafia esse malabarismo discursivo quando expõe essas contradições a partir de sua trajetória de vida. Nesse sentido, sua história escancara algumas feridas profundas do racismo brasileiro e permite explorar essas outras dimensões a partir das nuances de sua existência, das escolhas e das atuações que precisou construir enquanto mulher negra para viver diante de todas as dissonâncias do país da “democracia racial”.

CAPÍTULO 2 – DA BRANQUITUDE PAULISTA À MANAUARA: TRANÇANDO MEMÓRIAS SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇAS

“Teve um momento em que eu comecei a entender que eu era igual a todo mundo, que eu era branca também”. Marly Paixão¹¹²

Desde nossos primeiros encontros, dona Marly escolheu me contar a sua história a partir de um trançado narrativo cheio de nuances próprias, alimentado por várias mechas de suas memórias de infância, adolescência e juventude. Múltiplas versões de si que ela construiu ao longo da vida foram revisitadas, narradas e reinterpretadas no processo de entrevista. A Marly menina, mulher, mãe, esposa, irmã, bem como, sobrinha, além de trancista e por fim psicóloga, dentre tantas outras Marlys, me expôs muitos elementos importantes de sua trajetória que poderiam ser trazidos aqui.

Diante disso, existe evidentemente um distanciamento entre como ela escolheu contar sua história e o que eu escolhi partilhar dela aqui até porque não seria possível e nem seria a minha intenção dar conta de toda sua trajetória de vida. Porém, ao menos a princípio, optei por respeitar a linha cronológica que ela utilizou e o elemento escolhido enquanto guia e elo entre todos os acontecimentos que marcam sua narrativa, que neste caso é o seu cabelo e o ser mulher negra no mundo do outro branco. Sobre a cronologia escolhida, Marly optou narrar primeiramente sobre sua infância, depois adolescência e posteriormente, a fase adulta. Eu ouvi sobre a Marly criança em sua primeira e segunda infância dividida entre Guaianazes e Belenzinho, depois sobre a Marly adolescente, entre a vila italiana em São Paulo e Amazonas e ainda, sobre a Marly mulher, solteira, posteriormente casada e depois mãe e fundadora do primeiro salão afro da cidade de Manaus.

¹¹² O título e a epígrafe deste capítulo foram em parte pensados a partir da teoria crítica de Cida Bento em seu trabalho sobre o “Pacto da Branquitude”. O trecho em destaque trata-se de uma fala retirada das entrevistas realizadas com Marly que guirá as reflexões deste capítulo. Especificamente a segunda entrevista realizada por mim no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus AM, em 21 de dezembro de 2022 (Entrevista 2 de 3)

Neste capítulo, mais uma parte desse todo será contada e problematizada. De antemão, preciso retomar uma questão de suma importância para esse trabalho, necessito lembrar que uma história oral acerca da trajetória de alguém não é um trabalho biográfico. Posto isso, não tenho o intuito de dar conta de todos os acontecimentos que marcam o trançado narrativo complexo de dona Marly. Entendo que o que ela compartilhou comigo a respeito de seu trajeto até aquele momento, é um retrato de uma oportunidade de colaboração do processo de entrevista que construímos juntas e que não dá conta de sua vida inteira, especialmente porque ela ainda está trilhando seus caminhos. O que trago aqui é o resultado de um tipo muito específico de diálogo que implica numa troca constituída no ato de entrevista, um processo que Alessandro Portelli definiu muito bem como a arte da escuta:

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, em uma troca de olhares.¹¹³

Neste trabalho de trocas, bem como o exercício posterior de produção e interpretação de suas memórias, cada mecha do trançado narrativo partiu de um olhar cuidadoso para os fios tecidos pela própria Marly e que ela teceu com maestria e com muita generosidade. Dona Paixão trilha seus próprios caminhos entrelaçando lugares, pessoas e eventos à sua memória posta em narrativa. Nesse sentido, de acordo com o que se apresentou a ela enquanto pertinente para que fosse lembrado, ela mesma elencou os acontecimentos que a marcaram, seus motivos e os personagens que faziam parte de cada um desses eventos. Nessa direção o meu trabalho então foi o de ouvir com cuidado, tendo a sensibilidade e responsabilidade no que seria selecionado e trazido aqui e na maneira como tudo isso seria problematizado de forma responsável e ética.

Devo lembrar que não foi à toa que Marly aceitou partilhar sobre sua trajetória de vida, ela quer e sempre quis ser lida, inclusive já me contou que gostaria de escrever ela mesma um livro com as histórias que ouvia enquanto trançava tantas cabeças - por dentro e por fora diga-se de passagem- em seu salão. No entanto, isso ainda não foi possível, por isso, de certa maneira, um passo foi dado aqui. De fato, dona Paixão tem seus motivos para desejar que sua história chegue a outros lugares e se faça ouvir. Quando perguntada sobre o que ela desejava

¹¹³ PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p.10

com esse trabalho ela me foi muito clara, ela deseja visibilidade. E pode parecer pouco para alguns ou mesmo capricho para outros, mas para uma mulher preta, ser escutada e vista é um ato político de afirmação de existência e também resistência frente ao apagamento e silenciamento.

Dito tudo isto, neste capítulo trato de abarcar especificamente os eventos vividos no entrelace entre Manaus e Belenzinho. Isso implica uma trança entre algumas memórias de infância, bem como de sua juventude em contexto manauara logo quando chegou a cidade e também, a Marly nos dias de hoje, um trançado que ela mesma executou. Digo isso porque não posso perder de vista que a dona Paixão que entrevistei é hoje psicóloga e sua narrativa não sai ilesa do seu olhar enquanto uma profissional da área. Essa questão é muito importante porque, em dadas circunstâncias, durante as entrevistas, Marly interligou eventos exercendo notável domínio de suas linhas de raciocínio e, além disso, ainda analisou com profundidade alguns elementos pertinentes à própria questão dos seus traumas enquanto mulher preta. Assim, isso também me guiou nas discussões deste capítulo.

Isso posto, escancaro aqui a dimensão da colaboração enquanto um processo de construção conjunto. A entrevista constituída enquanto uma troca também trata de uma colaboração em coautoria, por isso entendo que Marly me conduziu a tratar de diversas dimensões de sua trajetória por meio de uma narrativa em que ela destacou seus processos de transformação, de dor, de autonegação e também de autodefinição. O que viveu a partir de um processo traumático que envolve a violência do alisamento imposto já abordada no capítulo anterior, trata de dimensões ainda mais profundas. Enquanto corpo preto vivendo em espaços nitidamente brancos, a questão sobre a territorialidade e a branquitude brasileira também são elementos que aparecerão neste capítulo.

Minha colaboradora conduziu sua costura através da rememoração de processos violentos e traumáticos, que são parte da vivência dela, mas que também são parte da experiência partilhada por uma comunidade maior que ela. Nesse sentido, discutir sobre branquitude e territorialidade se apresenta enquanto um processo complexo que ela viveu de perder-se de si mesma no caminho de tentar caber no mundo do outro. Trata também da dúvida de saber quem ela era e quem é hoje quando olha para trás. Meu papel aqui é observar como ela direcionou esse olhar para suas raízes no processo de buscar-se, na esperança de superar os desafios que enfrentou enquanto uma mulher preta no contexto brasileiro. Dona Paixão buscou seu lugar no mundo, e posso dizer que ela encontrou alguns caminhos, mas antes de chegar até

lá, ainda há mais mechas de memórias para trançar aqui que englobam a sua história dentro de um emaranhado social/racial e de gênero que envolve a história dela e de muitas outras mulheres negras.

Não perco de vista a abrangência de sua memória e entendo que o que Marly rememora, trata de toda uma memória coletiva de mulheres pretas no pós-abolição, um trabalho que é formado pela interseção de elementos comuns às vivências de sua comunidade que aparecem no resultado de nossas entrevistas. Isso implica dizer que a memória não é formada apenas por uma adição de histórias pessoais que, somadas umas às outras, conferiram unicidade e coerência às memórias de um grupo. A partilha dessa história individual com o aparecimento de temas recorrentes e a repetição de certos fatores, experiência comum partilhada entre os seus, é o que constitui o sentido de identidade coletiva ao qual faz sentido rememorar e contar a história de Marly Paixão.

Em história oral, o “grupar”, “social” ou “coletivo” não corresponde à soma dos particulares. O que garante unidade e coerência às entrevistas encaixadas em um mesmo conjunto é a repetição de certos fatores que, por fim, caracteriza a memória coletiva. A observância em relação à pessoa em sua unidade, contudo, é condição básica para se formular o respeito à experiência individual que justifica o trabalho com entrevista, mas ela vale no conjunto.¹¹⁴

Se a coletividade emerge dessa interconexão entre elementos das narrativas individuais, ao mesmo tempo, a unidade do grupo não apaga as diferenças presentes na singularidade dessa memória. A repetição dos temas comuns não somente une as narrativas, mas também ilumina acerca das variações e diferenças, propiciando uma outra compreensão ainda mais aprofundada e multifacetada da história do grupo e desta mulher.¹¹⁵

Dito isto, é inegável que Marly trançou uma trança complexa, que abarca memórias pessoais importantes para a constituição de si enquanto sujeita, mas que ao mesmo tempo também constrói importância para a comunidade negra enquanto coletividade. Sua vinda para Manaus e sua percepção da cidade e do tratamento recebido nessa nova realidade, bem como, os entrelaços que construiu dos lugares, acontecimentos e pessoas com as quais interagiu, propiciam um olhar para a dimensão da divisão social, racial e de gênero presentes em sua

¹¹⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. 2020; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2020. p.28.

¹¹⁵ Ibidem.

trajetória de vida. Muitos elementos importantes ganharam forma quando ela explicitou suas memórias de chegada e foi nesta partilha que se tornou possível enxergar algumas características próprias do racismo brasileiro como todo, mas principalmente das particularidades do racismo vivido no contexto manauara.

Além disso, existem questões entremeadas a essa discussão que dizem respeito ao próprio caráter impositivo do ideal de beleza inalcançável branco, colocado entre sudeste e norte do país que carrega valores próprios do que entendo aqui pela perspectiva de Cida Bento, enquanto Branquitude¹¹⁶, tratarei mais a frente sobre isso. Assim, as memórias de Marly também tratam do racismo e sexismo internalizados pelo sujeito que é marcado por essas opressões e demonstram como esses atingem diretamente sua subjetividade e identidade.

Infelizmente, nenhuma de nós escapa ao desejo de caber nos padrões eurocêtricos do belo e quando somos mulheres não brancas, o movimento de busca por encaixar-se por vezes pode ser devastador, mas aqui, teremos um movimento de inflexão. Após dona Marly ter tentado trilhar os caminhos de enquadramento imposto a ela, haverá um momento em que encontrará um caminho próprio para si.

II.1 Territorialidade e branquitude manauara: “Manaus não tinha pessoas negras, eu era uma das poucas negras aqui.”¹¹⁷

Com quatorze anos eu vim pra Manaus, papai foi transferido de lá de onde nós morávamos. Uma terceira realidade pra mim, porque, a primeira era o meu gueto amado e querido, onde todo mundo era igual e onde a gente adorava estar ali. A outra era a realidade dos italianos, que não era a minha, mas eu cresci ali, fiquei ali dos meus sete aos meus quatorze anos e meio. Cheguei aqui em junho e em novembro eu fiz aniversário, fiz quinze anos.¹¹⁸

É no contexto da transferência do pai de dona Marly que viu uma oferta de emprego para a cidade de Manaus, que a família Paixão finalmente mudou-se no ano de 1979. Somente para recapitular, o senhor Geraldo Magella da Paixão atuou enquanto torneiro revolver na

¹¹⁶ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

¹¹⁷ O título desse tópico faz referência a um trecho retirado da entrevista com Marly Paixão em que ela partilha acerca das suas impressões ao chegar na cidade de Manaus no que se refere a tonalidade de pele da população. Vale dizer que aqui nos referimos ao fato de que dentro daquela classe e território, sua família era uma das poucas famílias negras da área. Claro, à primeira vista Marly entende que se trataria de Manaus como todo, o que logo se modifica na sua narrativa ao citar outros bairros, algo em que nos aprofundaremos nesse tópico.

¹¹⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus AM, no dia 24 de abril de 2021 (Entrevista 1 de 3)

empresa Rezende que ficava localizada em São Paulo e era focada na área da metalurgia. Após sua promoção a chefe de setor, seu Magella e todo seu núcleo familiar, mudaram-se para Belenzinho. Ali passaram cerca de sete anos numa vila italiana chamada Maria Zélia, um bairro operário que lhes permitia ficar mais próximo do local de trabalho de seu Geraldo.

Moraram na vila italiana com a menina Marly dos seus sete aos quatorze anos e vieram para o Amazonas somente no final dos anos setenta, bem no início dos anos 80. A vinda se deu na tentativa de arriscar a sorte numa fábrica que estava precisando de um trabalhador que oferecesse treinamento para novos operários, a empresa chamava-se Neo Life da Amazônia e Marly falou um pouco sobre ela, além de dar mais informações sobre seu pai e os motivos que os trouxeram para o estado, bem como o que os fez permanecer:

O meu pai trabalhava numa metalúrgica em São Paulo né, participou de várias lutas pelos metalúrgicos. Ele esteve ali muitas vezes fazendo greve com os trabalhadores e olha que meu pai só fez até a quarta série, mas ele era muito inteligente. O papai faleceu no início do ano, mas era um homem muito culto. Ele lia muito, gostava muito de ler e gostava muito de aprender. Tanto que quando ele veio pra Manaus, olha o salto que eu estou dando, ele veio pra uma entrevista de trabalho, para treinar uma empresa que estava sendo aberta, Neo life da Amazônia¹¹⁹. Ninguém aqui sabia fazer o que ele fazia e ele, vendo no anúncio do jornal, arriscou e pagaram a passagem dele para que viesse treinar esse pessoal. Viram que ele era tão bom que ele ficou como gerente dessa empresa a Filtros Neo life da Amazônia, pra você ver como ele era inteligente e só tinha até a quarta série. Ele dizia que adorava Manaus porque aqui ele era visto como doutor, as pessoas o chamavam de doutor e todo mundo achava que ele tinha doutorado, porque ele ensinava com perfeição aquilo que ele sabia. E ele veio para passar três meses e ficou aqui quase que eternamente.¹²⁰

¹¹⁹ Foi possível encontrar uma empresa fundada no período que abrange a descrição que dona Marly trouxe. A empresa Eletrofiltros Neo Life da Amazônia foi fundada em 28 de junho de 1977 na cidade de Manaus e encontra-se na situação cadastral “baixada”. A empresa existe há pelo menos 47 anos e fabrica equipamentos e aparelhos elétricos não especificados, além de instalação de máquinas e equipamentos industriais. Ver: <https://cnpj.biz/04464061000160> último acesso em 21 de julho de 2024.

¹²⁰ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus AM, no dia 21 de dezembro de 2022.

Como Marly compartilhou, a ideia de seu Geraldo era passar três meses treinando outros trabalhadores no distrito industrial, mas acabaram ficando muito mais que isso porque ele se tornou gerente da empresa e era muitíssimo respeitado. Mais uma vez, Marly me deu a oportunidade de enxergar um pouco melhor a realidade social de sua família e seu projeto de ascensão social. Ela teve em sua vida um pai presente, que foi operário, grevista e que tinha somente até a quarta série do ensino fundamental, o que não o impediu de ser uma das pessoas que Marly mais admirava pela inteligência, que diga-se de passagem, ela fez questão de ressaltar que nada tinha a ver com o grau de escolaridade dele. Seu Geraldo acabou ficando na cidade pois era muitíssimo valorizado e esse reconhecimento se refletia de outras maneiras, como nos lugares que puderam acessar dentro do contexto manauara e onde foram morar.

Na chegada da família de Marly, eles foram morar num bairro considerado hoje um dos mais elitizados da cidade e que na época de sua chegada já era uma área abastada. O Adrianópolis ou como já foi chamado, a antiga Vila Municipal, que curiosamente é hoje uma área muito mais urbanizada e super estruturada. Naquela época já constituía uma imagem de lugar afluente onde moravam famílias com mais acessos:

Então, foi bem difícil chegar aqui, negra, uma das poucas negras de Manaus. Naquela época Manaus não tinha pessoas negras. No máximo quando a gente ia pra Praça Quatorze ou pro bairro do Educandos, porque ali a gente via algumas pessoas, mas pra onde eu fui morar, no bairro do Adrianópolis, lá não tinha. E fui estudar no Albert Einstein, um colégio particular de Manaus, onde também não havia pessoas negras.¹²¹

Recupero esse trecho na narrativa para explicitar em quais circunstâncias a família Paixão chega a Manaus e em que lugares da cidade circulavam. Isso se torna importante na medida em que as memórias de Marly permitem refletir sobre algumas questões em torno da constituição de alguns bairros, bem como as características e adjetivações que eles recebem a partir do seu olhar. O bairro do Adrianópolis, por exemplo, é atualmente um espaço disputadíssimo no setor imobiliário, abrigando inclusive o Manauara Shopping, que é um grande complexo que vende grifes internacionais, além de oferecer outros serviços para parte das elites locais, não se restringindo a elas, evidentemente. A imagem elitizada que está fixada

¹²¹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

sobre o mesmo se constituiu ao longo do tempo e até antes da década de 1980 que é quando a família Paixão chegou.

Por conta de diversos processos que envolvem a própria lógica capitalista de acumulação e progresso desenfreado vivido na cidade nesse período, a antiga Vila Municipal passou por um longo processo de gentrificação¹²² e sofreu diversas modificações em suas paisagens. O lar de casas residenciais que antes era na horizontal, se tornou uma localidade verticalizada entremeada por diversos prédios. Isso se deu também devido à sua localização geográfica e o oferecimento de melhor infraestrutura e serviços que disponibilizava, o que também não foi um processo dado, mas arquitetado e seguido ao longo do tempo. Dessa maneira, o Adrianópolis que já se delineava enquanto um bairro elitizado foi posto num lugar ainda maior de privilégio.

A pesquisadora Paula de Melo Bitencourt¹²³ construiu sua dissertação de mestrado sobre a antiga Vila Municipal e o processo de representação e constituição da visão idealizada que cocriou esse bairro transformando-o no que é hoje. Ela explica sobre a maneira como as representações de uma classe mais abastada moldou e materializou esse local às suas expectativas. O espaço foi ganhando dimensões específicas para atender à uma demanda das elites locais e a qualidade de vida constituiu-se de forma tão dispare, sobretudo diante das condições de vida de outros bairros mais periféricos da cidade, que chega a beirar o irreal. De fato, estamos falando de um bairro projetado, criado pelo tenente e engenheiro militar Artur César Moreira Araújo com foco em torná-lo um espaço de residências de alto padrão, o que realmente veio a ser.

O Adrianópolis localizado na zona centro-sul faz limite com os bairros Parque Dez de Novembro, Aleixo, Nossa Senhora das Graças e Praça 14 de Janeiro ao sul, esse último mencionado por Marly como um local onde seria possível encontrar pessoas negras, ao contrário do primeiro. Falarei mais da dimensão racial que perpassa esses locais mencionados mais à frente. De antemão, alguns dados trazidos por Paula Bitencourt recolhidos diretamente

¹²² O termo gentrificação se refere ao processo pelo qual áreas urbanas populares passam por transformações que elevam o custo de vida e expulsam seus moradores originais para dar espaço a construções prediais ou mesmo a novos moradores de classes mais abastadas. Normalmente, isso ocorre quando o Estado e ou o mercado imobiliário investem em “revitalizações” e “modernizações” para tornarem aquele bairro mais atrativo. Porém, isso não significa melhoria para as populações que historicamente viviam ali. A gentrificação por vezes apaga não somente as fachadas e ruas, mas muitas histórias e a própria memória urbana daquele local.

¹²³ BITTENCOURT, Paula de Melo. **Da Vila Municipal ao Adrianópolis: percepção, representação e produção social do espaço**. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

do Atlas de Desenvolvimento Humano em Manaus, volume 1.¹²⁴. traz informações importantes a serem consideradas:

Segundo a publicação da Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (Seplan), o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)⁶ na região do bairro de Adrianópolis era de 0.943, valor equiparado com o índice da Noruega, país com mais alto IDH, segundo Relatório da ONU.

A região também apresentou como uma das maiores rendas per capita do município, com valor igual a R\$1.356,87, 16 vezes maior que a renda per capita identificada na região do bairro Jorge Teixeira.¹²⁵

A produção de Bittencourt reitera algumas percepções trazidas por Marly acerca do Adrianópolis e pode ajudar a compreender outras dimensões da vivência que ela compartilha sobre sua adolescência nesse lugar. A autora desnuda uma profunda desigualdade socioeconômica existente entre esse bairro e outros, inclusive próximos desse e evidencia a existência de uma disparidade percebida na preferência em privilegiar determinadas regiões para abrigar boas políticas urbanas e econômicas enquanto outras são deixadas de lado.

Nesse sentido, existe um processo de urbanização seletiva que beneficiou predominantemente as elites locais manauaras. Assim, apesar do processo de industrialização vivido por conta da própria Zona Franca, o desenvolvimento planejado foi direcionado escolhendo alguns lugares que perpetuariam a concentração de riqueza em apenas algumas mãos, promovendo um tipo de segregação espacial.¹²⁶

Apesar de parecer um bom lugar para se morar, especialmente levando em consideração os acessos que possibilitaria, vir morar no bairro Adrianópolis não tornou a vida de Marly um

¹²⁴ Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento Econômico (Seplan) Atlas de Desenvolvimento Humano em Manaus. Vol 1. In: Bittencourt, Paula de Melo. Da Vila Municipal ao Adrianópolis: percepção, representação e produção social do espaço. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007. P.43

¹²⁵ Um ponto importante é que o bairro Jorge Teixeira é localizado na zona leste da cidade e é um dos bairros mais populosos de Manaus, o segundo maior para ser mais exata. É um bairro periférico que foi criado para dar conta de uma população carente do estado no ano de 1989 pelo então prefeito na época, Arthur Virgílio. Em relação ao Adrianópolis sem dúvida não apresenta o mesmo padrão de desenvolvimento nem de segurança, é um bairro extremamente marginalizado no sentido de ter sido deixado realmente às margens da cidade, ou seja, o mais distante possível das regiões centrais. Para mais informações ver: Noar Portal. Conheça o Jorge Teixeira. *Portal Noar*, 27 atrás. 2021. Disponível em : <https://noarportal.com.br/conheca-o-jorge-teixeira/>. Último acesso em 10 de agosto de 2024.

¹²⁶ NOAR, Portal. **Conheça o Jorge Teixeira**. *Portal Noar*, 27 atrás. 2021. Disponível em : <https://noarportal.com.br/conheca-o-jorge-teixeira/>. Último acesso em 10 de agosto de 2024.

mar de rosas, ao contrário. Quando Paixão ressalta que naquela época e naquele lugar não havia pessoas negras, ela não necessariamente quis dizer que não existiam negros no Amazonas, mas naquela localização espacial especificamente não tinha. Nesse sentido, ela destaca uma espécie de separação entre negros e brancos na cidade que diz respeito a divisão do espaço, pois logo depois ela também demarcou onde encontraria a população negra da cidade. Mas para enxergar essas dimensões, preciso entender essas memórias para além da lente econômica.

A perspectiva de Marly nos leva a uma amplificação desses horizontes possibilitando perceber um elo entre a dimensão social e racial nos espaços. A família de Paixão está incluída num bairro privilegiado, mas ainda são uma família negra que distoa daqueles que ali já moravam. Essa memória sobre os bairros, que nos ensina onde seria possível encontrar negros e brancos na década de oitenta, também fala sobre como Manaus se estruturou colocando a população de cor às margens. E mais, revela que apesar do acesso ao local, o pertencimento a ele exige outras adaptações aos seus códigos e ainda assim não significaria que a colaboradora, escaparia das violências raciais.

Decerto, não seria possível encontrar esses negros pelo Adrianópolis e também não se viam essas pessoas no colégio particular de tradição das elites manauaras, o Albert Einstein. Essas memórias mencionadas com tanta naturalidade sobre a divisão social e racial do espaço me lembraram de uma fala muito importante da atriz e poetisa brasileira Elisa Lucinda: “Se tem territorialidade, tem apartheid, se eu sei onde encontrar preto e onde encontrar branco, tem apartheid!”¹²⁷ Desde que ouvi a fala de Lucinda pela primeira vez, essa percepção da realidade me marcou e essa fala, somada às memórias de dona Paixão, suscitaram um desconforto que já era latente na minha observação da cidade.

A memória de Marly conecta a experiência individual com as estruturas mais amplas de poder e opressão que estão imbricadas nas relações de raça e classe. Nessa direção, adentro o debate acerca da dimensão racial e a sua importância no processo de manutenção de uma branquitude que permanece se privilegiando dentro de determinados espaços. Neste sentido, se

¹²⁷ Essa fala foi feita num depoimento gravado em junho de 2017 no Itaú Cultural em São Paulo/SP para o projeto *Diálogos ausentes* que tinha o intuito de trazer várias vozes que por vezes não tem lugar de escuta. O vídeo em questão foi publicado no dia 30 de agosto do mesmo ano na plataforma *Youtube*. A atriz falava sobre sua produção artística e temas recorrentes em sua vida e na carreira, como as influências que as inspiram, bem como sua percepção sobre o problema do racismo no Brasil e a importância da arte enquanto uma ferramenta de educação. Para mais informações ver: Lucinda, Elisa. Depoimento sobre produção artística, racismo e arte como ferramenta de educação. *Diálogos Ausentes*. *YouTube*, 30 atrás. 2017. Depoimento gravado em jun. 2017 no Itaú Cultural, São Paulo/SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w5UBFd0wZ94> Último acesso em 01 de agosto de 2024.

existe uma divisão entre o universo de um e o espaço do outro e um choque quando há um adentramento de um grupo estranho aquele habitual, é necessário entender o que isso tem a ver com a própria estruturação das relações sociais e raciais.

Se entendo a raça enquanto uma categoria de análise que se constitui de forma relacional entre negros e brancos, é necessário assumir que também é preciso estudar este outro branco, que é o responsável pela manutenção de seus privilégios enquanto um tipo de herdeiro de uma herança social e simbólica que lhe confere certas acessibilidades nos dias de hoje. Os espaços ocupados por estes sujeitos no tempo presente se alimenta de um conjunto de fatores que dizem respeito a história brasileira, falo de estruturas anteriores que foram modificadas porém mantiveram as marcas das dinamicidades hierárquicas provenientes delas, como é o caso do próprio processo colonizador, a escravidão negra africana, dentre outras manutenções que beneficiou este grupo inclusive no período republicano.¹²⁸

Por este motivo trago as contribuições do debate constituído pela psicóloga Cida Bento e sua teoria crítica sobre a branquitude. Além dela, também é frutífero trazer as contribuições acerca dos estudos sobre territorialidade negra, para, dessa maneira, desnaturalizar os processos de separação espacial que é também social e racial e com isso poderemos perceber como se dá a vivência de negros e negras brasileiros/as. Como Cida expõe:¹²⁹

É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse: as formas da exclusão e de manutenção de privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de auto preservação, como se o "diferente" ameaçasse o "normal", "universal". Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele.¹³⁰

A branquitude desta maneira, é entendida pela autora enquanto uma posição social de privilégio e enquanto estrutura, uma das bases que sustenta a sociedade brasileira, porém, tão naturalizada que se torna invisível e se apaga em meio às outras. Nesse sentido, foi muito comum ao longo do tempo, olhar para as relações sociais no país somente pela perspectiva da luta de classes ou mesmo da dimensão relacional de gênero. No entanto, recentemente a

¹²⁸ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ Ibidem p.18

discussão racial tem entrado com mais afinco nas abordagens o que é um avanço, porém, até quando se discute sobre o racismo e a violência racial o debate tende a incorporar mais ao negro enquanto uma vítima da violência racial e assim objeto de estudo central nas problematizações e análises enquanto àqueles que são os causadores e perpetuadores dessa estrutura permanecem longe das lentes de leitura da realidade, neste caso, a branquitude.

Nessa direção, trabalhar com a memória de Marly é fundamental para pensar as construções simbólicas que moldam a realidade social vivida por ela, para assim, desnaturalizar alguns certames comuns como o fato de que, ainda hoje, sabermos onde encontrar corpos brancos e não brancos dentro da sociedade paulistana e também manauara.

A percepção da existência de uma branquitude geralmente se perde na maioria das análises feitas no âmbito das ciências humanas, seja na sociologia, na antropologia ou mesmo na história e se perdeu por muito tempo na historiografia. Porém, Cida destaca a importância de se visibilizar essas hierarquias de gênero, classe e raça no interior da estruturação do pensamento colonial e na maneira como a colonialidade reverbera ainda nos dias de hoje.

Dito isto, Marly informou sobre dois bairros onde era mais comum a presença de pessoas negras na cidade: “No máximo quando a gente ia pra Praça Quatorze ou pro bairro do Educandos, porque ali a gente via algumas pessoas”¹³¹. Sobre o primeiro, o bairro da praça 14 de Janeiro, localizado na zona centro-sul - que é lembrado como um destes lugares onde se encontram negros e negras - é importante evidenciar que foi justamente nele que se reconheceu oficialmente o primeiro território quilombola urbano da Amazônia, em 2014 pela Fundação Palmares.¹³² O quilombo do barranco de São Benedito carrega a história de Dona Maria Severa Nascimento Fonseca, ex-escravizada que migrou do Maranhão para Manaus no final do século XIX. Dessa maneira, este território é um dos espaços que mantém vivas as memórias das populações negras da cidade até os dias de hoje e se constitui enquanto espaço de sociabilidades

¹³¹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

¹³² A história do Quilombo do barranco de São Benedito já foi matéria de jornais locais e ainda tornou-se foco de muitos pesquisadores que estudam sobre a presença negra no Estado. Para mais informações sobre isso ver: SOUZA, Kátia Brasil de. **Quilombo Barranco de São Benedito**. *Amazônia Real*, 18 jul. 2014. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/quilombo-barranco-sao-benedito/> Último acesso em: 20 de julho de 2024. Ver também: SILVA, Karollen Lima da. **Patrimônio cultural, festa e construção identitária: uma análise do processo de certificação quilombola da Comunidade do Barranco de São Benedito (2010-2016)**. 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020. SILVA, Jamily Souza da. A festa de São Benedito no bairro da praça 14 de janeiro, Manaus. In: MELO, Patrícia Alves (Org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. 2. ed. rev. ampl. Curitiba: CRV, 2021. p. 75-92. (Coleção PPGH, v. 5).

para muitos outros negros e negras. Por esse motivo não é estranho que Marly tenha encontrado pessoas pretas justamente nessa região.

Já sobre o bairro do Educandos, existe uma outra questão a ser posta. O Educandos é um bairro localizado à orla do rio negro ainda no contexto urbano da cidade e é conhecido por ser um dos primeiros bairros a serem criados quando se pensava na expansão de Manaus, ainda nos melhores momentos de grandiosidade nos tempos da borracha. No entanto, ao contrário do Adrianópolis, ocupado pelas elites locais e cogitado para tornar-se espaço de grandes centros comerciais sendo inclusive idealizado para moradia, nesse bairro ocorre um processo desenfreado de urbanização que após a implementação da zona franca, lançou às margens as pessoas que não tinham condições de pagar por pedaços de terra em áreas mais urbanizadas¹³³. Essas populações, em grande maioria, viviam na antiga cidade fluvial que após o processo de demolição transformou-se em um espaço que abriga ainda hoje alguns remanescentes desse período, as casas de palafitas.¹³⁴

Postas essas questões sobre os bairros negros e o bairro branco mencionado por Marly, é relevante trazer aqui uma contribuição da reflexão de Cida Bento que diz respeito a maneira como o racismo permeia a organização e desenvolvimento do próprio capitalismo e a partir disso, privilegia determinados lugares para construir suas políticas habitacionais que envolvem planos de inclusão de alguns corpos e exclusão de outros¹³⁵. Isso implica ter que admitir que a maneira como se constrói um bairro nobre e um bairro marginalizado não é simplesmente um processo aleatório e neutro. Existe um projeto pensado para as elites locais e onde elas se estabelecerão e outro diferente para colocar às margens a população que não corresponde com os ideais de acesso dessa branquitude.

Ao mesmo tempo, é importante perceber que essas separações geográficas se constituem em separações também raciais e continuam normalizadas no cotidiano. Evidentemente que não se tratando de um tipo de processo como se deu nos EUA, de apartheid institucionalizado com um regime de segregação racial, existe evidentemente um relativo encontro desses corpos brancos e negros entre outros corpos racializados, mesmo em ambientes que estão designados

¹³³ SOUTO, Calina Ramos de Brito. **Memória histórica, visual e paisagística do bairro Educandos (Manaus/AM)**. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022. P.16-17.

¹³⁴ Casas construídas em troncos de madeira sob o rio.

¹³⁵ SOUTO, Calina Ramos de Brito. **Memória histórica, visual e paisagística do bairro Educandos (Manaus/AM)**. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022. P.41

somente para um dos grupos. Dessa forma, vale observar outro ponto da discussão. Geralmente, quando essas pessoas não brancas, negras ou mesmo indígenas entre outros sujeitos são encontradas nesses espaços, estes geralmente estão em lugar de subalternidade, servindo, limpando e cuidando, uma permanência de estruturas anteriores que por vezes não é nem questionada e nem incomoda.

Trago a discussão acerca da branquitude para esse trabalho para que não seja perdido um debate valioso sobre as dinâmicas relacionais estabelecidas entre todos esses sistemas de opressão e que geralmente relegam para um segundo plano a questão da raça e da territorialidade. Porém, se existe uma cor de pele vinculada à riqueza e outra à pobreza e subserviência e se há lugares em que existe predominância de circulação de um determinado grupo e não de outro, não há como negar que exista uma relação entre classe e raça na constituição das relações sociais, bem como das geografias e dos espaços construídos para a sociabilidade, o que implica pensar também os territórios em que as pessoas estão inseridas.

Não estou dizendo que todo branco é rico ou que todo preto é pobre, ou mesmo que todo pobre é preto, falo de um processo histórico proveniente da escravidão, mas que também se manteve durante a própria república e que constituiu uma separação, inclusive de ordem espacial, entre esses grupos de pessoas. Como reitera Cida Bento: “Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala da herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas.”¹³⁶

Atualmente os estudos sobre territorialidade têm confirmado a dimensão do que seria uma territorialidade negra e branca e como a população de cor foi lançada às margens das cidades brasileiras. A partir da narrativa de Marly esse fenômeno de exclusão simbólica e física ou a tentativa de executá-lo se escancara tanto no Amazonas quanto em São Paulo, evidentemente que de maneiras específicas que dizem respeito às particularidades de cada lugar. De toda forma, o importante é entender esse conceito pensado dentro de algumas ciências humanas como a geografia, ou mesmo a antropologia, em perspectiva histórica, para entender que o processo de urbanização das cidades e os lugares de exclusão social e segregação espacial não são espaços constituídos na neutralidade e no acaso. A história de Marly fala de territorialidade quando ela assume-se vinculada a um lugar específico enquanto sujeita preta:

¹³⁶ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022. p. 23

Nasci no gueto e ali eu me sentia em casa. E é interessante que eu só vim entender que existiam os brancos quando eu tinha uns oito ou nove anos, porque todo mundo ali onde eu morava era negro, então quando eu comecei a frequentar a escola eu comecei a ver mais brancos, mais pardos. (grifo meu)¹³⁷

E essa foi minha primeira infância, desde que eu nasci até os oito anos mais ou menos. Morei em Guaianazes ali, quase no finzinho, um bairro limite ali com Ferraz, com Mogi das Cruzes e ali eu tive as maiores felicidades da minha vida, né, da infância. (grifo meu)¹³⁸

Marly se sente ligada a Guaianazes porque ali ela estava entre os seus e se sentia em casa. Esses “seus” se pareciam com ela de diversas maneiras e isso começou na aparência física. Quando ela escolheu narrar já delimitando desde o princípio de que lugar vem social/racialmente, desejou lembrar a mim e a quem mais fosse lê-la, que independente do lugar alcançado por seu pai após sua promoção, ou mesmo a transferência do mesmo para Manaus - que foi um acontecimento que levou toda a família a mudarem-se, e por conseguinte, constituírem uma outra vida – não a fez esquecer do lugar de onde vem, nem de suas origens, o intuito foi informar de forma consciente seus leitores acerca do seu lugar no mundo. A memória constituída no chão do presente a partir das demandas e circunstâncias vividas no momento em que as entrevistas foram realizadas, informam sobre o seu desejo de como Paixão gostaria de ser lembrada e isto também diz respeito à dimensão de como a questão da territorialidade foi importante em sua vida.

Quando Marly chegou à cidade de Manaus com seus 14 anos, partilhou memórias de quem reviveu alguns traumas cujas ligações se estendiam às lembranças anteriores, vividas ainda na “vila italiana”, que foi quando sua família saiu de Guianases. Quando chega na década 1980 no Amazonas, Paixão já carrega toda uma bagagem da experiência difícil de ter vivido em meio aos brancos do bairro operário do Belenzinho. No ato do compartilhamento de sua história, ela entrecruzou suas vivências dos lugares e assim, me abriu a possibilidade para enxergar algumas similitudes do racismo a sudeste e norte do país, bem como, suas particularidades.

Um estudo específico sobre territorialidades e racismo apresentado no XV Encontro Nacional de Pós Graduação e Ensino de Geografia em 2023, partindo da análise da obra “Quarto

¹³⁷ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

¹³⁸ Ibidem.

de Despejo” de Carolina Maria de Jesus¹³⁹, discutiu a dimensão da inclusão/exclusão de corpos negros nos contextos urbanos. O processo de exclusão tem estreita relação com a questão racial, englobando as questões que envolvem a renda e o acesso, bem como, a dimensão da colonialidade e o próprio racismo que se constituiu na divisão do espaço na cidade de São Paulo. Com o foco na favela do Canindé que é onde Carolina de Jesus viveu e construiu sua obra Carolina “(...) preta e favelada, registra em seu diário suas experiências de sobrevivência e constrangimento ao se deparar com uma sociedade paulistana organizada pela e para a branquitude.”¹⁴⁰

A crítica dos autores se concentrou nos significados sociais e raciais que são refletidos pelo espaço urbano. Os espaços ocupados pelas populações negras comumente são construídos e percebidos enquanto lugares de exclusão e marcados por uma geografia de segregação. Nesse sentido, falar de territorialidade não se trata somente de adentrar um campo físico mas uma zona simbólica de guerra onde as relações de poder são negociadas de forma desigual. No caso de Maria Carolina, que viveu na favela do Canindé, o espaço físico também era um reflexo das divisões sociais brasileiras que constroem espaços de exclusão racial e econômica para determinados grupos de pessoas. Nessa direção, o autor e as autoras concluem que:

As localizações distantes e indesejadas para dificultar os deslocamentos até os centros de decisões políticas, falta de oportunidades de emprego, alcoolismo, fome e violência, expressam a territorialidade do racismo no espaço urbano. No tensionamento com a branquitude, a população negra é continuamente exterminada.¹⁴¹

Foi exatamente na luta contra a exclusão territorial que a família de Marly engendrou todo esse projeto de mobilidade social que abarcou de sudeste a norte. No entanto, apesar de Paixão, ter acessado determinados espaços mais privilegiados da cidade, em virtude das oportunidades angariadas a partir do trabalho de seu pai, vemos que a dimensão simbólica que envolve o pertencimento ainda era utilizada contra ela. Ainda que adentrar ali significasse

¹³⁹ VITTO, Douglas; SANTOS, Crispina de Jesus; LIMA-PAYAAPÁ, Jamille da Silva. **Territorialidades do racismo: uma leitura da obra “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus**. In: Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em geografia (enanpege), 15., 2023, Palmas, TO. *Anais [...]*. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2023.

¹⁴⁰ Ibidem.p.2

¹⁴¹ Ibidem, p.13

acesso em diversos sentidos, a colaboradora sofreu com o choque de alteridade, pois, adentrar nesses lugares não é sinônimo de pertencer aquele grupo.

Por ter suas experiências marcadas pela articulação das variáveis raça e gênero o processo de construção de memória presidido por dona Marly é revelador acerca dos limites impostos para mulheres pretas mesmo em espaços de privilégio, acesso e poder. Ser uma mulher preta nesses lugares ainda significava destoar de seus colegas brancos. Dito isso, vale revisitar algumas das memórias que imbricam Belenzinho e Adrianópolis. Quando Marly chegou em Manaus ela se surpreendeu com os brancos do bairro onde veio morar, mas a sensação de deslocamento não era nova, ela a vivenciou no bairro italiano em São Paulo:

Naquela vila não havia nenhum negro, então você imagina, eu saí de um bairro onde eu estou no gueto, onde eu estou ambientada e preciso sair dali pra entrar na zona totalmente de guerra, desconhecida. Ali foi outro impacto: “Quem sou eu aqui, meu deus, quem sou eu?” E ali eu comecei a me construir de novo e eu achava que eu era branca. Teve um momento da minha vida que eu comecei a entender que eu era igual a todo mundo, que eu era branca também.¹⁴²

Aqui é possível demarcar onde encontrar negros e brancos na cidade de São Paulo e Marly foi muito assertiva quando definiu o Belenzinho enquanto uma zona de “guerra” e “desconhecida” pois parte de memórias dolorosas e traumáticas que carregou em sua narrativa tinham forte relação com o que vivenciou nesse lugar. É necessário lembrar que o processo de urbanização, a política habitacional bem como o crescimento econômico na cidade de São Paulo, constituiu um processo desigual que implica numa divisão social/racial que se manifestou a partir da segregação espacial.

Onde Marly nasceu que era parte do gueto de sua cidade natal, em Guaianases, as memórias que trouxe abrigavam muitos sujeitos semelhantes a ela, uma população cuja maioria das pessoas eram negros e negras. De outro lado, quando acessou um bairro de melhor estrutura, onde havia habitações inclusive de casarões, foi ali naquela espacialidade, que encontrou pessoas brancas em maior número, pessoas que reivindicavam-se descendentes de imigrantes italianos. Foi nesse contato que Paixão sofreu ao tentar lidar com os comentários racistas direcionados à sua aparência, especialmente aos cabelos:

¹⁴² Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

Porquê na escola, se eu chegasse lá, se eu fosse com o meu cabelo “bombrilzinho” como eles chamavam né, eu era apelidada dessa forma, ‘- Olha o bombril’, e a mamãe fazia duas chuquinhas, imagina aquela orelhinha do *Mickey*, duas, né, uma de cada lado, era o jeito que dava pra amarrar, e aí eles ficavam apertando aquilo, faziam o som do “bombril” com a boca e aquilo, nossa, doía muito! E aí a minha mãe dizia ‘Olha, é por isso que eu preciso alisar teu cabelo, né, pra você não passar por isso.’.¹⁴³

Não é atoa que para humanizar-se nesses lugares, dona Marly sentiu a necessidade de branquear-se e até se convenceu de que era branca, ou seja, que também era igual a todas aquelas pessoas. Afinal, quando o corpo negro é constantemente bombardeado por representações negativas de si, construir uma imagem positivada pode ser extremamente desafiador. No caso de Marly Paixão, sua referência positiva de corpo, humanidade e aquilo que lhe tornaria semelhante, seria o tornar-se branca e, na sua percepção, em dado momento, ela realmente se tornou.

Dona Marly enfrentou as profundas diferenças existentes entre a sua família e os moradores do bairro italiano, além da necessidade de se adaptar às normas e valores que predominavam dentro daquele espaço. Com a promoção de seu pai, a família conseguiu transformar drasticamente sua realidade social, e, posteriormente, com a transferência de seu Geraldo, alcançaram novas oportunidades, chegando a romper com a marginalização comum às famílias negras periféricas. No entanto, a mobilidade social e entrada em espaços anteriormente inacessíveis implicaram em enfrentamentos diários ao preconceito racial e à pressão para enquadrar-se nos moldes da branquitude local.

No Amazonas ela já teve que reencarnar um processo de reconstrução de si, pois sua presença nos lugares ocupados pela branquitude manauara também gerava desconforto. Para eles, Marly era um ser estranho, tanto como migrante quanto como mulher e negra. Na sua chegada e adaptação em Manaus ela passou por diversos entraves e violências raciais no bairro Adrianópolis e, principalmente, na escola particular Albert Einstein, que - diga-se de passagem, era um dos melhores colégios da cidade de Manaus na década de 1980. Muitas críticas eram direcionadas a aparência, ao tom de pele, bem como aos cabelos e o que vestia a menina Marly:

¹⁴³ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

E ali eu sofri muito também. Sofria pela cor da pele, pela roupa que eu usava. As pessoas perguntavam ‘- Por que você usa essas roupas?’, ‘- Por que você usa essas botas?’. E eu tinha muitas botas. E aí parei de usar, parei de usar essas roupas que eu usava porque eram roupas do sul, porque aqui, quando eu as usava era algo que parecia que era uma afronta. Então comecei a comprar roupas daqui e comecei a me adaptar. Isso depois de um ano chorando todos os dias, trancada dentro do banheiro, muitas vezes no banheiro da escola.¹⁴⁴

O processo de adequação à realidade manauara foi desafiador em diversos sentidos. O desejo de pertencimento que é comum no processo de adentrar em determinado espaço novo ou grupo levou Marly a se distanciar das características que eram culturalmente desvalorizadas pela branquitude manauara com a qual conviveu. Sabemos que isso inclui outras variáveis que geram conflitos entre as referências estéticas e climáticas de sudeste a norte o que leva a choque cultural e dificuldades de adaptação. Mas o maior problema é que a roupa pôde ser mudada, as botas foram aposentadas, os cabelos até foram alisados, mas havia ainda um elemento que era imutável, a sua cor de pele. Como explica Cida Bento:

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; Em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas tem que se comprometer "tacitamente" a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo o seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. E no mesmo processo excluir os outros grupos “não iguais” ou não suficientemente meritosos.¹⁴⁵

A reação das pessoas ao redor de Marly que criticavam suas roupas e estilo, além de inferiorizar seus cabelos, reflete, de certa maneira, o desejo de proteger as normas do grupo branco com o qual tinha contato. Nesse sentido, o intuito era eliminar os elementos que pudessem de alguma forma, ameaçar a homogeneidade e conforto dessa branquitude. Não se trata apenas de gosto pessoal ou diferenças territoriais, mas de uma manifestação do receio de

¹⁴⁴ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

¹⁴⁵ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022. p.24-25

ter a branquitude enquanto norma padrão, questionada e subvertida. A escola e o próprio bairro onde circulou podem ser vistos como territórios brancos onde o que é entendido enquanto normal racialmente não apenas a exclui fisicamente por não se parecer com eles, mas também impõe seus padrões culturais e estéticos, suas normas de boa aparência. Assim, “o diferente” sofre com a regulação da territorialidade quando esta opera na tentativa de modificar o comportamento e a aparência de Marly.

Quando Dona Paixão após um ano, decidiu adequar-se e pôr as roupas “daqui” ela respondeu a adequação territorial. Nesse sentido, apesar de haver diversas interpretações desse ato, eu opto por entendê-lo enquanto uma estratégia de sobrevivência. Marly utiliza várias delas ao longo de sua vida. Neste caso, adaptou-se para minimizar o sofrimento e a exclusão, uma adaptabilidade que pode ser entendida enquanto uma negociação complexa de sua identidade. Aqui é compreendida inclusive, enquanto um ato de resistência silenciosa e uma maneira de preservar minimamente a sua dignidade frente aos processos de marginalização enfrentados.

Marly relatou ainda sobre seu choro no banheiro da escola, algo que escancara uma dimensão dolorosa do racismo no cotidiano escolar. Aquele espaço que deveria significar aprendizado e crescimento, na verdade se apresentava enquanto um ambiente de dor e exclusão, um local onde a diferença era, até certo ponto, punida e castigada, enquanto, ao mesmo tempo, ocorria uma adaptação forçada. Mas é interessante que mesmo adaptando suas vestimentas, ou a maneira de usar seus cabelos ou anulando seus próprios gostos, ainda assim não seria possível evitar toda e qualquer exclusão.

Seu corpo naquele lugar se manifestava enquanto uma resposta a dinâmica de poder. Dessa maneira, quando dona Marly fala sobre as experiências de constrangimento e inadequação nos ambientes que frequentou, que são evidenciados nas violências sofridas nesses lugares, fala direta e indiretamente sobre uma geografia da desigualdade onde o acesso e o pertencimento são regulados por padrões sociais e raciais que estão ali colocados de forma sutil ou, ao contrário, expostos de forma escancarada. Esse tratamento diz respeito ao pacto da branquitude enquanto um processo de não somente exclusão, mas de coação àqueles que não pertencem ao grupo branco.

Essas memórias também evidenciam vivências dissonantes que geraram conflitos identitários, territoriais, raciais e de gênero. Dessa maneira, a branquitude enquanto um sistema, operou com mãos invisíveis privilegiando uns em detrimento de outros e operando em nível

macro por meio de políticas públicas e urbanismo e à âmbito micro por meio das relações de sociabilidade em seus grupos seletos, além de elegerem suas expectativas estéticas, o que perpetuou uma condição de marginalização daqueles que são os seus “outros” antagônicos, os não brancos.

II.2 Memórias do tornar-se o “outro” para o “eu branco”: estereotipagem e exotificação do corpo negro

Até que uma vez um colega muito famoso em Manaus me disse... Na verdade eu cheguei pra ele e falei assim: ‘- Me incomoda o seu jeito de me olhar. Por que você me olha tanto, fala logo o que você quer dizer pra mim?’

- E pra mim viriam várias críticas, eu já estava meio acostumada com aquilo. E ele disse assim: ‘- *É porque você é muito bonita, você tem uma beleza que eu desconhecia. Dá vontade de tocar na tua pele, de tocar no teu cabelo*’.

E ele começou a falar um monte de coisa legal pra mim, e ele foi um dos poucos amigos que eu tive naquela época, e, foi muito bom ouvir isso. Até porque depois ele disse assim: ‘- *Olha, as pessoas que te olham, que ficam encantados com você, muitas vezes, pode não ser discriminação, pode ser porque se encantam, porque é algo diferente*’.¹⁴⁶

A adaptação no contexto manauara foi um processo violento e cruel para Marly. Nesse sentido, o olhar do outro branco sobre o seu corpo era tão desconcertante e difícil de lidar, que ela, já cansada das adjetivações negativas em relação a sua aparência, tomou coragem para questionar um de seus colegas que muito lhe “olhava”. Paixão compartilhou essa memória com carinho e interpretou o gesto do amigo - em informá-la que poderia estar sendo olhada de forma positiva - como um afago em meio a violência racial que era parte do seu cotidiano. Esse rapaz foi um dos seus únicos amigos na época, como fez questão de enfatizar, o que já evidencia uma memória de isolamento social ou, como eu prefiro entender, o preterimento à qual era submetida por parte desses sujeitos brancos, mas falarei disso mais à frente.

De toda forma, o ocorrido foi reinterpretado por uma perspectiva muito positiva, o que é completamente compreensível diante de tudo o que já havia sofrido até ali. No entanto, eu peço licença respeitosamente para pensar esse relato sob outras óticas. Para isso, situo Marly Paixão em um contexto que é ainda mais abrangente e que ultrapassa a espacialidade da cidade

¹⁴⁶ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

de Manaus. Assim, não perco de vista que o Amazonas está inserido no território brasileiro e que este país se situa no contexto latino-americano. Posto isso, entendo que existem, ainda hoje, relações afro-diaspóricas constituídas em diversos países pelo mundo que ligam a experiência da racialização e da diferença criada e preservada até os dias de hoje na experiência de homens e mulheres negras por todo o globo.

Dito isso, parto primeiramente do teor do comentário do colega manauara, quando colocou a beleza de Marly no lugar do “diferente”, do “desconhecido” e beirando o exotismo. Embora esse comentário venha vestido de um tom elogioso ele também é, ao mesmo tempo, uma forma sutil de discriminação quando a reduz a um objeto de curiosidade desse outro branco, inclusive a ponto de instigar o toque à sua pele e cabelos. Dessa forma, entendo que a sujeita está imersa numa sociedade constituída a partir das diferenças raciais e, por este motivo, é pertinente não apartar suas vivências tratando esses episódios de racismo no isolamento.

É necessário perceber como o comentário de seu colega se relaciona com toda uma construção histórica da exotificação dos corpos negros, algo que é de certa maneira reproduzido por este rapaz mesmo quando não havia o intuito de ofendê-la. De certa maneira, ainda que Marly não tenha sido propriamente examinada por ele, existe uma externalização desse desejo ainda que de forma simbólica, o interesse de intromissão oculta a este corpo negro. É importante relembrar que dona Marly já foi invadida fora do sentido alegórico, isso se deu através das práticas invasoras dos seus colegas de escola.

Esse ato de irrupção aos seus cabelos, bem como os apelidos, não eram uma situação nova. Ao contrário, os comentários sobre isso na condição de ofensa eram a regra seja em São Paulo ou no Amazonas e não a exceção, além de serem recorrentes em todo o seu histórico. A memória de ser de alguma maneira invadida pelo outro branco era recorrente desde a infância. A colaboradora narrou sobre isso desde nossa primeira entrevista quando compartilhou acerca das suas vivências na vila italiana, mas em Guaianases, ela também viveu processos semelhantes, especialmente na escola:

Isso era ainda em Guaianazes, só que na escola era um outro ambiente, até porque Guaianazes é limite com outros bairros, então vinham pessoas de outros lugares, era uma escola estadual muito grande. (...) *O negro ainda era maioria na escola, mas os poucos brancos e eram poucos, eles faziam a diferença.*¹⁴⁷

¹⁴⁷ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

Ainda quando falava sobre Guaianazes, Marly narrou especificamente sobre o ambiente escolar e explicou que essa escola abrigava pessoas de diversos bairros o que trazia uma certa diversidade de tons de pele. A escola estadual que frequentou era muito grande e mesmo os negros sendo maioria nela, havia brancos nesse espaço. Somente a presença dessa pequena branquitude já tornava a permanência dela, enquanto uma criança negra, extremamente desafiadora porque como afirmou eles “faziam a diferença¹⁴⁸” através das chacotas e apelidos que começaram ali, inclusive as invasões físicas, seja por meio dos puxões de cabelo ou ainda tecendo comentários injuriosos:

(...) Na escola, se eu chegasse lá, se eu fosse com o meu cabelo “bombrilzinho” como eles chamavam né, eu era apelidada dessa forma, ‘- Olha o bombril’, e a mamãe fazia duas chuquinhas, imagina aquela orelhinha do *Mickey*, duas, né, uma de cada lado, era o jeito que dava pra amarrar, e aí eles ficavam apertando aquilo, faziam o som do “bombril” com a boca e aquilo, nossa, me doía muito!¹⁴⁹
(grifo meu)

As memórias dos “bullyings” vividos em São Paulo apareceram na primeira e na segunda entrevista mesmo havendo um intervalo temporal de mais de um ano entre a realização de uma e outra. Nesse sentido, Marly compartilhou mais de uma vez sobre as violências praticadas pelos colegas brancos ao longo de sua infância, atos invasivos e apelidos extremamente discriminatórios que promoviam intencionalmente ou não, um reforço de inferiorização e de um lugar “ruim” para a sua aparência e consequentemente para o seu corpo. Em história oral essas memórias de eventos que se repetem e que ecoam várias vezes na narrativa, explicitam algo que é invariante.¹⁵⁰, o que neste caso, se tratando de sua subjetividade implica entender que mesmo num ambiente em que os brancos presentes ali estivessem em maior ou menor número, de toda forma eles sempre assumiram o papel de lembrá-la que ela era para eles este “outro” diferente e exotificado..

Ao discutir sobre a colonialidade de gênero, Maria Lugones, já argumentou sobre a maneira como esse sistema de manutenção das lógicas coloniais não somente racializa, mas

¹⁴⁸ Ibidem.

¹⁴⁹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

¹⁵⁰ POLLAK, Michel. **Memória e Identidade**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

também desumaniza corpos racializados ao importar uma estrutura que está internamente vinculada ao poder colonial e suas ressonâncias na atualidade. A colonialidade coloca mulheres negras/pretas/pardas/indígenas, dentre outras, em uma condição de insuficiência enquanto mulheres, especialmente porque às socializa enquanto sujeitas fora dos ideais da feminilidade branca e europeia e portanto aquém enquanto seres humanos plenos. Esse processo de reducionismo do “ser” a condição de “coisa” perpetua a violência simbólica e também discursiva que nega o sentimento de totalidade:

Desse modo, “colonialidade” não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas. Ou seja, toda forma de controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e do trabalho existe em conexão com a colonialidade.¹⁵¹

Assim sendo, o olhar do “corpo negro exótico” se fincou e remodelou ao longo do tempo reproduzindo a diferença racial e dinamizando-se na constituição dessa disparidade e hierarquização. Nessa direção, é necessário observar a relação constituída a partir do olhar do outro branco e suas pressuposições e curiosidades sobre esse corpo. Além disso, ainda é pertinente investigar como é enviesado o olhar masculino de um homem branco sobre o corpo de uma mulher preta. A ponderação do colega afirmando que a beleza de dona Marly era “algo diferente” e instigante, precisa ser repensada enquanto um comportamento de invasão muito comum e historicamente perpetrado pelos sujeitos brancos em relação aos corpos pretos.

É neste momento que preciso entender a dimensão do trauma na vida de uma mulher preta de 57 anos, que viveu todas essas violências quando ainda tinha seus oito anos, depois quatorze e ainda que viu tudo isto permanecer até os dias de hoje. Não é atoa que a colaboradora narrou repetidamente sobre o choque que o encontro com o “eu branco” representou em sua vida ao longo do tempo. Os apelidos e as invasões ao seu corpo de forma física ou simbólica, carregam aportes extremamente importantes para pensar o processo de exotificação do corpo

¹⁵¹LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

negro: a violência racial gera um trauma de tipo específico, o trauma colonial. A psicóloga e teórica portuguesa Grada Kilomba, discute sobre isso quando evidencia que:

O racismo cotidiano não é um evento violento na biografia individual, como se acredita - algo que "poderia ter acontecido uma ou duas vezes" -, mas sim o acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial.¹⁵²

Na perspectiva da autora que estudou como reverberam as micro agressões, os estereótipos e a exotificação no psicológico dos indivíduos pretos e pretas, é necessário entender que o racismo não se manifesta somente em grandes eventos e de maneira completamente escancarada. Pode sim se manifestar dessa forma, e ocorre, como nos casos mais evidentes de violência racial em eventos internacionais, como em jogos de futebol em Copas do Mundo, ou mesmo nas Olimpíadas, entre outros espaços dessa abrangência. Os casos de violências nos estádios ocorrem das maneiras mais chulas como chamar o outro negro de “macaco”¹⁵³ ou mesmo lançar uma “banana”¹⁵⁴ na direção de um jogador de futebol.

Porém, nem sempre os casos são tão explícitos, a violência racial escancarada não resume a experiência vivida pelos indivíduos negros. E tratando-se do corpo de uma mulher negra ainda existe uma dinâmica de opressão que perpassa o racismo, o sexismo, bem como, o patriarcado e o próprio colonialismo enquanto sistemas entrelaçados. Por conta desse jogo de opressões, a cobrança por uma beleza ideal ganha outras características e se fortalece a partir da violência que objetiva regular as experiências dessas mulheres, seja de forma direta ou indireta. A maneira como uma mulher irá se apresentar ao outro passa pela tentativa de interferência externa que visa o enquadramento, imbricada em um conjunto discursivo e simbólico extremamente elaborado e anterior. Um caso atual que ocorreu nas últimas olimpíadas explicita isso.

¹⁵² KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. p.215

¹⁵³ GELEDÉS. **Casos de racismo no futebol cresceram nos últimos anos**. Disponível em: https://www.geledes.org.br/casos-de-racismo-no-futebol-crescem-nos-ultimos-anos/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwoJa2BhBPEiwA0l0ImElgUmD_bV5Pkux3Nb_jTU6xUlueeMIFMPK39BVFGc6yg2o6GLZ_xoCnbEQAvD_BwE. Acesso em: 21 de agosto de 2024.

¹⁵⁴ Ver também: Agência Brasil. **Ofensas a Vinicius Jr. fazem parte de histórico de racismo no futebol: linha do tempo mostra diversos episódios em competições internacionais**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2023-05/ofensas-vinicius-junior-fazem-parte-de-historico-de-racismo-no-futebol>. Último acesso em 21 de agosto de 2024.

Recentemente foi possível assistir a atleta estadunidense Simone Biles ter de lidar com críticas direcionadas a sua aparência, especialmente em relação ao seu cabelo. A ginasta que disputou as olimpíadas de Paris neste ano de 2024, sofreu com diversos ataques nas redes sociais em virtude da maneira como usava seu cabelo crespo - na ocasião estava alisado e amarrado em um coque – que por vezes esteve “desalinhado” enquanto ela competia. Como Marly já mencionou, quando ela alisava os cabelos não podia chover ou ela não podia suar porque ocorria do cabelo “voltar” ao estado natural e isto lhe gerava grandes constrangimentos, tornando-se inclusive um processo traumático para ela. Um de seus maiores receios era ouvir de alguém que seu cabelo havia “voltado”. Com Simone competindo na ginástica artística e suando durante a prova, não foi diferente, por esse motivo a ginasta teve de lidar com retaliações, por supostamente não representar um cabelo “profissional”. Mas ela rebateu:

“Não venha falar comigo sobre meu cabelo. Ele foi arrumado, mas o ônibus não tem ar condicionado e está tipo 90000 graus”, escreveu a ginasta. “Da próxima vez que você quiser comentar sobre o cabelo de uma garota negra, simplesmente não comente”, completou.¹⁵⁵

Mesmo a atleta sendo uma das maiores ginastas da atualidade, ainda assim teve de rebater críticas que não eram direcionadas ao esporte que pratica, até porque o desempenho de Simone sendo tão próximo do impecável, acaba tornando-se por conseguinte incriticável. Biles é uma atleta que ostenta um grande arsenal de medalhas, sendo sua grande maioria medalhas de ouro. Nesse sentido, não sendo viável atacá-la pela sua competência no esporte, é sempre possível atacar uma mulher preta sobre sua aparência, sobretudo quando se trata de seus cabelos.¹⁵⁶ A ginasta rebateu as críticas da maneira como lhe coube, primeiro tendo que se justificar sobre os motivos que teriam deixado o penteado “desalinhado” e depois advertindo: “Se você quiser comentar sobre o cabelo de uma garota negra, simplesmente não comente”¹⁵⁷.

¹⁵⁵ TERRA. **Simone Biles rebate críticas sobre seu cabelo na Olimpíada: 'simplesmente não comente'**. Disponível em: https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/autocuidado/simone-biles-rebate-criticas-a-seu-cabelo-na-olimpiada-simplesmente-nao-comente_7464b7dfae61a09c10adcfeb67825d3bw0hjcosh.html. Acesso em: 22 de agosto de 2024.

¹⁵⁶ Ver: G1. **Após desempenho impecável, Simone Biles rebate críticas: 'se quiser comentar sobre o cabelo de mulheres negras, apenas não faça'**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/olimpiadas/paris-2024/noticia/2024/08/02/apos-desempenho-impecavel-simone-biles-rebate-criticas-se-quiser-comentar-sobre-o-cabelo-de-mulheres-negras- apenas-nao-faca.ghtml>. Acesso em: 22 de agosto 2024.

¹⁵⁷ Ibidem.

A violência vivida pela atleta exemplifica o que Grada Kilomba explica a respeito do racismo enquanto uma experiência constante e cotidiana na vida de pessoas negras. Além disso, é ainda uma vivência transnacional, pois os comentários e desconfortos de racistas direcionados à aparência das mulheres negras não se restringem aos Estados Unidos ou mesmo ao Brasil. A violência racial de cunho estético engloba a experiência de homens e mulheres negras em diáspora em diversos lugares do mundo.

Eventos como as Olimpíadas, que tem visibilidade internacional, permitem, portanto, que se enxergue o sexismo e o próprio racismo dentro dos esportes e como esses comportamentos corroboram na fixação de papéis de gênero e estereótipos sobre os corpos dos sujeitos, especialmente das mulheres. Além disso, lança luz sobre a percepção social do que seria uma aparência feminina suficientemente profissional, o que geralmente nada tem a ver com o desempenho das atletas.

A cada Olimpíada emergem questões relacionadas às tentativas de controle dos corpos femininos, evidenciando as tentativas de regulação.¹⁵⁸ Ainda nos últimos jogos, tivemos o caso da atleta italiana que difamou a boxeadora argelina Imane Khelif - medalhista de ouro das Olimpíadas de Paris 2024 - apontando que a competidora era “na verdade” uma pessoa trans e não cis. A atleta passou por uma campanha de difamações e ataques em que muitas notícias infundadas foram empregadas pelos delirantes de uma extrema direita que ganha vez e voz, ao polemizarem sobre os/as atletas nas redes sociais. O caso também evidenciou como a transfobia, atinge não somente mulheres trans,¹⁵⁹ mas também cisgênero, refletindo mais uma vez as tentativas de vigilância. Nas redes sociais, o interesse sobre o corpo dos/das atletas, seus cabelos, o que vestem, além de suas sexualidades, identidade de gênero, dentre outras questões,

¹⁵⁸ Sem a pretensão de me aprofundar acerca dessa discussão, ainda assim é pertinente lembrar que quando a autora tece sua teoria crítica explicitando como o colonialismo se sustenta pelos braços do racismo, ela também denuncia que o mesmo se impõe enquanto uma estrutura de gênero binária e heteronormativa. Algo que vai muito além de somente estabelecer papéis sociais. Nessa direção, em eventos como as olimpíadas, por exemplo, diversas mazelas da colonialidade podem ser percebidas, problematizadas e também denunciadas escancarando as disputas de poder e diferenciações que se estabelecem no intuito de fazer a manutenção do *status quo* entre os grupos. Ver novamente: Lugones, María. Colonialidade e gênero. in: Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda, Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

¹⁵⁹ A título de informação uma pessoa trans ou mesmo travesti é aquela que não se identifica com o gênero biológico com o qual nasceu. Já uma pessoa cis é aquela que se identifica com o sexo atribuído no seu nascimento. O que desde já deveria esclarecer que Imane era na realidade uma pessoa cis não uma atleta trans disputando contra uma outra cisgênero. Para entender o caso ver: <https://queer.ig.com.br/2024-08-01/boxeadora-argelina-e-trans-olimpiadas-paris-2024.html> Último acesso em: 24 de agosto de 2024.

se intensificaram lançando luz às mazelas não superadas da colonialidade de gênero e do próprio patriarcado em nível internacional.¹⁶⁰

Retomando a importância da questão racial nesses processos e as tentativas de controle dos corpos e cabelos, não posso perder de vista a dimensão traumática que isso implica na vida das pessoas atravessadas por essas violências. No caso de minha sujeita, há um tipo de regulação de sua aparência que implica na tentativa de branquear sua estética tanto por meio das roupas que usaria ou ainda sobre seus cabelos, tudo isso para que se tornasse mais palatável ao olhar do “eu branco”. Porém, ainda quando se submetia às diversas normas sociais para caber nos ideais de feminilidade e racialização, o que lhe obrigava a alisar os cabelos e buscar mantê-los longos, Marly nunca viria a ser efetivamente branca e muito menos poderia fazer parte de maneira completa dessa branquitude.

Os efeitos de ser relegada a um lugar de não pertencimento são caríssimos para esta mulher. Como no caso de Simone Biles, que teve sua aparência questionada por não caber nas normas brancas de um cabelo suficientemente alinhado, Marly também teve de enfrentar processos semelhantes apesar de todos os seus esforços em manter-se alinhada. Por este motivo, entender o racismo cotidiano enquanto um mantenedor da colonialidade é fundamental para um avanço nas discussões sobre o trauma proveniente dessas diferenciações hierarquizantes.

Grada Kilomba argumenta ainda que o processo do racismo cotidiano implica em uma não superação da mentalidade colonial. A branquitude ainda hoje pratica de maneira desenfreada a exclusão, depreciação da aparência física de sujeitos negros e não brancos em geral enquanto reforça a própria dinâmica da estereotipagem no que diz respeito ao olhar primitivo que se vincula a aparência desses sujeitos ao longo do tempo. A autora é categórica em dizer que o racismo vivenciado no cotidiano gera danos psicológicos e explica como o trauma atua nos indivíduos:

¹⁶⁰ Sobre isso é interessante trazer o pensamento de María Lugones novamente pois a autora nos lembra que o sistema de gênero colonial não concebe e nem deseja aceitar outras formas de existência que escapem a heteronormatividade e a própria binariedade que se faz presente na constituição dessas relações. Nesse sentido, eliminar a compreensão da multiplicidade de expressões de gênero - que inclusive existiam antes da colonização, e ainda persistem em muitas das sociedades indígenas e africanas atuais - é primordial na modernidade, porque assim, ainda é possível fazer a manutenção das dualidades antagonizantes e permanecer diferenciando “normais” de “anormais”, ou mesmo “civilizados” de “primitivos”. Para maior aprofundamento ver: LUGONES, María. Colonialidade e gênero. in: **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda, Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

Analicamente, o trauma é caracterizado por um evento violento na vida do sujeito “definido por sua intensidade, pela incapacidade do sujeito de responder adequadamente a ele e pelos efeitos perturbadores e duradouros que ele traz à organização psíquica”¹⁶¹

A autora analisa que o trauma colonial é um tipo de memória de grupo que não se permite esquecer pela branquitude. A cada momento em que os sujeitos são de alguma maneira invadidos em sua subjetividade e atacados a partir de suas características, este trauma é revivido, o que dificulta o processo de construção de uma identidade positiva de si. De certa maneira, o narcisismo branco e sua negação em relação a dimensão racial, dificultam o empenho de superar o próprio racismo e outros tentáculos que se articulam a ele enquanto marcadores de opressão, como é o caso do sexismo e do próprio sistema capitalista que também lucra com as insatisfações que cria em mulheres negras acerca de sua aparência. Dessa maneira, o racismo tem grande capacidade de se dinamizar, encontrando equivalentes simbólicos para representar negativamente os sujeitos negros e negras e ao mesmo tempo, fazer sua manutenção constante no cotidiano.

Kilomba também destaca um aspecto crucial dessa discussão: o trauma colonial raramente é abordado no contexto das violências raciais. Quando a autora rotula um evento enquanto traumático, ela se refere a uma experiência que implica em um ato de invasão inesperado e sobre o qual o sujeito violentado sofre com um tipo de choque que lhe deixa sem poder de reação. Parafraseando Grada, os próprios processos de escravização, o colonialismo e o racismo cotidiano, carregam uma dimensão de imprevisibilidade que afeta de forma extremamente prejudicial a autoestima desses sujeitos.¹⁶² Portanto, é primordial considerar aqueles que perpetuam essas quebras à subjetividade de pessoas pretas, neste caso, o outro branco.

A autora ainda lembra que os atos de irrupção ao corpo negro ou os comentários pejorativos, bem como, as violências raciais camufladas em tons de brincadeira são perturbadoras para as pessoas negras porque existe um teor irracional nesses atos de invasão e intromissão do “eu branco”. Isso os torna completamente incompreensíveis dentro de algum tipo de sentido, pois são atos tão injustificáveis que não chegam nem a ser considerados como

¹⁶¹ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. p.213-215

¹⁶² Ibidem, p.214

algo que esteja realmente ocorrendo. Dessa maneira, estes atos tornam-se completamente inesperados gerando um tipo de choque aqueles/aquelas que lidam com essa imprevisibilidade. Um exemplo disso é o ato do outro branco sentir-se livre para puxar os cabelos crespos de uma pessoa negra, ou ainda suas tranças, ou mesmo, sentir-se no direito de comentar sobre a aparência desses homens e mulheres mesmo sem sequer conhecer a pessoa que está abordando. Nessas situações o que fica subentendido é que existe algum tipo de direito do eu branco de ser, mais uma vez um invasor, enquanto, o corpo negro por sua vez, sempre estaria disponível a inspeção de terceiros.

II.3 Fantasias brancas, fetichismo e animalização do corpo da mulher negra: “então eu deixei de ser macaca, em são paulo, pra virar onça.”¹⁶³

“não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser. Fantasias que não nos representam, mas, sim, o imaginário branco.”
(Grada Kilomba)¹⁶⁴

À respeito da exotificação do corpo da mulher negra, adentro uma discussão que compõe o bojo desse processo de diferenciação, mas particularmente agora, além do olhar de exotismo gostaria de trazer novos elementos para serem refletidos. Para isso, trago um segundo autor para dialogar com Grada Kilomba a partir daqui, o teórico cultural Stuart Hall. Ao discutir questões acerca da cultura e da representação da diferença, o autor resgatou uma história muito famosa de uma mulher preta africana, o caso de Saartjie (ou Sarah) Barrtman, conhecida como a “Vênus Hotentote” ou mais recentemente apelidada de a “Vênus Negra”. Essa mulher foi levada para a Europa em 1810 ainda no início do século XIX e foi exibida regularmente por cerca de cinco anos em Londres e Paris, como se fosse um tipo de animal selvagem.¹⁶⁵

Hall explica que havia dois públicos muito interessados em Sarah, o público em geral que levava sua exposição enquanto um tipo de espetáculo e outro - composto pelas elites científicas da época, ou seja, os naturalistas e etnólogos - que viam no corpo daquela mulher,

¹⁶³ Trecho retirado da entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

¹⁶⁴ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. p.38

¹⁶⁵ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016, p.201-203

o lado “outro” e “coisificado” da mulher europeia. Sob esta ótica “mediram, observaram, desenharam, escreveram tratados eruditos, fizeram modelos e também moldes, de cera e gesso, e analisaram cada detalhe de sua anatomia, morta e viva.”¹⁶⁶

Retomando os relatos anteriores de dona Paixão destaco novamente a importância do comentário feito por seu colega quando a colocou num lugar de diferença que instiga o toque. Como o branco europeu desejou examinar Bartman, este amigo também se sentiu instigado a examinar esse “corpo diferente”: “Dá vontade de tocar na tua pele, de tocar no teu cabelo”, ou mesmo “você tem uma beleza que eu desconhecia.”, “porque é algo diferente”¹⁶⁷.

Lembro que quando ouvi sobre essa memória e a transcrevi posteriormente, honestamente me perguntei: O que será que este amigo esperava encontrar ao tocar na pele de uma mulher negra ou mesmo em seus cabelos? Ou pior, por que seu corpo foi posto enquanto objeto instigante de contato para este homem? Stuart Hall discute a respeito dos processos de racialização do outro e a criação de um fetichismo quando discute a história de Sarah, neste sentido, através dessa reflexão, fui me deparando com uma construção ainda mais complexa da diferença racial e sexista que se inscreve nos corpos de mulheres negras pelo olhar do branco invasor:

O fetichismo nos leva para o reino onde a fantasia intervém na representação; para o nível no qual aquilo que é mostrado ou visto na representação só pode ser entendido em relação ao que não pode ser visto, ao que não pode ser mostrado. O fetichismo envolve substituir por um "objeto" uma força perigosa e poderosa, mas proibida.¹⁶⁸

Hall argumenta que o fetichismo opera na dimensão da fantasia num jogo entre o que ficaria visível e invisível no discurso. Assim sendo, é importante considerar que para além do que está sendo exibido também existe uma outra dimensão que está em oculto inscrita no que foi dito. O fetichismo atua de forma regular um olhar de tipo específico sobre os povos não brancos e um outro direcionado aos europeus. Um exemplo disso é a própria imagem construída historicamente por meio das representações coloniais a respeito dos povos africanos e

¹⁶⁶ Ibidem, p.203.

¹⁶⁷ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

¹⁶⁸ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016, p.206.

indígenas. Fortaleceu-se ao longo do tempo uma ideia “exótica” de que estes povos são selvagens e primitivos.¹⁶⁹

Stuart Hall traça uma linha histórica sobre o processo de construção das representações raciais acerca dos africanos e pessoas negras.¹⁷⁰ O autor destaca três momentos em que, à serviço do poder, o racismo foi instrumentalizado para exploração e dominação dos povos. Primeiramente, o autor fala do contato inicial e da própria escravidão quando o encontro entre um e outro resultou no tráfico transatlântico. A partir dali paulatinamente foram estabelecidos os primeiros estereótipos raciais que justificariam a hierarquização entre povos, bem como a dicotomia entre civilizados e incivilizados.

Fincados os primeiros aportes produtores da legitimação da escravidão negra que opunha civilizados e incivilizados, o segundo momento diz respeito ao colonialismo e ao próprio imperialismo. O processo de colonização que dividiu e controlou milhares de sujeitos nos territórios africanos e consolidou a imagem de periculosidade e primitivismo sobre esses povos.¹⁷¹ Neste caso, além do racismo ser uma ferramenta de exploração para dominação econômica, passa a ganhar significados que permitem a submissão dos povos não europeus à uma subjugação moral.

Posteriormente Hall fala de um terceiro momento que é o contexto pós Segunda Guerra Mundial. O autor trata do processo de imigração desses sujeitos que passam a representar um novo desafio para as sociedades ocidentais que precisam lidar agora com este outro racializado. Neste sentido, o racismo dinamiza-se e ganha ares modernos muito mais dissimulados. Seja como um bem comercial ou mesmo ou como um tipo de estratégia de reforço da desumanização ou ainda a partir das teorias racialistas, ele é utilizado enquanto uma maneira de legitimar as práticas coloniais e a própria relação racial hierarquizante¹⁷².

A teoria racial aplicava a distinção cultura/natureza de forma diferente para os dois grupos racializados. Entre brancos, "cultura" opunha-se a "natureza". Entre os negros, aceitou-se que "cultura" coincidia com a "natureza". Enquanto os brancos desenvolveram a "cultura" para subjugar e superar a natureza, para os negros, "cultura" e "natureza" eram permutáveis. P.168

¹⁶⁹ Ibidem, p.162

¹⁷⁰ Ibidem, p.161- p.164

¹⁷¹ Ibidem, p. 162

¹⁷² Ibidem, p.162- p.166

Os estereótipos vinculados ao corpo físico entrelaçaram o social e o biológico. Quando Hall explica sobre a maneira como as diferenças foram se mesclando à uma identidade corporal traz uma perspectiva importante que é fazer entender que a biologia foi utilizada não somente para explicar as diferenças sociais, mas também e primordialmente, para neutralizá-las. Quando Baartman é reduzida a seu corpo isso é feito para torná-lo a própria evidência da diferença. Assim, ele se tornou a prova incontestável da distinção racial que era imaginada por aqueles que tentavam justificar sua superioridade europeia.

Um dos elementos mais instigantes sobre a questão de como se produziu a desumanização e exotificação desta mulher tem a ver justamente com a maneira como se fetichiza e fantasia-se uma diferença irreal sobre o corpo dela em relação ao corpo das mulheres brancas e, ao mesmo tempo, se atribui algum tipo de fundamento ilógico que justificaria essa diferença. O elemento utilizado para provar que existe uma discrepância entre ela e as outras é justamente o seu corpo que tornar-se a prova circunscrita e cravada de que ela não é igual às mulheres que este europeu vislumbrava enquanto mulher.

Apesar de Sarah Baartman e Marly Paixão estarem distantes temporalmente, a primeira, agrega a essa discussão enquanto um exemplo histórico da construção do fetichismo racial no século XIX, enquanto a segunda, explicita uma continuidade desse processo anterior, que assume novas roupagens ajustadas aos dias atuais e remodeladas conforme a dinamicidade do racismo no tempo presente. Sarah vivenciou a exotificação no seu extremo e seu caso é a personificação desse confinamento corporal negro às normas do racialismo europeu. Já Paixão experimentou processos de exotismo do seu corpo a partir da sutileza característica do racismo no século XXI.

Com isso em mente é necessário entender que a beleza de Marly para o outro branco se inscreveu enquanto diferente em relação a outra, aquela que é considerada a beleza ideal e normativa. Apesar do colega olhar para ela por um viés de admiração, o que evita o conflito racial direto, de toda forma está subscrito no seu discurso a diferenciação. Sem ofendê-la diretamente, ainda assim, foi possível diferenciá-la racialmente. Consequentemente, passa a existir uma ligação ambígua entre a admiração e o próprio fetichismo que se inscreve por detrás destes comentários.

Ou seja, apesar de sugerir que os olhares direcionados à dona Marly possam não ser discriminatórios, mas de encantamento, a linha pode ser muito mais tênue, no sentido de que o

elogio feito a ela se constitui a partir de uma tensão racial. O que está em jogo aqui é a relação complexa existente entre o que é dito, que direciona um olhar de reconhecimento de sua beleza, e o que não é dito, que envolve processos de exotificação do corpo negro e que, de certa maneira, são escamoteadas pelo discurso positivo acerca da sua aparência.

O corpo de Baartman é extremamente importante neste debate quando evidencia que a diferenciação só existe no olhar deste outro branco que fantasiou essa imagem sobre ela. Dessa maneira o que mais torna-se instigante na verdade é observar como este “eu europeu” constrói suas imagens sobre essa discrepância e para além disso, o caráter obsessivo que isso ganha quando são capazes não somente de expor Saartje como um animal mas tratá-la desta maneira. Hall explica:

Primeiro, observe a preocupação - poderíamos dizer a obsessão - com a marcação da "diferença". Saartje Baartman tornou-se a personificação da "diferença". Além do mais, a diferença foi patologizada", isto é, representada como uma forma patológica de "alteridade". Simbolicamente, ela não se encaixava na norma etnocêntrica aplicada às mulheres europeias e, estando fora de um sistema classificatório ocidental sobre como são "as mulheres", ela teve que ser construída como "Outro".¹⁷³

Hall ainda vai mais longe quando explica sobre a patologização do corpo de Sarah e a redução do seu “ser” à sua “natureza” que é algo que já vimos anteriormente no debate feito por Sueli Carneiro e a sua discussão do caso brasileiro - da construção do ser negro como um não ser ¹⁷⁴ -, ou mesmo por Grada Kilomba ao falar do caso das afro-alemãs e afro-estadunidenses em relação aos episódios de racismo cotidiano¹⁷⁵. Nesse sentido, o corpo é constituído enquanto significante e uma prova da diferença fantasiada pelo branco europeu. “Este foi “lido” como um texto, como evidência real - a prova, a verdade - de absoluta “alteridade” e, portanto, de uma diferença irreversível entre as raças”.¹⁷⁶

Saartje Baartman não existia como "pessoa". Ela foi desmontada em partes relevantes, foi "fetichizada" - transformou-se em um objeto. Esta substituição do todo pela parte, de um sujeito por uma coisa - um objeto, um órgão, uma parte

¹⁷³ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016, p.203-204.

¹⁷⁴ CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 278f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

¹⁷⁵ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

¹⁷⁶ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016, p.204.

do corpo, é o efeito de uma prática representacional muito importante, o fetichismo.¹⁷⁷

Confesso que para mim é até assustador perceber que alguns dos elementos que balizam a construção da exotificação e fetichismo da história de Saartjie na Europa do século XIX, de alguma maneira permanecem enquanto elementos constituintes de um olhar diferenciador e fetichizado, no discurso do colega de minha colaboradora. Por fim, a beleza da Paixão poderia até ser reconhecida, no entanto, somente dentro do âmbito de exotificação. Por este motivo, Marly era vista enquanto novidade, um “outro” que geralmente não é admirado e quando finalmente consegue ser, recai no lugar de diferença porque, na visão do “eu branco” constitui-se de forma antagônica ao padrão normativo.

O olhar do “eu” branco direcionado ao corpo do “outro” negro é uma forma de produção da diferenciação e também reflexo da tentativa de controle e dominação. Enquanto Sarah Baartman é uma expressão extrema do fetichismo, no caso de dona Marly, o fetiche aparece de forma muito mais sutil, mas ainda assim, está presente. A pele preta de Marly e os seus cabelos crespos instigaram o outro branco enquanto partes de um corpo que gerou curiosidade pelo exotismo criado no imaginário desse colega branco.

II.4 Resistência frente a animalização do corpo negro: memórias de um corpo que assusta

Quando eu cheguei em Manaus, quando papai veio pra cá, eu já ali com uns quinze anos, vim com catorze e fiz quinze aqui, eu comecei a me questionar:

‘- Quem sou eu de verdade?’.

E aqui foi pior ainda porque aqui eu não era nada, eu era a onça né, quando eu passava falavam: ‘- Olha a onça preta, olha a onça preta!’ E eu pensava: “O que diacho é esse negócio de onça, e por que onça? Aí o papai veio me dizer:

‘- É porque aqui existem onças pardas, onças pintadas e a onça negra.’

Então eu deixei de ser macaca, em São Paulo, pra virar onça, né.

*E aí veio aquela coisa “- Nossa, onça é mais legal, não é, pelo menos a onça é forte.”*¹⁷⁸ (Grifo meu)

¹⁷⁷ Ibidem, p.205.

¹⁷⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

Anteriormente, mais precisamente no primeiro capítulo, discuti a dimensão do estabelecimento da anormalidade¹⁷⁹ enquanto um dos braços mais importantes da construção da diferença. Isto posto, cabe a alguém que tem o poder de definir-se enquanto “normal” também dar significado aos sujeitos postos enquanto “anormais”. Em um dos nossos encontros, mais precisamente o segundo, Marly trouxe outros elementos que também podem ser pensados a partir deste olhar. A memória acima escancara outra fase do exotismo, talvez inclusive como um desdobramento dele. Apesar do tratamento recebido em Manaus ter similaridades quando comparado aos processos vividos em São Paulo, aqui ela denuncia outro tipo de abordagem e dinamicidade do racismo.

A partir de Stuart Hall entendo que as imagens de inferiorização dos corpos negros não são somente um arcabouço imagético, mas são além disso, comportamentos, práticas sociais que visam a manutenção das estruturas formadas e mantidas ao longo do tempo¹⁸⁰. Seguindo com esse entendimento acerca da exotificação chego ainda numa outra configuração dessa violência. A construção dos sujeitos negros também se dá por meio de um olhar animalizado. Esta é mais uma das bases nas quais se sustenta o próprio racismo e que continua gerando prejuízos incalculáveis inclusive de ordem psicológica a negros e negras, já vimos isso postulado por Grada Kilomba a partir da discussão do “trauma colonial”.¹⁸¹

Marly foi animalizada duas vezes, primeiro enquanto macaca e segundo enquanto onça preta. Sua memória expõe um dinamismo muito característico do racismo à brasileira que vai se configurando enquanto uma violência sistemática e estrutural atinge esta mulher em qualquer um dos lugares por onde circulou, mas assume singularidades a depender da localização geográfica. Como atesta Kilomba o passado colonial se materializa e se finca no presente a partir do trabalho constante desses episódios de racismo que são experienciados de forma corriqueira,¹⁸² porém isso não os torna menos violentos ou menos devastadores para as pessoas que precisam lidar com ele. Ao chegar na cidade, Marly novamente enfrenta um processo de se entender, na realidade de primeiro se perder e então fazer uma busca por quem ela seria dali em diante:

¹⁷⁹ SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Caso necessário retomar tópico 1. 1 O peso da diferença: Memórias de infância entre Guaianazes e Belenzinho (SP), uma discussão sobre a construção do feminino na infância negra.

¹⁸⁰ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016, p.216-217

¹⁸¹ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.213-215

¹⁸² Ibidem.

Quando eu cheguei em Manaus, quando papai veio pra cá, eu já ali com uns quinze anos, vim com catorze e fiz quinze aqui, eu comecei a me questionar:

‘- Quem sou eu de verdade?’

E aqui foi pior ainda porque aqui eu não era nada, eu era a onça né, quando eu passava falavam: ‘- Olha a onça preta, olha a onça preta!’ E eu pensava: “O que diacho é esse negócio de onça, e por que onça? Aí o papai veio me dizer:

‘- É porque aqui existem onças pardas, onças pintadas e a onça negra.’

Então eu deixei de ser macaca, em São Paulo, pra virar onça, né. .¹⁸³

No processo histórico de racialização do corpo negro diversas imagens corroboraram para certos constructos que ainda hoje permanecem fixados a respeito das pessoas pretas. Estes, por sua vez, implementados ao longo do tempo, mesmo pós-abolição, evidenciam uma continuidade e não superação desses estereótipos. Digo isso, sobretudo no que diz respeito ao olhar animalizado que foi direcionado à dona Marly. Ela sofreu violências raciais em São Paulo que explicitam diretamente as concepções que este outro branco carrega sobre os sujeitos negros, um olhar que os vê enquanto inferior a ponto de compará-los a um primata.

A história de como o “macaco” animal foi paulatinamente sendo vinculado aos corpos pretos é muito mais antiga do que se pensa e ao mesmo tempo muito mais atual do que eu gostaria que fosse. A representação do corpo negro vinculado a um conceito primitivo de “tipos humanos” é um processo tratado por Hall onde o autor identifica o início dessas representações a partir dos séculos XVI quando ocorre o contato entre europeus e africanos¹⁸⁴. O processo de choque que movimentou o mercado de escravos também teve um grande papel em fixar estereótipos raciais que justificassem a prática de exploração dessa mão de obra escrava.

Hall explica que a demonização expressa no apelido “macaco” possui raízes fortalecidas em discursos religiosos e também científicos,¹⁸⁵ evidenciando a ligação que é feita entre os povos africanos à referência bíblica dos descendentes de Cam, filhos de Canaã, que é utilizada para dizer que o natural seria que estes primeiros deveriam realmente ser “servos dos servos”. Isso deveria ocorrer em virtude da maldição direcionada a este personagem bíblico e sua prole. O interessante de tudo isso é que essa justificativa irreal que visa fixar uma ideia de

¹⁸³ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

¹⁸⁴ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016, p.161- 162

¹⁸⁵ Ibidem.

inferiorização de africanos e de sua posteridade ainda é uma concepção utilizada nos dias de hoje, inclusive sendo expressadas publicamente por alguns políticos brasileiros.

Em 2013, foi publicada em uma rede social por um determinado parlamentar brasileiro que também se auto intitula pastor, uma postagem em que escreveu: “Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é polêmica...”.¹⁸⁶ E ainda disse mais: “sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids. Fome...”¹⁸⁷ O imaginário deste senhor parece dizer muito mais sobre o contexto social e suas concepções do que sobre o próprio continente africano e àqueles que descendem destes povos. Mas é um exemplo importante de ser resgatado para auxiliar na reflexão dos usos dessas imagens e sua capacidade de permanência mesmo após séculos de distância de onde vieram essas concepções.

Rememoro que esse foi um processo gradual. Paulatinamente africanos passam a ser entendidos enquanto pertencentes a um patamar mais baixo na hierarquia racial. Posteriormente, a justificativa teológica ainda encontrou uma base na ciência da época, sobretudo a partir do iluminismo que passa a caracterizar o que seriam sociedades evoluídas e civilizadas e diferenciá-las das outras primitivas e bárbaras. Inclusive, Georges Cuvier, naturalista e zoologista francês foi um dos primeiros a nomear os africanos de “tribo de macacos”. Além disso, ainda no século XIX a partir da exploração europeia e a colonização, o continente africano passa a ser considerado enquanto encalhado e historicamente abandonado.¹⁸⁸

O apelido “macaco” vem carregado de todos esses simbolismos que alimentam a memória colonial no tempo presente e levam Marly novamente ao lugar de questionamento sobre quem ela é. O efeito de ser animalizada primeiro enquanto macaca e depois enquanto onça lhe gera vergonha e a confunde sobre suas percepções de si. Kilomba fala sobre o quão violento é este processo irracional do racismo na psiquê dos sujeitos negros, pois as

¹⁸⁶Ver: Deputado federal diz no Twitter que africanos descendem de ancestrais amaldiçoados. UOL Notícias, 31 mar. 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/03/31/deputado-federal-diz-no-twitter-que-africanos-descendem-de-ancestral-amaldiçoado.htm>. Último acesso em 25 de agosto de 2024.

¹⁸⁷ Aparentemente para este senhor o problema de África não foi a colonização, nem o colonialismo e muito menos os avanços imperialistas. Ver: Deputado federal diz no Twitter que africanos descendem de ancestrais amaldiçoados. UOL Notícias, 31 mar. 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/03/31/deputado-federal-diz-no-twitter-que-africanos-descendem-de-ancestral-amaldiçoado.htm>. Último acesso em 24 de agosto de 2024.

¹⁸⁸ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016, p.162

justificativas para a inferiorização a animalização sendo completamente incabíveis colocam o/a negro/a num lugar de incompatibilidade e estranheza consigo mesmo/a.

Nessa direção, além de discutir os danos psicológicos do tratamento racista na autoestima de mulheres negras é necessário perceber esses episódios no centro do debate sobre colonialidade e as permanências que se interpõem no comportamento de pessoas brancas ainda nos dias de hoje. Marly viveu um processo doloroso que reinventa a violência de bases coloniais, isto é rememorado constantemente por meio do comportamento do outro branco quando reforça a ideia de estrangeirismo, exotificação, primitivismo e animalização que está inscrita nos atos invasivos direcionados a sua aparência. Como atesta Kilomba “o passado colonial foi “memorizado” no sentido de que “não foi esquecido” e nem se pretendeu esquecer mas remodelou-se¹⁸⁹.

A ideia de "plantação" é, além disso, a lembrança de uma história coletiva de opressão racial, insultos, humilhação e dor, uma história que é animada através do que chamo de episódios de racismo cotidiano. A ideia de "esquecer" o passado torna-se, de fato, inatingível; pois cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que na verdade são parte de um presente irracional. Essa configuração entre passado e presente é capaz de retratar a irracionalidade do racismo cotidiano como traumática.¹⁹⁰

As memórias de como o corpo, a pele e os cabelos de minha colaboradora eram vistos pelo outro branco trazem novas perspectivas sobre o dinamismo das relações raciais e seus prejuízos. Mas Paixão ainda vai além comparando as duas experiências de animalização e elencando aquela que de certa maneira teria sido mais traumática. Na sua reinterpretação o tratamento vivenciado em Manaus podia ser ainda pior quando omparada a uma onça. Com o bem disse, ela não era nada, ela era a onça preta. E eu retorno para o seu questionamento desejando entender os significados sociais desse último apelido: “o que diacho é esse negócio de onça, e por que onça?”¹⁹¹ Apesar do animal ter mudado o teor depreciativo era o mesmo e continuou sendo devastador para ela. Deixar de ser macaca para virar onça diz respeito a essa continuidade da violência racial que independe da localização apesar de haver especificidades desse racismo no cotidiano manauara. Mas Marly joga com tudo isso de outra maneira:

¹⁸⁹ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. p. 213

¹⁹⁰ Ibidem.

¹⁹¹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

*E aí veio aquela coisa “- Nossa, onça é mais legal, não é, pelo menos a onça é forte.”*¹⁹² E até hoje eu tenho essa coisa com a onça, eu amo as onças e isso começou a me dar poder. Então se é pra ser a onça eu vou ser a onça, mas eu vou lutar por aquilo que eu gosto, por aquilo que eu quero, vou lutar pra ser eu.¹⁹³
(Grifo meu)

Marly opta por ressignificar a onça positivando a imagem do animal e abraça essa identidade enquanto símbolo de força e resiliência. É nesse momento que sua narrativa se modifica. A colaboradora utilizou de uma estratégia de resistência quando subverteu as conotações negativas que lhe foram direcionadas através dos apelidos. Nesse sentido, ela encontra poder nessa nova identidade, apoderasse dela e na recusa de ser vista enquanto um “não ser”, assume uma luta pela busca do reconhecimento e respeito. Esse virada lembra o que Pollak¹⁹⁴ sugere sobre o processo dinâmico da identidade e o trabalho contínuo de negociação entre as memórias construídas à âmbito pessoal, mas também dentro da coletividade.

Stuart Hall explica que as representações não seriam apenas reflexos do mundo, mas sim o próprio lugar onde se constroem esses significados¹⁹⁵. Apesar de haver um deslocamento de “macaca” para “onça” que visa a manutenção da violência simbólica, Paixão se reapropriou deste animal reconfigurando as imagens impostas e enfrentando o estereótipo que tinha o intuito de desumanizá-la e inferiorizá-la. Assim, se coloca num lugar que ela mesma estabeleceu, um lugar de força, de enfrentamento.

¹⁹² Ibidem.

¹⁹³ Ibidem.

¹⁹⁴ POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. P.5

¹⁹⁵ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016.

CAPÍTULO III O PODER DA AUTODEFINIÇÃO: UM CAMINHO DO CABELO IDEAL PARA O CABELO REAL

Patricia Hill Collins, uma das principais teóricas do feminismo negro, desenvolveu o conceito de autodefinição¹⁹⁶ como um elemento central para a resistência e a emancipação das mulheres negras. Essa concepção é importante para entender como sujeitas, historicamente marginalizadas e estigmatizadas, buscam reapropriar suas identidades e narrativas, rompendo, ou mesmo, ressignificando, as definições impostas por uma sociedade racista e sexista. Para isso a autodefinição é primordial porque as imagens de controle e estereótipos negativos propagados historicamente – como o da "mãe negra controladora" ou da "mulher negra hipersexualizada" – são geralmente utilizados como validadores das condições desumanizadoras que recaem a estas mulheres. Nesse sentido, para enfrentar a opressão e a exclusão social é necessário que estas possam se autodefinir, pois, ao fazerem isso, estariam não apenas rejeitando essas representações, mas afirmando sua agência, autonomia e um lugar possível para si no mundo.

Dentro do feminismo negro a autodefinição está intrinsecamente ligada a interseccionalidade, especialmente porque as vivências de mulheres negras são moldadas por formas múltiplas de opressão. Nessa direção, são oprimidas pelo racismo, sexismo e pelo próprio capitalismo que se imbricam de forma ampla e complexa. Portanto, a autodefinição também é, além de uma busca por uma identidade pessoal, um posicionamento político e social. A partir desse entendimento, quando Marly partilha acerca de sua história de vida a partir de uma memória que confronta as dinâmicas de poder que a oprimem, também está reivindicando o protagonismo para si.

Neste capítulo trato de uma parte do caminho vivido pela colaboradora que implica justamente no seu processo de busca por uma autodefinição. A luta para superar ou ao menos circular de forma mais independente em relação ao emaranhado de estereótipos vinculados a sua cor de pele, tipo de cabelo, dentre outros marcadores de estereotipagem acerca das mulheres negras. Para essa discussão, além de Patricia Hill Collins, permaneço em diálogo com Grada Kilomba¹⁹⁷ e trago outros trabalhos que são pertinentes para refletir sobre essa tomada de consciência e posicionamento em direção a constituição desse “eu” de maneira ativa.

¹⁹⁶ COLLINS, Patricia Hill. **O poder da autodefinição**. In: COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*. São Paulo, 2019.

¹⁹⁷ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

III. 1: Memórias de silêncios compartilhados entre mães e filhas

Antes eu sofria, sabe. Você já assistiu “Felicidade por um fio”? Eu era a mulher do “Por um fio” tá? Eu dormia de *bobby* no cabelo, eu dormia com coisas no rosto, pra eu acordar linda. Acordava de madrugada, tirava os *bobbys* pro meu marido acordar e falar “Nossa, que mulher linda” e a estética foi mais ou menos isso na minha vida. Hoje não, hoje tem dias que se eu quero acordar descabelada eu acordo. Tem dias que eu acordo com Maria Chiquinha, tem dias que eu acordo com uma trança de cada lado. Então, hoje eu já me sinto à vontade sendo eu mesma, do meu jeito.¹⁹⁸

Marly me contou que se sentia representada por uma personagem afro-americana de um filme lançado na plataforma de *streaming* “*netflix*”, em 2018. Essa obra cinematográfica foi inspirada no livro de Trisha R. Thomas¹⁹⁹, sob o título de “*Nappily Ever After*”²⁰⁰ que inclusive nomeia também o filme. Na tradução brasileira, ele recebeu o título de “Felicidade por um fio” e sua história trata da relação de uma mulher com os seus cabelos no contexto norte-americano. Sob indicação da colaboradora em nossa segunda entrevista eu o assisti e novamente em nosso terceiro encontro Paixão comentou sobre ele estabelecendo uma relação entre a sua história e a da personagem principal.

Este longa metragem conta a história de uma publicitária afro-americana chamada Violet Jones, que vive na cidade de Atlanta nos anos 1990. Ela é interpretada por uma atriz norte-americana chamada Sanaa McCoy e neste filme a personagem apresenta uma excessiva preocupação com seus cabelos crespos numa busca incessante pelo cabelo liso perfeito, essa procura ocorria porque ela necessitava estar sempre muito bem arrumada nos lugares que circulava. Sua vida foi de certa forma moldada e definida desde a infância pela busca de domar seus fios crespos, um ensinamento aprendido quando pequena que se tornou um hábito e que se intensificou na vida adulta.

¹⁹⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 01 de maio de 2023 (Entrevista 3 de 3)

¹⁹⁹ Trisha R. Thomas é uma escritora afro-americana nascida na Califórnia, EUA. Ela trabalha com temáticas sociais, raciais e identitárias em suas obras de ficção, além de ser palestrante e defensora da literatura afro-americana. Seu livro com titulação original em inglês “*Nappily Ever After*” inspirou o filme citado acima por Marly que possui o mesmo nome.

²⁰⁰ Ver: Felicidade por um Fio (*Nappily Ever After*) Direção: Haifaa Al-Mansour. Estados Unidos: Netflix, 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 03 out. 2024.

O título deste tópico foi dado partindo de uma reflexão sobre as memórias que são compartilhadas entre mães e filhas negras e faz alusão ao que aparece na narrativa que Marly compartilhou comigo, bem como, ao próprio tema do filme dirigido pela diretora Haifaa Al-Mansour. Esta última é uma cineasta da Arábia Saudita, que foi inclusive a primeira mulher saudita a tornar-se diretora de cinema. Os trabalhos de Haiffa sempre têm por característica um olhar aguçado para as questões sociais em diversos contextos. E neste caso, ao construir seu enredo baseado na trajetória capilar da senhorita Jones, a diretora expôs diversas nuances da vivência de uma mulher afro-estadunidense cujos cabelos se tornaram elemento fundamental em sua vida para encarar o mundo do “eu” branco.

Para “domar” os fios, Violet Jones contava com a participação de sua mãe, Paulette Jones, que é interpretada pela atriz Lynn Whitfield. Ela tem um papel central na vida da personagem por ser aquela que a ajudava a moldar este cabelo liso ideal mesmo que a senhorita Jones não conseguisse nem compreender a necessidade disso à princípio. Violet não conseguia entender porque as crianças brancas poderiam viver felizes sem se preocupar tanto assim com a aparência e ela, por sua vez, precisava receber tratamento tão rigoroso na hora de se “arrumar”. O filme retrata sobre esse rigor experienciado pela personagem e a importância que os cabelos assumem para ela e sua mãe, mulheres afro-estadunidenses que contam histórias cheias de significados sociais fundamentais para a própria socialização e sobrevivência de mulheres negras no mundo dos brancos.

A jornada de Violet é extremamente interessante em si mesma porque expõe as dinâmicas relacionais do racismo e do próprio sexismo da sociedade norte-americana, mas a película ganha ainda mais significado neste caso, porque Marly Paixão estabelece um elo entre a sua própria história e a história desta personagem. Existem motivos fortes para que minha colaboradora rememore esse filme ao contar sobre a sua trajetória. A identificação foi tamanha que chegou a dizer que era a própria Violet. Dessa maneira, narrar sobre essa mulher também foi um dos meios que Marly encontrou para contar e explicar sobre sua própria vida e a sua relação com seus cabelos.

Dona Marly também foi marcada pela busca do cabelo liso perfeito, que depois se tornou uma busca pela própria perfeição, tanto ela quanto a representação da mulher afro-estadunidense do filme, utilizaram os mesmos instrumentos alisadores como o pente quente, a chapinha, dentre outros métodos alisantes, e também viveram isso compartilhando segredos de sobrevivência com suas mães. Nessa direção, entendo que a figura materna para a colaboradora

é parte da trama que entrelaça suas memórias enquanto criança, adolescente, filha e até esposa, com a lida em relação aos seus cabelos. Se tem alguém na vida de Paixão que foi fundamental em todos os momentos difíceis de preconceito ou mesmo de violência racial, lhe prestando apoio e sendo seu suporte em diversos sentidos, esse alguém é dona Innocência Rodrigues da Paixão.

Dona Marly não me deu tantas informações sobre dona Innocência, a não ser as seguintes: sua mãe nasceu em Guapé - Minas Gerais e sempre foi dona de casa, este era seu trabalho, um ofício não remunerado, mas fundamental. A colaboradora compartilhou que na década de 1980 chegou a ser inspetora num colégio estadual da cidade, porém, em grande parte de sua vida foi a responsável pelo trabalho de cuidados da casa de seu filho e filhas. Marly dentre eles era a mais velha, sendo no total cinco meninas e um menino. Seriam sete se não fosse por um aborto espontâneo que sua mãe sofreu. Marly sempre evidenciou a importância e papel de sua mãe em sua vida, afinal costumava sentir que não era ouvida em suas necessidades e demandas, o que lhe colocava diante de uma sensação de não pertencimento, ao menos entre os brancos, porém isso não ocorria quando falava com dona Innocência, ela sempre a acolheu e orientou.

Dona Innocência teve um papel primordial em escutar e validar o sofrimento que Marly viveu desde a infância até a fase adulta. Além disso, ela foi aquela que prestou todo o suporte para a sua filha conseguir caminhar e, da maneira que fosse possível, também driblar as violências raciais. Nesse sentido, a escuta que propiciou para a colaboradora foi de extrema importância. Como nos lembra Kilomba, o ato de falar implica numa negociação que exige que tenha alguém ali, do outro lado, disposto a ouvir. E ser ouvido é ter sido, de certa maneira, autorizado a falar e saber que a escuta vai ocorrer de fato, além de ser um ato construído de forma dialética que também implica num reconhecimento do outro enquanto um ser, enquanto aquele que faz parte e que possui um espaço seguro para sentir-se pertencente. Dona Innocência foi aquela que ofereceu esse tipo de escuta a Marly.²⁰¹

O significado desta mulher para a colaboradora e também a relação que Marly estabeleceu entre os seus processos e o da personagem Violet, evidenciam uma prática compartilhada entre filhas e mães negras, aquela que diz respeito à confiança para a sobrevivência, um trabalho árduo destas mães que tem como objetivos não somente proteger,

²⁰¹ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. p. 41-46

mas abrir caminhos para suas filhas. Tanto as mulheres da vida real quanto as da representação viram a necessidade de ajustar seus cabelos ao que se esperava deles e por conta da busca pela adequação, o alisamento foi um processo vivido desde a infância até a fase adulta. Jones e Paixão foram meninas que estabeleceram uma relação prolongada com o ato de modificar a estrutura dos fios, um costume corriqueiro e naturalizado enquanto parte fundamental de seus cotidianos.

A busca pela aparência absolutamente impecável partiu também de uma tentativa de mostrar ao outro sua humanidade e evidenciar a partir dela que suas vidas também eram dignas de respeito. Os fios alinhados nas conformidades de um cabelo liso seriam a materialização do sucesso, da boa aparência e por fim de suas feminilidades além de validar suas belezas. O problema disso tudo é que seus cabelos e a busca desenfreada pela beleza ideal geraram na vida da personagem Violet, por exemplo, um tipo de obsessão que se tornou um fardo muito difícil de carregar e que tem estreita relação com o que já discuti aqui acerca do trauma a partir de Grada Kilomba.

Nas relações entre mães e filhas negras é necessário relembrar as exigências sociais que recaem sobre ambas. As filhas tornam-se de certa maneira o reflexo do sucesso ou do fracasso de suas mães. A história de Violet Jones que se passa em Atlanta em 1993 conta acerca da relação de uma mãe que é, como a própria senhorita Jones diz no filme, consumida pela necessidade de manter a sua filha “apresentável”. A figura desta mãe é essencial em sua história porque suas preocupações dizem respeito justamente às imposições sociais que afetam essa relação. Neste sentido, cuidar da aparência da menina Jones era cuidar de toda a sua família, de seu projeto pessoal para a filha e de si mesma, porque essa prole torna-se uma extensão desta mulher/mãe para a sociedade estadunidense.

A busca pelo cabelo idealizado para as filhas também trata de um cuidado que envolve a busca pela proteção, e que implica o papel assumido por estas mulheres/mães de serem aquelas que ajudam as suas meninas a arrumarem-se corretamente sabendo, por viverem a mesma experiência, qual o mundo que suas filhas teriam que enfrentar. A senhorita Jones foi ensinada desde muito cedo que o cabelo alisado era o cabelo ideal e sua mãe teve um papel fundamental nisso pois foi àquela que a auxiliou, para que conseguissem juntas, construir essa imagem por meio do alinhamento de seus cabelos. Com Marly não foi diferente, dona Inocência tinha todo um cuidado para que os produtos alisantes chegassem às suas mãos e Marly sempre ia arrumada para a escola.

O filme “Felicidade por um fio” começa com uma cena da pequena Violet receosa de entrar numa piscina porque seu cabelo que é crespo e estava alisado mudaria de forma quando fosse molhado, tornaria a ficar crespo. Por conta disso, sua mãe também não queria que ela entrasse na piscina, mas mesmo assim ela o fez. Quando Jones mergulhou, um garoto branco caçou dela pela maneira como seus cabelos ficaram quando foram molhados. Já na vida adulta, Violet busca a perfeição até quando acorda ao lado de seu namorado na cama. Ela levanta bem mais cedo que ele para se arrumar, faz sua maquiagem, alinha seus cabelos e faz tudo isso para que quando ele acorde a encontre bela, que é justamente algo que Marly também compartilhou que fazia com seu namorado/esposo.

Assim como na vida de Violet, os cuidados estéticos também tinham extrema importância para Marly. Ela mesma se auto definiu dessa maneira: “eu era a mulher do Por um fio”. Esse filme foi mencionado pelo menos duas vezes em entrevistas diferentes, a saber, na nossa segunda entrevista realizada em 2022 e também na terceira feita em 2023. Mesmo após um ano do nosso penúltimo encontro, o filme ainda ressoava em sua memória a ponto de ela novamente me falar sobre ele e ressaltar a identificação. Dessa forma, ao descrever essa estória compartilhou sobre o processo de idealização da mãe da personagem em relação aos cabelos da filha.

Tanto a mãe de Violet quanto a mãe de Marly tinham todo um cuidado com seus alisamentos. Dessa forma, a dimensão da maternidade e esta relação existente entre mães e filhas, também fala de processos específicos já que aqui trato de maternidades exercidas por mulheres pretas que criam crianças negras. A maternagem destas duas mulheres implicou na busca de proteger suas filhas da discriminação racial e da dificuldade que sabiam que suas meninas teriam ao acessarem os espaços enquanto crianças e depois, mulheres negras adultas.

No caso de dona Paixão percebo que desde quando ainda morava com dona Innocência em São Paulo haviam preocupações que se construíram entre as duas que eram voltadas para domar os cabelos de Marly e tinham bons motivos para se preocupar com isso. Dona Innocência sempre buscou proteger Marly da violência racial alisando seus cabelos porque, como já mencionado pela própria colaboradora, “era o jeito que ela tinha de lutar”²⁰². Quando a família

²⁰² Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

saiu do contexto paulista vindo para Manaus o foco nos cabelos não se modificou e a mãe de Marly teve papel fundamental para ajudá-la a encarar tudo isso:

Era tipo aquela coisa daquele filme: ‘Felicidade por um fio’, é aquilo ali retratado. Onde a mãe idealiza aquele cabelo liso pra filha. E a minha mãe tinha todo esse cuidado com os alisamentos. O produto que vinha de fora para alisar meu cabelo continuava vindo de São Paulo.²⁰³

Foi a mãe de Marly que teve de ouvi-la chorar ao sofrer as violências raciais direcionadas a filha e isto desde cedo. Também foi ela a responsável por tentar auxiliá-la com seus cabelos como Marly já apontou: “(...) minha mãe dizia ‘Olha, é por isso que eu preciso alisar teu cabelo, pra você não passar por isso.’”²⁰⁴ A colaboradora interpretou o ato de sua mãe enquanto uma maneira de amenizar o que ela passava nos ambientes, como um tipo de cuidado que visava protegê-la do racismo do outro: “E pra minha mãe o jeitinho dela lutar era esse “- Não, vamos alisar, vamos alisar de novo!””²⁰⁵

Trago essas questões pois entendo que dona Innocência da Paixão, mãe, dona de casa, mulher preta, teve papel primordial na vida da filha no sentido de ser aquela que deu todo o suporte para sua construção enquanto sujeita. Falar dela é falar daquela com quem a senhorita Paixão tem um elo que fundamentou a maneira como se constituiu enquanto sujeita. Durante nossas entrevistas a família da colaboradora sempre se mostrou essencial, porém, contar com o apoio desta figura materna tem uma relevância de caráter muito específico para minha entrevistada.

A palavra “mãe” apareceu ao menos setenta e quatro vezes no discurso de dona Marly e ganhou significados profundos que entrecruzam suas memórias de infância, adolescência e também a fase adulta. Sempre que a colaboradora rememorou os episódios vivenciados em circunstâncias que envolviam de alguma maneira sua mãe, geralmente esses relatos apareciam entrelaçados às suas questões capilares, pois seus cabelos sempre foram cuidados por ela. Muitas vezes, os enfrentamentos em relação às questões raciais se dava de maneira dual porque ambas tinham que enfrentar juntas essas violências. Nesse sentido, a mãe da minha entrevistada

²⁰³ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

²⁰⁴ Ibidem.

²⁰⁵ Ibidem.

apareceu em suas memórias nos momentos em que ela mais precisou de acolhimento, de forças e também de diretrizes de vida.

Dona Innocência além de responsável pelos cuidados capilares de Marly também trabalhou a vida inteira como dona de casa tendo de dar conta de todas as demandas de sua família. Ela quem fazia os penteados, quem fez suas “chuquinhas” que pareciam “as orelhinhas do Mickey.”²⁰⁶ Era também a senhora Paixão quem colocava o laço de fita branco nos cabelos da filha quando estavam alisados na tentativa de enfeitá-la e deixá-la ainda mais arrumada, além de ser a mediadora dos conflitos vividos pela menina Marly Paixão.

Mães e filhas tinham que lidar juntas com as violências raciais cruzando a linha tênue entre a busca pela proteção e ao mesmo tempo adequação às pressões estéticas impostas às suas crianças. Nesse sentido, o meu foco se centra aqui na relação entre elas e o papel desta mãe na memória de minha colaboradora, bem como os possíveis cruzamentos que entrelaçam essa história à da personagem do longa metragem.²⁰⁷ O filme citado por Marly conta sobre esse tipo de relação, aquela entre mães e filhas racializadas. A própria colaboradora viu similaridades na idealização que a senhora Jones criou para a filha Violet e a maneira como sua mãe se preocupava em manter seus cabelos alinhados. Nesse sentido, o cabelo alisado ideal se tornou, tanto no filme quanto fora dele, um reflexo da vida que estas mulheres pretas procuravam para suas famílias, uma vida em que sua prole pudesse ser respeitada.

Ao mesmo tempo que as mães buscavam construir imagens positivas para si e para suas meninas, elas também tiveram que encarar a dura responsabilidade de prepará-las para um mundo que as discrimina. Portanto, quando Marly adiciona à sua história o protagonismo de Violet enquanto uma figura com a qual se identifica, traz outros personagens para compor sua narrativa que auxiliam na compreensão de suas próprias vivências por meio da ficção.

Assim como Violet, Paixão também foi ensinada por sua mãe desde criança a buscar um cabelo que fosse a personificação da beleza, higiene e alinhamento, não necessariamente por causa dessa figura materna, mas da branquidade estadunidense que impunha isto enquanto

²⁰⁶ Ibidem.

²⁰⁷ Para essa discussão dialogo com os estudos sobre maternidade e a representatividade de mulheres negras para sujeitas como Marly. Para maior aprofundamento ver: BAÍA, Luara Paula Vieira. **Maternidade tem cor?: vivências de mulheres negras sobre a experiência de ser mãe**. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2020. Ver também: MACHADO, Nealla Valentim; COELHO, Tamires Ferreira. **Maternidades negras e fuga das imagens de controle no jornalismo brasileiro**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2020.

norma para sua circulação nos espaços. No entanto, eram essas mulheres que ajudavam as filhas a se enquadrar neste mundo que conflitava com elas. A partir das problematizações postas pela pesquisadora Luara Paula entendo que o “ser mãe envolve uma série de outros fatores que estão em dimensões sociais, culturais, psíquicas etc, ou seja, tornar-se mãe parte de uma série de questões como: desejo, controle, pressões sociais, entre outras”²⁰⁸ e portanto, uma maternidade negra implica ainda em preparar os/as filhos/as para lidar com o racismo e ainda enfrentar a própria culpa e responsabilização dentre outras cobranças que estão além de suas capacidades e que se diferenciam de uma maternidade branca idealizada.

Na ficção ou fora dela, as histórias tratam de adequação e também de um processo de busca pela autodefinição, afinal seus fios deveriam estar arrumados - lê-se alisados - porque seriam a representação prática da imagem de uma vida alinhada que enquanto mulheres negras precisavam performar, mas não para por aí, Patricia Collins nos lembra que:

"As vidas das mulheres negras" é uma série de negociações que almejam à reconciliação das contradições que separam nossas próprias imagens do self, definidas internamente, como mulheres afro-americanas, de nossa objetificação como o Outro. A luta de viver duas vidas, uma para 'eles' e outra para 'nós mesmas' cria uma tensão peculiar para construir autodefinições independentes dentro de um contexto em que a condição de mulher negra permanece rotineiramente depreciada"²⁰⁹ (Gwaltney, 1980, p. 240 apud Collins, 2019, p. 4-5).

Tendo isso em mente, entrelaço a essa trança a questão da maternidade enquanto mais uma mecha que abriga parte imprescindível para o entendimento da história de minha entrevistada. Pensando nos significados deste ser mulher/mãe/preta e como isso foi significativo para Marly inclusive enquanto passou pelo processo de autodefinição e resistência. O cabelo para meninas negras, especialmente para aquelas criadas por mães pretas é realmente um elemento essencial sobretudo para suas mães, pois tornam-se, de certa maneira, o reflexo do cuidado ou do desleixo delas em relação às filhas, o que já é um tipo de carga lançada sobre as mulheres que exercem a maternidade, mas vai além, partem de um costume de cuidado com a

²⁰⁸ BAÍA, Luara Paula Vieira. **Maternidade tem cor?: vivências de mulheres negras sobre a experiência de ser mãe**. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2020. p.13

²⁰⁹ COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. In: Collins, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. p. 4-5.

aparência que deve ser moldada e faz parte de um rito de passagem que suas filhas precisam passar para adentrar no mundo do outro branco.

A autora Luara Paula Baía que discute acerca da “cor da maternidade”, a considera “(...) elemento fundamental para as discussões de gênero em nossa sociedade, pois pensar sobre isso é se deter num aspecto que contribui com a intensificação das desigualdades de gênero”²¹⁰ e digo mais, o olhar para a maternagem permite enxergar também múltiplas facetas que envolvem a dimensão cultural, social e simbólica da vida de muitas mulheres negras e seus fardos. No caso da história de minha colaboradora e sua mãe vemos as marcas da influência que os códigos de civilidade brancos significaram em seus caminhos.

A literatura que reflete a questão da maternidade têm se tornado campo frutífero tendo ainda um caráter de denúncia ao expor que existem problemas na permanência do silêncio sobre essas histórias. A maternagem, sobretudo a racializada, ainda é pouco estudada e coloca muitas mulheres/mães negras num local de incompreensão, o que finda em submetê-las a um lugar de irrelevância e consequentemente de subalternidade. Além deste vácuo, a construção de estereótipos que são vinculados às mulheres/mães/negras também entram como um problema a ser debatido porque evidenciam a existência de certas imagens de controle acerca das mulheres negras. São tipos específicos de representações que atingem diretamente as mães, naturalizando a injustiça social bem como o racismo e o sexismo, enquanto condições naturais de suas vidas.²¹¹ Baía aponta que:

A maternidade é um assunto que perpassa a vida da maioria das pessoas, mesmo assim é frequentemente tratada com grande reducionismo. Na maioria das vezes, as discussões sobre essa temática envolvem crenças a respeito da maternidade enquanto componente intrínseco à vida das mulheres, ou ainda como demanda que não deve ser discutida, na medida em que é algo compreendido pelo senso comum como “subjetivo” ou até mesmo como “sagrado”.²¹²

Na história de Marly e também de Violet, suas mães têm uma enorme responsabilidade e preocupações específicas que envolve a criação de meninas negras. A preocupação de ambas, seja a da trama ficcional como é o caso da senhora Jones em “felicidade por um fio” ou mesmo,

²¹⁰ BAÍA, Luara Paula Vieira. **Maternidade tem cor?: vivências de mulheres negras sobre a experiência de ser mãe**. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2020.

²¹¹ Ibidem, p.11-16

²¹² Ibidem, p. 12

na narrativa de Marly Paixão quando rememora sobre sua relação com dona Innocência, permitem uma reflexão acerca do simbolismo existente nos cuidados com os cabelos das filhas para as mulheres que cuidam. Essas práticas também dizem respeito a uma opressão que entrecruza vivências de mães pretas estadunidenses e afro-brasileiras que exercem este trabalho de cuidado que abrange várias outras capacidades.

A narrativa que permeia a maternidade ideal está representada na figura de uma mulher branca cujo significado de sua vida está no ato de casar-se e tornar-se mãe, mas também não é qualquer tipo de mãe, é aquela sagrada, que ganha sua maior representatividade na figura de Maria, mãe de Jesus²¹³. No entanto, falo aqui do lugar das mulheres/mães/negras que estão expostas ao olhar do outro branco sobre suas filhas e também sobre si, o que agrega novos elementos a essa maternidade. Assim, existem dimensões da opressão que as colocam no papel de subverter, ou ao menos tentar driblar, o olhar da branquitude em direção às filhas. Ao mesmo tempo que precisam protegê-las do racismo como algo prioritário, necessitam ainda incorporar imposições sociais que privilegiam o padrão branco de beleza visando a mesma proteção.

Nesse sentido, quais são as significações que moldam as representações sobre mulheres/mães pretas? Patricia Hill Collins fala de ao menos três imagens alienantes que envolvem as mulheres afro-estadunidenses e que dialogam também com a própria maternagem e as representações acerca das mulheres negras brasileiras. Esses estereótipos que podem ou não se relacionar entre si, levam a sociedade a diversas construções de imagem deturpadas e enviesadas sobre o ser mulher e ser mãe. Muitas destas são expostas e reforçadas ao longo do tempo pelo cinema, revistas, jornais, dentre outras mídias e são entendidos por algumas pesquisadoras como Winnie Bueno, enquanto imagens que visam o controle destas mulheres, ou melhor, do olhar a respeito delas. A autora dialoga com Collins para pensar o caso brasileiro:²¹⁴:

As imagens de controle são centrais para que os sistemas interconectados de dominação de raça, gênero, sexualidade e classe perpetuem um simbólico

²¹³ Ibidem.

²¹⁴ BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) — Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

estrutural que controla o comportamento de mulheres negras e sustenta as falácias da superioridade racial a partir da opressão de gênero.²¹⁵

Considerando que já discutimos sobre estereotipagem, e a própria exotificação, bem como a animalização do corpo da mulher negra²¹⁶ vale trazer o olhar de Winnie Bueno e de outras autoras para pensar esse processo no contexto brasileiro. As pesquisadoras Nealla Machado e Tamires Coelho utilizam a leitura de Bueno para discutir a maternidade representada dentro do jornalismo brasileiro e resgatam a importância de pelo menos três imagens de controle que são pertinentes para pensar estas maternidades negras.

A primeira imagem estereotipada é a imagem da *Mammy*, a matriarca, aquela que no Brasil representaria a trabalhadora doméstica negra²¹⁷, figura que já é, ela mesma, resultado do processo histórico de escravização de mulheres pretas que foram antes, amas de leite dos filhos brancos de seus senhores e que, pós-abolição, sem políticas públicas que lhes fornecessem o mínimo, tiveram de carregar a herança de injustiças, miséria e vulnerabilidade que as colocou no lugar de subalternidade. Dessa maneira, acabaram elas e suas filhas tornando-se figuras cuidadoras dos filhos de suas patroas no contexto republicano e tendo como um dos poucos caminhos de trabalho o de empregadas domésticas.

A segunda é a *Welfare Mother* em Collins, que no Brasil a partir de Winnie Bueno seria a mãe dependente do Estado. Trata-se da imagem da mãe preta que depende de políticas assistenciais como é o caso daquelas que fazem uso do bolsa família, por exemplo.²¹⁸ Bueno relembra que geralmente se direciona um olhar de ódio e culpabilização a estas mulheres, concepções extremamente desumanizantes e até desonestas que as posicionam enquanto um peso econômico para o Estado. Dessa forma, a culpa da miséria do país recairia em suas costas e não no sistema capitalista ou no próprio neoliberalismo que marca as vidas brasileiras - que

²¹⁵ Ibidem p.70

²¹⁶ Para rememorar ver: Capítulo II, Tópico 2.2 Memórias do tornar-se o “outro” para o “eu branco”: Estereotipagem e exotificação do corpo negro e 2.3 Fantasias brancas, fetichismo e animalização do corpo da mulher negra: “Então eu deixei de ser macaca, em São Paulo, pra virar onça.

²¹⁷ MACHADO, Nealla Valentim; COELHO, Tamires Ferreira. **Maternidades negras e fuga das imagens de controle no jornalismo brasileiro**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2020. p.3

²¹⁸ BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) — Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

diga-se de passagem, é um país criado por mais de 11 milhões de mães solo segundo o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas - IBRE.²¹⁹

E por fim, temos uma figura muito conhecida no âmbito cinematográfico, a *Hoochie mama* que é no caso estadunidense a figura atrelada a Jezebel e que no Brasil dialoga perfeitamente com a construção da mulata quente e fogosa, inclusive perigosa. Isso se dá pela liberdade sexual que a imagem desta mulher representa e que é, ela mesma, proveniente do processo articulado pela branquitude de hipersexualização, quando coisificou o corpo de mulheres pretas. “Jezebel é a mulher negra sexualmente insaciável, incontrollável, lasciva, lida até mesmo como uma predadora sexual. Esse estereótipo é utilizado para legitimar a desumanização das mulheres negras por conta da sexualidade.”²²⁰

Apresentadas as três imagens de controle que balizam estereótipos construídos no contexto afro-estadunidense e sua relação com o caso afro-brasileiro, trago aqui a valiosa contribuição de Conceição Evaristo quando discute a dimensão do gênero e da etnia no Brasil. A partir de um texto publicado em 2005 a autora abordou a importância da própria produção literária brasileira e seu papel em corroborar na construção e perpetuação de certos tipos de perfis que encaixam as mulheres negras em imagens estereotipadas, o que por muitos anos forjou e ainda forja determinados olhares extremamente cruéis a respeito das mesmas. Evaristo nos lembra que:

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral.²²¹

Agregando as contribuições de Evaristo, Collins, Winnie, Luara, Naella e Tamires trago para o centro dessa discussão mais uma vez a história de Violet e sua mãe e suas ambiguidades. O filme “Felicidade por um fio” narra sobre essa busca de mães e filhas, mulheres negras que procuram caminhos para se desvencilhar dos padrões e estereótipos atrelados a elas. Dessa

²¹⁹ Ver: Terra. Brasil possui mais de 11 milhões de mães solo, aponta estudo. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/brasil-possui-mais-de-11-milhoes-de-maes-solo-aponta-estudo,67095da2f71938c73bca67a2b4a2862bnher8h3u.html>. Acesso em: 04 set. 2024.

²²⁰ MACHADO, Nealla Valentim; COELHO, Tamires Ferreira. **Maternidades negras e fuga das imagens de controle no jornalismo brasileiro**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2020. p.5

²²¹ EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: Moreira, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs). *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*. João Pessoa: UFPB, Ideia/Editora Universitária, 2005. p.2.

forma a mãe de Violet Jones teve papel fundamental em sua vida pois era ela quem cuidava dos cabelos da filha para que se mantivesse encaixado no que se esperava de um cabelo arrumado.

A senhorita Jones foi encarregada de seguir determinadas normas para estar apresentável e as orientações recebidas de sua mãe implicavam sobretudo, em um cuidado especial com as madeixas ressaltando a experiência de um duplo lugar de opressão, primeiro por ser uma mulher e segundo, por ser negra. No mercado publicitário ela tem uma aparência a zelar, como se o cabelo falasse sobre sua reputação e também refletisse sua competência. Já nas relações amorosas, ela busca performar a mulher linda e perfeita que foi criada para ser, se submetendo inclusive a acordar horas mais cedo para se arrumar para que o namorado a encontre bela.

Seja no âmbito privado ou íntimo, como é o caso das relações amorosas da personagem, ou ainda nas esferas mais públicas como é o próprio ambiente de trabalho, a maneira como a aparência deve estar milimetricamente toda no lugar é uma preocupação cotidiana na vida de Jones e também é na vida da minha colaboradora. Tanto uma quanto a outra passaram por processos subordinação, uma intersecção das variáveis raça e gênero. Algo que atravessou suas mães e recaiu sobre elas posteriormente. que por isso tiveram que conforma-las a determinados padrões, mas que também entendiam esse processo enquanto uma luta intensa de protegê-las da discriminação e do julgamento.

III. 2: Memórias de desafetos rumo à tomada de consciência de si: “então eu entendi, eu acho que os brancos tem o lugar deles e a gente tem o nosso.”²²²

Houve um episódio da vida de Marly, por volta dos seus doze anos, quando ainda morava na vila italiana, que foi um divisor de águas na maneira como ela a se percebeu diante do “eu branco”. A partir deste evento Paixão teve que encarar algumas definições prévias sobre ela enquanto uma menina negra e ao mesmo tempo negociar com tudo isso. Devo relembrar que foi nesta vila onde Marly enfrentou um processo conflituoso acerca de sua identidade etnico-racial: “(...) ali eu comecei a me construir de novo, né e eu achava que eu era branca.

²²² Parte do título deste tópico foi retirado da Entrevista feita com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

Teve um momento da minha vida que eu comecei a entender que eu era igual a todo mundo, que eu era branca também.”²²³

Esta que foi definitivamente uma das memórias mais violentas que ela compartilhou sobre seu processo identitário, ajuda a compreender o caráter desumanizador que o trauma colonial ensejou em sua subjetividade. Entretanto, após esta fala, Marly ainda compartilhou outra memória que se relaciona a anterior, uma situação que trata justamente do momento em que ela foi lembrada que não era a idealização “branca” que pensou ser neste contato. Naquela vila a menina Paixão já vinha de um histórico de anulação que modificou suas vestimentas, sua própria percepção acerca dos elementos marcadores de sua negritude e também seu olhar sobre si, além dos seus cuidados com seus cabelos. Tudo o que ela temia era que o cabelo que tanto alisava “voltasse” e se imaginava um monstro quando isso ocorria.

Marly preocupou-se tanto com a possibilidade de seu cabelo voltar ao estado natural quando o alisava que chegou a dizer que a palavra “voltou” era aterrorizante para ela, mas sua descrição sobre os processos de anulação e perda de si não pararam aí. Ela compartilhou ainda sobre um momento de confronto, um choque com o outro branco que a lembrou que ela era uma menina negra. O episódio trata do momento em que se interessou por um menino branco na escola. Foi ali, naquelas circunstâncias, que suas diferenças, mas também os limites estabelecidos a partir delas, que suas diferenças se escancararam:

Foi muito estranho isso porque eu só fui entender depois, quando um menino da sala, sabe aquele crush dos doze anos, de pensar “- Ai que menino lindo...”. E aí ele olhou pra mim e disse: *“Mas você é preta, a gente não pode, de jeito nenhum, você é preta, a minha mãe me mata”*. E aí eu olhei e eu lembro que uma amiga minha me abraçou falando “- Não, não liga não, ele é meio maluquinho.”, mas aquilo ficou, né.²²⁴

Sendo o processo de diferenciação relacional e hierarquizante esse episódio evidencia um outro lado dessa história, o que significava para o menino branco que a rejeitou de pronto, imaginar se relacionar com uma menina negra. O rapazinho lhe disse que não podia se envolver com uma menina preta, repare bem, lhe disse que não “podia”, porque sua mãe o “mataria”. Ele não podia sequer cogitar a possibilidade porque esta era uma norma estabelecida socialmente

²²³ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

²²⁴ Ibidem.

entre ele e sua família, evidentemente branca, e o motivo da recusa era: “você é preta, a gente não pode de jeito nenhum”²²⁵. Ali, estavam estabelecidos os limites de suas relações, uma espécie de fronteira invisível que estava posta antes mesmo daquela conversa ocorrer.

Como nos lembra Cida Bento “As hierarquias de raça e gênero foram fundamentais para a estruturação do pensamento Colonial,”²²⁶ e estas permanecem moldando as relações contemporâneas. A resposta do rapazinho branco provavelmente tão jovem quanto Marly - que também era uma criança - veio carregada de constructos familiares que abarcam o próprio racismo, o sexismo e a maneira como tudo isso direciona os olhares de desejabilidade e guia as relações afetivas. Ainda que se trate de crianças, de maneira muito naturalizada aquele menino sabia de antemão que não poderia e nem deveria se envolver com uma menina preta.

Nesse sentido, resgato o olhar de Cida Bento sobre as relações de sociabilidade constituídas pelos sujeitos brancos/as. Sendo o pacto narcísico, como Bento expõe, um acordo tácito entre pessoas brancas que visa a manutenção de seus privilégios raciais, enquanto, ao mesmo tempo, evita um confronto direto ao racismo e assim, perpetua a exclusão de pessoas negras, esta convenção também não poderia ordenar as relações afetivas? Podemos dizer que sim, a atração por e entre pessoas brancas são tidas enquanto aquelas normais e idealizadas, enquanto, as que envolvem pessoas negras são invisibilizadas ou mesmo estigmatizadas, especialmente se houver a possibilidade de uma relação inter-racial.²²⁷

A resposta daquele menino evidencia a maneira como ocorre a manutenção deste acordo silencioso e invisível, que se não define, ao menos guia as relações interpessoais. Dessa maneira, compreendo que o gosto não é um atributo intrínseco dos indivíduos, ele também é passado e repassado, além de moldado, pelas relações e valores recebidos pelas famílias e de forma mais abrangente, pelas sociedades. Por conta disso, não escapa das influências de normas culturais e sociais que elegem o que é pautado enquanto belo, desejável e digno de afeto e o que não é.

Em uma sociedade moldada pela intersecção de raça, gênero e classe, os corpos não são vistos apenas de maneira desigual, mas também passam por um processo de hierarquização que envolve os valores sociais que estão enraizados naquela sociedade. Geralmente essa

²²⁵ Ibidem.

²²⁶ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022. p.37

²²⁷ Ibidem.

hierarquização privilegia corpos brancos que são idealizados enquanto o padrão de beleza, dignidade e desejabilidade, enquanto que corpos negros, especialmente o de mulheres negras, são frequentemente desvalorizados e excluídos. Como postulado por Kimberlé Crenshaw²²⁸, as opressões interseccionais não apenas estruturam oportunidades, bem como, o acesso econômico e ou político, mas permeiam também o campo das relações afetivas e suas subjetividades, ao menos moldando os gostos e a atração de forma racializada.

Dessa forma, o processo de rejeição ou aceitação não se constrói de maneira neutra, também é mediado por uma lógica social que favorece corpos brancos e a branquitude enquanto norma, o que, por seu turno, solidifica os privilégios raciais²²⁹. Nesse sentido, a rejeição que Marly, uma menina negra, sofreu a partir do menino branco, não se trata necessariamente de uma escolha pura e simplesmente pessoal, até porque ele mesmo explica que não é quando justifica esses limites por meio da questão racial posta entre eles e pela reação que esperava de sua mãe caso cogitasse a possibilidade.

O pensamento de Kimberlé Crenshaw também ajuda a compreender essas dimensões enquanto parte de um sistema de poder que naturaliza a exclusão de corpos negros e femininos das relações afetivas.²³⁰ Dentro da estrutura social essas vinculações também são permeadas por concepções de raça e classe, assim como gênero. Sendo assim, corpos brancos são eleitos enquanto aqueles “dignos” de afeto, enquanto os corpos negros, são frequentemente relegados à margem ou a um relação de desejabilidade que está envolta nos dilemas da estereotipagem e da hipersexualização dos corpos de mulheres negras.

À vista disso, os estigmas e estereótipos direcionados às mulheres pretas também promovem sua desumanização perpetuando imagens de hipersexualização ou mesmo de repulsão a elas no campo afetivo. Essa constituição se dá alocada em duas construções possíveis, a do corpo objetificado que bebe na ideia da mulata quente e fogosa e a do corpo indesejável, que é por sua parte rejeitado, por estar longe do padrão branco de beleza, atração e humanidade.

²²⁸ CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: UNESCO. Gênero e raça: textos básicos de referência. Brasília: UNESCO, 2001. p. 168-182.

²²⁹ BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022. p.23-25

²³⁰ CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: UNESCO. Gênero e raça: textos básicos de referência. Brasília: UNESCO, 2001. p. 168-182.

O fato é que aquela resposta marcou Marly dali em diante expondo a separação de dois mundos e definindo-a até certo ponto de sua vida, bem como seus costumes e comportamentos. Apesar de sua amiga tentar amenizar aquele discurso isso a chateou a ponto dela procurar a mãe para tentar esclarecer essa separação social e racial que ainda não compreendia. É a partir deste momento que ela tenta novamente entender quem seria ela naquele mundo branco onde deu-se conta que jamais seria vista como igual. E as respostas que recebeu, bem como, as instruções que precisou seguir dali em diante, envolvem valores e ensinamentos partilhados enquanto segredos entre uma mãe e sua filha:

Então eu entendi, eu acho que os brancos tem o lugar deles e a gente tem o nosso. E aí eu comecei a conversar com a minha mãe sobre isso e a minha mãe ficou muito chateada com a situação.

Ela começou a me mostrar um outro mundo que a gente ainda não tinha conversado sobre, ela me disse:

“Você é negra, só se relacione com negros, só converse com negros, se não tiver negros não converse. Fique no seu canto pra que você não seja humilhada. E você precisa ser a melhor, você precisa ser a melhor da sala. Você precisa estar muito cheirosa porque pra eles negros fedem e você vai provar que eles não fedem. Você precisa estar muito bonita porque eles acham que negro é feio e eu não quero que te chamem de feia.”²³¹

O trecho grifado acima é mandatório em diversas relações familiares negras, o ato de ter de ensinar um outro mundo para seus filhos é geralmente papel das mães que visam a proteção dos seus. No caso de meninos pretos, cedo eles são ensinados como devem se comportar ao serem abordados pela polícia, muitas famílias tentam blindar sua prole na tentativa de protegê-los do triste fato de serem corpos criminalizados pela cor da pele. Já no caso de Marly, o entrelace entre o racismo e sexismo pediu outras instruções. Enquanto menina negra, ela foi instruída especialmente na maneira como deveria se portar e quem deveria ser diante desse “eu branco”, isso abrigou os cuidados com sua higiene, com sua aparência física e também com seu intelecto. E ela disse mais:

E eu ouvia isso quase todo dia, quase todo dia, e toda vez que eu chegava chorando por alguma questão ela dizia: “- Não tô te dizendo que você precisa?”. E só reforçava e então eu me anulei ali, me anulei das roupas coloridas que eu amava,

²³¹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

me anulei das bijuterias porque eu era chamada de árvore de natal porque queria andar com um monte de coisa, “Pra que eles balangandanguí?”²³²

O trauma colonial como já posto por Grada Kilomba também trata no tempo presente, de um processo de criação de diversas neuroses devastadoras que afetam a autoestima ao longo da construção identitária de sujeitos negros. Para as mulheres racializadas os cuidados com o corpo, o rosto e cabelos se tornam uma questão de sobrevivência, especialmente quando se está dentro de espaços onde as pessoas ali presentes são brancas, pois a aparência destoa e chega primeiro nestes lugares. E se existe um elemento que sempre pode ser utilizado contra essas sujeitas é a sua estética, que geralmente é manuseada para desumanizar ou desmerecer mulheres de cor tanto no que diz respeito a sua aparência, quanto em relação a sua intelectualidade ou competência.

As memórias de preocupação com a aparência que Marly compartilhou bem como os atos de invasão e desqualificação de sua estética física possibilitam perceber sobre a realidade social e o contexto em que ela esteve inserida e a maneira como interpreta essas memórias. Em nossa terceira entrevista lhe pedi para que falasse um pouco mais sobre a importância desses cuidados e Marly tornou a rememorar as instruções que recebeu da mãe, além de estabelecer um elo entre o que aprendeu e como isso tudo ainda ressoa em seus costumes nos dias de hoje:

Eu creio que eu falei pra você o quanto minha mãe me dizia “*Preto não pode feder, preto não pode ser burro porque todo mundo diz: “se tá sujo foi o preto que sujou”. E eu cresci ouvindo isso. A minha mãe não falava isso por maldade, eu vejo que era a forma dela me proteger.*”²³³ (grifo meu)

Aqui Marly compartilhou novamente sobre os valores e aprendizados que recebeu e sua fala refletiu diretamente o que Patricia Collins discute sobre a dimensão da autodefinição. Quando descreveu acerca dos ensinamentos de dona Innocência que lhe ensinou a importância da higiene extrema e ao mesmo tempo, da disciplina corporal, ela mesma entendeu as orientações dadas pela sua mãe como um ato estratégico de sobrevivência, “não era por maldade”, sua mãe queria protegê-la. Dessa forma, para driblar o sistema racista que liga a imagem de sujeitos negros a sujeira e a incompetência era imprescindível manter o corpo limpo, arrumado e não fedorento. Essas concepções são inclusive carregadas para sua vida adulta:

²³² Ibidem.

²³³ Ibidem.

A minha filha um dia desses falou: ‘- Mãe, a senhora usa perfume demais e a minha filha toda vez que vai pro seu colo ela fica com alergia. E aí eu falei: ‘- Então tá bom, você vai ter uma avó fedorenta agora, eu não vou mais usar perfume’. E aí ela olhou e disse: - ‘Mamãe, a senhora de novo com essa questão de ser fedorenta? Você não é fedorenta!’”. Aí eu pensei “nossa, eu tenho um monte de perfumes e se eu não usar eu vou me sentir fedorenta, é isso? Mas eu aprendi isso, mas para você ver como fica na gente essa questão. Você não pode estar suja, então tem que tomar vários banhos no dia, tem que estar sempre bem penteadinha, o cabelo tinha que estar baixinho e hoje quanto mais eu puder assanhar o cabelo, melhor. E quantas vezes eu não ouvi ‘- Abaixa o cabelo da sua filha, ela tá assanhada’. Dá um jeitinho no cabelo da sua filha, ela veio despenteada.”²³⁴

A maneira que Paixão e sua mãe encontraram para enfrentar o racismo também ajuda a refletir sobre como ele é internalizado e transmitido de forma intergeracional, o que ocorreu primeiramente com dona Innocência e depois com Marly, mas ocorre com diversas outras mulheres negras no tempo presente. Ao se esforçar a vida inteira para desafiar os estereótipos negativos sobre o corpo negro evidenciou a maneira como esse histórico de infância ainda reverbera em seus dias atuais. O apego com a questão da higiene e limpeza é ainda tão forte que sua filha a questiona sobre o uso excessivo de perfume. Como aponta Collins, o corpo é um campo de batalha para mulheres negras onde o penteado e a limpeza tornam-se também maneiras de controle social.²³⁵ Assim, este uso do perfume mesmo parecendo a princípio superficial ou trivial trata de expor suas práticas cotidianas são atravessadas pela intersecções de opressão de raça e gênero.

Marly que atualmente é psicóloga, também reflete sobre a maneira como as queixas de sua filha e sua reação a tudo isso, podem ser reveladoras em relação ao que foi internalizado durante sua infância e adolescência. Paixão ainda se perguntou durante a entrevista: “quer dizer que se eu não continuasse usando os seus perfumes iria mesmo se sentir “fedorenta”²³⁶?” Neste sentido, a colaboradora escancarou o racismo que foi interiorizado e a maneira como tudo isso

²³⁴ Ibidem.

²³⁵ COLLINS, Patrícia Hill. O poder da autodefinição. In: COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2019.

²³⁶ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 01 de maio de 2023 (Entrevista 3 de 3)

ainda impacta o seu senso de identidade corporal e como ainda existe um elo entre se corrigir, consertar e perfumar para evitar ser vista enquanto desarrumada ou fedida.

No momento em que o menino pautou que ela era preta houve uma compreensão através desse evento traumático de que “Branços tem o seu lugar no mundo e negros tem outro” e sua mãe foi quem teve que ajudá-la a compreender as significações de tudo isso. Aquela resposta às diretrizes recebidas pela mãe a atravessaram de maneira profunda fincando bases que sobre como relacionar-se com os brancos dali em diante.

De certa maneira, a Beleza e a busca pelo belo se tornaram parte de um fardo comum que geralmente recai sobre os corpos femininos, afinal o valor de uma mulher na sociedade patriarcal e sexista rotineiramente perpassa a valoração que é atribuída a quão “bela” essa mulher seja. Porém, no caso de Marly sendo uma mulher negra, estes cuidados implicaram ainda numa tentativa de minimizar rejeições, evitar humilhações e driblar as violências raciais e sexistas. Portanto, entendo que essas memórias tratam de uma vivência específica que engloba todo um emaranhado articulado de opressões e uma busca por estratégias possíveis para lidar com elas.

III. 3 Eu e ela, ela e eu: onde nossas memórias se (des)encontram

Durante as entrevistas e o processo de escrita dessa dissertação, refleti muito sobre o que me aproximava de Marly. Ter sido criada também por uma mulher negra dentro de minha casa, minha Maria, me ensinou diversos valores e concepções de mundo que dizem respeito ao olhar que se impõe em relação aos corpos das mulheres negras. Como uma criança negra e também indígena de pele clara que não enxergava sua racialidade, muitas questões à respeito da pressão e culpa que era colocada sobre mim, além das discriminações - que ocorriam apesar de eu não enxergá-las e atravessavam minha mãe - não faziam sentido.

As violências sofridas durante a socialização com outros meninos e meninas e os tratamentos recebidos não eram interpretados como uma questão racial e eu sequer cogitaria a possibilidade na época. Mas sempre havia ataques mais explícitos direcionados para a minha mãe, inclusive a respeito de sua cor de pele. Ainda que se esforçasse criando sua filha sem o auxílio de um pai presente, seu trabalho era invisibilizado e até questionado. Era subestimada e as cobranças e estereótipos sobre sua insuficiência enquanto mulher e mãe, eram quase sempre postos em pauta. Mas ela me criou e criou muito bem, Maria Helena já trabalhou como empregada doméstica, cobradora de ônibus, vendedora, dentre outros diversos trabalhos para

trazer o sustento a nossa casa e contou com uma rede de amigas, vizinhas, irmãs, dentre outras para que eu conseguisse crescer bem.

Dentre os valores que minha mãe partilhou, muitas vezes através do exemplo - e talvez até sem perceber que se tratavam de ensinamentos que já continham um teor de cuidado com a questão racial- lembro que ela sempre me comprou bonecas negras, eu brinquei com muitas, de diversos tamanhos e eu as preferia. Havia também um empenho de sua parte para que eu não fosse de alguma maneira cooptada a olhar com olhos negativos para pessoas que fossem mais escuras que eu, os desenhos e programas que eu assistia sempre tiveram representatividade negra direta ou mesmo indireta e eu estava ali inserida, mesmo que não percebesse, à maneira como a questão racial a preocupava e também nos atravessava.

No entanto, minha Maria sempre teve grande preocupação com nossas roupas. Nesta casa nada de sair amassada, rasgada e principalmente fedorenta. E ainda tinha mais, minha mãe não saía sem seus batons e até hoje não sei, talvez até tenha aprendido com minha avó dona Joana Rebouças que também era uma mulher preta muito vaidosa e andava sempre maquiada, até mais que a filha. De fato, os cuidados com a aparência sempre estiveram ali e eu sempre me interessei por eles mesmo sem entender seus significados e importância para essas duas mulheres e também para mim posteriormente, mas aprendi delas.

Porém, houve momentos em que eu fui confrontada mais diretamente com as questões raciais. Na verdade, a vida inteira eu ouvi comentários sobre minha aparência, sobre os lábios grossos, o nariz e ainda sobre meus cabelos de uma outra maneira, diferente de como uma mulher negra crespa ouviria, além de ter ouvido sobre o meu corpo que sempre passou por hipersexualização, mas eu não entendia os motivos e nem sabia nomear esse olhar e comentário invasivo do outro. Ainda assim, enquanto intelectual, mulher, negra e indígena chegou um momento em que houve um conflito mais direto acerca da minha identidade racial e foi justamente na universidade, onde o meu corpo era estranho, onde minha origem social não era bem vinda e ainda o meu ingresso por cotas raciais também era uma questão que incomodava.

Digo tudo isso porque em diversos momentos me vi em lugares de preocupação com minha estética e ainda vejo e enxergo essas mesmas questões a partir das vivências de dona Marly. Nossas experiências se entrecruzam pois nossas mães jamais nos deixariam sair desarrumadas, com roupas amassadas ou pior ainda, rasgadas. Maria Helena assim como dona Innocência, sempre teve toda uma preocupação com nossa limpeza e “higiene”, com a aparência

de nossos corpos e nosso cheiro. Minha Maria, que tem a pele mais escura que a minha, não me entendia enquanto uma criança negra ou indígena, ou sequer sabia das origens indígenas de meu pai. Porém, esse não-lugar racial não me privou de internalizar as mesmas normas de perfeição, higiene e cuidados com a aparência.

Lembro ainda que muito nova entendi que não era bonita, pelo menos não diante do que era considerado belo para a grande maioria das pessoas, o que para uma menina numa sociedade sexista é um tipo de desvantagem, mas eu não entendia necessariamente o motivo. Marly vivenciou o racismo de forma direta e escancarada, já eu como mulher racializada de pele clara e cabelos lisos, me inseri em um espaço de liminaridade. Apesar disso, percebi ainda na infância que deveria ser perfeita, impecável e inteligente. O tratamento que eu recebia era similar à realidade de outras crianças racializadas, mas ainda assim foi mais difícil que isso se enxergasse porque havia uma sutileza na maneira como o racismo e sexismo se apresentavam, tudo era muito velado e eu não tinha essa compreensão na época.

No intuito de dialogar com o que Marly compartilhou, vale ao menos mencionar sobre o apego que eu tive com meus cabelos por longos anos, já que este era o componente corporal que elogiavam em mim e que foi pontuado diversas vezes como o único traço belo que eu possuía. Já sobre a cor de minha pele, tive de ouvir que por conta do meu tom claro, muito provavelmente durante o período da escravidão eu seria aquela que moraria dentro da casa grande, a que o senhor escolheria para fazer bom uso, lê-se uso sexual. Fui atravessada pela hipersexualização de meu corpo desde criança e também pelo estereótipo de Jezebel²³⁷. Por conta dessas experiências compreendo a maneira como somos lembradas direta e/ou indiretamente sobre o passado escravista que é reencenado nesses comentários invasivos e violentos em nosso cotidiano.

Gostaria que fossemos casos isolados, mas não somos e é por isso que trago nossas histórias aqui, desde a ficcional de Violet Jones e sua mãe Paulette Jones que fala sobre uma realidade que ultrapassa essa estória, bem como, a história de vida de Marly Paixão e dona Inocência que é central para pensar essas relações de estereotipagem e coisificação de nossos corpos e suas continuidades no tempo presente e agora também a minha escrevivência que envolve a mim e minha mãe, Maria Helena. Nossas narrativas se conectam, todas essas histórias

²³⁷ MACHADO, Nealla Valentim; COELHO, Tamires Ferreira. **Maternidades negras e fuga das imagens de controle no jornalismo brasileiro**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2020.

são aqui colocadas porque carregam o peso do olhar sexista e racista acerca de nossos corpos com todas as suas especificidades, evidentemente.²³⁸

De toda forma, nenhuma de nós escapou, fomos e ainda somos atravessadas por todos esses constructos e lutamos à nossa maneira contra eles. Apesar de eu não ter recebido instruções diretas de minha mãe sobre uma obrigação em ser a melhor, não escapei do processo de descoberta da necessidade da perfeição no mundo dos brancos. Cedo tive que aprender a me defender, a me posicionar, saber quando calar e quando responder e ter cuidado em determinados ambientes.

Nossas memórias são aquelas das mulheres racializadas. A de minha colaboradora, mas também a daquela que a entrevistou, bem como das ferramentas utilizadas por ela quanto trouxe a história ficcional de Violet para auxiliar na compreensão de sua própria história de vida. Dentre essas memórias, temos mães, que através de suas ações e cuidados viviam entre o pêndulo de tentar proteger as filhas e, ao mesmo tempo, serem encurraladas diante dos ditames sociais/raciais/de gênero e temos ainda o trauma colonial se refazendo vívido e voraz e mantendo-se parte de nossas experiências enquanto mulheres racializadas.

Como postulado em Collins, a autodefinição diante de tudo isso é imprescindível para a quebra de imagens e estereótipos negativos sobre nossos corpos e humanidade. Quando nos autodefinimos, rejeitamos essas representações afirmando a nossa própria agência e autonomia. No ato de refletir sobre essas experiências e os desafios vivenciados, considerando as estruturas de poder que moldam nossas histórias, buscamos uma autodefinição que não se trata apenas de uma questão de identidade individual, mas também de um posicionamento político e social diante das intersecções de poder que nos oprimem.

Nessa direção, quando penso o processo de autodefinição postulado por Patricia Hill Collins o relaciono ao olhar sobre decolonialidade de Grada Kilomba. A decolonização do eu é um caminho para nossa construção enquanto sujeitos visando ultrapassar a alienação da identificação com a branquitude e alimentando um olhar positivo em relação a própria negritude, para assim, construirmos um sentimento de segurança interior e de

²³⁸ BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) — Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

autorreconhecimento²³⁹. Kilomba propõe que não mais tenhamos que responder o que fizemos diante do racismo do outro, mas que nos permitamos nos colocar no lugar de sujeitas. Não se trata da pergunta recorrente: “Mas o que você fez?” ou “O que Marly fez diante de tudo isso?” ou mesmo o que eu fiz diante da violência racial? Diante dessas perguntas, Grada nos sugere “...em vez disso, deveríamos perguntar: o que o incidente do racismo fez com você? O foco deve estar na resposta ou na reflexão? A performance em relação ou outro “branco” ou os sentimentos em relação a si mesma/o?”²⁴⁰

III.4 “Dali em diante marly jurou nunca mais usar química”: o corte químico que mudou tudo

Eu fiz o procedimento uma semana antes do meu casamento e um dia antes eu me levantei da cama e o meu travesseiro só tinha cabelos, cabelos e muitos cabelos, quilos de cabelos e dormíamos eu e minha irmã. E, eu tive o meu primeiro choque quando eu olhei aquilo e gritei: ‘- Mamãe, o que é isso? Mãe, eu acho que minha irmã cortou o meu cabelo de madrugada!’ E a mamãe disse ‘- Não, imagina, sua irmã não ia fazer isso!’. E eu gritei muito, chorei muito e quanto mais eu pegava no meu cabelo mais ele caía. Enfim, eu só fiquei com cabelo mesmo na parte da frente, uma pequena franja e aquilo pra mim foi um terror. E eu passava a mão e aquilo estava meio molhado. Eu criei umas bolhas na cabeça, umas feridas e o meu couro cabeludo estava meio que soltando. Era uma queimadura mesmo, de segundo, terceiro grau. E eu chorei muito, chorei muito e acho que era um ou dois dias do meu casamento e eu falei pra mamãe que não ia mais me casar. Que, o que eu queria era um cabelo lindo e não estar totalmente careca no dia do meu casamento.²⁴¹

Como em toda trajetória de vida, existem acontecimentos que marcam os colaboradores enquanto eventos chave para entender suas histórias. A maneira como a entrevistada narrou, rememorou e interpretou, atribuindo significados específicos a estes momentos de transformação, é ainda mais fundamental nesse caso. O que dona Marly sofreu neste momento de sua trajetória, a levou a tomar uma séria decisão em relação a como cuidaria de seus cabelos

²³⁹ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020. p. 237

²⁴⁰ Ibidem, p. 226-227

²⁴¹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

dali em diante e posteriormente a fez seguir por novos caminhos que a moveram em direção a criação informal de seu salão, em meados da década de 1990, e sua fundação formal em 2008.

Esse momento também marca o início de mudanças profundas não somente na relação da colaboradora com seus fios, mas ao mesmo tempo em sua vida pessoal. É como um banzeiro de inflexão que promoveu transformações internas da sua percepção de si e de suas decisões frente às opressões sofridas enquanto mulher negra. A colaboradora definiu esse processo enquanto um evento traumático que foi o estopim das reviravoltas vivenciadas até então, especialmente no que diz respeito ao alisamento que já fazia parte da sua vida há muitos anos, marcando sua infância, adolescência e início da sua juventude. Trata-se de um abalo doloroso em sua história de vida, mas também o fim de um ciclo que implicou na elaboração de sua própria autodefinição, nos termos postulados por Patricia Hill Collins. Ao resgatar a memória de Sojourner Truth, Collins nos lembra o lugar das mulheres negras enquanto sobreviventes.²⁴²

Que base serviu de sustentação para que Sojourner Truth pudesse perguntar “Não sou eu uma mulher?” As vozes dessas mulheres afro-americanas não são de vítimas, mas de sobreviventes. Suas ideias e ações não só sugerem que existe um ponto de vista autodefinido e de grupo de mulheres negras, mas que sua presença foi essencial para a sobrevivência das mulheres negras norte-americanas.²⁴³

Dentro do contexto do feminismo negro, a autora vincula a autodefinição à teoria da interseccionalidade entendendo as opressões como o racismo, classismo e sexismo enquanto dimensões que interagem de forma a moldar a experiência de mulheres negras, mas não somente isso. A autora desafia a antiga ideia de que as identidades das mulheres pretas só podem ser compreendidas a partir da definição externa do outro. Nesse sentido, entende as mulheres negras enquanto autoras de suas próprias narrativas, que resistem de forma a construírem para si, suas próprias visões sobre elas e sobre a realidade em que vivem, além de moldarem mundos para si traduzidos nos espaços de sociabilidade para existirem e resistirem. A busca por uma autodefinição própria não se trataria, portanto, apenas de uma experiência individualizada, mas seria parte de um posicionamento político e social diante dessas intersecções de poder de diversas mulheres negras.²⁴⁴

²⁴²COLLINS, Patrícia Hill. O poder da autodefinição. In: COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo, 2019. p.2-4

²⁴³ Ibidem, p.3

²⁴⁴ Ibidem, p.4-5

O relato de Marly nos ajuda a refletir sobre a memória de um grupo e a importância da escuta sensível ao que foi compartilhado. Quando relata sobre o corte químico sofrido, ela não fala de uma experiência isolada, mas tece ativamente uma narrativa complexa que diz respeito às vivências de outras mulheres negras/crespas/cacheadas, aquelas que vivem em contextos onde os padrões estéticos e sociais lhes impõe a necessidade de adequação. “A história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. Nesse sentido, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado.”²⁴⁵ Portanto, a escuta compõe parte importante da compreensão do impacto emocional e identitário vivido pela entrevistada e diz respeito aos significados que são atribuídos à realidade social experienciada por ela, além de tratar acerca da maneira como a narradora gerencia suas narrativas²⁴⁶ transformando o trauma e aprofundando a compreensão de quem a escuta acerca das intersecções entre raça, gênero, classe e a própria questão estética.

Para entender como Marly galgou seus caminhos de aceitação dos próprios cabelos e também para a criação de seu salão voltado para tranças afro, permaneço em diálogo conjunto com as autoras trabalhadas anteriormente e aprendo ainda com Marly e sua maneira de moldar um mundo para si. Não esqueço também da relação que estabeleceu entre a sua história e a da personagem Violet Jones, que passou por alguns processos semelhantes ao que ela vivenciou na infância e adolescência. Além disso, entrelaço essas memórias, quando necessário, à importância que sua mãe teve nos eventos vividos por ela. O faço, especialmente porque o trauma experienciado tem estreita relação com os seus fios crespos que é elemento importantíssimo para Marly e também para a mãe desta sujeita.

Esclarecido isto, vale situar o contexto em que Paixão vivenciou esse processo traumático que mudou suas decisões e caminhos dali em diante em relação aos cuidados com sua aparência, sobretudo em relação aos seus cabelos. O ocorrido se deu quando a colaboradora tinha quase vinte anos e já vivia na cidade de Manaus há um pouco mais de cinco. Nessa circunstância, ela e sua família já estavam estabelecidos e relativamente ambientados à cidade. Dona Marly conheceu aqui uma pessoa, aquele que se tornou posteriormente seu marido, ela contou brevemente sobre a história de como sua relação se desenrolou:

²⁴⁵ PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p.18

²⁴⁶ Ibidem.

E aí eu me apaixonei por uma pessoa, meu marido até hoje. Eu me apaixonei com dezesseis anos, cheguei aqui com quatorze para quinze anos e com dezesseis eu o conheci, me apaixonei e com vinte anos me casei. E na semana do meu casamento eu falei ‘- Eu quero fazer algo muito diferente no meu cabelo’.²⁴⁷

O casal noivou em abril de 1984 e Marly, sempre cuidadosa com sua aparência, desejou estar com um penteado diferente em seu casamento. Não queria casar com o seu crespo alisado e procurava por tranças afro, algum tipo de trabalho que valorizasse seus cabelos naturais. Devo lembrar que a experiência de sofrer com as quedas de cabelo, queimaduras no couro cabeludo entre outras dores físicas, que eram provocadas por conta do alisamento - seja ele com o pente quente, com a chapinha ou com produtos químicos - já era uma situação completamente comum no cotidiano desta mulher, mas nem por isso se tornava uma experiência mais fácil de lidar.

Ao menos num dia especial como este, Marly desejou se sentir confiante e bela utilizando um penteado que valorizasse seus fios naturais. Ela gostava de se expressar pela sua estética física e já havia se anulado por muito tempo. Nessa circunstância já eram vinte anos de alisamento, portanto, era compreensível que buscasse outras opções para essa ocasião especial. A ideia de usar uma proposta “afro” como ela mesma definiu, veio da memória de quando ainda morava em Guaianases. Marly construiu ao longo de sua primeira infância, no gueto onde viveu, um referencial de penteados afro que via ao observar o trabalho de uma prima sua, esta parente fazia tranças nos cabelos das pessoas do bairro. Mesmo quando foi morar na vila italiana Paixão continuou relembando desta mulher e, devido aos costumes de sua família, de ir aos finais de semana ao seu local de nascimento, sempre manteve contato com ela:

Eu tinha uma prima que trançava cabelos, nessa época ela já trançava cabelos. Então, toda vez que eu ia visitá-la, aos domingos quando eu ia pra Guaianazes, eu me sentia em casa, né, podia andar com meu cabelo sem nenhuma discriminação, e ali eu me sentia bem, muito bem. Mas eu me sentia muito melhor quando eu ia especificamente para a casa dessa minha prima, Edna, que era bem mais velha que eu. *Ela fazia o cabelo de outras pessoas, então assim, meu Deus, cada cabelo lindo que eu descobri ali, tranças lindas, desenhos maravilhosos feitos nos cabelos.* Ela colocava alongamentos, naquela época, eram chamados de *kanekalon*, né, era aquele cabelinho de boneca, mas que com a trança ficava muito lindo. Ou se não, era feito com a própria lã. E isso me encantava. Mas, toda vez

²⁴⁷ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

que eu ia lá, ela dizia ‘- Ôh, Marly, não tenho tempo, não tenho hora.’. *E aí, eu ficava encantada com aquelas tranças, mas nunca podia.*²⁴⁸ (Grifo meu)

Essa prima que Marly chama respeitosamente de tia foi alguém que no processo de entrevista a colaboradora fez questão de nos dar o nome, Edna. Ela era uma trancista/trançadeira que fazia os cabelos de muitas pessoas onde ela havia morado e utilizava para o seu ofício algumas fibras sintéticas para a confecção de suas tranças, o *Kanekalon*, que, como Paixão assinalou, é um tipo de cabelo de boneca que imita os fios naturais e é aplicado junto dos cabelos das pessoas quando são trançadas. Assim, é possível contar com sua versatilidade e mudar as cores dos cabelos naturais sem química e ainda aumentar o comprimento dos fios, além de ter toda a diversidade de penteados que implica o universo das tranças.

Dona Marly também compartilhou que a tia utilizava as lãs, que é um outro material que não foi necessariamente pensado para a finalidade, mas é amplamente utilizado na confecção dos penteados afro. Mesmo sendo destinado geralmente para costureiras/os, crocheteiras/os e outras/os que fazem sua utilização para confeccionar roupas, bolsas, dentre outros acessórios, o material possibilita que trancistas e trançadeiras façam seu uso para a realização do trabalho e tem menor custo que as fibras sintéticas. De fato, ambos materiais são utilizados até os dias de hoje e repassados entre os profissionais trancistas que partilham desse conhecimento ancestral.

Apesar de não ter conseguido ser trançada pela tia, naquele ambiente se sentia em casa e sabia que podia andar livremente sem sofrer discriminação em relação a sua aparência. Paixão compartilhou essas memórias importantes de sua vida organizando-as através de um complexo trançado narrativo. Essas lembranças expressam sentimentos ambíguos que implicam na rejeição à sua própria estética até os processos de aceitação. No entanto, existe um sentimento fundamental em sua trajetória que em diversos momentos fez diferença em sua caminhada, o sentimento de pertença. A casa de Edna se tornou um espaço de acolhimento e fortalecimento identitário ainda que naquele momento ela não pudesse usufruir dessa liberdade e beleza que enxergava nos trançados da tia.

Já em Manaus, Marly aponta para uma ausência de espaços como esse e a maneira como isso fez toda diferença em sua trajetória de maneira oposta, impactando-a negativamente. A ausência de lugares de acolhimento para a sua estética a levaram para a manutenção do costume

²⁴⁸ Ibidem.

conhecido que implicou numa relação ambígua de aceitação e rejeição de si²⁴⁹. Essa dimensão conflituosa é uma experiência vivenciada por muitos homens e mulheres negras frente a sua estética²⁵⁰ e atravessa este último grupo de maneira ainda mais violenta devido à pressão estética imposta em relação aos corpos femininos. De fato, ainda na infância, a menina Paixão procurou maneiras de resistir à pressão de beleza e a violência racial de cunho estético, mas ficou impossibilitada. No entanto, a sua admiração pelas tranças e pelo trabalho de sua prima já podem ser vistos como uma tentativa de retomar uma estética negada.

A mãe de Marly, novamente tem especial importância no processo, pois apoiava que procurasse sua prima para verificar se conseguiria finalmente fazer as tão sonhadas tranças. O problema é que todas as vezes que Marly buscou ser trançada não foi possível devido a agenda de Edna sempre estar lotada. De um lado, a história dessa trancista permite vislumbrar o trançado dos cabelos enquanto um elemento comum e amplamente consumido naquela comunidade, o que denota um extensivo uso dos penteados afro por volta dos anos 1960 e 1970 ao menos naquela localidade. Porém, por consequência, essa procura por um trabalho que leva muitas horas para ser realizado, tornou inviável a possibilidade da menina Marly ser finalmente penteada pela tia. Assim, Paixão decidiu que ela mesma iria aprender a fazer o trançado que sonhava para seus cabelos:

E eu sentava e ficava olhando e dizia assim ‘- Vou aprender porque aí eu vou colocar em mim!’ E com dez anos eu aprendi a meio que colocar em mim né, mas aí, foi outro trauma, eu colocava as lãs, e às vezes caía. Às vezes um coleguinha puxava e não estava seguro, né, e aí eu comecei a não colocar mais, porque foram outras vergonhas que eu passei e continuei alisando o cabelo, perdendo muito cabelo, sofrendo muito com isso, até os meus dezessete anos.²⁵¹

Marly quis aprender a colocar as tranças para poder pentear a si mesma, no entanto, se tornou completamente inviável dar prosseguimento porque novamente, a violência racial de

²⁴⁹ Recomendo a leitura de uma obra clássica sobre a temática. Nela, a autora aborda a ambiguidade vivenciada pelos sujeitos negros que tem sua subjetividade atravessada por um sentimento complexo e conflituosos de aceitação e ao mesmo tempo rejeição de si e sua estética. Sua pesquisa se dá a partir de um estudo dos salões de Belo Horizonte e é um marco nos estudos sobre a temática, tornando-se uma obra fundamental para quem quer refletir acerca da importância dos cabelos crespos nas trajetórias de mulheres e homens negros: GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

²⁵⁰ Ibidem, 135-141

²⁵¹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3)

cunho estético continuava a ocorrer, encenada pelo racismo sofrido em relação ao toque inesperado aos seus cabelos²⁵². Afinal, por qual motivo tocar ou puxar as tranças de uma criança negra se torna tão natural para que o outro sinta tamanha liberdade? Kilomba nos lembra o quão chocante é lidar com esses atos tão imprevisíveis de invasão do outro branco que se sente no direito de tocar pessoas negras como se fossem um tipo de animal exótico. Por conta de todas essas violências, dali em diante Paixão seguiu ao longo de sua infância com os cabelos alisados, o que se prolongou até parte de sua adolescência. Assim, em virtude do próprio racismo, acabou adquirindo ainda mais traumas vinculados ao uso natural ou mesmo trançado de seus fios e como Grada aponta:

Isso não é o mesmo que dizer que o racismo é inesperado - infelizmente ele é esperado -, mas a violência e a intensidade do racismo são tamanhas que, apesar de esperadas, elas sempre recriam esse elemento de surpresa e choque. Em outras palavras, uma pessoa nunca está preparada para assimilar o racismo porque, assim como em qualquer experiência traumática, é muito assustador ser “integrada nas estruturas mentais já existentes.”²⁵³

Dessa maneira, a violência estética reflete sobre a dor sofrida por ela enquanto uma criança negra marcando a sua infância de forma traumática, uma experiência, que não deve ser individualizada, mas pensada enquanto um elemento que compõe coletivamente a memória de muitas outras Marlys. Além disso, a sua história também expõe a tentativa de dominação e controle dos corpos destas meninas e mulheres por meio da inacessibilidade e da regulação que ocorria no processo de invasão que, novamente, o outro lhe enseja ao puxar seus cabelos²⁵⁴. No entanto, no casamento teria de ser diferente:

Até então eu não estava mais trançando por conta dos traumas anteriores e o meu cabelo ainda era alisado. Eu colocava no *bobby* pra fazer cachinhos, até porque, eu sempre achei que não combinava comigo aquele liso que ficava meio que estilo “guarda-chuva”, como as pessoas falavam. Então, eu alisava e enrolava no *bobby*, dormia de *bobby* todas as noites e até por isso tive várias dores. Tinha muitas dores musculares e isso quase todos os dias. E aí eu falei: ‘- Não, no meu casamento eu queria uma coisa diferente, por que não um penteado diferente, um penteado afro,

²⁵² KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020. p.213

²⁵³ Ibidem, p.218

²⁵⁴ HALLI, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016.

né, algo diferente?’. Comecei a procurar e eu já procurava há muito tempo e nunca encontrei.²⁵⁵

Aquelas lembranças das tranças que via sua prima fazer permaneceram em sua memória. Na juventude, quando já estava em Manaus, se lembrou dessas referências que viu em Guaianases e o seu noivado reacendeu aquele antigo desejo a levando a procurar o penteado ideal para o casamento. Já com seus vinte anos de idade, Marly saiu em busca de um/uma profissional que fizesse esse trabalho e pediu também indicações de outras pessoas para que conseguisse alguém que soubesse “lidar” com cabelos crespos. O problema é que não havia cabeleireiros na cidade que se dedicassem ao trabalho com tranças e muito menos ainda trancistas/trançadeiras especializados/as. Em sua grande maioria, os salões da época só trabalhavam com os alisamentos, escovas e progressivas sendo essa a única alternativa que Marly tinha até então. No entanto uma pessoa lhe deu esperança quando indicou uma profissional:

‘ - Olha, pra isso que você tá querendo lá no bairro do Educandos tem uma pessoa que faz, a única pessoa que trabalha com cabelos afro em Manaus e essa pessoa é lá do Educandos’. E eu fiquei muito encantada, ansiosa pra chegar esse dia e fui né, uma semana antes do meu casamento, eu fui. Chegando lá, qual era a única forma dessa mulher lidar com cabelos afro?

Alisando.²⁵⁶

A experiência de dona Marly ao tentar adotar os penteados afro gerou novas frustrações, ela esbarrou na impossibilidade de utilizá-los porque não havia essa opção na cidade. Essa dificuldade ajuda a vislumbrar a maneira como lhe foi imposta uma adequação estética de tipo específico, similar a que lhe atravessou nos anos 1970 em São Paulo e agora nos anos 1980 e 1990 em Manaus, com a diferença de que em Guaianases foi possível ao menos ter referências e inspirações positivas sobre seus cabelos através de sua prima, o que nesse novo ambiente não foi possível. Nessas mesmas décadas existiam de sudeste a nordeste do país movimentos que fortaleceram a luta pela afirmação cultural e política da estética negra, no entanto, Marly não

²⁵⁵ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

²⁵⁶ Ibidem.

havia tido a oportunidade de desfrutar desse tipo de referencial, especialmente ao norte do país nesse período.

O movimento negro brasileiro se posicionou em diversos momentos da história do Brasil enquanto um ator político que muito ensinou a sociedade por meio de saberes próprios, inclusive aqueles de cunho estético-corpóreos.²⁵⁷ Um exemplo disso é o próprio bloco afro de Salvador Ilê Aiyê fundado em 1º de novembro de 1974²⁵⁸, que já se afirmava e pautava um orgulho negro por meio das vestimentas coloridas com estampas africanas, penteados em tranças, uso de turbantes, além de eleger belezas negras que se tornaram fundamentais para a construção de um olhar positivado da estética preta. O historiador Petronio Domingues postula essa busca pela ressignificação da estética negra enquanto uma pauta recente do movimento negro brasileiro com foco na celebração da negritude:

(...) populam boletins, jornais e revistas da “raça”, clubes e bailes blacks, cosméticos e salões de beleza afro, bem como campanhas – por meio de camisetas, pingentes, etc. – com slogans do tipo: Negro é lindo!, Negro 100%. Impulsionada politicamente, essa revalorização da negritude pretende funcionar como mecanismo pedagógico de construção do orgulho racial. Em outros termos, a estratégia política de enaltecimento dos símbolos e artefatos culturais atribuídos aos negros tem o intuito de produzir auto-estima e uma auto-imagem positiva nesse segmento populacional. *Para o movimento negro, o processo de superação do racismo passa, indubitavelmente, pela etapa de (re)encontro do afro-brasileiro com sua identidade étnica.*²⁵⁹ (Grifo meu)

Essa obstinação se trata da luta pela valorização do corpo, da dança, da música e de toda uma simbologia artística e cultural. Além do bloco afro Ilê Ayê, diversas outras manifestações de um olhar ressignificado para a estética negra despontam nesse cenário. Em diversas espacialidades as práticas de afirmação da beleza negra, inclusive a valorização de penteados afro enquanto um elemento identitário significativo para embelezamento, especialmente pós-abolição, já eram impulsionados. E mais, a prática do uso de tranças antecede esses movimentos e é muito anterior a necessidade que a população negra teve de politizar sua estética frente a

²⁵⁷ GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

²⁵⁸ SANTOS, Luane Bento dos. **Trancista não é cabeleireira!** 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/consultas/conteudo.php?strSecao=resultado&nrSeq=60705@1>. Acesso em: 21 set. 2024. p.85-87

²⁵⁹ DOMINGUES, Petronio. **Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos**. Dimensões, n. 21, 2008. p.113

opressão racial. A pesquisadora Luane Bento dos Santos nos lembra que os cuidados culturais com a aparência, desde os adornos, as tranças, o vestuário, dentre outros símbolos hoje marcadamente identitários, fazem parte de uma herança ancestral de africanos e africanas, anteriores a escravidão ou mesmo ao contexto pós-abolição²⁶⁰:

A história dos povos africanos com o cabelo, ou melhor, a preocupação em estilizar, criar simbologia e adornar os cabelos é muito antiga não podendo ser delimitada a um período histórico específico como as décadas de sessenta e setenta, onde tivemos como características principais: a ascensão do discurso do orgulho negro, e a exaltação da autoestima e beleza negra. Com isso não queremos negar a importância desse movimento, mas é preciso esclarecer que o cuidado com o cabelo remonta a um passado muito distante e não se constitui apenas numa forma de negação ou resposta a imposição de um padrão estético branco ocidental, que constrange e subjuga negros e negras cotidianamente.²⁶¹

Além disso, de fato, um movimento de afirmação de uma beleza negra e o resgate cultural das tranças exercido por diversas/os trancistas/trançadeiras espalhadas/os por todo o território nacional já ocorriam. Porém, no contexto manauara o acesso a essas/esses profissionais na década de 1980 e 1990 ainda era algo muito escasso. Me pergunto, inclusive, quantas outras mulheres negras crespas e cacheadas nesse contexto, conseguiam acessar esse tipo de trabalho voltado para seus cabelos além do alisamento compulsório. Aqui, esse procedimento não se tratava de uma opção dentre diversos outros serviços oferecidos que as mulheres pretas/negras/pardas, crespas/cacheadas poderiam escolher. Ao menos para Marly não havia uma dentre várias possibilidades, esta era sua única alternativa. Nesse sentido, se trataria mesmo de escolha quando só existe um único caminho?

A pesquisadora Maylla Chaveiro, que discute sobre a dimensão do alisamento enquanto prática impositiva, aponta para esse procedimento enquanto um dos braços da violência colonial. Para ela, o ato de alisar os cabelos é entendido enquanto um processo de imposição de uma “contraestética” que afeta mulheres negras, tanto no físico quanto em suas subjetividades.²⁶² O procedimento não é necessariamente vendido enquanto alternativa, mas

²⁶⁰ SANTOS, Luane Bento dos. **Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos em grupos afro-brasileiros**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2013. p. 29-30

²⁶¹ Ibidem, p.29

²⁶² CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Alisamento compulsório do Cabelo Crespo: Impactos**

como único caminho possível para conseguir a aceitação das pessoas ou mesmo alguma passabilidade que permita transitar no mundo branco:

Quantos cafunés foram negados por ser o alisamento um procedimento ‘caro’?
Quantos crespos-alisados fugiram de banhos de chuva, banhos de rio, banhos de mar, banhos de ervas... por medo de que a água fizesse vir à tona nossas raízes?
Quantos corpos se tornaram imóveis para que o vento, a dança, o beijo, o riso, o sono, o sexo, a vida... não os despenteassem?²⁶³

No trecho trazido pela autora é possível refletir como a dimensão do alisamento envolve questões sociais, raciais e de gênero extremamente profundas que não param na estética. O procedimento também se apresenta enquanto uma maneira de regular o corpo negro, incorporando às pressões estéticas, limitações diversas como as de comportamento devido a dificuldade de assumir uma estética que a sociedade buscou invisibilizar. Esse medo de despentear-se reflete como o corpo negro, em particular o cabelo crespo, se tornou um local de vigilância e de autossupressão.

Sendo Marly proveniente de uma família que engendrou um projeto de ascensão social e que moravam em um bairro elitizado da cidade - o que possibilitou a ela acessar boas escolas, lê-se escolas particulares de maioria de alunos brancos - o problema em si não era conseguir pagar pelos alisamentos dos fios. Muitas mulheres negras em situação de vulnerabilidade financeira, sem dúvida, enfrentam ainda essas outras dificuldades. No entanto, o problema aqui era que a colaboradora precisou se forçar a continuar com o alisamento mesmo que esse não fosse nem de longe o seu desejo real, sobretudo porque se tratava de um dia especial para ela, o dia do seu casamento.

Como já posto por Luane Bento dos Santos,²⁶⁴ esses cuidados com os cabelos crespos para ocasiões especiais é culturalmente anterior ao processo de colonização e conta sobre histórias de ancestralidades africanas que sempre se preocuparam em personalizar os fios adornando-os e conferindo-lhes diversos simbolismos. Além de dizer respeito a status social,

do racismo na Subjetividade Negra. FDC 2024, 10, 2-20. p.9 Ver: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/42081> Último acesso em 18 de setembro de 2024.

²⁶³ Ibidem.

²⁶⁴ SANTOS, Luane Bento dos. **Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos em grupos afro-brasileiros**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2013. p. 29-30

pertencimento, dentre outros significados que diversos povos de origem africana aplicavam às madeixas crespas estimando todo um conjunto de cuidado com sua estética capilar. Este costume é algo que já fazia parte das tradições dentro da diversificada cultura africana, inclusive com possibilidades que implicam tipos de alisamento que fogem do sentido de enquadramento que Marly viveu ao ter de alisar seus crespos.

Neste caso, como já posto, o alisamento não se trata de uma escolha, ou mesmo parte de uma expressão cultural da colaboradora, ao contrário, representa dor, trauma, dentre outras significações geralmente negativas que vinculam-se a episódios de racismo cotidiano que reencenam o trauma colonial²⁶⁵.

O alisamento para Marly foi uma imposição social e de controle direcionado a sua aparência e constituído a partir das definições do “eu” branco. Ao longo da vida, Marly alisou os fios por vários motivos, seja para amenizar as violências raciais, ou para não passar por processos de invasão ao seu corpo e também para que não fosse considerada desarrumada e feia por simplesmente possuir um cabelo tido enquanto fora do padrão.

Porém, alisar as madeixas nesta situação diz respeito a ausência de profissionais capacitados que conhecessem sobre os cabelos crespos e sua versatilidade e soubessem fazer os penteados trançados africanos. Portanto, nessa circunstância, entendo o alisamento enquanto uma violência simbólica e também como materialização prática do racismo direcionado à estética desta mulher. O processo de alisar os fios crespos, se deu como ato compulsório e se tornou um mecanismo regulador do seu corpo além de uma tentativa de controle que limita o acesso da colaboradora a referências de penteados afro em Manaus.

O alisamento enquanto meio de regulação do corpo negro ocorre de maneira articulada²⁶⁶ entrelaçando histórias de pessoas pretas/negras/pardas no contexto pós-abolição. Na narrativa de Marly aparecem permanências históricas de ideais racistas e seus estereótipos nas relações constituídas socialmente. Dessa maneira, seu relato também conta sobre lugares que reproduzem valores culturais e simbólicos que materializam na prática os ideais eurocêntricos que visam uma padronização, excluindo cabelos não lisos/alisados do lugar de

²⁶⁵ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020. p. 237

²⁶⁶ CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Alisamento compulsório do Cabelo Crespo: Impactos do racismo na Subjetividade Negra**. FDC 2024, 10, 2-20. p.9 Ver: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdecleio/article/view/42081> Último acesso em 18 de setembro de 2024. p.9-11

um cabelo “correto”, “arrumado” e “bonito”. Trata-se de uma trança que entrelaça o mercado da Beleza, um olhar crítico aos salões tradicionais e suas opções limitadas de serviços e o olhar de uma mulher que entende a importância de espaços que abracem a estética negra em sua totalidade.

Em salões tradicionais, evidenciam-se algumas das barreiras simbólicas e materiais que reforçam as imagens de desalinhamento e animalização dos corpos negros²⁶⁷, especialmente quando as opções oferecidas para aquelas que querem fazer algo “diferenciado” em seus cabelos, são voltadas comumente para o alisamento e não se oferece nada além disso. Papéis de gênero e identidades específicas são forjadas nestes lugares reafirmando padrões e ideais que perpassam inclusive a comercialização deste belo que pode ser comprado.

Por vezes, os caminhos para a assunção de uma estética que seja “contra hegemônica” - e aqui nem falo no sentido político organizado e consciente - são extremamente dificultados nesses contextos. Assim, o corpo enquanto um resíduo dos valores constituídos dentro da sociedade, se torna um espaço de negociações desiguais de poder em que os sujeitos podem, ou não, vestirem-se simbólica e fisicamente daquilo que é ordenado enquanto o padrão estético que é estimulado que se busque. E Marly nos ajuda a entender isso:

E aí eu me decepcionei, porque jurava que ia encontrar penteados, tranças, aquelas coisas que eu via no meu gueto e não vi. E isso me impactou muito. Mas ela me convenceu, né. Estávamos eu e meu marido, que na época ainda era meu noivo e ela nos convenceu de que eu podia fazer e que depois ela ia fazer um tal de permanente afro e eu fiz.²⁶⁸

A partir desse momento houve uma quebra nas expectativas de Paixão. Essa noiva teve de viver entre o desejo de se expressar culturalmente e identitariamente pelas tranças e a dificuldade em lidar com a imposição do padrão estético branco que negligenciava e desaprovava pessoas com a sua estética. Novamente, tornou-se subitamente aquele “outro” de características racializadas e animalizadas.²⁶⁹

Não conseguindo acessar sua própria estética sem ter de encarar o padrão dominante que logo foi reforçado pela impossibilidade de acessar penteados para seus fios, ela é novamente

²⁶⁷ HALLI, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016. p.201-203. p.173

²⁶⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

²⁶⁹ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016. p.201-203

excluída de fazer parte deste universo do belo que só contempla madeixas lisas enquanto válidas. De fato, não houve muita escolha para essa noiva e só havia um caminho, aceitar o que a cabeleireira ofereceu, o procedimento do alisamento por meio de produto químico:

Enfim, eu fiz o procedimento uma semana antes do meu casamento e um dia antes do meu casamento eu levanto da cama e o meu travesseiro só tinha cabelos, cabelos e muitos cabelos, quilos de cabelos e dormíamos eu e minha irmã. E, eu tive o meu primeiro choque quando eu olhei aquilo e gritei: ‘- Mamãe, o que é isso? Mãe, eu acho que minha irmã cortou o meu cabelo de madrugada!’ E a mamãe disse ‘- Não, imagina, sua irmã não ia fazer isso!’ E eu gritei muito, chorei muito e quanto mais eu pegava no meu cabelo mais ele caía. Enfim, eu só fiquei com cabelo mesmo na parte da frente, uma pequena franja e aquilo pra mim foi um terror. E eu passava a mão e aquilo estava meio molhado. Eu criei umas bolhas na cabeça, umas feridas e o meu couro cabeludo estava meio que soltando. Era uma queimadura mesmo, de segundo, terceiro grau. E eu chorei muito, chorei muito e acho que era um ou dois dias do meu casamento e eu falei pra mamãe que não ia mais me casar. Que, o que eu queria era um cabelo lindo e não estar totalmente careca no dia do meu casamento.²⁷⁰

Além de todas as dificuldades para achar alguém para trançar seus fios e depois ser obrigada a ceder ao alisamento, Marly passou por um processo ainda mais doloroso e traumático. Ela narrou sobre uma experiência de um “corte químico” que implica numa quebra severa dos fios levando a uma queda abrupta dos cabelos. Isso acontece por diversos fatores que podem envolver desde produtos utilizados, até a saúde dos seus fios bem como possíveis manuseios equivocado do/da profissional que executou o trabalho. Quando isso ocorre, o procedimento deixa o cabelo tão fragilizado que os fios se rompem. Além disso, ela ainda relatou que seu couro cabeludo estava queimado, molhado e soltando, o que é característico de uma queimadura química. Neste dia Marly perdeu boa parte de seus cabelos vivenciando um sofrimento que implicou em dores físicas até emocionais e psicológicas, como ela mesma definiu, um trauma:

E aí foi muita conversa. A mamãe sempre soube acolher muito bem e aí ela e o meu noivo na época me deram muita força e ela conseguiu fazer lá um penteado e

²⁷⁰ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

esconder onde o problema era maior, que era atrás, ela conseguiu esconder com o véu. E todo cabelo que eu tinha na frente ela tentou espalhar pela cabeça.

*Enfim, tem poucas fotos do meu casamento, mas, a maioria das fotos é sempre com o véu jogado bem pra frente, e ali acabou. A partir dali Marly jurou nunca mais usar química. (Grifo meu)*²⁷¹

Esse processo traumático da perda de seus cabelos e o envolvimento de sua mãe e o noivo na direção de acolher as dores de Marly são fundamentais para o entendimento do que essa situação significou e para a compreensão da tomada de decisão que ela optou daquele momento em diante: “A partir dali Marly jurou nunca mais usar química”²⁷². A colaboradora conta sobre esta decisão referindo-se a si mesma na terceira pessoa, assim, estabelece uma separação entre a Marly antes do trauma e aquela que se tornou após o ocorrido. É uma maneira que encontrou de mostrar o rompimento com aquela versão anterior. Assim conseguiu passar a sensação de transformação e distanciamento quando falou de si como se fosse outra pessoa, porque de fato, depois disso Paixão nunca mais alisou seus fios.

Esse episódio carrega uma profundidade emocional e simbólica significativa sobre a importância da maternidade negra e o acolhimento de uma mãe, uma figura que atuou enquanto seu suporte emocional. Fala também da maneira como dona Inocência foi importante mediadora que buscou soluções possíveis para que Marly não desistisse de se casar. E além disso, a alternativa do uso do véu e a menção às “poucas fotos do casamento” dizem respeito à complexidade que se constituiu entre a imagem pública da jovem Paixão em um dos dias mais importantes de sua vida. Dessa maneira, o uso do véu jogado para frente para ocultar sua aparência, evidencia uma tensão entre o desejo de se apresentar publicamente e a angústia da realidade que a impossibilitou de viver isso naquele momento.

De fato, o trauma estético vivenciado por Marly a levou a uma ruptura decisiva com os alisamentos, principalmente com a química. Essa decisão pode ser entendida enquanto um momento de afirmação identitária frente a violência sofrida, bem como, ser pensada enquanto uma forma de resistência às imposições que marcaram toda a sua história de vida. Nesse sentido, Marly passou por um processo de reconstrução consigo mesma e também com seus cabelos

²⁷¹ Ibidem.

²⁷² Ibidem.

crespos, que agora assumiria naturais. Dali em diante Paixão trilhou uma jornada na busca de encontrar caminhos menos violentos de cuidados, enfrentando a sociedade inclusive careca, que valeu a pena para ela, mas não foi menos desafiador:

Primeiro, eu me sentia livre porque não tinha mais essa obrigação com a minha mãe, de estar sempre com o cabelo que ela idealizou, tipo aquela coisa daquele filme, ‘Felicidade por um fio’ onde a mãe idealiza aquele cabelo liso para filha. E a minha mãe tinha todo esse cuidado com os alisamentos. O produto que vinha de fora para alisar meu cabelo continuava vindo de São Paulo. Mas enfim, eu falei ‘- Não quero mais isso pra mim, não quero’.

A partir daquele dia, então, com vinte anos de idade, eu decretei que não ia mais alisar o meu cabelo. Eu ia assumir meu cabelo e dali eu ia ver o que eu fazia, né. Então eu acho que tenho também poucas fotos de mim, com o meu cabelo mesmo, assumida, bem crespinho mesmo. Porque quando ele começou a crescer eu fiquei muito tempo andando com ele “Pelezinho” mesmo. Com aquele cabelinho bem crespinho e enfim, aquilo também me incomodava porque eu não era aceita e eu gostaria de ser, né.²⁷³

Marly fala da sensação de liberdade que sentiu ao abandonar os alisamentos, mas ao mesmo tempo também teve de ser resistente. Sua mãe, que sempre a ajudou a sobreviver numa sociedade racista e utilizou como estratégia de proteção da filha o alisamento, agora teria que aceitar sua escolha de não mais se sentir obrigada a manter o cabelo idealizado por ela. Paixão se sentiu finalmente livre da obrigação para com sua mãe, uma escolha que se configurou enquanto um primeiro passo.

Dali em diante a colaboradora também teve de encarar o julgamento regulador da sociedade manauara que não a aceitava com seu cabelo “pelezinho” como ela definiu. E por conta disso precisou encontrar meios de cuidado para os seus cabelos, uma caminhada que a levou a trançar não somente os seus fios, mas fortaleceu toda uma comunidade negra manauara ainda em meados dos anos 1990.

²⁷³ Ibidem.

III. 5 “Alisamento nunca mais”²⁷⁴: O legado de Marly Paixão frente a criação do primeiro salão afro da cidade de Manaus

Então, houve um belo réveillon, depois de quase um ano de casada e aí eu falei assim: ‘Eu vou pra esse réveillon diferente’. Era uma festa onde seria a primeira festa que eu iria, glamourosa, casada, a senhora Marly Paixão Costa, e eu falei: ‘Nossa, quero ir muito diferente!’. Eu lembro que na época tinha uma cantora chamada Corona que usava umas tranças abaixo dos quadris e eu achava lindo e eu dizia que eu queria o meu cabelo assim’. E eu pensei ‘Como é que eu vou fazer?’ Em Manaus não tinha nada parecido pra eu fazer aqui. E aí eu tive um insight de ir pra um armário comprar lã, lembrei da minha prima, né, por isso que eu retratei logo no início, e falei assim ‘Eu acho que consigo fazer aquilo’. Porque eu brincava muito de trançar as minhas bonecas na adolescência e nelas eu já sabia fazer. E eu falei ‘Não, eu vou fazer, eu vou fazer!’.

Eu passei três dias trancada no banheiro, só ia pra cama com uma touquinha amarrada, dormia, acordava de novo, ia pro banheiro pra fazer. Então eu fiz assim, mais de cem tranças na minha cabeça, tranças longas, fiz sozinha, né, e ficou muito lindo. Mas, também, no fim da festa eu ainda achei duas tranças caídas no meio do canto onde eu estava dançando, mas consegui esconder, ou seja, caíram ainda algumas tranças, mas elas já ficaram mais firmes e eu consegui fazer.²⁷⁵

Marly dá início a um processo de resgate de sua autoestima que começa na busca pela autonomia estética. Já que não havia alguém que pudesse fazer suas tranças, ela mesma faria. E dessa vez, nesta festa, iria “glamurosa”. No entanto, há uma questão muito importante no processo, agora ela estaria ostentando também seu nome de casada, Marly Paixão Costa. Quando se fala sobre a mudança para um novo status fica explícita uma valorização social que é associada a modificação do seu status civil para uma mulher casada. Essa transformação de identidade confere legitimidade elevando o status social da mulher e lhe agregando valor quando se vincula a um relacionamento com um homem e reflete como funcionam algumas das engrenagens das opressões de gênero em sociedades patriarcais. Marly se orgulha do novo título

²⁷⁴ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

²⁷⁵ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

como um marco de conquista e realização pessoal. Porém, essa sensação de êxito em relação ao novo estado civil diz respeito a uma elevação da mulher que é validada através do matrimônio exatamente por conta do patriarcado.²⁷⁶

A questão do status social da senhora Marly enquanto uma mulher preta também trata de outras dimensões compartilhadas a partir da intersecção destas opressões. Historicamente mulheres negras foram relegadas ao lugar da estereotipagem que implica no processo de hipersexualização e animalização de seus corpos e de suas subjetividades. Postas no lugar de desumanização não foram sequer consideradas como “damas” ou “senhoras” pela perspectiva eurocêntrica acerca da construção da feminilidade. Nesse sentido, sob a ótica da intersecção de opressões essa mudança de status ao tornar-se a senhora Paixão Costa pode expressar ainda uma tentativa de escapar desses estereótipos racializados afirmando um lugar de respeitabilidade para si.

O status marital dentro de uma sociedade patriarcal e sexista lhe confere, ainda que limitadamente, uma aceitação e validação social, que normalmente seria negada a ela enquanto uma mulher negra. Quando valoriza este lugar simbólico do casamento, Marly também está se protegendo por meio do status que essa vinculação lhe confere. No entanto, apesar dessa aceitação também limitar sua autonomia, é nessa dinamicidade complexa que ocorre entre as opressões, que é característica da vivência de uma mulher preta, que torna-se possível enxergar a tensão entre sua busca pela autodefinição, a luta frente às normas e papéis sociais opressivos e as dificuldades que encontrou neste processo, bem como também, suas estratégias para enfrentar as agruras de viver em sociedade enquanto uma mulher preta, retinta e crespa.

Ainda dizendo respeito a luta pela autodefinição, ressalto a importância que uma personalidade negra famosa teve em sua vida, uma cantora que lhe inspirou no processo de busca pelas tranças. Corona, uma artista afro-brasileira que fez muito sucesso nos anos 1990 se destacou internacionalmente dentro do gênero *eurodance* popularizando-o também no Brasil. Olga Maria de Souza ostentava em seus cliques e em diversas idas a programas de TV, suas longas tranças, que balançava de um lado para o outro. Em 1993 a canção “*The Rhythm of the night*”²⁷⁷ estourou e ultrapassou gerações inclusive fazendo parte da trilha de uma telenovela

²⁷⁶ CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2024.

²⁷⁷ ALVES, Marllon. **Corona e a eurodance no Brasil**. In: *Gênero e História*. Disponível em: <https://generoehistoria.com/2024/01/22/corona-e-a-eurodance-no-brasil/> publicado no dia 22/01/2024.

em 2019 “Verão 90”. A artista trazia referências estéticas que foram extremamente necessárias para validar a beleza das tranças afro para a colaboradora que inclusive chegou a ser comparada a mesma quando finalmente conseguiu se trançar:



Corona em duas versões: à esquerda com visual anos 90 e à direita foto atualmente ano de 2015 (Foto: TV Globo)²⁷⁸

De fato, essa mulher foi para Marly uma figura de muita representatividade, sobretudo por conta da maneira como utilizava seus cabelos. Diante de um contato somente negativo com a sua própria estética, ver uma mulher que se parecia com ela e que ostentava um penteado africano se sentindo bonita e poderosa ao utilizá-lo, foi imprescindível para ajudá-la na manutenção de sua decisão. Usar os cabelos trançados em um espaço público como era o da festa de *réveillon* pode ser entendido enquanto um momento de reconstrução de sua autoestima e também de sua identidade social, especialmente porque na última ocasião pública, em seu casamento, a experiência foi extremamente traumática e oposta a essa:

Nesse momento eu parei de alisar o meu cabelo e foi até com esse meu namorado que hoje é meu marido. E ele dizia que admirava muito meu cabelo do jeito que ele era, crespinho mesmo. Ele adorava mexer, pegar e pela primeira vez depois da adolescência eu comecei a deixar meu cabelo mais natural, bem crespinho, bem afro, bem Black e aí eu comecei a me entender. Até porque a mãe dele era negra e tinha o cabelo Black, então pra ele era muito mais fácil isso, e então eu comecei a me encontrar de novo. Quando eu casei, eu tive o corte químico no dia

²⁷⁸ A foto foi retirada da reportagem feita para a Rede Globo no ano de 2015: G1. Lembra dela? Corona agradece regravação da banda inglesa Bastille. *G1*, 11 abr. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Último acesso em: 01 de outubro de 2024.

do meu casamento e aí eu entendi “- Não quero mais isso, não vou mais alisar” e daquele dia em diante eu não alisei mais o meu cabelo. Tive todo o corte químico, recuperei meu cabelo, ele ficou no zero, ficou homenzinho mesmo. E aí ele foi crescendo e eu fui adquirindo as lãs, porque não tinha cabelo aqui em Manaus, e *já com as lãs eu virei a Corona que era a moda na época, então eu vivia sendo chamada de Corona*. Trançava o meu cabelo, passava dois dias no banheiro trancada trançando, trançando, trançando, mas ali eu comecei a ter realmente a minha identidade.²⁷⁹ (Grifo meu)

Nesse momento, sua busca pela autodefinição²⁸⁰ ganha ainda mais força a partir da representatividade da cantora Corona, o que corrobora na construção de imagens positivas de sua estética. Bebendo dos referenciais imagéticos da artista, das memórias que guardava de seu Gueto e de sua tia Edna e também, do acolhimento de seu esposo, surgiu ali uma possibilidade de enfrentamento a diversas dimensões da estereotipagem²⁸¹, da própria animalização e do estigma que seu corpo carregou por tantos anos. O ato de trançar-se e desfilar com suas longas tranças na festa de réveillon e ouvindo comentários positivos sobre seu penteado, viabilizou uma possibilidade real de que a colaboradora pudesse sentir-se bela. Além disso, as tranças para Marly também dizem respeito a um momento de reconhecimento de si, em que ela expressa visualmente a materialização de sua luta pela autoestima e afirmação identitária:

Ali eu falei ‘Não, eu posso melhorar isso, eu posso melhorar’, e comecei a melhorar e aquilo foi ficando cada vez melhor. Fui sempre fazendo em mim mesma e as pessoas encantadas. *Nossa, o que mais me deixou feliz foi quando eu cheguei no evento e as pessoas: ‘- Nossa, que coisa linda!’, ‘- Você tá mais linda que nunca’ e eu jogava o meu cabelo. O sonho da mulher negra é um dia poder jogar os cabelos, né*, e eu realizei aquele sonho naquele dia. E eu jogava as minhas tranças para todos os lados. (Grifo meu)

Enfim, parecia assim, uma festa de princesa pra mim. E aí eu pensei: “Tá bom, mas como é que eu vou ser assim o tempo todo, sem que caia?”. Então eu precisei me especializar naquilo porque eu queria viver daquilo, não era viver daquilo profissionalmente, mas, eu queria viver fazendo tranças em mim, porque não tinha outra pessoa pra fazer. E aí eu fui, tentei mostrar pra minha mãe se como fazia pra

²⁷⁹ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 21 de dezembro de 2022. (Entrevista 2 de 3)

²⁸⁰ COLLINS, Patrícia Hill. O poder da autodefinição. In: COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo, 2019. p.2-4

²⁸¹ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016. p.201-203.

ver se ela me ajudava a fazer e ela não conseguia, aí falei: “Não, tem que ser comigo, mesmo, né.” e continuei fazendo, fazendo, fazendo e me especializando naquilo, melhorando as técnicas.²⁸²

Quando Marly diz que o sonho da mulher negra é um dia poder jogar seus cabelos, conscientemente não fala somente dela, mas traz uma memória de grupo, da comunidade a qual sabe-se pertencente e de uma vivência que é partilhada entre outras mulheres pretas. A fala que sai com naturalidade e entusiasmo carrega consigo um grande peso que escancara a maneira como a opressão racial e de gênero atravessa sua estética e cuidados com a aparência. Jogar os cabelos é um ato associado a uma feminilidade celebrada e reconhecida que está estritamente vinculada a cabelos lisos – diga-se de passagem vinculados a corpos brancos. Dessa forma, este desejo se trata também da busca pela liberdade e empoderamento que geralmente é negado a mulheres negras/pretas/pardas que são crespas e cacheadas e isso se evidencia ao longo de todo o seu relato. Nesse sentido, é importante entender que:

(...) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.²⁸³

Neste caso, ainda se trata de uma luta pela autoestima. Usar as tranças para recriar esse cabelo lançável fala de uma reapropriação simbólica presente no ato de poder balançar os fios para todos os lugares, o que por muito tempo não foi possível para ela²⁸⁴. Assim, quando Paixão vem à público com o cabelo trançado, se apresenta ao mundo com orgulho, ressignificando sua própria imagem. Além da questão racial, imbricada no relato da colaboradora, esse momento marca uma mudança que leva Marly a desejar aprimorar esse trabalho para continuar fazendo uso das tranças em si, um ato que fortalece sua autonomia crescente em relação ao próprio corpo e sua estética.

Um dia Marly foi até um armazinho da cidade que vendia variedades e viu uma mulher comprando um cabelo artificial para confeccionar bonecas para seu trabalho. Finalmente o antigo e conhecido *Kanekalon* havia chegado a Manaus, justamente um dos materiais que sua

²⁸² Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

²⁸³ POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, 1992. p.205 Ver: <https://periodicos.fgv.br/rev/article/view/1941> Último acesso em 07 de outubro de 2024.

²⁸⁴ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016. p.201-203.

tia utilizava em São Paulo. Assim, ela resolveu comprar alguns pacotes e treinar suas tranças com ele ao invés das lãs. Aos poucos, foi se aprimorando e desenvolvendo suas próprias técnicas para deixar as tranças perfeitas de acordo com o que ela sonhava:

Era outro material, era mais diferente, mais complexo, mas deu certo, começou a dar certo. Só que eu não gostava porque a trança não ficava nem totalmente lisa nem encaracolada, ela ficava uma coisa meio que sem forma. E aí eu falei ‘Não, isso pode melhorar’. Com o tempo melhorei, eu comecei a enrolar essa ponta. Olha o que eu fazia, eu trançava, enrolava em palitos de churrasquinho, como se fosse uma caneta, cortava, enrolava, fervia a água, pegava aquele cabelo, botava ele de molho, jogava minha cabeça na água quente e tirava. Quando eu tirava as tranças estavam em cachos. Nossa, aí eu me realizei, né. Falei: *‘É isso que eu quero.’* (Grifo meu)²⁸⁵

Paralelamente, Marly engravidou de sua primeira filha, Keverly Paixão da Costa, que nasceu em dezenove de outubro de 1986, quase um ano após seu casamento. Além dela, a colaboradora ainda teve Jeynniliss Paixão da Costa, nascida no dia doze de setembro na década de 1990. O processo de tornar-se mãe fez parte do caminho de aprimoramento de suas tranças e era algo importante não somente para ela, mas para suas meninas, já que agora, tornava-se mãe de não somente uma, mas duas crianças negras. A colaboradora rememora que aos seis anos sua primogênita já trançava e com oito, as duas trançavam com ela:

Com isso minhas filhas vão crescendo. Eu engravidei depois de alguns meses de casada, fiquei uns três anos ensinando minha filha, a minha primeira filha, a fazer tranças. Com uns seis anos a minha filha já fazia tranças nas bonecas dela. Depois começou a me ajudar a fazer, fazendo em mim. Com isso eu também tinha irmãs e comecei a aplicar nas minhas irmãs, minhas primeiras clientes foram minhas irmãs, porque eu comecei a fazer nelas.²⁸⁶

Marly articula suas experiências enquanto tranquista com a própria maternidade que implicou para ela em um cuidado consigo, com suas crianças e também com suas irmãs. O trabalho com tranças acaba ganhando outras proporções ainda mais profundas que tratam de

²⁸⁵ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

²⁸⁶ Ibidem.

um envolvimento pessoal e também de uma marca afetiva que esses penteados carregam dentro da sua família. As tranças, nesse caso, tornaram-se aliadas estratégicas para que ela e também as outras mulheres do seu núcleo familiar resistissem ao conjunto de opressões que as afetam. Desde a infância de Keverly e Jeinnyliss, as tranças foram adentrando suas vidas enquanto um dos exemplos de afeto de sua mãe e ainda como um símbolo de orgulho identitário.

Porque assim, eu tive uma proposta minha, particular, de que, enquanto eu estivesse educando as minhas filhas, criando as minhas filhas, eu não trabalharia fora, então foi assim desde que nasceu a minha primeira. Quando eu casei eu trabalhava, tinha minha profissão e quando eu engravidei, fiquei até o meu sétimo mês trabalhando. Depois que ela nasceu, não trabalhei mais. Até a Jeinny ter 12 anos eu não saí de casa, eu era mãe de família, dona de casa, era o que eu amava fazer e aí, entre esses trabalhos domésticos eu fazia as tranças. Então não era nada profissional, eu fazia por hobby. Fazia para outras pessoas, às vezes eu cobrava quando chegava alguém que dizia ‘- Não, eu vou te pagar, você tá aqui trabalhando!’. Porque tinha gente que achava inaceitável, né. E ali eu comecei a ver e perceber essa possibilidade, com outras pessoas falando sobre isso, que era algo rentável.²⁸⁷ (Grifo meu)

Quando Marly aborda a questão da maternidade e sua escolha de criar as filhas enquanto uma decisão pessoal, não perco de vista a estrutura silenciosa de subordinação que recai sobre as mulheres por conta da opressão patriarcal e das imposições dos papéis de gênero, constituídos em sociedade, especialmente quando há a especificidade de neste caso, ser uma maternidade negra. É importante entender que essa escolha que aparenta ser tomada somente de forma particular, é também moldada pelo contexto histórico e social, pelo racismo e pelo próprio patriarcado, além de dizer respeito às condições sociais e acessos que Paixão teve.

Geralmente, o trabalho fora de casa é um lugar historicamente direcionado para os homens/maridos enquanto as mulheres/esposas param suas vidas para dedicarem-se ao cuidado dos filhos. Mesmo quando Marly apresenta essa questão enquanto uma decisão própria que envolve a subjetividade e a realidade específica dela, ainda assim, é preciso entender essa questão em diálogo com o contexto histórico e simbólico que ela é vivenciada, também corrobora em suas concepções sobre a maneira que exerceria ou não, a maternidade. Além disso, o entrelace entre a dimensão do trabalho doméstico e ainda, o ofício de trancista, que se

²⁸⁷ Ibidem.

constituiu primeiro na informalidade que não lhe garantia faturamento e posteriormente enquanto um serviço remunerado, pode ser pensado à luz da noção de superinclusão de Kimberlé Crenshaw.²⁸⁸

A autora orienta um olhar cauteloso para a maneira como determinadas questões são abordadas somente em uma perspectiva generificada ou mesmo social. Sua contribuição agrega na discussão interseccional o entendimento de que algumas opressões, por vezes, podem esconder que existem outras formas de discriminação presentes nas vivências de alguns grupos. Por conta disso, o ser mulher, negra, esposa, mãe, dona de casa e trabalhadora informal pode se perder numa naturalização de algo que é tratado enquanto um caminho comum das coisas – o que é até possível que realmente aconteça -, mas que se constrói dessa forma por motivos específicos que dizem respeito a parte dos valores e simbologias sociais formuladas dentro desse contexto histórico.

O termo "superinclusão" pretende dar conta da circunstância em que um problema ou condição imposta de forma específica ou desproporcional a um subgrupo de mulheres é simplesmente definido como um problema de mulheres. A superinclusão ocorre na medida em que os aspectos que o tornam um problema interseccional são absorvidos pela estrutura de gênero, sem qualquer tentativa de reconhecer o papel que o racismo ou alguma outra forma de discriminação possa ter exercido em tal circunstância.²⁸⁹

Dito isso, é importante entender que o lugar do cuidado na vida de mulheres racializadas possui especificidades e portanto, deve ser compreendido a partir de um prisma interseccional que não apague uma ou outra opressão, reduzindo as experiências de mulheres negras a um tipo de discriminação que invisibilize as particularidades de suas histórias enquanto grupo e indivíduos. É comum que as mulheres abdicuem de suas profissões fora de casa, ou que o trabalho do cuidado do lar e dos filhos seja visto como uma vocação natural, mas isso compõe ainda uma visão idealizada que fala de uma maternidade que tem uma cor específica. Neste caso, pode não necessariamente se tratar disso porque existem ainda outras dinâmicas de discriminação presentes nas vivências das mulheres de cor, o que pode até mesmo motivá-las a

²⁸⁸ CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2024. p.172-175.

²⁸⁹ Ibidem, p.174.

constituição de família e devoção à suas casas exatamente por não ser essa uma situação comum para diversos núcleos familiares negros.

Por isso, considero pertinente a compreensão da maternidade através de um recorte racial. Entender como mulheres negras se veem dentro dessa experiência e o que ela significa, tanto para elas como para a sociedade, é um aspecto bastante relevante, visto que fazemos parte de um grupo que compõe 54% da população brasileira, que trabalha desde o surgimento desse país. Produzimos, criamos e, portanto, temos história, muitas histórias a contar.²⁹⁰

A motivação que leva mulheres negras a preocuparem-se com o bem estar de sua prole na esfera privada especialmente quando estes são negros - é uma questão histórica que, evidentemente, envolve as relações de gênero, mas ainda mais as questões raciais, inclusive na tentativa de proteção dos filhos e na maneira de subverter alguns estereótipos postulados sobre a maternidade exercida por elas. “Primeiramente, que às mulheres negras é negado o direito à família em vários aspectos (...)”²⁹¹. As sujeitas negras são constantemente colocadas em posições de cuidado, mas geralmente por falta de opção, dos filhos de terceiros e não dos seus, porém, neste caso, por conta do acesso social da família de Paixão em um núcleo familiar estruturado, poderia realmente ser um sonho possível exercer a maternidade focada em suas filhas e abrir mão do trabalho na esfera pública para dedicar-se a maternidade e ainda, ao ofício de trancista e cuidados com a casa.

Por outro lado, o trabalho enquanto trançadeira que também foi visto como mais um espaço de cuidado, levou Marly a ter dificuldades em enxergá-lo enquanto um ofício que deveria ser remunerado. Apesar de haver todo um empenho no aprimoramento de seu trançado e investimentos para desenvolvimento desse saber que lhe tomava tempo, dinheiro e outras faculdades que aprimorou para desenvolvimento de suas tranças havia um receio. Essa insegurança vem de um lugar de marginalização que o trabalho das trancistas ainda sofre na sociedade hoje. Para ela, as tranças eram primeiramente um cuidado consigo, também um hobby, posteriormente um cuidado com suas filhas e por fim, uma maneira de ajudar outras

²⁹⁰ BAÍA, Luara Paula Vieira. **Maternidade tem cor?: vivências de mulheres negras sobre a experiência de ser mãe**. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2020. p.16

²⁹¹ MACHADO, Nealla Valentim; COELHO, Tamires Ferreira. **Maternidades negras e fuga das imagens de controle no jornalismo brasileiro**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2020. p.8

mulheres que sofriam com seus cabelos. Somente depois de ser questionada sobre a questão de tornar isso um serviço que deveria ser pago, é que, paulatinamente, Paixão passou a compreender a importância de precificar aquela ocupação que por vezes, levava até doze horas de um dia intenso para ser realizada.

A partir do processo de autodefinição de dona Marly existem questões subjetivas e emocionais postas na relação entre a família da colaboradora e o espaço de acolhimento que foi se formando no salão. Patricia Collins e Kimberlé Crenshaw lembram da resiliência enquanto elemento imprescindível e parte da vida das mulheres negras e sua maneira de articularem-se ao enxergar as opressões vividas. A autodefinição,²⁹² nesse sentido, também perpassa a construção de uma consciência crítica que aos poucos foi ganhando corpo nas memórias que a colaboradora compartilhou sobre seu empreendimento, suas motivações e as escolhas pessoais que fez:

Quantas pessoas sentaram com uma dor na alma nas nossas cadeiras e quando terminava o processo, o olhar da pessoa no espelho olhando pra ela e o sorriso e o choro, de alguém que não se reconhece e fala assim: ‘- Meu Deus, essa sou eu!’. A pessoa ali toda trançada, sabe, com aquela trança enorme, aquele cabelo meio crespo, mas com maior volume que ela tentou esconder por tanto tempo, que ela alisou tanto tempo e ela se olhar e falar assim ‘- Olha, essa sou eu!’.²⁹³

Quando mulheres negras refletem sobre suas experiências e desafios, passam a considerar as estruturas de poder que as oprimem e criam suas estratégias de resistência. Dessa forma, a maneira como o salão é criado não se trata somente de vaidade, mas configura também um ato de sobrevivência e auto afirmação, ainda mais quando essa mulher esteve inserida em uma espacialidade que não lhe ofereceu muitas alternativas ou suporte, nem para ela e ainda menos para sua família. Dessa forma, Marly compartilhou seu trabalho e também seus saberes enquanto trançista, formando diversas outras mulheres que passaram a empreender enquanto trançadeiras na cidade. Por esses e outros motivos Marly se orgulha conscientemente de seu legado:

²⁹² COLLINS, Patrícia Hill. **O poder da autodefinição**. In: Collins, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*. São Paulo, 2019. p. 4-5

²⁹³ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

Eu tenho irmãs hoje, de 36, 37 anos, elas são gêmeas, e essas minhas irmãs gêmeas, eu lembro que nunca usaram química no cabelo, nunca, né, eu nunca deixei e eu conversei muito com a mamãe e elas nunca usaram. Mas desde os quatro, cinco anos, elas já começaram a usar tranças, e usam até hoje, nunca usaram química, nunca usaram outros tipos de cabelo, só tranças. E eu comecei a praticar nelas, a minha prática maior foi nelas, depois nas minhas filhas e isso pra que ficasse melhor em mim. Até que elas foram aprendendo, as mais velhas também aprenderam e dia domingo era mutirão, né, uma fazia o cabelo da outra, isso já com cinco ou seis anos que eu fazia em mim mesma. Elas começaram a fazer em mim e eu nelas e então a gente fazia esse mutirão de domingo. Aquela fotinha que de vez em quando você vai ver, né, de uma trançando o cabelo da outra, tinha domingo que era assim. A pequenininha ficava sentada lá na frente, outra atrás dela e a outra, todas enfileiradas trançando uma à outra e era muito gostoso. E assim, a gente passava alguns domingos inteiros fazendo, mas era um cabelo que ficava ali por uns três a quatro meses na cabeça. Você já acordava pronta e isso era um sonho pra mulher negra, acordar pronta. Coisa que a gente passava horas, a gente acordava passava duas horas para moldar mais ou menos um cabelo pra gente poder ir pra algum lugar, pra gente ainda ouvir depois que ele voltou no meio da festa, né. Então assim, eram frustrações atrás de frustrações, e as tranças não, elas vieram me mostrar uma raiz que era e que é minha, que era o meu sonho.

Foi na busca de afirmar-se e de encontrar um lugar positivo para a sua estética que Marly passou a se especializar na feitura das tranças e possibilitou outros caminhos de cuidados com os cabelos crespos/cacheados para outras como ela. O esforço de aprimorar-se nisso primeiro sozinha e depois com a expansão que ocorreu ao ensinar as mulheres da família a trançarem, diz respeito também à maneira como mulheres negras precisam exercer uma autossuficiência em um contexto que não lhes oferece nenhuma facilidade.²⁹⁴ Por conta dessa difusão das tranças primeiro entre suas irmãs e depois envolvendo suas filhas e com a movimentação orgânica acontecendo, outros/as passaram a se interessar pelo seu trabalho dando vida e continuidade a ele por longos anos.

Dali em diante, Marly passou a ser abordada e perguntada sobre seus cabelos, mas agora de outra forma. Aos poucos as pessoas lhe viam e queriam viver a experiência do trançamento e ver o resultado em suas cabeças. Esse legado começou primeiro cuidando de si, Marly contou como aprimorou suas técnicas e como inseriu o *Kanekalon* ao seu trabalho como trançadeira.

²⁹⁴ CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2024.

Ela resolveu comprar alguns pacotes e treinar suas tranças com ele ao invés das lãs. Aos poucos se aprimorou e desenvolveu suas próprias técnicas para deixar as tranças perfeitas de acordo com o que ela sonhava:

Era outro material, era mais diferente, mais complexo, mas deu certo, começou a dar certo. Só que eu não gostava porque a trança não ficava nem totalmente lisa nem encaracolada, ela ficava uma coisa meio que sem forma. E aí eu falei ‘Não, isso pode melhorar’. Com o tempo melhorei, eu comecei a enrolar essa ponta. Olha o que eu fazia, eu trançava, enrolava em palitos de churrasquinho, como se fosse uma caneta, cortava, enrolava, fervia a água, pegava aquele cabelo, botava ele de molho, jogava minha cabeça na água quente e tirava. Quando eu tirava as tranças estavam em cachos. Nossa, aí eu me realizei, né. Falei: *‘É isso que eu quero.’* (Grifo meu)²⁹⁵

Suas memórias tratam de um entrelace entre as opressões de gênero e raça que a atravessam de forma interseccional e a busca de uma autodefinição positiva de sua identidade étnico-racial em construção. A validação ou invalidação externa fizeram parte também da mudança de olhar para a sua identidade étnico-racial²⁹⁶. Quando ouviu que estava mais linda do que nunca naquela festa de réveillon e também quando foi perguntada sobre seu cabelo de forma positiva, tudo isso refletiu positivamente na percepção de sua autoimagem.

Além disso, a procura pelas tranças enquanto desejo de uma comunidade que queria acessar outras maneiras de cuidar de seus cabelos, moveu dona Marly na construção do salão. Por conta disso não se trata mais somente de uma questão pessoal de autoestima, mas da busca por uma maneira de resistir enquanto comunidade e lutar por respeitabilidade. De toda forma, não é apenas uma busca estética, mas um símbolo de resistência e afirmação cultural, especialmente num ambiente onde o valorizado são os padrões de beleza eurocêtricos.²⁹⁷

Para aprender a falar “com uma voz única e autêntica, as mulheres devem ‘pular fora’ das estruturas e sistemas dados pelas autoridades e criar suas próprias estruturas.” Diferentemente das imagens controladoras desenvolvidas para mulheres Brancas de classe média, as imagens controladoras aplicadas às mulheres

²⁹⁵ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

²⁹⁶ COLLINS, Patrícia Hill. **O poder da autodefinição**. In: Collins, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2019. p. 5

²⁹⁷ Ibidem, p. 4-5

Negras são tão uniformemente negativas que praticamente forçam à resistência. (p. 134).²⁹⁸

Como relembra Collins, quando mulheres negras passam a se auto definirem, não apenas estão rejeitando representações desumanizantes, mas afirmando sua agência, autonomia e valor intrínseco”²⁹⁹. Após ser vista de maneira respeitosa e num lugar de beleza, Marly recebeu uma missão que primeiro foi particular e dizia respeito a como poderia se manter trançada e depois como passaria isso para o outro, ampliando o acesso das tranças primeiro a suas familiares e depois a todos os outros que lhe apareceram. Dali em diante, desejando que as tranças fizessem parte de sua vida não somente aprimorou suas técnicas, mas também as transmitiu:

E aí eu comecei a fazer isso de graça nas pessoas. Eu via que a pessoa estava sofrendo por conta do cabelo, aí eu falava ‘Olha, eu faço.’. As minhas irmãs nunca gostaram muito dessas minhas ofertas e às vezes eu acabava fazendo sozinha, começava a fazer uma trança às sete da manhã e terminava meia noite fazendo o cabelo de outra pessoa. Mas era tão gostoso ver a pessoa realizada depois. Quando terminava aquilo era um sonho, então eu comecei a me encantar em ver as pessoas assim. Passados mais uns dois, três anos, de eu fazendo isso nas pessoas, um dia uma delas falou assim: ‘- Por que tu não ganha dinheiro com isso?’ e eu dizia: ‘- Como, ganhar dinheiro? Não, isso aqui é pro bem estar do outro!’; ‘- Mas, Marly, você tá ficando tão boa nisso, você poderia vender seu trabalho.’. Aí eu dizia: ‘Não, acho que não é necessário, né, até porque eu gosto de fazer, é um hobbie’, ‘- Mas, Marly, tu já pensou que tu pode...?’. Então assim, eu demorei um pouco a entender que eu podia ganhar dinheiro com isso. E o que eu comecei a fazer: quem podia pagar eu cobrava, né, e aí era assim muito desconfortável pra mim perguntar se a pessoa podia pagar ou se ela queria pagar, ou quanto que ela queria pagar por aquilo. No máximo eu pedia pra ela trazer o material e fazia de graça, ou, quando não, eu comprava o material pra fazer pra na pessoa e assim eu fiz por muitos anos.³⁰⁰

Enquanto trancista, certamente Marly exerceu um trabalho de cuidado gratuito com terceiros e demorou a entender seu ofício enquanto um serviço que deveria gerar remuneração. Ela foi incentivada a fazer isso, mas teve dificuldades em estabelecer preços e cobrar pagamentos. Essa sensação de ter um obstáculo para cobrar o valor do seu trabalho, pode ser

²⁹⁸ Ibidem, p. 5

²⁹⁹ Ibidem, p. 4-5

³⁰⁰ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

compreendida a partir da maneira como se concebem as atividades exercidas por mulheres negras, sobretudo as de cunho informal. Por vezes, o ofício não é reconhecido enquanto um trabalho, sobretudo por estar atrelado a origem racial dessas mulheres. No contexto manauara, Marly estabeleceu as tranças enquanto uma forma de valorização e afirmação identitária e somente depois amplificou sua abrangência a toda a comunidade negra local. Por fim, contou como formalizou a criação do salão:

O salão veio assim: o meu marido é corretor de imóveis e há mais ou menos uns vinte anos atrás ele fez uma venda extraordinária. Foi quando a gente reformou a nossa casa, até porque a gente começou trançando na varanda de casa, na garagem. Eu fazia as tranças dessas pessoas na garagem de casa. Quando eu cobrava, eu decorava a sala em que eu fazia e falava pra ninguém passar por ela. Nós compramos lá no mercadão aquelas esteiras de palha e então eu decorava a sala de uma forma bem afro, com plantas e aí nesse dia era o dia de trança, e ninguém ia pra sala, as pessoas só passavam pela cozinha. Então assim ficou uma coisa um pouco difícil porque a casa começou a ficar pequena pra isso e aí o meu marido quando fechou essa venda, perguntou: ‘- Marly, tem esse tanto de dinheiro, você quer fazer um salão, você quer ampliar esse negócio?’ E ali me deu um pouco de insegurança. Fiquei pensando: será que dá, mas e aí se não der, como é que vai ser? Então vieram várias questões e as meninas me motivaram: ‘- Não, mãe, vamos fazer, a gente pode fazer um espaço que não precisa necessariamente a gente viver dele’. Até porque na época eu dava aula de reforço, eu fazia outras coisas pra ajudar em casa. Então aí a gente decidiu: ‘- Não, vamos reformar.’ E aí a gente começou a reformar a casa e aí já fiz aquele espaço. Só que no primeiro ano era só um espaço, paredes brancas, tudo branco, duas cadeiras pra trançar, uma mesinha e só. E ali a gente começou a ganhar o nosso primeiro dinheiro e depois a gente viu que aquilo podia crescer. Então com o dinheiro do cabelo a gente começou a ampliar. A nossa grande sacada foi quando veio a internet e a gente descobriu que era possível, você olhar ali uma foto e saber que podia comprar cabelos de fora. Nossa aí foi o maior *boom*. E nós tínhamos esse cabelo tanto para aplicar quanto para fornecer para outras pessoas, então foi mais ou menos assim que nasceu o nosso salão. O hoje ‘Studio Tranças Afro Manaus’, que quando passou para a Jeinny ela mudou de ‘Tranças Afro Manaus’ para ‘Studio Tranças Afro Manaus’.

O processo até a fundação do salão levou longos anos para Marly e sua família. Informalmente, o “Tranças Afro Manaus” foi fundado em meados da década de 1990, em 1994 para ser mais exata, que é o momento em que a colaboradora passou a se trançar com mais

afinco e aos poucos foi trançando outras pessoas. Já o espaço oficial foi criado em 2008. Quando casou-se, em novembro de 1985, que é também o momento em que sofreu o corte químico. Até esse momento houve um longo trajeto em que Marly precisou deixar seus cabelos crescerem para depois incorporar as tranças a sua vida e de suas filhas.

Como a colaboradora bem conta, já encarou as ruas de todas as maneiras, até mesmo careca. Porém, foi no ato de aprender a cuidar de si a partir das tranças que foi possível criar um salão que hoje carinhosamente chamamos de salão semente. Esse local se constitui enquanto um legado para suas filhas e para a comunidade negra manauara. O hoje “Studio Tranças Afro Manaus” se tornou ainda nos anos noventa um espaço de sociabilidade importantíssimo para homens e mulheres crespos/as e cacheados/cacheadas, um lugar em que Marly acolhia as dores daquelas/daqueles que partilhavam aquilo que ela também sentiu enquanto mulher negra e crespa ao longo da vida:

A gente podia escrever um livro das dores que a gente ouvia no momento em que a gente estava fazendo tranças e as pessoas diziam assim: ‘- Marly, você não faz só minha cabeça, por fora, você faz por dentro, você me ajuda, você me faz crescer.’³⁰¹

A gente poderia mesmo escrever um livro sobre todas essas outras histórias que se entrelaçam a de dona Marly, porém por enquanto, ao menos visibilizar a trajetória daquela que foi pioneira no oferecimento de serviços de tranças dessa cidade, nós já conseguimos. Evidentemente que numa pesquisa acerca de uma trajetória de vida não é possível dar conta de todas as nuances que marcaram as memórias da colaboradora. Entretanto, à essa altura imagino que existam diversas questões que partem da curiosidade de saber mais informações sobre o empreendimento e família Paixão, e portanto, devo ao menos esclarecer algumas questões sobre o que ocorreu com ele e com Marly diante dos caminhos que têm trilhado nos dias de hoje.

Atualmente, Marly Paixão é psicóloga e já atua na área há mais de dez anos fazendo seus atendimentos clínicos, além de ser também professora no ensino superior em uma instituição privada da cidade. Os motivos que a levaram para essa formação estão disponíveis para serem lidos na íntegra no tópico voltado para as entrevistas que estão transcritas mantendo as perguntas e diálogos que fizemos durante todas elas ao longo desses anos. Além disso há

³⁰¹ Ibidem.

ainda uma ficha com informações gerais sobre a colaboradora que também auxiliarão o/a leitor/a.

Como já pontuei, ao longo de sua trajetória Marly formou diversas outras trançadeiras em Manaus, muitas hoje tiram o sustento de suas famílias com os espaços que fundaram depois de receberem os ensinamentos dela. Mas acredito que até aqui todos queremos saber o que aconteceu com o salão de Marly, o “Studio Tranças Afro Manaus”. Fico feliz em partilhar que ele ainda existe e está atualmente nas mãos de uma de suas filhas, sua mais nova. O espaço é localizado no bairro Planalto na região centro-oeste da cidade e é administrado por Jeynniliss Paixão que mudou-se para Brasília recentemente, mas tem suas funcionárias cuidando do empreendimento aqui em Manaus. Inclusive, essas trancistas foram formadas pela filha de dona Marly que nos últimos anos também ministrou cursos de formação para aqueles e aquelas que quisessem se tornar trancistas.

Além disso, houve ainda uma ampliação do legado da colaboradora em relação à sua outra filha, a mais velha. Keverly Paixão fundou o “Tranças e Tranças” localizado no bairro São José Operário na zona leste de Manaus que é um bairro mais periférico especialmente quando comparado ao local do outro estúdio, porém extremamente populoso. Essa filha administra o empreendimento próprio aqui na cidade e é participante ativa de feiras e eventos voltados à promoção das tranças na cidade. Além disso, ainda fui informada por dona Marly que existe a possibilidade de um outro estúdio ser inaugurado em Brasília muito em breve.

Mais informações que possam ser pertinentes para o(a) leitor(a) podem ser consultadas a partir das entrevistas que ficaram disponíveis. Nelas há ainda relatos acerca do que Marly ouvia de suas clientes no salão, histórias de enfrentamento aos dramas de executar esse trabalho na cidade e ainda, como tem exercido sua profissão enquanto psicóloga nos dias de hoje, incluindo eventos que tem organizado voltados para a saúde mental de populações indígenas. Marly se tornou referência em suas duas áreas de trabalho e permanece atuando com foco na sua comunidade, além de ter inspirado diversas trancistas que hoje podem ser encontradas em todas as zonas da cidade de Manaus.

NAS TRAMAS DE UMA CONCLUSÃO

Figura 3: Marly Paixão Costa, Keverly Paixão Costa, Jeinnyliss Piaxão Costa, sobrinha de Marly Paixão



Fonte: Arquivo pessoal da família de Marly, ano de 2021.³⁰²

Eu acredito que a mulher é 80% o cabelo. A mulher tem o corpo, ela tem a fala, ela tem a inteligência, mas o cabelo ela fala muito. Seja raspado, seja trançado, seja alisado, ele fala muito. E o importante é que você esteja bem com ele. Você precisa estar bem com seu cabelo, você precisa se sentir segura quando vai na rua, você precisa. E eu falo isso com propriedade porque eu já fui à rua de várias formas, já fui até careca pra rua. Então você vê o olhar e a discriminação da sociedade e se você não souber lidar com isso...

Hoje eu sei muito mais por ser psicóloga, por ter estudado a área, hoje eu sei e graças a Deus as minhas filhas levam uma vida muito leve por conta disso tudo e os meus netos também, mas é muito difícil para as mulheres que não tem essa possibilidade.³⁰³

³⁰² Na foto acima temos da esquerda para a direita Marly utilizando um pente garfo no cabelo de sua filha mais velha Keverly Paixão da Costa, enquanto esta por sua vez trança os cabelos de sua irmã mais nova Jeinnyliss Paixão. Jeinny já trança o cabelo de uma sobrinha de dona Marly. A foto foi tirada no Studio Tranças Afro Manaus localizado no bairro Planalto e é do acervo pessoal do estúdio. A foto encontra-se inclusive disponível na rede social do salão e foi publicizada no dia 20 de novembro do ano de 2021.

³⁰³ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

O alisamento dos cabelos crespos/cacheados marcou a história de muitas meninas e mulheres negras/pretas/pardas no contexto brasileiro. Simbolicamente, se estabeleceram olhares e percepções racistas direcionadas à população negra e a sua aparência física, especialmente se tratando das mulheres. Apesar de discursivamente haver um movimento em direção a diversificação das aparências dos sujeitos, nos segmentos de moda e serviços de beleza, muitos discursos se traduzem numa prática que exprime um posicionamento ambíguo, de um lado, confessa-se que vale abraçar alguns elementos da cultura negra, porém de outro não se acolhem as pessoas pretas. Nesse sentido, certas representações sobre o fenótipo, o tom da pele e os estigmas direcionados aos cabelos crespos que bebem em construções estereotipadas anteriores³⁰⁴ permanecem vivas enquanto uma úlcera colonial encenada a partir do racismo no cotidiano.³⁰⁵

A história da beleza negra nesse sentido, é reveladora acerca das relações de poder, de gênero e de raça quando possibilita a desnaturalização do que é, na realidade, um trabalho de construção social, histórica e cultural de gênero que opõe masculino e feminino, assim como estabelece diferenças entre mulheres brancas e mulheres de cor. O processo de naturalização dos costumes e cuidados com a aparência foram estabelecidos em relação às mulheres a partir da imposição de uma beleza ideal que evidencia o dinamismo do jogo de opressão e da violência que se direciona a corpos racializados. No entanto, quando se trata de um corpo negro, a busca pela beleza por vezes se trata de um campo de batalha. Ao longo do histórico de luta dos movimentos de mulheres negras, muitas pautas foram levantadas com o intuito de gerar transformações na maneira como essas sujeitas se constroem étnico-racialmente na intenção de construir para si um orgulho de suas negritudes:

Assim, percebe-se que as articulações culturais e políticas dos movimentos negros no Brasil e na diáspora criaram repertórios para o uso do cabelo. Se antes os cabelos armados, volumosos e trançados eram sinônimos de vergonha, de uma negação das raízes africanas, eles se tornaram um dos principais símbolos junto às vestimentas de afirmação da negritude. Afirmação da negritude pautada no estilo de vestuário, no estilo de cabelo e nas discursividades das pessoas negras.³⁰⁶

³⁰⁴ HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016.

³⁰⁵ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

³⁰⁶ SANTOS, Luane Bento dos. **Trancista não é cabeleireira!** 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/consultas/conteudo.php?strSecao=resultado&nrSeq=60705@1>. Acesso em: 21 set. 2024. p.85

Minha colaboradora teve sua história de vida marcada pela preocupação com a sua aparência. Sua trajetória diz respeito a um projeto de uma família negra que visava que a filha acessasse aquilo que lhe deveria ser mínimo, é parte da história de diversas outras famílias pretas que visaram um projeto de ascensão para seus filhos e filhas no contexto pós-abolição. Esse cenário forçou Marly a encontrar maneiras para sobreviver no mundo do “eu branco” bem como construir caminhos possíveis para permanecer nesses espaços driblando, de alguma forma, as violências raciais, de classe e de gênero que sofreu.

Sempre que encontrei Marly para as entrevistas ela estava com uma aparência impecável e não me lembro de tê-la visto desarrumada nenhuma vez, nem mesmo em suas redes sociais. Quando, aos poucos vamos conhecendo sua história e consequentemente a de sua família e comunidade entendemos o motivo de tudo isso. Os cuidados com a aparência fazem parte de sua vida desde menina. Hoje, a colaboradora normalmente está bem maquiada, vestida de maneira formal e sempre muito perfumada. Dona Marly é uma mulher que tem uma presença forte e afável e carrega um olhar expressivo que acompanha sua postura séria, mas também, um sorriso muito acolhedor. Apesar de possuir cabelos crespos, eu particularmente nunca os vi pessoalmente porque sempre que a encontrei, ostentava um cabelo diferente. Ela é adepta ao uso de diversos tipos de *laces*, *wigs* e *apliques*.³⁰⁷ Por esse motivo, possui uma variedade dessas perucas super-realistas que troca na mesma velocidade que é possível trocar de roupas, algo com o que me identifico, pois também o faço.

Um ponto importante sobre toda sua atual liberdade capilar que possibilita o poder de vestir os cabelos que deseja usar num dia ou em outro - e que é uma relação que estabelece de

³⁰⁷ Essas *laces* ou mesmo as *wigs* são tipos de perucas modernas. As *laces* são perucas geralmente mais nobres em acabamento e podem ser feitas de fibras sintéticas ou mesmo cabelo humano, possuindo telas que imitam o couro cabeludo e proporcionam mais naturalidade. Já as *wigs* são perucas mais simplificadas no acabamento e são feitas geralmente de fibras mais baratas, raramente feitas de cabelos humanos. No geral, ambos os tipos podem ser feitos a partir de fibras de tipo orgânico ou premium e terem curvaturas variadas sejam onduladas ou crespas, cacheadas ou mesmo lisas, além de existirem em diversas cores e tipos de combinação, cabelos loiros, castanhos, com efeito ombré ou mesmo os cabelos chamados “fantasia” com tons em rosa, verde neon, ombré colorido de tipo arco-íris entre outros, as possibilidades são infinitas. As *laces* inclusive, são bem mais caras e inacessíveis do que as *wigs*, sobretudo por conta do tipo de fibra ou mesmo os tipos de acabamento. Esse tipo de peruca tem ganhado o coração das brasileiras negras e não negras também por conta da possibilidade de se fazer pedidos por lojas online do Brasil ou mesmo da China que é onde essas produções ocorrem com mais afinco, entre outros lugares do mundo. Para historiadores culturais e sociais é um prato cheio para entender de forma interseccional as dimensões deste mercado em ascensão no Brasil e no mundo, que tem ganhado cada vez mais adeptos. A possibilidade de literalmente vestir diversos tipos de cabelos para essas mulheres parece encantar aos olhos, ainda mais se tratando de mulheres pretas que sofrem dentro da sociedade exatamente por conta de seus cabelos naturais.

maneira divertida agora aos 58 anos - é que, por debaixo de tudo isso, Marly carrega um penteado feito na raiz dos seus cabelos, suas tranças nagô. Essas que lhe servem como penteados em si mas que neste caso são utilizadas para manter os cabelos desembaraçados e penteados evitando a dor de ter de mexer nos fios, o que facilita seu dia a dia. Dessa maneira, os cabelos ficam alinhados em caminhos de tranças enfileiradas para que sirvam como estrutura, uma base que permite o uso de suas várias *laces* postas por cima das tranças, como fez questão de ressaltar:

Hoje você vê o meu cabelo assim, mas ele está trançado, tem uma base aqui que é a trança nagô e aí vem os cachinhos que eu vou modelando. Hoje se eu quiser um cacho dessa cor, ou de uma outra cor eu troco, vou trocando os cachos e aí eu não preciso pintar meus cabelos. E sempre a trança é a base dele e elas me dão uma força, sabe, sentir que o meu cabelo está trançado me dá uma força! Quando a gente sente que a cabeça está toda esticadinha na trança isso dá um poder e a gente sente ali os ancestrais da gente gritando e isso é muito gostoso, e quando você consegue passar isso pro outro é indescritível, também.³⁰⁸

Quando eu encontrava dona Marly, um dia ela estava ruiva e cacheada e num outro encontro ela estava com um cabelo acobreado no estilo *black power*³⁰⁹ ou ainda, com cabelos cacheados loiros. Hoje, ela veste vários tipos de cabelos que são uma possibilidade existente devido a modernização das perucas atuais e também pela disseminação do uso das mesmas que ganhou espaço através das redes. As *wigs*, ou *laces* são amplamente utilizadas dentro das comunidades negras em diáspora e seu uso também tem sido difundido no mercado brasileiro com grande afinco, especialmente por conta das influenciadoras do mundo digital, *influencers*, *blogueiras* e *youtubers* pretas que fazem uso e divulgação dela. Além disso é possível observar muitas cantoras negras famosas fora do país e também afro-brasileiras que trocam de cabelos a cada apresentação, ou ainda em qualquer outra atividade que implique sua aparição em público, o que ajuda na disseminação dessas outras estéticas que hoje tratam a questão dos cabelos como um tipo de acessório que, até certo ponto, é possível vestir.

³⁰⁸ Entrevista com Marly Paixão realizada por Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro no escritório da entrevistada, na zona centro-oeste da cidade de Manaus/AM, no dia 24 de abril de 2021. (Entrevista 1 de 3).

³⁰⁹ *Black Power* é um tipo de corte de cabelo que carrega toda uma história de resistência e identidade a partir da afirmação da Beleza Negra enquanto signo político. Os cabelos são assumidos em sua textura natural e cortados em formato arredondado. Um cabelo que foi amplamente disseminado e fortalecido no contexto de luta estadunidense nos anos 1960 e 1970 pelos movimentos negros americanos que reivindicavam que o “*Black is Beautiful*.”

O elemento identitário mais importante na trajetória dessa mulher foi justamente o seu cabelo e atrelado a ele, os diversos caminhos que percorreu até encontrar maneiras para usá-lo em sua diversidade. Para ela, que viveu o alisamento compulsório³¹⁰, os puxões de cabelo, os comentários hostis e ainda um corte químico que a deixou careca, foram marcadores traumáticos que levaram-na a construir o que hoje considera uma liberdade capilar para si, assim como para suas filhas e tantas outras pessoas através das tranças, bem como dos apliques. A necessidade de cuidar da aparência é parte de sua rotina, priorizada nos dias de hoje e fruto de um processo muito mais leve em que ela pode escolher cores, texturas e formatos de cabelos que usará no cotidiano sem precisar anular sua identidade étnico-racial.

Seus cuidados de hoje são na verdade provenientes de processos anteriores que fazem parte de uma longa caminhada que trilhou desenvolvendo saberes próprios de embelezamento. Hoje, a colaboradora agencia essa construção de beleza a partir de sua própria perspectiva. E vale lembrar, ao longo dessa jornada Marly nunca necessariamente odiou seus cabelos, a sua dor era o preconceito, a discriminação e a violência racial invasiva do “eu branco” em relação aos seus crespos. Dos cabelos ela gostava, só não podia utilizá-los naturais porque sofreria com o comportamento daqueles que consideravam a sua estética inadequada e inferior por não corresponder ao padrão idealizado de beleza branco.

A experiência de poder escolher sem dificuldades qual cabelo irá vestir no seu dia-a-dia sem a preocupação de que aquele cabelo poderia “voltar,” à forma natural significa liberdade para dona Marly. Nesse sentido, a atenção que desprende as suas madeixas é fruto de uma relação complexa que foi cultivada ao longo de sua vida, proveniente de um processo cheio de significados que envolvem rejeição e aceitação dos seus crespos naturais.

Por muitos anos, desde a infância, a importância dos cuidados capilares lhe foi ensinada como elemento imprescindível para que enfrentasse a rua, a escola, o trabalho, ou seja, os espaços públicos como todo, tudo isso já esperando pela nociva hostilidade dos outros. Nesta circunstância, sua família foi essencial, bem como o projeto familiar de mobilidade social engendrado por seus pais que, diga-se de passagem, foi bem sucedido. Eles conseguiram se

³¹⁰ CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Alisamento compulsório do Cabelo Crespo: Impactos do racismo na Subjetividade Negra.** FDC 2024, 10, 2-20. p.9 Ver: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/42081> Último acesso em 18 de setembro de 2024.

inserir nos espaços buscados, no entanto, isso não os blindou de vivenciarem os impactos de terem sua alteridade atravessadas pelo outro branco durante o processo.

De fato, após muito esforço para caber onde não cabia, houve um momento da vida de Marly que se tornou insustentável continuar alisando os fios. A experiência dos traumas com o alisamento e o cansaço de manter tudo isso a médio e longo prazo, já havia levado esta mulher ao limite, tornando o processo extremamente cansativo e adoecedor. Mas a tomada de decisão que a levou a abandonar completamente o alisamento veio. Dali em diante, mesmo que os produtos alisantes continuassem vindo de São Paulo providenciados pela família, Paixão já havia prometido para si que não faria mais o procedimento e manteve sua decisão.

Marly precisou aprender a se trançar e as tranças trouxeram sua liberdade, autoestima e amor próprio de volta. Quando começou a ganhar visibilidade com o trabalho que desenvolveu enquanto trancista, ela não necessariamente estava militando por algo de forma conscientemente ativa, na intenção de politizar a sua estética. Entretanto, o corpo de uma mulher negra, bem como os seus cabelos, sobretudo em uma sociedade racista e sexista, é um lugar político que escapa as possíveis pretensões e desejos individuais. O fato é que Marly se envolveu na dor do outro que também já havia sido a sua, e viu um resgate possível que as tranças poderiam significar para ela e para sua comunidade, para aqueles que trançava e que lhe ensinaram muito sobre o poder das tranças em fortalecer homens e mulheres negras quando essas opções ainda eram tão escassas na cidade de Manaus.

A discussão sobre a questão da identidade e seu atravessamento pela racialização postulada a partir do pensamento de Sueli Carneiro, evidencia como a subjetividade dos sujeitos negros(as) se dá a partir de uma negação dessa própria subjetividade, tornando assim, o “ser” em um “não ser”³¹¹. Além disso, não se pode esquecer que a diferenciação e exotificação discutidas a partir de Stuart Hall³¹² também corroboram para o fortalecimento de um imaginário que liga homens e mulheres pretas a marcadores de inferiorização. Tudo isso evidencia a necessidade de olhar para o cotidiano de pessoas pretas de forma mais aprofundada, entendendo que há muito mais por trás do costume, dos cuidados com a aparência e das intenções dos

³¹¹ CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

³¹² HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016.

sujeitos que se embelezam, até porque esses homens e mulheres são atravessados pelo racismo, sexismo e pelo próprio patriarcado, dentre outros marcadores de opressão.

Ainda sobre esse debate não se pode esquecer da função das imagens de controle delineadas a partir de Patricia Hill Collins³¹³ e Winnie Bueno³¹⁴. Essas, por sua vez, são utilizadas na manutenção dessas estruturas, repetindo por meio das representações todo o conjunto de estereótipos anteriormente delineados. Como consequência do reforço da diferenciação no cotidiano, a experiência negra se configura em um choque que provoca o trauma, aqui postulado nos termos de Grada Kilomba³¹⁵. Esse conjunto de fatores relacionados, induz muitas pessoas negras a buscarem modificar suas características físicas para aproximarem-se do ideal de brancura acreditando que esse branqueamento, de alguma maneira, as tornará mais aceitas e que, por conseguinte, sofrerão menos racismo, o que infelizmente não se sustenta. Dessa forma, o corpo, bem como a cor da pele e os próprios cabelos, passam a ser obstáculos para os desejos de aceitação e pertencimento fundamentais na construção da subjetividade.

O ideal que a sociedade valoriza enquanto características belas fincado historicamente na imagem de um corpo branco cria uma desconexão para pessoas racializadas violentando-as a nível externo, mas também internamente. Trata-se do racismo vestido em outras roupas que continua a manter suas bases de diferenciação, construção de uma exotificação e desumanização, que marca os indivíduos negros pelo processo do trauma colonial³¹⁶. No entanto, apesar deste cenário, Marly construiu sua própria maneira de autodefinir-se e procurou possíveis meios que lhe permitissem caber em si mesma sem que precisasse se anular para isso. O processo de enquadramento quando chegou no limite para ela e também para sua mãe possibilitou enxergar outras vivências e também o aspecto da resistência dessas mulheres.

As recomendações recebidas de sua mãe sobre como deveria se comportar diante do outro branco que é rememorada por Marly, reflete aquilo que foi postulado por Sueli Carneiro, a construção de homens e mulheres negras se dá a partir de uma construção de si enquanto “não

³¹³ COLLINS, Patrícia Hill. O poder da autodefinição. In: Collins, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2019.

³¹⁴ BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) — Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

³¹⁵ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

³¹⁶ Ibidem.

ser”³¹⁷, uma identidade que vai se moldando a partir de uma anulação em virtude da necessidade de se adequar nos padrões brancos. Mas ao mesmo tempo, evidencia um conjunto de estratégias que são criadas na tentativa de desafiar os estereótipos negativos construídos a respeito do seu povo.

Dona Marly teve de ser a melhor em tudo para combater os pressupostos provenientes da estereotipagem do outro e assim provar-se uma mulher negra diferente do que o imaginário branco construiu sobre ela e ainda sobre sua comunidade no ato de exotificação dos corpos e subjetividades das mulheres negras. Nesse sentido, o sentimento de insuficiência e a busca pelo perfeccionismo também fez parte de um drama negro histórico que é causado pela branquitude e que ainda no tempo presente precisa ser superado por meio da descolonização do ser:

A ideia de descolonização pode ser facilmente aplicada no contexto do racismo, porque o racismo cotidiano estabelece uma dinâmica semelhante ao próprio colonialismo: uma pessoa é olhada, lhe é dirigida a palavra, ela é agredida, ferida e finalmente encarcerada em fantasias *brancas* do que ela deveria ser.³¹⁸

Como nos lembra Kilomba, é somente a partir de uma descolonização que se torna possível um enfrentamento real ao racismo e a colonialidade e assim, torna-se possível abrir as possibilidades para uma afirmação de si dentro de suas próprias perspectivas. Isso se constrói quando os atos dos sujeitos negros e negras já não são apenas reações de resposta ao “eu branco”. Essa perspectiva vai inclusive de encontro com o que Patricia Hill Collins³¹⁹ formulou sobre o processo de autodefinição, que é um elemento central para a resistência, mas sobretudo para a emancipação das mulheres negras.³²⁰

Ao longo de nossas três entrevistas o termo “cabelo” apareceu cento e setenta e sete vezes, especialmente partindo de dona Marly, mas também entrelaçado a algumas poucas falas minhas em resposta às suas colocações dando o tom de importância que esse marcador de identidade assumiu em sua vida. A emancipação só foi possível quando libertou-se do alisamento, o que foi um marco na trajetória de vida da colaboradora porque a partir dali ela

³¹⁷ CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

³¹⁸ KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. p.224

³¹⁹ COLLINS, Patrícia Hill. O poder da autodefinição. In: Collins, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2019. p. 4-5

³²⁰ Idem.

mesma teve de definir como usaria seus cabelos. Isso se dá não mais a partir das normas sociais e raciais impostas pela branquitude acerca do cabelo ideal. Suas madeixas crespas tornam-se essenciais não somente como marcadores de sua identidade étnico racial, mas sobretudo, como o elemento central do seu processo de descolonização e autodefinição.

Além disso, e não menos importante, é a partir do seu processo que Marly construiu toda uma cadeia emancipatória para e com mulheres negras, pretas e pardas na cidade de Manaus. A partir de sua mudança pessoal abraçada pela coletividade sua história corroborou na retirada de um peso histórico para muitos homens e mulheres que viam no alisamento uma obrigação. Primeiramente as tranças mudaram sua vida, de suas filhas e de suas irmãs e depois ressoaram entre aqueles e aquelas que o seu trabalho alcançou em meados da década de 1990. Dona Paixão tornou-se inspiração para meninas e mulheres negras que precisavam de alternativas além do alisamento compulsório e possibilitou uma liberdade capilar semelhante à que ela mesma vivenciou ao longo de sua trajetória de vida.

Quando perguntada se a percepção de suas clientes sobre si se modificava no processo de trançamento ou mesmo no pós, com a finalização dos penteados, Marly respondeu assim:

Na vida delas? A grande maioria, por isso eu tenho vontade de escrever um livro com a história dessas mulheres porque a gente ouve coisas tão lindas. Desde pessoas que sofrem em um relacionamento abusivo por conta dos cabelos e que passam vergonha porque não são aceitas, muitas vezes, dentro da própria casa. Ou ainda de filhas de mulheres brancas com homens negros que chegam muitas vezes no salão, muitas adolescentes e jovens, cujas mães não sabem lidar com o cabelo delas e elas não tem uma identidade e aquela criança sempre quis manter o cabelo liso, ou quis raspar os cabelos e já chorou muito porque queria ter o cabelo igual ao da mãe e tinha os cabelos crespos igual ao do pai. Tudo isso era muito traumático pra elas e quando elas chegam no salão que elas nos veem... Às vezes chegam nos dizendo: “- Eu vi uma foto sua e quis o meu cabelo igual o seu.”, ou ainda, outras que diziam: “- Eu lhe vi na televisão e eu falei pra minha mãe, eu quero aquilo, eu posso ficar daquele jeito, igual a mulher da televisão?”.

Então assim, a gente começou a ver que a gente era uma referência e que a gente podia mudar a vida delas também e aí quando termina elas olham pro espelho e falam: ‘- Nossa, você mudou a minha vida.’ A gente escuta isso direto, eu ouvia e hoje as minhas filhas ouvem isso: ‘você mudou a minha vida’.

ENTREVISTAS

Considerações iniciais:

Aqui disponibilizo as entrevistas/fontes na íntegra. No total foram feitas três entrevistas com a duração média de uma hora e meia cada. Para esse trabalho foi criado um roteiro norteador com perguntas que tinham o intuito de guiar nossa entrevistada a narrar sobre sua trajetória de forma mais aberta e abrangente possível. O diálogo se constituiu de forma livre e de maneira a permitir que a entrevistada falasse abertamente sobre suas questões, sem muitas interrupções.

A entrevistada solicitou saber o que seria perguntado dela antes de efetivamente realizarmos a entrevista e isso se sucedeu durante todas os diálogos realizados. Nesse sentido, sempre disponibilizei previamente as questões que seriam tratadas na entrevista. Isso tudo antes de ligarmos o gravador efetivamente e darmos início, essa postura se deu também no intuito de conferir maior segurança para a minha colaboradora. Dito isso, todas as entrevistas foram realizadas no consultório de Marly, onde atua como psicóloga, o mesmo fica localizado dentro de sua residência, porém isolado da mesma, na zona centro-oeste da cidade, no bairro do Planalto. O ambiente é fechado, climatizado e conta com mesa e uma estante de livros com foco - na grande maioria - em obras da sua área de formação, a psicologia, bem como possui sofás e algumas cadeiras. Esse ambiente nos permitiu termos privacidade e não sofrermos tantas interrupções durante o processo de entrevista.

Sobre o tempo entre uma entrevista e outra posso adiantar que as três foram realizadas em anos diferentes. A primeira feita em 24 de abril de 2021 tornou-se nossa entrevista base. De certa forma a mesma norteou novas questões ou necessidade de aprofundamento de outras temáticas que nos levou as entrevistas posteriores. Nesse primeiro contato adentramos aspectos gerais da trajetória de vida de Marly perpassando sua infância, adolescência, casamento, nascimento das filhas, criação do salão dentre outras questões de âmbito mais geral. Essa primeira colaboração foi utilizada também no meu trabalho de monografia e foi mantida para a dissertação.

Já a segunda entrevista foi realizada oito meses depois dessa primeira, no dia 21 de dezembro de 2022 e está dividida em duas partes. A primeira diz respeito a devolutiva que fiz com Marly acerca do trabalho monográfico anterior. Nela conversamos acerca das considerações de Marly sobre a pesquisa já desenvolvida. Também traçamos outras perspectivas para a dissertação de mestrado, fazendo um balanço do que já tinha sido

construído até ali. O tom desta conversa tem caráter mais informal e por isso essa entrevista foi dividida em duas partes pois na segunda parte dela foi quando adentramos nos aprofundamentos sucitados a partir da primeira. Assim, além de rememorar outros relatos já partilhados na entrevista anterior acessamos outras discussões evocadas pela memória da colaboradora no processo de entrevista.

Por fim, temos a última entrevista realizada em 1º de maio de 2023 com 5 meses de distância da penúltima entrevista. Essa foi mais focada na carreira de Marly atualmente, enquanto psicóloga tendo como foco a abordagem de questões mais específicas com acuidade para a atuação de Marly no tempo presente, especialmente enquanto psicóloga e professora formadora de outros profissionais na área de psicologia. Evidentemente também ocorreu uma retomada de questões chaves feitas em entrevistas anteriores. Por fim, vale ressaltar que todas tiveram mais de uma hora duração e foram transcritas especialmente por mim.

Sobre o processo de feitura delas, bem como a transcrição e posterior textualização que foi utilizada em parte no fragmento da dissertação anteriormente, todas foram produzidas unicamente por mim. No entanto, abaixo disponibilizo as versões apenas transcritas mantendo o diálogo com perguntas e respostas. Optei por manter minhas perguntas no intuito de visibilizar a dimensão dialógica que foi muito importante nesse trabalho, especialmente na segunda entrevista que também foi um retorno com devolutiva e envolveu ouvir e responder as críticas e questões de Marly para depois delinear os caminhos para a dissertação. Dessa forma, visio possibilitar ao(a) leitor(a) o contato mais aproximado com a dimensão metodológica no que diz respeito a colaboração.

Por fim, mantive as entrevistas em ordem cronológica respeitando a ordem em que foram feitas temporalmente. Já acerca da dimensão ética que implica o trabalho em História Oral, vale sinalizar que foi assinado pela colaboradora uma autorização que me permite fazer uso de sua imagem e nome real, bem como de nossas entrevistas para uso exclusivamente acadêmico. No mais, é importante destacar que para diferenciar as minhas falas das de dona Marly optei por destacar as minhas em *itálico*.

Por último, mas não menos importante, disponibilizo antes de mais nada uma ficha inicial com dados e informações importantes acerca da colaboradora para que o leitor se situe nos eventos temporalmente e também possa esclarecer eventuais dúvidas.

FICHA DA COLABORADORA

Dados Pessoais:

1. **Nome Completo:** Marly Paixão Costa
2. **Data de Nascimento:** 23 de novembro de 1965
3. **Local de Nascimento:** Belenzinho SP
4. **Endereço atual:** Manaus AM
5. **Estado Civil:** Casada
6. **Número de Filhos:** No papel 2 + Mãe social de 16 + 2 biológicas = 20
7. **Nome da filha mais velha:** Keverly Paixão da Costa
8. **Ano de nascimento da filha mais velha:** 19/10/86
9. **Nome da filha mais nova:** Jeinnyliss Paixão da Costa
10. **Ano de nascimento da filha mais nova:** 12/09/90
11. **Profissão atual:** Psicóloga
12. **Tempo de Atuação na Profissão:** 10 anos
13. **Profissão anterior:** Trancista
14. **Tempo de Atuação na Profissão:** Mais de 10 anos

Contexto Familiar e Social

1. Origem Familiar:

Pai: Geraldo Magella da Paixão

Escolaridade: 4ª série ensino fundamental

Data e local de nascimento: 3 de fevereiro de 1942 em Belo Horizonte – Minas Gerais

Profissão em São Paulo: Torneiro Revólver na empresa Renize

Profissão em Manaus: Torneiro Revólver gerente na empresa Neo Life (Distrito Industrial)

Ano do falecimento: 3 de junho de 2022

Mãe: Innocência Rodrigues da Paixão

Data e local de nascimento: 12 de setembro de 1941 em Guapé - Minas Gerais

Profissão: Dona de casa mas chegou a ser inspetora de escola na década de 1980 em Manaus

Experiências Profissionais:

1. Trabalho como Trancista:

Início e duração da atividade na informalidade: 1995 a 2008

Ano de fundação do Salão: 2008

2. Trabalho como Psicóloga:

Graduação: Turma de 2011 UNINORTE

Áreas de atuação (clínica, organizacional, educacional, etc.)

Casamento e Filhos:

3. Casamento:

Nome do Cônjuge: Antonio Costa Constrin

Idade quando Marly o conheceu: 16 anos de idade

Idade quando casou: 20 anos

Ano de noivado: Abril 1984

Data do Casamento: 23 de Novembro- 1985

Migrações e Moradias

1. Bairros em São Paulo:

Bairro 1 Guaianases:

Período de Moradia: primeira infância de 1 a 6 anos

Motivo da Mudança: Promoção do Pai a chefe de setor

Bairro 2 Belenzinho – Vila Maria Zélia:

Período de Moradia: segunda infância e adolescência 7 aos 14 anos

Motivo da Mudança: Oportunidade de trabalho na cidade de Manaus AM

2. Bairros em Manaus:

Bairro 1 Adrianópolis:

Ano de chegada: 1979

Bairro 2 Planalto:

Atualmente reside neste bairro.

O local é onde ficam seu escritório e o Studio Tranças Afro Manaus

Entrevista 1

Estamos dando início a entrevista com Marly Paixão, agora são 17h20 do dia 24 de

abril de 2021. Então, dona Marly, eu gostaria que a senhora começasse contando um pouco sobre a sua história de vida, pessoal, profissional, na militância, sua trajetória, o que a senhora considerar importante.

Olá, é uma satisfação estar aqui hoje, prestando essa entrevista pra você pros seus estudos né, pra sua pesquisa. E me deixa ver. Eu sou paulista, nasci em 1965, tenho 55 anos. Atualmente tenho quatro filhos, duas biológicas e dois adotivos. Já fui mãe social de 18 crianças, por 10 anos. Sou apaixonada por crianças e fico muito triste pela história das crianças órfãs. Eu acredito que é algo que eu faço desde pequena né, de ter essa preocupação com o outro né, e como o outro se sente, como o outro está. Eu tive isso dos meus pais, então eu acredito que é nossa proposta de vida, esse olhar para o outro. E acredito que a militância começou também por essa questão, de olhar pro outro, mas também de olhar as minhas dores, né.

Eu acho que com oito anos, seis, sete anos, por aí, eu já comecei a me interessar por cabelos afro, porque eu sofria muito com os meus, né, aquele cabelo bem estilo “Pelezinho” mesmo e que sempre precisava estar curto porque eu sofria com cortes químicos porque minha mãe alisava o meu cabelo desde pequeninha com pente quente, não sei se você chegou a conhecer. Então assim, era a chapinha e o pente quente e às vezes quebrava muito o cabelo, né e assim, pequeninha eu já comecei a pensar ‘- Será se não tem um outro jeito?’ ‘- Será que não dá pra ficar de outra forma?’ E eu sempre preocupada com o outro muitas vezes me via sendo esse outro onde as pessoas não se preocupavam.

E por quê? Porquê na escola, se eu chegasse lá, se eu fosse com o meu cabelo “bombrilzinho” como eles chamavam né, eu era apelidada dessa forma, ‘- Olha o bombril’, e a mamãe fazia duas chuquinhas, imagina aquela orelhinha do *Mickey*, duas, né, uma de cada lado, era o jeito que dava pra amarrar, e aí eles ficavam apertando aquilo, faziam o som do “bombril” com a boca e aquilo, nossa, doía muito! E aí a minha mãe dizia ‘Olha, é por isso que eu preciso alisar teu cabelo, né, pra você não passar por isso.’

Só que o triste é que tinha um tal de “voltar”. Lá em São Paulo a gente usava muito essa palavra “voltou!”. Quando uma olhava pra outra e a gente dizia “voltou!” O quê que significava isso? O cabelo voltou ao seu estado normal. Ou seja, pegou sereno, a gente suou, o cabelo voltou ao estado normal. Depois daquele sofrimento né, de duas horas ali na chapinha, no pente quente, que era literalmente quente mesmo, ele ia pro fogo, pro fogão, ficava ali uns minutos no fogão e quando ficava meio que vermelhinho ia pra nossa cabeça. Aquilo doía muito, né, queimava várias vezes, então assim, imagina uma criança de seis, sete

anos, pra ir pra escola passar por isso todos os dias.

E aí a mamãe botava aquele laço de fita branco, bonito né, e aí tudo bem, só que... choveu? “voltou”. E o desespero, porque você não tinha um espelho ali e você se imaginava um monstro, porque as pessoas falavam isso pra você, e aí começou essa dor.

Embora eu tenha crescido no gueto, tenha nascido no gueto, nessa fase, eu não morava mais no gueto, eu não tinha mais a proteção das minhas raízes. Eu já estava morando num bairro elitizado, onde 90% das pessoas eram italianas, e a minha mãe, pra me inserir na sociedade, pra que eu fosse aceita. Até porque nós morávamos num condomínio fechado, no bairro do Belenzinho em São Paulo, depois que eu saí de Guaianazes, né, que era o gueto onde eu nasci, onde eu cresci, até os meus setes anos. E aí a gente mudou pra esse bairro onde o papai teve uma promoção, conseguiu comprar uma casa ali e a gente foi pra lá. Só que, esse conjunto, esse condomínio fechado, de crianças brancas, de cabelos lisos e loiros, não era a minha realidade. E ali eu me descobri diferente, um diferente que o outro vê você diferente. Até porque pra mim, todo mundo era igual até aquele dia. E ali eu comecei a ouvir essas piadas, essas chacotas e meu terror era a palavra “voltou”, né. Quando a minha irmã estava por perto ela olhava pra mim e dizia ‘- Marly, voltou’. E o desespero de se trancar no banheiro, de muitas vezes só descobrir isso pelo coleguinha né, que falava ‘- olha, tava tão bonitinho agora tá “bombril”, né...’. Então assim, quanta dor. Como é que uma criança vai lutar contra isso, né? E pra minha mãe o jeitinho dela lutar era “- Não, vamos alisar, vamos alisar de novo!”.

Até que ela descobriu a química. E ali, com sete ou oito anos, ela começou a passar no meu cabelo. Pra ajudar um pouquinho. Mas também doía, queimava, era soda né, soda cáustica, aquilo doía muito.

Então eu tinha uma prima que trançava cabelos, nessa época ela já trançava cabelos. Então, toda vez que eu ia visitá-la, aos domingos quando eu ia pra Guaianazes, eu me sentia em casa, né, podia andar com meu cabelo sem nenhuma discriminação, e ali eu me sentia bem, muito bem. Mas eu me sentia muito melhor quando eu ia pra casa dessa minha prima, Edna, que era bem mais velha que eu e ela fazia o cabelo de outras pessoas. Então assim, meu Deus, cada cabelo lindo que eu descobri ali, tranças lindas, desenhos maravilhosos feitos nos cabelos.

Ela colocava alongamentos, naquela época eram chamados de *kanekalon*, né, era aquele cabelinho de boneca, mas que com a trança ficava muito lindo, ou se não, era feito com a própria lã. E isso me encantava. Mas, toda vez que eu ia lá, ela dizia ‘- Óh, Marly, não tenho tempo, não tenho hora.’. E aí, eu... encantada com aquelas tranças, mas nunca podia.

Aí aos domingos a mamãe dizia assim, ‘- Vai lá na Edna ver se ela tem uma hora pra você’, porque nossa casa era bem perto da casa da minha tia, eram três, quatro casas de distância. E eu ia lá e a Edna dizia ‘- ôh, amor, não tenho tempo. E eu sentava e ficava olhando e eu dizia assim ‘- Vou aprender porque aí eu vou colocar em mim’ E com dez anos eu aprendi a meio que colocar em mim né, mas aí, outro trauma, eu colocava as lãs, e às vezes caía, às vezes um coleguinha puxava e não estava seguro, né, e aí eu comecei a não colocar mais, porque foram outras vergonhas que eu passei e aí continuei alisando o cabelo, perdendo muito cabelo, sofrendo muito com isso, até os meus dezesseis, dezessete anos.

Enfim, com quatorze anos eu vim pra Manaus, papai foi transferido de lá de onde nós morávamos, pra Manaus. Uma terceira realidade pra mim, porque, a primeira era o meu gueto amado e querido, onde todo mundo era igual e onde a gente adorava estar ali. A outra era a realidade dos italianos, que não era a minha, mas eu cresci ali, fiquei ali dos meus sete aos meus quatorze anos e meio. Cheguei aqui em junho e em novembro eu fiz aniversário, fiz quinze anos.

Então assim, foi bem difícil chegar aqui, né, negra, uma das poucas negras de Manaus. Naquela época Manaus não tinha pessoas negras, no máximo quando a gente ia pra Praça quatorze ou pro bairro do Educandos, que a gente via algumas pessoas, mas, pra onde eu fui morar, porque eu fui morar no bairro do Adrianópolis, né, lá não tinha. Fui estudar no Albert Einstein, um colégio particular de Manaus, onde também não havia pessoas negras.

E ali eu sofri muito também. Sofria pela cor da pele, pela roupa que eu usava. As pessoas perguntavam ‘- Por que você usa essas roupas?’, ‘- Por que você usa botas?’. E eu tinha muitas botas. E aí parei de usar botas, parei de usar as roupas que eu usava porque eram roupas do sul, porque aqui, quando eu as usava era algo que parecia que era uma afronta, né. Então comecei a comprar roupas daqui e comecei a me adaptar. Isso depois de um ano chorando todos os dias, trancada dentro do banheiro, muitas vezes no banheiro da escola.

Até que uma vez um colega me disse, é até um colega que é muito famoso em Manaus hoje. Eu cheguei pra ele e falei assim ‘- Me incomoda o seu jeito de me olhar. Por que você me olha tanto, fala logo o que você quer dizer pra mim?’ E pra mim viriam várias críticas, né, eu já estava meio que acostumando com aquilo. E ele disse assim ‘- É porque você é muito bonita, você tem uma beleza que eu desconhecia. Dá vontade de tocar na tua pele, de tocar no teu cabelo’. E ele começou a falar um monte de coisa legal pra mim, e ele foi um dos poucos amigos que eu tive naquela época, e, foi muito bom ouvir isso. Até porque depois ele disse assim ‘- Olha, as pessoas que te olham, que ficam encantados com você, muitas vezes, pode não ser discriminação, pode ser porque se encantam, porque é algo diferente’.

E ali eu comecei a entender esse olhar diferente de algumas pessoas. Outras não, outras a gente sabia que estavam ali mesmo porque queriam te magoar, né.

E aí eu me apaixonei por uma pessoa, né, meu marido até hoje. Eu me apaixonei com dezesseis anos, cheguei aqui com quatorze pra quinze anos, com dezesseis conheci, me apaixonei e com vinte anos me casei. No dia, na semana do meu casamento eu falei ‘- Eu quero fazer algo muito diferente no meu cabelo’. Até então eu não estava mais trançando por conta dos traumas de lá né, então o meu cabelo ainda era alisado, colocado no *bobby* pra fazer cachinhos. Até porque, eu sempre achei aquele liso que ficava, meio que estilo “guarda-chuva”, como as pessoas falavam, né, que não combinavam comigo. Então, eu alisava e enrolava no *bobby*, dormia de *bobby* todas as noites e até por isso tive várias dores, né. Tinha dores musculares quase todos os dias e aí eu falei ‘Não’, no meu casamento eu queria uma coisa diferente, por que não um penteado diferente, um penteado afro né, algo diferente?’. Comecei a procurar, eu já procurava há muito tempo né, nunca encontrei. Aí um dia uma pessoa me falou assim ‘- Olha, pra isso que você tá querendo lá no bairro do Educandos tem uma pessoa que faz, a única pessoa que trabalha com cabelos afro em Manaus é essa pessoa lá no Educandos’. Fiquei muito encantada, ansiosa pra chegar esse dia e fui né, uma semana antes do meu casamento, fui. Chegando lá, qual era a única forma dessa mulher lidar com cabelos afro? Alisando.

E aí me decepcionei, porque eu jurava que ia encontrar penteados, tranças, aquelas coisas que eu via no meu gueto e não vi. E isso me impactou muito. Mas ela me convenceu, né. Estávamos eu e meu marido, meu noivo na época, né, e ela nos convenceu que eu podia fazer e que depois ela ia fazer um tal de permanente afro e não sei o quê e eu fiz. Enfim, eu fiz uma semana antes do meu casamento e um dia antes do meu casamento eu levanto e o meu travesseiro só tinha cabelos, cabelos e muitos cabelos, quilos de cabelos, e, eu tive o meu primeiro choque quando eu olhei aquilo e gritei ‘- Mamãe o que é isso, mãe, eu acho que minha irmã cortou o meu cabelo de madrugada!’, Porque dormíamos eu e minha irmã no quarto e a mamãe disse ‘- Não, imagina, sua irmã não ia fazer isso!’. E eu gritei muito, chorei muito e quanto mais eu pegava no meu cabelo mais ele caia. Enfim, eu só fiquei com cabelo mesmo na parte da frente, uma pequena franja e aquilo pra mim foi um terror. E eu passava a mão, aquilo estava meio que molhado, né, eu criei umas bolhas na cabeça, umas feridas e o meu coro de cabelo estava meio que soltando. É uma queimadura mesmo de segundo, terceiro grau. E eu chorei muito, chorei muito e acho que era um ou dois dias do meu casamento e eu falei pra mamãe que não ia mais me casar. Que, o que eu queria era um cabelo lindo e não estar totalmente careca no dia do meu casamento. E aí muita conversa, né, a

mamãe sempre soube acolher muito bem e aí ela e o meu noivo na época me deram muita força e ela conseguiu fazer lá um penteado e esconder onde o problema era maior, que era atrás, ela conseguiu esconder com o véu, né. Fez um penteado, lá, todo cabelo que eu tinha na frente ela tentou espalhar pela cabeça. Enfim, tem poucas fotos do meu casamento, mas, a maioria das fotos e sempre com o véu jogado bem pra frente, e ali acabou.

A partir dali Marly jurou nunca mais usar química. Primeiro, eu me sentia livre porque não tinha mais essa obrigação com a minha mãe, né, de estar sempre com o cabelo que ela que ela idealizou, tipo aquela coisa daquele filme, ‘Por um fio’, não sei se você já viu esse filme, enfim, é aquilo ali retratado, né. Onde a mãe idealiza aquele cabelo liso pra filha. E a minha mãe tinha todo esse cuidado com os alisamentos. O produto que vinha de fora para alisar meu cabelo continuava vindo de São Paulo. Mas enfim, eu falei ‘- Não quero mais isso pra mim, não quero’. A partir daquele dia, então, com vinte anos de idade, eu decretei que não ia mais alisar o meu cabelo. Eu ia assumir meu cabelo e dali eu ia ver o que eu fazia, né. Então eu acho que tenho também poucas fotos de mim, com o meu cabelo mesmo, assumida, bem crespinho mesmo. Porque quando ele começou a crescer eu fiquei muito tempo andando com ele “Pelezinho” mesmo, né. Com aquele cabelinho bem crespinho e enfim, aquilo também me incomodava porque eu não era aceita e eu gostaria de ser aceita, né.

E o meu marido dizendo que a coisa mais linda que ele já tinha visto na vida dele era o meu cabelo. Até hoje ele diz, né, mas eu disse assim ‘- Não, não me é confortável, eu não gosto do que as pessoas falam’. Enfim, comecei a reviver todo o trauma da infância de novo. E aí eu vi que não estava preparada pra usar o meu cabelo daquele jeito, mas também não queria mais alisar, não quis mais alisar. Então, houve um belo réveillon, né, depois de quase um ano de casada e aí eu falei assim ‘Eu vou pra esse réveillon diferente’. Era uma festa de réveillon onde era a primeira festa que eu ia, glamourosa, casada, a senhora Marly Paixão Costa, e eu falei ‘Nossa, que legal, quero ir muito diferente!’. Eu lembro que na época tinha uma cantora chamada Corona que usava umas tranças abaixo dos quadris e eu achava lindo e eu dizia que eu queria o meu cabelo assim’. E eu pensei ‘Como é que eu vou fazer?’ em Manaus não tinha nada parecido pra eu fazer aqui. E aí eu tive um insight de ir pra um armarinho comprar lã, lembrei da minha prima, né, por isso que eu retratei logo no início, e falei assim ‘Eu acho que consigo fazer aquilo’ porque eu brincava muito de trançar na minha adolescência, nas minhas bonecas e nelas eu já sabia fazer, né e eu conseguia fazer, e eu falei ‘Não, eu vou fazer, eu vou fazer!’. Eu passei três dias trancada no banheiro, só ia pra cama com uma touquinha amarrada, dormia, acordava de novo, ia pro banheiro pra fazer. Então eu fiz assim, mais de cem tranças na minha cabeça, tranças longas, fiz sozinha, né, e ficou muito

lindo. Mas, também, no fim da festa eu ainda achei duas tranças caídas no meio do canto onde eu estava dançando, mas consegui esconder, ou seja, caíram ainda algumas tranças, mas elas já ficaram mais firmes e eu consegui fazer.

Ali eu falei ‘Não, eu posso melhorar isso, eu posso melhorar’, e comecei a melhorar, comecei a melhorar e aquilo foi ficando cada vez melhor, sempre fazendo em mim mesma, né, e as pessoas encantadas. Nossa, o que mais me deixou feliz foi quando eu cheguei no evento e as pessoas: ‘- Nossa, que coisa linda!’, ‘- Você tá mais linda que nunca’ e eu jogava o meu cabelo. O sonho da mulher negra é um dia poder jogar os cabelos, né, e eu realizei aquele meu sonho naquele dia. E eu jogava as minhas tranças para todos os lados. Enfim, parecia assim, uma festa de princesa pra mim. Tá, e aí eu pensei ‘Como é que eu vou ser assim o tempo todo, sem que caia. Então eu precisei me especializar naquilo porque eu queria viver daquilo, não viver daquilo profissionalmente, mas, eu queria viver fazendo tranças em mim, porque não tinha outra pessoa pra fazer. E aí eu fui, tentei mostrar pra minha mãe como fazia pra ver se ela me ajudava a fazer e ela não conseguia, aí falei ‘Não, tem que ser comigo, mesmo, né.’ e continuei fazendo, fazendo, fazendo e me especializando naquilo, melhorando as técnicas.

Até que um dia estava no armarinho, vi uns negocinhos, uma mulher comprando um cabelo de boneca né, finalmente o *kanekalon* chegou em Manaus. Enfim, e aí ela ia fazer umas bonecas e aí eu peguei aquilo, pedi da vendedora pra eu olhar se tinham outras cores e ela disse que tinha né. E ela trouxe o marrom porque o meu cabelo, de tanta química, ele era meio cor de milho, aquele cabelo de milho meio queimado, não era preto, nem era marrom, nem vermelho, era aquele misto. E aí eu falei assim: ‘Eu quero uma cor mais ou menos parecida com a cor do meu cabelo’ e aí ela me deu um marrom, que passou, e aí, eu comprei alguns pacotes, vim pra casa e comecei a treinar naquilo.

Era outro material, era mais diferente, né, era mais complexo, mas deu certo, começou a dar certo e eu só não gostava que a trança não ficava nem totalmente lisa nem caracolada, ela ficava uma coisa meio que sem forma. E aí eu falei ‘Não, isso pode melhorar’. Com o tempo melhorei, eu comecei a enrolar essa ponta. Olha o que eu fazia, eu trançava, enrolava em palitos de churrasco, como se fosse uma caneta, cortava, enrolava, fervia a água, pegava aquele cabelo, botava ele de molho, jogava minha cabeça na água quente e tirava. Quando eu tirava as tranças elas estavam em cachos. Nossa, aí eu me realizei, né. Então assim, falei ‘É isso que eu quero.’. Com isso minhas filhas vão crescendo. Eu engravidei depois de quatro meses de casada, fiquei acho que uns três anos ensinando minha filha, minha primeira filha, a fazer trança. Com uns seis anos a minha filha já fazia tranças nas bonecas. Depois começou

a me ajudar a fazer, fazendo em mim. Com isso eu tinha irmãs, que eu comecei a aplicar nas minhas irmãs, minhas primeiras clientes foram minhas irmãs, porque eu comecei a fazer nelas. Eu tenho irmãs hoje, de 36, 37 anos, elas são gêmeas, e essas minhas irmãs gêmeas, eu lembro que elas nunca usaram química no cabelo, nunca, né, eu nunca deixei e eu conversei muito com a mamãe e elas nunca usaram. Mas desde os quatro, cinco anos, elas começaram a usar tranças, e elas usam até hoje, nunca usaram química, nunca usaram outros tipos de cabelo, só tranças. E eu comecei a praticar nelas, a minha prática maior foi nelas, depois nas minhas filhas e pra que ficasse melhor em mim. Até que elas foram aprendendo, as mais velhas também aprenderam e dia domingo era mutirão, né, uma fazia o cabelo da outra, isso ali já com cinco ou seis anos, né, que eu fazia em mim mesma. Elas começaram a fazer em mim e eu nelas e então a gente fazia esse mutirão de domingo. Aquela fotinha que de vez em quando você vai ver, né de uma trançando o cabelo da outra, tinha domingo que era assim, né. A pequeninha sentada lá na frente, outra atrás e a outra, todas enfileiradas trançando uma a outra e era muito gostoso. E assim, a gente passava alguns domingos, né, mas era um cabelo que ficava ali por uns três, quatro meses na cabeça. Você já acordava pronta e isso era um sonho pra mulher negra, acordar pronta. Coisa que a gente passava horas, a gente acordava passava duas horas para moldar mais ou menos um cabelo pra gente poder ir pra algum lugar, pra gente ouvir depois que ele voltou no meio da festa, né. Então assim, eram frustrações atrás de frustrações, e as tranças não, elas vieram me mostrar uma raiz que é, que era minha, que era meu sonho.

Hoje você vê meu cabelo assim, mas ele está trançado, tem uma base aqui que é a trança e aí vem os cachinhos que eu vou modelando. Hoje eu quero um cacho dessa cor, ou de outra cor, eu vou trocando os cachos, não preciso pintar meu cabelo e sempre a trança é a base do meu cabelo, e elas me dão uma força, né, sentir que o meu cabelo está trançado. É muito estranho, né, quando a gente sente que a cabeça tá toda esticadinha na trança, isso dá um poder, dá uma força, a gente sente ali os ancestrais da gente gritando e isso é muito gostoso, e quando você consegue passar isso pro outro é indescritível isso, sabe.

E a gente demorou muito pra conseguir passar isso para outras pessoas aqui de Manaus, até porque já era meio que cristalizado aquele formato de alisamento, era o alisamento ou uma escova, no máximo. Mas assim, a gente não queria tanto acessar o outro, porque o outro também tem o direito de usar aquilo que ele gosta, aquilo que é confortável, mas quando a gente via sofrimento na pessoa, quando as pessoas chegavam com um discurso meio que de sofredor mesmo, de estar sofrendo por conta do cabelo, a gente falava disso.

E aí eu comecei a fazer isso de graça nas pessoas, eu via que a pessoa estava sofrendo

por conta do cabelo, aí eu falava ‘Olha, eu faço.’. As minhas irmãs nunca gostaram muito dessas minhas ofertas e às vezes eu acabava fazendo sozinha, começava a fazer uma trança às sete da manhã e terminava meia noite fazendo o cabelo de outra pessoa. Mas era tão gostoso ver a pessoa realizada depois, né. Quando terminava aquilo era um sonho, então eu comecei a me encantar em ver as pessoas assim. Passados mais uns dois, três anos, de eu fazendo isso nas pessoas, um dia uma pessoa falou assim: ‘- Por que tu não ganha dinheiro com isso?’ e eu dizia ‘- Como, ganhar dinheiro? Não, isso aqui é pro bem estar do outro!’; ‘- Mas, Marly, você tá ficando tão boa nisso, você poderia vender seu trabalho.’. Aí eu dizia: ‘Não, acho que não é necessário, né, até porque eu gosto de fazer, é um hobbie’, ‘- Mas, Marly, tu já pensou que tu pode...?’. Então assim, eu demorei um pouco a entender que eu podia ganhar dinheiro com isso. Então, o que eu comecei a fazer? Quem podia pagar eu cobrava, né, e aí era assim muito desconfortável pra eu perguntar se a pessoa podia pagar ou se ela queria pagar, ou quanto que ela queria pagar por aquilo. No máximo eu pedia pra ela trazer o material e fazia de graça, ou, quando não, eu comprava o material pra fazer pra pessoa e assim eu fiz por muitos anos.

Assim, de vez em quando a gente ainda faz, né, mas a gente começou a ver que isso era rentável porque ninguém fazia e as minhas filhas já faziam. E a mais velha não gostava muito, né, hoje ela é sócia da mais nova. A mais nova que falou: ‘- Não, mãe, eu vou assumir, eu quero, eu gosto disso’. E ela começou a fazer com sete anos e meio, oito anos, né, ela fazia o meu cabelo de uma forma, ela fazia com uma perfeição. A mais velha fazia com uma mão muito leve, que a gente quase não sente e a Jeinny, né, sempre se aperfeiçoando, sempre inventando técnicas novas, e eu dizia ‘- Não, me ensina, me ensina’ e ela ‘- É muito engraçado, né, eu lhe ensinar’ e aí ela começou a me ensinar a fazer algumas técnicas que eu falava ‘Como é que você conseguiu isso?’ e ela ‘- Não, mãe, eu pensei nisso, até sonhei com isso’, e assim, os olhos dela brilhavam e eu falei ‘Meu deus, eu passei isso pra ela’ e isso não tem preço, isso não tem preço. E ela começou a ler, né, sobre isso, a gostar disso e aí foi na época que ela já tinha uns 12 anos, fazendo isso comigo. Eu já dentro de um projeto em que nós morávamos ali na alvorada e cuidávamos de outras crianças. Fazíamos parte desse projeto e aí as meninas do projeto começaram a aprender, elas começaram a usar trança também, não que elas precisassem, né, porque não eram negras, mas começaram a compreender a importância da cultura. Elas liam sobre isso comigo, né, elas me ajudaram muito nesse processo. E aí, eu achei muito legal a gente começar a passar isso pra elas. Uma delas hoje também faz isso, ganha dinheiro com isso e ela é bem branquinha bem loirinha, mas entende muito da cultura, e aí eu achei assim muito legal essa questão dela viver isso com a gente,

dela entender as dores, dela ter essa parceria com a gente. E depois quando a Jeanny tinha 12 ou 13 anos eu falei ‘Ai, eu quero mais que isso, né, eu não quero só fazer trança, eu quero eu quero começar a conversar com essas mulheres.’ porque eu dizia assim ‘- A gente podia escrever um livro das dores que a gente ouvia no momento em que a gente estava fazendo tranças e elas diziam assim ‘- Marly, você não faz só minha cabeça, por fora, você faz por dentro, você me ajuda, você me faz crescer.’. Então tinha umas que chegavam assim chorando, né, isso várias vezes elas chegavam chorando dizendo: ‘- Ai, Marly, eu tenho que tirar, porque no meu trabalho não me aceitaram assim.’ e eu dizia: ‘- Volta lá, fala dos seus direitos, fala disso, fala daquilo, fala!’ E elas me ligavam no outro dia muito felizes ‘- Não, eles me aceitaram porque eles entenderam o meu direito e então eu vou poder ficar com a trança. Então eu escutei isso várias vezes e pra mim, nossa, isso não tinha preço. Então, quando falam assim: ‘- Nossa, a Marly foi uma das primeiras a militar por isso.’ Na verdade eu não estava militando, assim, de uma forma de... ‘- Não, eu vou militar por isso.’, mas foi aquela coisa de que você vai se envolvendo, você vai vendo o quanto é importante, você vai vendo que a tua dor é a dor do outro, que muitas vezes não entende, não sabe como vai sair disso e quando você terminava a pessoa olhar pro espelho e chorar e dizer assim ‘- É isso, essa sou eu, onde é que eu estava esses anos todos?’ Então, eu ouvi isso várias vezes e hoje a Jeanny ouve isso, né.

Ela fez um curso semana passada, retrasada, onde no final teve um relato. Ela me chamou e me homenageou. Olha o que eu ganhei da minha filha, né, eu ganhei certificado de PHD em tranças afro, da minha filha. Então, assim, ali ela pediu pra eu falar um pouquinho da minha história, ela pediu pra eu contar para essas pessoas sobre essa evolução das tranças aqui no Amazonas, e a maioria chorou por dizer assim ‘- Nossa dona Marly, a gente tá assim hoje, eu tenho esse poder, eu me sinto forte por conta disso que a senhora trouxe pra gente.’, então, pra mim isso não tem preço.

Eu acho que eu consegui resumir um pouco da minha história, não sei se você teria outras perguntas dentro disso, mas, foi assim que nasceu essa questão das tranças aqui no Amazonas, então hoje tem muita gente trançando, muita gente que já conhece, né, que já faz esse trabalho e que bom que hoje os nossos adolescentes têm essa liberdade de escolher entre o seu cabelo liso ou trançado, ou cacheado, ou com aplique, ou com uma extensão ou com um rabo de cavalo, né. É assim muito legal você ver, você propiciar isso para as crianças. Vem muitas crianças aqui e você poder ajudá-las não tem preço, isso não tem preço.

Aí eu gostaria de saber quando foi criado o salão, em que momento, se a senhora tem lembrança desse momento.

Olha, o salão ele veio assim, o meu marido é corretor de imóveis, né, então teve um, eu acredito que há vinte anos atrás, mais ou menos uns vinte anos, ele fez uma venda extraordinária, né. Que foi quando a gente reformou a nossa casa, até porque, assim, a gente começou trançando na varanda de casa, na garagem, né, eu fazia as tranças dessas pessoas na garagem de casa. Quando eu cobrava, eu decorava a sala em que eu fazia e falava pra ninguém passar pela sala. Nós compramos lá no mercadão aquelas esteiras de palha e então eu decorava a sala de uma forma bem afro, com plantas etecetera. E aí nesse dia era dia de trança, e ninguém ia pra sala, as pessoas passavam só pela cozinha. Então assim ficou uma coisa um pouco difícil porque a casa começou a ficar pequena pra isso e aí o meu marido falou assim, quando ele fechou essa venda, ele falou: ‘- Marly, óh, tem tanto de dinheiro, você quer fazer um salão? - Você quer ampliar esse negócio?’ E ali me deu um pouco de insegurança, né, será que dá, mas aí e se não der? Como é que vai ser? Então vieram várias questões e as meninas me motivando ‘- Não, mãe, vamos fazer, vamos fazer, a gente pode fazer um espaço que não precisa necessariamente a gente viver dele’. Até porque na época eu dava aula de reforço, eu fazia outras coisas pra ajudar em casa.

Porque assim, eu tive uma proposta minha, particular, de que, enquanto eu estivesse educando as minhas filhas, criando as minhas filhas, eu não trabalharia fora, então foi assim desde que nasceu a minha primeira filha. Quando eu casei eu trabalhava, tinha minha profissão e quando eu engravidei eu fiquei até o meu sétimo mês trabalhando. Depois que ela nasceu, não trabalhei mais. Então assim, até a Jeinny ter 12 anos eu não saí de casa, eu era mãe de família, dona de casa, era o que eu amava fazer e aí entre esses trabalhos domésticos eu fazia as tranças. Então não era nada profissional, eu fazia por hobby. Eu fazia pra outras pessoas, às vezes eu cobrava quando chegava alguém que dizia ‘- Não, eu vou te pagar!’. Porque tinha gente que achava inaceitável, né. ‘Não, você tá aqui trabalhando.’ e ali eu comecei a ver, perceber essa possibilidade, com outras pessoas falando sobre isso. Então, há uns vinte anos atrás, mais ou menos e meu marido falou: ‘- Não, então vamos reformar a casa.’ Porque a casa era daquelas casas de conjunto, né, só dois quatinhos, não sei se você conhece o Via Salles do início, mas era aquela coisa pequenininha. Então aí a gente decidiu: ‘- Não, vamos reformar.’ E aí a gente começou a reformar a casa e aí já fiz aquele espaço. Só que no primeiro ano era só um espaço, paredes brancas, né, tudo branco, duas cadeiras pra trançar e uma mesinha e só. E ali a gente começou a ganhar o nosso primeiro dinheiro e depois a gente viu que aquilo podia crescer. Então com o dinheiro do cabelo a gente começou a ampliar, a trazer mais cabelo, comprar cabelo de fora. A nossa grande sacada foi quando veio a internet e a gente descobriu que a gente podia comprar cabelo fora, né, você olhar ali

uma foto ‘- Não, esse aqui eu posso...’ Nossa aí foi o maior boom. E aí a gente começou a ampliar. Nós tínhamos esse cabelo tanto para aplicar quanto para fornecer pra outras pessoas, então foi mais ou menos assim que nasceu o nosso salão. O hoje ‘Studio Tranças Afro Manaus’, que quando passou pra Jeinny ela mudou de ‘Tranças Afro Manaus’ pra ‘Studio Tranças Afro Manaus’.

A senhora enfrentou algum tipo de preconceito ou de discriminação pela proposta do salão, um salão afro, na época?

Só de forma velada, claramente não, ninguém nunca falou ‘- Nossa, é afro...’, era muito pelo contrário. E uma causa que a gente ainda precisa esclarecer hoje, é quando chegam pessoas brancas. Olha só o tipo de discriminação que eu percebi no salão. Quando chegavam pessoas brancas, outras pessoas negras que estavam dentro do ambiente falavam da apropriação cultural, né. ‘- Não, você é branca, você não pode colocar o cabelo.’ Aí às vezes tinha essa discussão que eu nunca achei plausível. ‘- Por que? Nós negros alisamos nosso cabelo por muito tempo, nosso cabelo não é liso, né, isso seria apropriação cultural?’ É uma pergunta que eu faço e outra coisa é eu perceber o quanto o outro quer exaltar a nossa cultura, o quanto o outro também, gostaria de vivenciar aquilo. Então eu acho que hoje esse discurso ele ainda é muito cheio de dores, muito cheio de dores pessoais, né. Muitas vezes as pessoas trazem suas próprias dores pra esse contexto, o que eu também entendo, eu entendo, mas eu acho que não seria motivo pra mais uma guerra, eu acho que as tranças não vieram pra guerra, se você for estudar a história das tranças elas trazem paz, elas trazem liberdade, os africanos utilizavam as tranças para liberdade. Até a própria trança nagô que é desenhada no cabelo, na cabeça, ela era um mapa para outros negros fugirem, né, então era uma forma das negras desenharem esse mapa na cabeça. Então tem muita questão histórica, sim, mas, que é uma forma também de nós passarmos essas histórias pra outras pessoas, então aqui é uma polêmica que eu não gosto muito de entrar porque ninguém nunca vai ter razão nessa disputa, nessa fala. Mas eu acho que o maior preconceito que eu vivenciei foi esse, né, dessas pessoas brancas quererem estar com tranças e com apliques e ter essa fala. E também um preconceito que foi da minha parte. Eu nunca pensei que eu fosse falar isso, olha a frase que eu disse uma vez. Chegou um rapaz com um cabelo muito liso e curto, devia ter uns dois dedinhos e ele queria fazer trança nagô e ele perguntou ‘- Dona Marly, a senhora consegue?’, a maioria dos salões que começaram a fazer tranças nagôs ligavam pra mim dizendo ‘- Marly, olha, tem uma trança aqui que eu não dou conta, eu sei que você dá, eu estou mandando pra ti.’ Então aquelas tranças que ninguém conseguia fazer, aqueles cabelos muito curtos, mandava pra mim, que eu fazia. E aí um desses salões mandou pra mim uma pessoa que eu falei ‘- Meu

deus!’ Eu olhei e falei assim: ‘- Eu não sei se eu vou dar conta’, era muito curto o cabelo, né. Acho que tinha quase um dedo, um pouquinho mais que um dedo e eu olhei e falei assim ‘- Nossa, o seu cabelo é ruim.’. Olha essa expressão, ‘O seu cabelo é ruim.’, era ruim pra eu fazer as tranças. Quantas vezes eu ouvi essa expressão, que o meu cabelo era ruim. Então assim, eu me vi usando essa expressão que eu ouvi muitas vezes fora, de uma forma reversa, né. Eu disse pra ele que o cabelo dele era ruim. E ele me olhou. E assim, a frase saiu solta, sem maldade, e ele me olhou e falou assim: ‘- A senhora tá querendo revidar, falando que meu cabelo é ruim?’; E eu falei ‘- Não!’; E ali me veio tanta coisa e eu falei assim ‘- Poxa, será que ele está sentindo tudo aquilo que eu senti? Mas claro que talvez não, mas ele ficou mal com aquilo e ele falou assim ‘- Quer dizer que eu vou ter que sair daqui frustrado porque a senhora não vai conseguir fazer o meu cabelo, porque a senhora tá dizendo que meu cabelo é ruim?’, eu falei ‘- Não, eu vou fazer seu cabelo, mas ele é ruim de manusear, é ruim de pegar, eu tô tocando nele e ele está escorregando, a trança não tá ficando, então eu vou pensar numa outra metodologia pra colocar, pra fazer seu cabelo, mas você não vai sair daqui...’ Era até o casamento dele e ele queria casar de trança, né, e ele tinha cabelo liso e curto, mas assim, eu consegui, né. Amarrei com lastex, foram várias amarrações, amarrei com lastex e aí ele foi, casou, com as tranças, mas é engraçado né, agora você falando eu lembrei. E assim, de uma forma aberta eu nunca sofri, ninguém nunca chegou a falar mal do salão, pelo menos não na nossa frente, né, claro que isso pode ter acontecido de outras formas. E o máximo que chegou até nós foram de pessoas concorrentes, né, que estavam falando, mas assim, a gente nunca levou isso muito em conta não. Mas de forma aberta neste período de duração do salão, todos esses anos, diretamente pra gente, não.

E aconteceu uma mudança na percepção das clientes, sobre a própria identidade delas? Conseguiu perceber se algo mudou?

Na vida delas?

Sim, principalmente na identidade, né, como pessoas negras.

A maioria delas. A grande maioria, por isso que eu te falei que eu tenho vontade de escrever um livro com a história dessas mulheres porque a gente ouve coisas tão lindas, né. Desde pessoas que sofrem em um relacionamento abusivo por conta do cabelo, por conta de passar vergonha mesmo porque, não é aceita, muitas vezes dentro da própria casa. De filhas de mulheres brancas com homens negros que chegam muitas vezes no salão. Adolescentes e jovens, porque a mãe não sabe lidar com o cabelo dela e ela não tem uma identidade. Ela sempre quis manter o cabelo liso, ou ela quis raspar o cabelo, ou ela já chorou muito porque queria ter o cabelo igual ao da mãe e tinha um cabelo igual ao do pai. Então assim, era muito

traumático pra ela, e quando elas chegam no salão que elas nos veem... Elas diziam assim ‘- Não, eu vi uma foto sua e eu quis o meu cabelo igual o seu.’, outras diziam ‘- Ai não, eu lhe vi no shopping e eu falei pra minha mãe, ‘- Mãe, eu quero aquilo, eu posso ficar daquele jeito, igual a mulher da televisão?’’. Então assim, a gente começou a ver que a gente era uma referência e que a gente podia mudar a vida delas também e aí elas terminam e olham pro espelho e falam ‘- Nossa, você mudou a minha vida.’ A gente ouve isso direto, né, ‘você mudou a minha vida’. Então isso não tem preço.

A gente vai pra umas perguntas mais específicas. E eu queria saber um pouco como a sua identidade étnico-racial se relacionou e influenciou nessa trajetória. A gente pode ir pra questão do que significa pra você, ser uma mulher negra no contexto amazonense.

Sim, a questão de ser referência, eu nunca tinha me visto como referência até que um dia uma pessoa me falou, né, ‘- Olha, você é uma referência, por isso a gente quer falar com você.’ Acho que há uns dez anos atrás, mais ou menos, e aí eu falei assim ‘- Como assim referência?’ E eu não sabia o peso que isso tinha e eu não sabia até onde isso tinha chegado e aí eu descobri aí nessa fala dessa pessoa. Descobri depois de algumas entrevistas que a gente deu pra TV, né. Tanto para a TV “A crítica”, como pra TV “Record”, acho que em umas três emissoras a gente já conseguiu falar sobre isso várias vezes, né, sobre as tranças, e aí eu vi ‘- Nossa, a gente é referência mesmo, né, sabem da gente’. E aí foi legal porque eu vi a importância que isso tinha pra outras pessoas e vi mais quando aparecia meu nome lá embaixo na tela da TV com o meu telefone e que a gente não dava conta depois, de responder todo mundo que ligava e o telefone não parava. Eu lembro uma vez que a gente estava na TV, dando uma entrevista ao vivo, e o meu marido estava em casa. Aí ele ligou pro meu celular, não era nem celular na época, ou fui eu quem ligou pra casa, eu não me lembro, mas eu acho que eu não tinha celular, não. Eu sei que a gente se falou no meio do caminho e ele falou assim ‘- Vem pra casa logo porque eu não estou dando conta do tanto de gente que está ligando pra cá, porque apareceu na reportagem o seu número daqui de casa, e o povo tá ligando direto aqui pra casa.’. E aí a gente veio desesperada pra casa, mas enfim demos conta, porque a gente estava fazendo de uma forma tão gratificante, tão natural que a gente não percebeu. E aí quando a gente percebeu a gente viu que sim, era importante. E como amazonense, hoje, como referência para as mulheres amazonenses, eu me sinto essa referência, eu entendi que sou essa referência, hoje eu já aceitei porque eu demorei muito pra aceitar isso.

As minhas filhas como amazonenses, né, muitas vezes elas andam por aí, as pessoas falam: ‘- Nossa, de onde vocês são, você é carioca, você é baiana?’ e elas respondem ‘- Não,

sou amazonense!’, ‘- Amazonense, assim?’, ‘- Amazonense, por que não? Existem negras amazonenses, existem mulheres amazonenses que lutam pela causa do negro aqui em Manaus, sim. E as pessoas ‘- Não, como assim, existem?’, ‘- Sim existem, existimos, estamos aqui. A minha mãe veio de fora, mas já estamos aqui’. E eu, pra mim eu sou amazonense, né, então assim não tem como não nos percebermos e hoje eu já me sinto à vontade. u até falei com a última paciente que eu estou tratando de alguns traumas, eu até comentei isso com ela isso hoje ‘- Não deixe ninguém dizer pra você que você não pode, não deixe ninguém dizer pra você que você não é capaz. Não deixe os rótulos da sociedade falarem assim: ‘- Você não cabe aqui.’ Porque, por muito tempo aqui em Manaus eu fui excluída por conta desses rótulos, ‘- Não você não cabe aqui’, ‘- Não, isso não cabe’, ‘- Porque que você está desse jeito?’, ‘- Tenta se padronizar do nosso jeito pra você ser aceita.’. Eu não preciso disso, né, hoje eu já consigo me vestir do jeito que eu gosto, usar as cores que eu gosto, colocar turbante do jeito que eu gosto, sem me importar com os rótulos. Eles existem? Sim, existem, tá, mas eu sim, eu posso ser amazonense, estar andando nas ruas de Manaus, não tanto quanto antes, né, mas posso sim colocar aí meu turbante, os meus brincões enormes e sem me sentir mal com isso. E nossa, isso é uma liberdade que não tem preço. E aí quando outras mulheres veem que elas podem fazer isso também, pra gente é engrandecedor, porque, por muitos anos, a gente viu que a maioria delas estavam trancadas dentro de casa e com medo. Com medo no trabalho porque eu não posso usar esse cabelo, porque meu cabelo no meu trabalho tem que ter um padrão, eu tenho que alisar, eu tenho que fazer um coque. Não, eu posso! Até no colégio militar a gente já conseguiu fazer algumas mudanças, então assim, por que não, né? Se eu sou negra, eu sou negra aqui também, eu preciso ser negra aqui também, deixa a nossa negritude passar, né, então eu acredito muito nisso.

Acredito que só mais essa questão e aí a senhora vai poder concluir também. Para a senhora, qual a importância desse empoderamento estético por meio da valorização do cabelo afro? Qual é a importância disso?

É uma importância fundamental, eu acredito que a mulher é oitenta por cento o cabelo, né. A mulher tem corpo, ela tem a fala, ela tem a inteligência, mas o cabelo ela fala muito. Seja raspado, seja trançado, seja alisado, ele fala muito. E o importante é que você esteja bem com ele. Você precisa estar bem com seu cabelo, você precisa se sentir segura quando vai na rua, você precisa, e eu falo isso com propriedade porque eu já fui à rua de várias formas, né, eu já fui até careca pra rua. Então assim, você vê o olhar e a discriminação da sociedade e se você não souber lidar com isso... Hoje eu sei muito mais por ser psicóloga, por ter estudado a área, hoje eu sei muito mais e graças a Deus as minhas filhas levam uma

vida muito leve por conta disso tudo, os meus netos também, mas é muito muito difícil para as mulheres que não tem essa possibilidade, que as vezes tem a própria mãe de pele branca dentro de casa falando, como eu ouvi semana passada, que eu fiquei ‘Meu deus.’, eu quase entro no salão e falo ‘- Não. Jeinny, me deixa entrar.’ E ela ‘- Não mãe, calma, né, calma que a gente resolve’. Mas chegou assim, na mesa do almoço uma pessoa indignada falando assim ‘- Nossa, acabaram de falar lá no salão que chegou uma mãe ainda agora que falou assim: ‘- Ei, você consegue cuidar disso aqui?’, se referindo ao cabelo da filha, ‘- Porque olha só o que essa raça me trouxe.’ E falando assim apontando pra filha, a filha negra de oito anos e a mãe branca. E isso deixou a comida entalada aqui. E graças a Deus não me deixaram ir ao salão, não me deixaram e eu não sou brava, não sou assim, mas com toda classe eu conseguiria falar pra essa mãe o quanto é importante ela valorizar a negritude da filha. Até porque ela valorizou em algum momento, a do marido. O que é que tem de diferente que ela não pode olhar para essa filha como uma mulher negra e valorizar a negritude dessa filha? Como assim ‘Isso aqui? Não, isso aqui é um cabelo. Então eu acredito que, é ali que ela tá criando a personalidade da filha dela, a índole da filha dela e infelizmente, né, eu não sei quem é essa mulher, não sei o nome dela, não sei e não quis saber nada dela. Mas assim, é um recado que eu deixo pra todas as outras mulheres brancas que casam com homens negros, ou com filhas de homens negros ou de mulheres negras, que tem uma outra referência branca dentro de casa que muitas vezes fala mais alto, que fala como se fosse o poder total, que não é, porque o poder está nas mãos de quem conhece. Então se, a partir do momento em que eu conheço minha cultura, que eu posso vestir a minha cultura eu também tenho esse poder, o poder de dizer não. E não tem a ver com o dinheiro, o poder tem a ver com o Saber, com eu me aceitar. Se eu não aceito alguma coisa em mim, eu posso melhorar, mas que eu melhore consciente de que aquilo é meu, que aquilo é por mim e não para ser aceita na sociedade.

Entrevista 2 - Parte 1

Entrevista realizada no dia 21 de dezembro de 2022. Nessa entrevista eu fui retornar com os resultados da pesquisa para dona Marly, dialogar com ela e ouvi-la acerca de suas considerações. O diálogo é dividido em 2 partes sendo a primeira relacionada ao *feedback* e explicações relacionadas ao trabalho de entrevista anterior e a segunda parte é uma entrevista direcionada a algumas questões específicas que julgamos importantes para o desenvolvimento da pesquisa e que ficaram em aberto na primeira entrevista.

Segue assim a Primeira parte desta segunda entrevista dividida em duas partes.

Primeira: Diálogo de feedback acerca do trabalho anterior de monografia:

Queria lhe ouvir, saber o que que a senhora achou. É complicado quando a gente trabalha com fontes orais porque as nossas fontes não estão mortas, né. Estão bem vivas, elas sentem, elas discordam, elas concordam, então queria saber o que a senhora achou.

Eu vi que é um trabalho, que, como você disse, ele tem muito a ser acrescentado. Eu percebi que você fez ali uma interligação entre os dois casos. Aí você foi interligando em algum momento, as histórias, né. Mas eu vejo que tem muita coisa ainda nesses GEPS, e aí eu acredito que existem outras informações que, com o tempo, você pode desenvolver melhor. Até entrevistando outras pessoas, outras histórias. Porque, eu fiquei morrendo de vontade de você entrevistar a minha mãe, pra contar um pouco da história dela, né, um dia quem sabe.

Então né, deixa eu só lhe contar o que que aconteceu nesse tempo pra cá. Esse aqui foi o trabalho da monografia, da graduação. Como eu lhe falei anteriormente ele tem muitos defeitos. Como são histórias de vida tem pontos que a gente quer trabalhar e não consegue ou que a temática não abrange, mas aqui a temática estava muito delimitada e isso, querendo, ou não, quando você delimita você também limita e aí tem questões como a questão da maternidade que é muito forte na sua fala. Questões da relação da Jéssica com o pai dela também que poderiam ser muito mais exploradas, que é uma relação diferente em que Jéssica diz “ah, meu pai sempre me achou linda”, e é uma relação que poderia ser mais aprofundada.

Além disso, tem a questão da sua formação, a gente não fala tanto da questão como psicóloga, como que é isso pra essa mulher que tem essa trajetória. Então, tem muita coisa que, querendo ou não, que quando eu limitei o tema eu acabei perdendo.

Sim, mas é porque também depois ele poderia ficar muito amplo, né. Mas eu vi que ele foi muito bem construído embora tenha aí espaços pra serem inseridas outras questões, até mesmo porque elas são da estética, elas fazem parte dessa estética. Né, porque se a gente for aí desmembrar o que é estética é uma questão muito ampla, né. Então, assim, a estética a partir da psicologia ela tem um olhar muito bem estruturado que caberia também aí, né, mas eu acredito que tem o doutorado ali na frente, né, quem sabe.

Então, isso que eu ia lhe falar, né, esse aqui é a monografia da graduação.

Ah, da graduação...

Sim, da graduação ainda e aí eu fiz um novo projeto inspirado nesse anterior para o mestrado.

Ah, entendi, pensava que esse fosse do mestrado.

Não! Aí eu fiz um projeto, se a senhora quiser conhecer mais dele eu até lhe mando, porque eu usei esse como base. E aí nele eu estou partindo aí de uma outra discussão que aí consigo ter um pouco mais dessa amplitude da coisa que é uma coisa que apareceu muito em comum na fala de vocês que é essa sensação de um “não lugar” né, uma cidade que as rejeita enquanto negras, daqui, da cidade.

Não é nem dizer que não há o sentimento de pertença porque temos, mas é desse público não nos ver como pertencentes.

Se é negro, não é daqui...

E é uma coisa, um constructo já bem estruturado porque você vê que isso é muito naturalizado, né, as pessoas perguntam: “- Você é baiana?” Menos paulista, né, nunca dizem que é paulista e que eu estou aqui há mais de quarenta anos já. E minhas filhas são daqui e também não são vistas. Às vezes não são vistas como negras, que é algo que nos incomoda e, às vezes, não são vistas como pessoas daqui, né, então, quantos “não pertencer” a gente percebe, né, e isso é muito naturalizado.

Infelizmente é, e aí isso que eu ia lhe falar. Essa questão apareceu muito e quando a gente faz o projeto antes a gente delimita e tem coisas que aparecem nas entrevistas que, querendo ou não, você não espera e isso apareceu muito. E tem dentro da história, na historiografia, um âmbito de pesquisa que trabalha justamente a questão da Invisibilização da presença negra, só que isso pensando escravidão. Tem o trabalho da Patrícia Melo, não sei se a senhora já ouviu falar dela, ela é uma historiadora que ela reuniu uma obra que se chama “O fim do silêncio”. Nessa obra tem artigos de vários pesquisadores que escreveram na direção de afirmar que “sim, existem negros aqui” e isso em vários âmbitos temporais, gente do XIX, gente do XX, alguns da história oral, discutindo a cultura do hip hop, outros o terreiro. Aí tem um trabalho que é sobre uma cientista, na verdade aprendiz de naturalista, que é a Alexandrina, que é uma das primeiras mulheres negras a ser fotografada no âmbito da Amazônia e existe um trabalho sobre ela. E uma das coisas que criticavam nela, era o seu cabelo. E essa mulher instruiu uns naturalistas europeus aqui, quando eles vieram, isso na época em que havia aquela discussão da Eugenia, aquela questão da mistura de raças ser algo negativo, e aí eles vem olhar pra ver esses “espécimes curiosos” na cabeça deles, porque aqui era o antro da mestiçagem indígena e negra. E a Alexandrina é uma personagem que vai assustá-los porque ela tem uma fisionomia indígena e o cabelo dela é crespíssimo e volumoso e aí ela aparece nas fontes. Daí alguns historiadores fizeram pesquisa sobre ela, né e é muito raro ter pessoas negras com nome nesse tempo recebendo destaque. Geralmente

são sujeitos descaracterizados e ela tem nome. Então a gente é apaixonado pela história dela, e ela entra nesse conjunto de artigos e tudo. Então, é um livro que é somente sobre Invisibilização da presença negra, por isso que se chama “O fim do silêncio”, né, essa quebra.

Estou aqui, né...

Exato. Como que os negros contribuíram, inclusive, economicamente, na cidade. A gente teve um governador negro, do qual não se fala. Então, são várias discussões. E aí qual foi meu intuito? Pegar essa historiografia, pegar o que vocês mostram que vivem na pele, que vocês sentem esse apagamento nos discursos, em que as pessoas estão o tempo todo negando essa presença aqui, e que vocês sentem isso, as tuas filhas sentem isso e todas as outras pessoas negras que eu conheço e converso, seja no movimento negro, seja na faculdade, todo mundo tem esse discurso. É incrível como ele é e como vai além e acaba mostrando que existe um imaginário sobre isso, existe uma construção que é muito mais forte porque ela se dá ali no âmbito da cultura, do cotidiano. Então até se assume: “- ah, tem indígena”, “- tem índio, mas negro no Amazonas? Não. Negro no Amazonas não tem”, mas ao mesmo tempo tu pergunta “- Tu conheces um indígena? Aí a pessoa te responde: “não” sendo que ela cruza com esse indígena o tempo inteiro... no ônibus...

É isso que eu ia te dizer. Tem indígena, mas onde eles estão?

Exato, porque esse indígena ainda é uma categoria que na cabeça das pessoas só está lá somente na aldeia. Ele não faz faculdade, ele não usa celular e se ele usar já não é mais indígena. Mas se ele usa os adereços ele é selvagem e as pessoas tem repulsa.

E eu vejo até uma dificuldade deles mesmos em algum momento da história ali, por 1980, deles se entenderem como “índios”, né, aqueles já ditos “civilizados”, né, entre aspas, mas que muitas vezes eles acreditam num desenvolvimento, “- Ah então eu não sou mais”, né, “Ah, sou neto de índio”, mas não se dizem indígenas.

Até porque tem todo um preconceito, né, todo um estigma...

Sim, é preciso lembrar disso, né. Hoje não, hoje eu já vejo que as pessoas estão mais se aceitando.

É porque é aquilo, né, você não vai deixar de ser negro só porque não se enxerga e nem vai deixar de ser indígena só porque não se enxerga.

Sim.

No meu caso, por exemplo, a minha mãe é negra e o meu pai é indígena e aí eu tenho que ficar ali nas duas coisas, é quase um limbo...

Se buscando, né...

Então, essa questão desse não lugar, não é nem de não se sentir pertencente, você se sente, as pessoas não te aceitam....

De não ser aceito né

Sim, e isso ficou muito gritante depois quando eu fui reler tudo com calma sem pensar numa temática delimitada. Isso apareceu e eu falei “ah, vamos levar isso pro mestrado, então” e aí eu ampliei pra mais pessoas. Então, a sua mãe, se ela quiser, eu estou super aberta...

Só que ela não mora aqui, né, ela mora em Canelas.

Ah ela mora em Canelas. Dá pra fazer online também.

Eu até ia perguntar se a gente podia fazer uma segunda entrevista e se a gente podia pensar em questões mais amplas...

Sim sim...

E essa nova conversa também já vai servir pra eu refletir sobre muita coisa. Agora no mestrado a minha ideia é ampliar, eu já entrevistei um rapaz que é esteticista e a relação dos homens com o cabelo, por exemplo, ou com a sua estética, sua cor, já é uma outra discussão. Então a ideia é entender a estética mais como uma linguagem, né, que perpassa vários grupos de pessoas e pensar as questões de gênero, as questões de raça. Esse rapaz inclusive é carioca, e o cabelo dele é um Blackzão e sendo homem, numa profissão que já é feminina e tendo esse cabelo nesses lugares e a cor da pele, tudo isso pesa muito de ele sempre ter a ideia do “andar impecável” E entra aí uma questão que é a de entender porque as pessoas negras tem que andar impecáveis”, “Será que é só porque gosta?”

Não. Isso foi introduzido, né

Pra tentar driblar muita coisa...

Sim sim...

Ele sempre tem que estar impecável, é visível que está sempre procurando parecer o mais profissional possível porque...

Tem que provar isso todos os dias, né, porque dói. Eu era coordenadora de estágio de uma universidade e em algum momento as pessoas chegavam, pra visitar, precisavam ir na sala da coordenadora, abriam a porta e me perguntavam: “- Onde é que está a coordenadora?”, e me perguntavam se eu poderia leva-los até ela.

Então, assim, você não é vista mesmo. Tem lá a placa, tá lá na sua porta, tem o meu nome lá, eu estou sentada na cadeira e eu preciso chamar a coordenadora. Você não é visto mesmo e ainda tem o susto. Num outro trabalho que eu tenho, semana passada eu estava finalizando com os estagiários e em algum momento eles falaram o quanto foi impactante

pra alguns quando eles chegaram e me viram dizendo

“Nossa, você que é a coordenadora?”, “Você que será a monitora?”, “Você que vai nos monitorar no estágio?”, “Olha, legal, você é psicóloga, né”. Mas eu via que nesse “legal” tinha um algo mais, né, e nesse dia de confraternização eles diziam: “- Nossa, eu não sabia que você era tão capaz” e aí até um rapaz me pediu desculpa e disse “- Desculpa se eu tiver te ofendendo, mas eu quero ser sincero porque a gente olha pra você e a gente pensa, tá, agora eu estou aqui no estágio, mas será que ela é capaz?”.

Eles fizeram festas e homenagens, mas você vê lá no fundo. E o que isso quer dizer? E aí a gente vem nesse gasto de energia porque eu preciso provar o tempo todo e isso cansa, isso cansa. Mas assim, eu cheguei no estágio da vida que eu já compreendo isso, isso não me incomoda, mas ainda me inquieta a um ponto de decidir que: Eu preciso fazer algo por isso, eu preciso mudar um pouco tudo isso. mas você vê que é uma mudança muito lenta, que não dá pra mudar o pensamento dos outros assim. Isso foi construído e infelizmente a gente vai demorar muito tempo para lidar com isso. Mas o importante é que a gente saiba lidar com essas questões. Hoje eu já acho graça de algumas coisas, mas se você for olhar de uma outra forma isso ainda é triste.

Pergunto a ela o que ela espera da pesquisa enquanto pessoa a ser entrevistada.

Visibilidade, visibilidade. Eu acho que é o mínimo, o mínimo que a gente pode esperar. Que as pessoas leiam e percebam, que isso chegue em outras mãos, que isso possa ser instrumento de mudança, né.

Essa é a intenção porque querendo ou não, o trabalho de história oral é um trabalho social. Geralmente a história oral é um trabalho pra ser com pessoas e grupos de pessoas que precisam contar uma outra história, que precisam contar suas histórias. Inclusive, teve um lançamento de um livro de uma historiadora que fez um trabalho só com travestis de Minas Gerais e aí, o quanto essas mulheres travestis e trans tem pra contar sobre as histórias delas, né. Geralmente vivem num lugar de Invisibilização muito grande e de dor constante também, de ter que encarar o mundo o tempo todo. Imagine, se aqui a gente passa na questão de ter que se afirmar negro numa cidade aí imagina ser uma mulher travesti, por exemplo. E travesti e negra, como algumas que a gente conhece...

Inclusive uma das pessoas que eu convidei pra essa próxima pesquisa foi a Mafel Matagal, que ela é stylist, trabalha com a estética, mas mais direcionada a moda e ela é uma mulher travesti e é mãe de vinte e cinco outras mulheres travestis, ela tem uma casa em que ela basicamente adotou essas mulheres.

Que lindo...

Então, é uma outra mulher fantástica que tem muito a dizer sobre isso. E aí basicamente a estética vai ser um elo, mas em outros âmbitos e pensando essas outras questões. E aí, basicamente nós já estamos fazendo uma entrevista...

Já é uma introdução.

Já é uma introdução e aí eu posso lhe mandar o projeto. Já está feito o convite pra você colaborar mais uma vez. E é engraçado, geralmente a gente escreve isso aqui e engaveta e eu realmente quis engavetar um pouco esse trabalho até por questões de não achar que ele estava maduro. E aí eu vou usar a nossa entrevista anterior, mas aí a gente pode partir dela pra fazer a segunda entrevista e nesse segundo trabalho já é minha missão tentar tornar ele mais visível.

Não tenta não, se esforça, tira a palavra do tentar aí que ela sabota.

Tudo bem, não sabia, não estava sabendo, agora estou.

Sim, sim...

Então, vou me esforçar pra visibilizar esse trabalho, olha já estou até com uma consulta aqui...

Tá vendo...

E aí só do que tu já me apresentaste aqui já me deu muitos apontamentos. Como a gente falou, o projeto é novo ainda e eu agradeço demais, tanto pela primeira entrevista, quanto pela disponibilidade pra me receber agora, me receber de novo aqui. Uma das questões da história oral é essa questão de a gente dar essa devolutiva pra nossas fontes. O que acontece, às vezes, mas não sempre, é esse momento de ter essa devolutiva pessoalmente.

Mas bom, é um processo, né...

Obrigada, obrigada por esse presente.

Eu queria muito lhe trazer pessoalmente o resultado porque eu vim recolher a entrevista pessoalmente então é o mínimo, né... E já está feito o convite, se tiver um tempinho eu já introduzo umas coisas.

Vamos lá, a minha próxima paciente chega em vinte minutos então a gente tem vinte minutos.

Então a gente tem vinte minutinhos, mas eu posso retornar aqui também. Uma coisa que eu ia lhe falar, né, é que essa pesquisa ficou mais pra uma história oral temática do que pra uma história oral de vida. Na história oral de vida a gente foca mais nas origens, na infância, na questão da maternidade. Como eu lhe falei, tinha uma temática a ser seguida aí vamos começar com a primeira questão introdutória, se a senhora quiser ler antes pra saber. Então eu pediria pra focar na questão da sua carreira que a gente não abordou tanto, as

origens e a questão da maternidade.

Só coisa que eu gosto.

Que bom. Aí se quiser se apresentar ou não, não importa, porque é mais uma conversa, ela é muito mais tranquila.

Eu prefiro que você faça a pergunta e eu vá respondendo, eu me sinto mais à vontade.

Entrevista 2: Segue agora a segunda parte dessa entrevista já marcada por questões voltadas para a pesquisa de mestrado com nova apresentação, esclarecimentos e aprofundamento em temas não abordados anteriormente.

Tudo bem, então, vamos lá. Estamos dando início aqui a nossa segunda entrevista. Então dona Marly, eu queria que a senhora me falasse mais das suas origens, da forma mais aberta que for possível pra senhora, falar sobre onde nasceu, como veio pra cá, falar sobre seus pais, avós.

Meu nome é Marly Paixão, sou paulista, nasci em São Paulo capital, mas um bairro quase limite ali com o finalzinho de São Paulo. Nasci em Guaianazes, que é chamado gueto de São Paulo, uma região em que a grande maioria da população é negra. Nasci no gueto e ali eu me sentia em casa. E é interessante que eu só vim entender que existiam os brancos quando eu tinha uns oito ou nove anos, porque todo mundo ali onde eu morava era negro, então quando eu comecei a frequentar a escola eu comecei a ver mais pardos, mais pessoas brancas e aquilo foi me chamando a atenção. Eu vi o colorido na escola e eu conversava muito sobre isso com a minha mãe, mas até ali pra mim, nós éramos maioria, nós estávamos no topo. Então assim, era muito confortável pra mim, uma família muito unida, todo mundo muito próximo, samba todos os dias, meus tios sambistas, era um ambiente muito gostoso. E essa foi minha primeira infância, desde que eu nasci até uns oito anos mais ou menos. Morei em Guaianazes ali, quase no finzinho, um bairro limite ali com Ferraz, com Monte das Cruzes e ali eu tive as maiores felicidades da minha vida, né, da infância, porque a gente brincava muito, ia pro litoral nas férias, voltávamos.

E ali eu comecei a conhecer o diferente. Na escola foi onde eu tive meus maiores conflitos, os meus primeiros conflitos por conta do cabelo, porque lá eu via outros cabelos. Até então só existiam Blacks, todo mundo era Black e estava ótimo ou tinham aqueles cabelos um pouco mais lisos na chapinha, eu acho que eu te falei, que a gente usava o pente quente nessa época e queimava realmente o cabelo. A gente passava uma tal de vaselina que era tipo um óleo e aquilo fritava literalmente o cabelo, fritava a orelha enfim.

E a mamãe começou a me arrumar pra ir pra escola por conta desses bullyings na escola. Isso com oito anos e era “Cabelo de bombril”, e pegavam e faziam o barulho, simulavam o barulho do bombril, e ali começaram os apelidos e a vontade de não ir mais pra escola. O primeiro lugar que eu não me sentia pertencente. E eu queria pertencer. E isso era em Guaianazes, ainda em Guaianazes, só que na escola era um outro ambiente, até porque Guaianazes é limite com outros bairros, então vinham pessoas de outros lugares, era uma escola estadual muito grande. Então ali eu comecei a sentir. Mas o negro ainda era maioria na escola, mas os poucos brancos e eram poucos, eles faziam a diferença.

Tanto que, foi engraçado, na universidade em que eu estava trabalhando aqui em Manaus um belo dia eu estou no corredor, e descem rapidamente alguns alunos correndo, né. Aí um quase ia esbarrar em mim e aí ele olhou pra mim e insinuou um susto, como se ele tivesse se assustado ao me ver, mas foi insinuado, né, e todo mundo começou a rir. Naquele momento eu me transporte para àqueles oito anos, porque isso acontecia demais. Eu chegava no ambiente e os meninos diziam: - Ai meu deus, que susto, é um macaco, é não sei o quê?

Então, o que que eu senti? Naquele dia, na universidade, eu vim descobrir. Meu Deus, às vezes eu tenho vergonha de aparecer, mas não é porque eu não quero estar no lugar, ou por medo das pessoas, eu entendi que eu não queria assustar as pessoas, você entende? E isso, foi um constructo de infância, isso foi uma visão que eu tinha na infância em que eu não podia estar nos lugares que não haviam negros para que eu não assustasse os brancos e isso eu nunca falei pros meus pais, né, eu só chorava. Eles mandavam: “- Vai na taberna”, e eu dizia “- Não, não quero” e chorava e chorava e chorava, “- Vai comprar isso, você tem que ir”, aí eu ia pro banheiro, passava mais de meia hora me arrumando, pra disfarçar o máximo possível pra que não falassem do meu cabelo, pra que não apontassem. E de vez em quando alguém ria, alguém tirava uma brincadeira e isso começou a me incomodar, e nisso eu já tinha uns doze anos, já morava em outro bairro. Porque quando eu fiz nove ou dez anos, o meu pai começou a trabalhar no centro de São Paulo e nós nos mudamos pra lá, no bairro de Belenzinho onde eu morei muitos anos.

O meu pai trabalhava numa metalúrgica né, participou de várias lutas pelos metalúrgicos. Ele participava de várias lutas, estava muitas vezes ali fazendo greve com os trabalhadores e olha que meu pai só fez até a quarta série, mas ele era muito inteligente, papai faleceu agora no início do ano, mas um homem muito culto. Ele lia muito, gostava muito de ler, gostava muito de aprender. Tanto que quando ele veio pra Manaus, olha o salto que eu estou dando, ele veio pra uma entrevista de trabalho, para treinar uma empresa que estava sendo aberta, né, *New Life da Amazônia*. Ninguém aqui sabia fazer o que ele fazia e ele vendo

no anúncio do jornal, arriscou e pagaram a passagem dele para que ele viesse e treinasse esse pessoal. Viram que ele era tão bom que ele ficou como gerente dessa empresa a *Filtros New Life da Amazônia*, pra você ver como ele era inteligente e só tinha até a quarta série. Ele dizia assim que adorava Manaus porque aqui ele era visto como doutor, as pessoas o chamavam de doutor e todo mundo achava que ele tinha doutorado, porque ele ensinava com uma perfeição aquilo que ele sabia. Porque ele veio pra passar três meses e ficou aqui quase que eternamente. Então, quando a gente sai de Guaianazes que ele precisou morar no centro de São Paulo que era muito mais perto do trabalho e conseguiu uma casa maior pra gente, uma casa enorme de catorze cômodos, era muito grande a casa, tanto que uma vez nós emprestamos a casa pra uma gravação de um filme que estava sendo rodado por ali. E aí nessa época, morávamos no Belenzinho, um bairro que a maioria eram italianos, numa vila fechada de casas muito chiques, o nome era Vila Maria Zélia. Tinha uma igreja linda na entrada, o colégio Manoel de Nóbrega bem do lado, onde Manuel da Nóbrega morou por muitos anos.

E ali eu comecei a precisar me embranquecer, né, precisei viver de cabelo alisado, roupas claras, nada de colorido, de jeito nenhum. As roupas tinham que ser em tom pastel e os vestidos rodados. E aquilo começou a me incomodar, mas eu não sabia que estava me incomodando, era algo estranho que eu não podia dizer que não gostava, que eu não queria, porque ao mesmo tempo a minha mãe dizia ‘- É pro seu bem, a gente precisa ser igual a todo mundo, a gente precisa ser aceito aqui.’

E naquela vila não havia nenhum negro, então você imagina, eu saí de um bairro onde eu estou no gueto, onde eu estou ambientada e preciso sair dali pra entrar na zona totalmente de guerra, desconhecida, né. Ali foi outro impacto, “Quem sou eu aqui, meu deus, quem sou eu?” E ali eu comecei a me construir de novo, né e eu achava que eu era branca. Teve um momento da minha vida que eu comecei a entender que eu era igual a todo mundo, que eu era branca também. Foi muito estranho isso porque eu só fui entender depois quando um menino da sala, sabe aquele crush dos doze anos, de “- Ai que menino lindo...”, e aí ele olhou pra mim e disse pra mim: - Mas você é preta, a gente não pode, de jeito nenhum, você é preta, a minha mãe me mata! E aí eu olhei e eu lembro que uma amiga minha me abraçou falando: - Não, não liga não, ele é meio maluquinho. Mas aquilo ficou, né. Então eu entendi, eu acho que os brancos tem o lugar deles e a gente tem o nosso.

E aí eu comecei a conversar com a minha mãe sobre isso e a minha mãe ficou muito chateada. Ela começou a me mostrar um outro mundo que a gente ainda não tinha conversado sobre me dizendo: - Você é negra. Só se relacione com negros, só converse com negros, se

não tiver negros não converse. Fique no seu canto pra que você não seja humilhada. E você precisa ser a melhor, você precisa ser a melhor da sala! Você precisa estar muito cheirosa porque pra eles negros fedem e você vai provar que eles não fedem. Você precisa estar muito bonita porque eles acham que negro é feio e eu não quero que te chamem de feia. E eu ouvia isso quase todo dia, quase todo dia, e toda vez que eu chegava chorando por alguma questão ela dizia: - Não estou te dizendo que você precisa...?. E aquilo só reforçava e então eu me anulei ali, me anulei das roupas coloridas que eu amava, me anulei nas bijuterias porque eu era chamada de árvore de natal porque queria andar com um monte de coisa: - Pra que esses balangandanguí?”. E eu era louca pela Beth Carvalho, meu Deus, eu era apaixonada pela Beth Carvalho e eu queria usar tudo o que ela usava, eu queria ser ela, nossa... Então eu usava penduricalhos dos pés à cabeça e isso era muito constrangedor para as pessoas, porque era como se eu estivesse “assustando” de novo, né: - Meu deus, pra quê tudo isso? E chegou uma época em que o papai dizia assim: - Se você for assim, a gente não vai. E aí com os quatorze anos eu já comecei a enfrentar isso e eu dizia: - A gente vai, eu vou assim! E a mamãe dizendo: - Não fala assim com o seu pai, pelo amor de Deus. E eu dizia: - Eu vou assim! Eu vou assim e eu só vou se for assim, se não for assim eu fico. E aí a mamãe ia e sentava com ele, conversava, conversava, conversava e eu ia e foi assim que eu comecei a ser eu. Mas era um eu tão estranho porque eu era uma mistura, né, eu saía de bota até os joelhos, mas de saião colorido e era uma mistura que nem eu entendia, mas aquela era eu, era um pouquinho de cada coisa que foram colocando em mim, até que eu consegui filtrar isso quando eu vim pra cá.

Quando eu cheguei em Manaus, quando papai veio pra cá eu já estava ali com uns quinze anos, vim com catorze fiz quinze aqui. E com quinze, dezesseis anos eu comecei a me questionar: - Quem sou eu de verdade? E aqui foi pior ainda porque aqui eu não era nada, eu era a onça né, quando eu passava falavam: - Olha a onça preta, olha a onça preta’ e eu pensava: - O que diacho é esse negócio de onça? E por que onça? Aí o papai veio dizer: - Porque aqui existem onças pardas, onças pintadas e a onça negra. Então eu deixei de ser macaca em São Paulo, pra virar onça, né. E aí veio aquela coisa: - Nossa, onça é mais legal, não é? Pelo menos a onça é forte. E até hoje eu tenho essa coisa com a onça, eu amo as onças e isso começou a me dar poder. Então se é pra ser a onça eu vou ser a onça, mas eu vou lutar por aquilo que eu gosto, por aquilo que eu quero, vou lutar pra ser eu.

Aí nesse momento eu parei de alisar o meu cabelo e foi até com esse meu namorado que hoje é meu marido e ele dizia que admirava muito meu cabelo do jeito que ele era, crespinho mesmo. Ele adorava mexer, pegar e pela primeira vez depois da adolescência, eu

comecei a deixar o meu cabelo mais natural, né, bem crespinho, bem afro mesmo, bem Black e aí eu comecei a me entender, até porque a mãe dele era negra e tinha o cabelo Black. Então pra ele era muito mais fácil isso, né, então eu comecei a me encontrar de novo. Quando eu casei eu tive corte químico no dia do meu casamento e aí eu entendi - Não quero mais isso, não vou mais alisar! E daquele dia em diante eu não alisei mais o meu cabelo. Tive todo o corte químico, recuperei meu cabelo, ficou zero, ficou homenzinho mesmo, aí ele foi crescendo eu fui adquirindo as lãs, porque não tinha cabelo aqui em Manaus, né, e de lã eu virei a Corona que era a moda na época, então eu vivia sendo chamada de Corona. Trançava o meu cabelo, passava dois dias no banheiro trancada trançando, trançando, trançando, mas ali eu comecei a ter realmente a minha identidade. E a partir disso eu não parei mais, eu me vi, eu me percebi. Alisamento nunca mais, né.

Hoje uso um apliquezinho aqui, outro ali, meu cabelo é ali a estrutura. Estou me olhando no espelho né e começando a entender os cabelos brancos que estão começando a surgir, olhando esse crespinho com a doçura que eu não olhava antes, né. Mas hoje eu vejo, eu entendo. Até porque, um dia desses o meu marido falou: - Deixa teu cabelo assim Black, tá tão bonito, aí eu falei: - Sabe o que que é... É que hoje não é mais essa a questão. Hoje eu saio no mercado de Blackzinho, volto, pra mim tá tudo tranquilo. Mas a questão é que dói muito, dói demais pentear esse cabelo, sabe, aquela pimentinha bem ardidinha, sabe, dói muito. Então se eu mantenho ele amarrado na trança e vou colocando os apliques então fica tranquilo pra mim, e eu falei: - Sabe o quê que é, de verdade, eu não quero mais sofrer não. E essa dor é horrível, né, de pentear esse cabelo, que hoje eu já entendo, que é pra pentear com pentes largos. Que eu consigo pentear com creme debaixo do chuveiro tranquilo, molhado. Mas depois que secou, não toca. Não toca porque até de tocar dói, então eu hoje tenho todos os meus adereços, cada dia eu coloco uma lace diferente e tá tudo bem. Coloco trança e tá tudo bem, saio de Blackzinho curtinho e tá tudo bem, mas com cinquenta e sete anos eu vim me estruturar dessa forma, né.

Mas o gostoso pra mim é que minhas irmãs cresceram sem passar por isso, os meus netos cresceram sem passar por isso né, já é um legado. O meu netinho de três anos ele está com o Blackzão desse tamanho, tá vindo aqui no olho e a mãe dele cortou uns fiozinhos sem que ele soubesse, quando ele estava dormindo porque já tava todo embaralhado né. E ele assim, é um amor naquele cabelo: - Nossa, o meu afro hoje tá tão cheiroso, vó, cheira meu afro! Então assim, eu entendo hoje que tudo que eu passei foi pra estruturar melhor os meus filhos e os meus netos, foi pra olhar melhor. Foi pra isso aqui que a gente tá fazendo hoje, sabe, pra passar para o outro pro outro entender. E as pessoas dizem: - Ah, tudo pra ti é tão

fácil, você conseguiu tudo tão fácil. E ninguém sabe o que a gente passou, a nossa dor, a nossa dor que às vezes a gente tem que sofrer sozinha porque não vão entender sua história, e essa sou eu. Essa sou eu.

Eu sinto que toda vez que eu lhe entrevistar eu vou aprender mais mil coisas.

E eu me compreender melhor também porque isso é um processo...

É porque tu tá sempre no lugar da escuta, né, como psicóloga, e aí a gente pode até entrar nesse assunto também. A questão da carreira, como foi assim, pra tu sair, entre aspas, sair das tranças pra psicologia, eu sei que você não saiu totalmente.

Não, a gente não sai. Porque não tem como sair, tá contigo isso. A gente não sai, isso é cultural, né. Eu vim ler mais sobre isso, eu vim conhecer o porquê das tranças, o porquê dessa necessidade de nós estarmos tendo aí outras estratégias pra não sofrer. Enfim, até entender a cultura da escravidão que usava como mapas, né, no cabelo. Então vim começar a entender isso depois que eu me assumi mesmo e depois que eu assumi meu cabelo. E aí eu começo a ouvir muito as clientes, né, você começa a ouvir muitas dores, você começa a fazer com que ela saia daquele papel de sofrimento, né. Respeitando o sofrimento dela, mas dizendo “Não, tem outros caminhos, então eu já era uma psicóloga, né, ouvindo as queixas. E a alegria que a gente tinha e que a gente tem quando uma pessoa que tá vivendo ali, principalmente as crianças, que, quando elas chegam ‘- Ah, eu queria fazer alguma coisa no meu cabelo porque na escola acontece isso e aquilo...’ E aí vem um filme na sua cabeça, né, e você diz: “- Não, você vai sair linda daqui. Você vai chegar na sua escola e vai ser o comentário, mas de uma outra forma agora.”.

E aí então eu comecei a ver que eu já estava fazendo esse papel. Mas não foi por conta do cabelo que eu entrei pra psicologia. Eu entrei por conta dos filhos adotivos que eu tenho. Eu sempre trabalhei em igreja, sempre trabalhei com essa questão da ajuda social, sempre fui voluntária. Acho que desde que eu me entendo por gente eu sou voluntária em alguma coisa, então aí eu comecei a entender mais do sofrimento do outro, mais da dor do outro e comecei a trazer pra mim essa responsabilidade. Meus pais sempre me ensinaram isso, né, se o governo não está fazendo, se ninguém está fazendo, a gente pode fazer e a gente tem que fazer de alguma forma. E uma situação que sempre me incomodou foram as crianças de rua, desde pequena eu sempre queria levar pra casa as crianças que eu via nas praças, as crianças pedintes e fui amadurecendo isso. E aqui em Manaus eu tive a oportunidade de conhecer casas, através da igreja, de ir palestrar em lugares mediante a igreja e comecei a ver a realidade muito cruel dos abrigos. Que você fala ‘Ah, vou tirar dessa família e vou botar num abrigo’ e você acha que tá fazendo bem pra aquela criança, mas o abrigo é um inferno, né, eu

já conheci vários abrigos e é um inferno ali dentro. Pode até haver abrigos bons, mas eu vivenciei coisas, ajudando famílias, coisas bem terríveis. Então ali eu comecei a me interessar pela adoção, eu e meu marido, eu fazendo a cabeça dele pra que ele entendesse que era necessário a gente ajudar. No início a gente queria ajudar com mantimentos, né, a gente começou assim, no natal fazia uma ceia e levava pra uma criança. Só que aquilo começou a incomodar a gente, ainda mais quando a criança olhava e perguntava ‘- Você só vai voltar no natal do ano que vem?’. Nossa, que dor era ouvir aquilo. E aí juntando com um dia em que um lixeiro chegou em casa e falou assim: ‘- Quantos cachorros a senhora tem aqui nessa casa?’ Nós tínhamos uns seis, né, e a maioria era dog alemão, pastor alemão e fila, só cachorrinho, né, e ele falou ‘- A senhora já viu o quanto a senhora gasta de ração pra esses cachorros? A senhora sabe quantas crianças tem hoje precisando de um prato de comida e a senhora prefere tá alimentando cachorro?’

Aquele lixeiro, ele não sabe a mudança que ele fez na minha vida, mas aquilo doeu muito, e aí continuei cuidando dos cachorros, né, a gente doou uma parte e aí a gente começou a conversar sobre isso, até que a gente começou a encontrar algumas freiras, né, que nos levavam pra gente conhecer essas realidades e a gente começou nossa primeira adoção. A gente adotou o primeiro, o segundo, o terceiro... o décimo oitavo. No décimo oitavo, na décima oitava adoção nós já estávamos cansados, nós já estávamos vendo que o nosso trabalho estava sendo meio que “dar murro em ponta de faca”, e a gente estava vendo que a gente estava perdendo um pouco as nossas filhas, pelos ciúmes, pela falta de tempo pra elas e nós estávamos num projeto, éramos voluntários de um projeto como pais sociais em que dariam um tudo para as crianças, né e o nosso trabalho era estar lá. Só que a gente descobriu que esse tudo nunca veio e uma das coisas que a gente mais precisava era do psicólogo para as crianças que tinham rompimento com os pais, o vínculo com os pais, e aquela dor nunca era sanada porque a gente nunca ia substituir esses pais e a gente começou a entender isso.

A partir daí eu comecei a me interessar pela psicologia porque quando a gente conseguia um psicólogo pra atender as meninas, no início eram as meninas, depois chegavam os meninos, eu comecei a me perguntar: ‘- Que profissão é essa?’ Porque fazia mudanças, né, a gente via o crescimento deles. E eu pensava, que coisa mais linda, é isso que eu quero pra minha vida, eu quero aprender mais disso, mas até então eu queria aprender, pra ajudá-los, embora tivessem prometido e não tinham psicólogos, eu ia fazer aquele papel.

Aí depois eu entendi, né, que “casa de ferreiro espeto de pau”, que não dá pra você ser psicólogo dentro da tua casa, não existe isso. Mas até eu entender eu já estava na faculdade, né, fazendo psicologia, achando que eu ia fazer a mudança.

Aí adoeci, adoeci muito pelo confronto religioso e científico com a minha realidade, né e isso me deixou em parafuso. Quando eu entendi a ciência, quando eu vi o quanto a religião já tinha pecado, o quanto ela tinha sido cruel e o quanto a ciência vinha trabalhando por alguns contextos sociais, eu fiquei quase um ano em depressão, pesada, porque toda a minha fantasia foi por água abaixo, né. Eu achava que a igreja ajudava, então assim, eu vi que aquilo não existia e vim entender e eu precisei decidir, ‘- Tá, Marly, quem é você, qual é o seu lado?’ Mais uma vez eu precisei me firmar. ‘Quem é você? Onde é que você vai entrar nessa história? Você vai fazer o seu papel, você vai ficar aí deitada, o que é que você vai fazer?’. Foi quando, com a ajuda do meu marido, eu me reergui e falei: ‘- Não, eu vou voltar pra faculdade’. Precisei trancar, mas voltei pra faculdade e decidi, a ciência vai estar em primeiro lugar agora e depois eu vou ver como a religião vai voltar pra minha vida. Tanto que hoje pra mim religião é o amor, é a caridade, é a vida. A gente ainda faz alguns trabalhos na igreja, porque a gente não se desvincula dessa forma, mas hoje eu tenho uma outra visão. Então foi aí que eu encontrei a psicologia, foi aí que eu me apaixonei pela psicologia, comecei a ajudar as pessoas que a gente fazia cabelo de uma forma mais amadurecida, de uma forma mais convincente, algumas pessoas que a gente fazia cabelo foram fazer psicologia também porque viram que aquilo era tão mágico, mas que era real, que havia ali uma mudança, e algumas foram também. Então eu comecei a ver muitas mulheres mudando, né.

Eu lembro que eu fiz paralelo a isso um curso no SEBRAE, “Mulheres empreendedoras” e aí eu fui para as comunidades levar de graça esse projeto, mulheres empreendedoras, e ali eu via a mulher mudando, né. A gente voltava pra um feedback depois de três meses e elas diziam: “-Não, eu estou fazendo boneca de pet, eu não preciso mais do meu marido”, ‘Eu não preciso mais, eu não sou a coitada’, então você vê que a transformação é possível. Então me encantei e me encanto até hoje, e a questão estética até hoje a gente quer levar para as mulheres, porque elas não precisam ser aquilo que os outros pensam que elas são, elas podem ser o que elas quiserem, elas podem fazer a diferença, então isso foi uma revolução na minha vida e eu consegui fazer dessa revolução uma semente na vida de outras pessoas.

E aí, sobre isso, tu já atua há quantos anos na carreira de psicóloga?

Há 12 anos, já estou há doze anos, né, de carreira. Eu sou especialista em casais e em família, porque eu comecei com as crianças, que é a minha paixão. Só que quando a criança vem pro consultório não é a criança que está doente, ela é reflexo daquilo que ela tá vivendo,

ela é o sintoma. E eu vi o quanto era importante eu chegar nesses pais. E quando eu conheci a psicologia familiar sistêmica eu falei ‘- É isso!’.

Enquanto estava todo mundo brigando pela psicanálise...” “Gestalt”, “fenomenologia”, eu estava tentando encontrar onde é que eu ia me encaixar, onde é que as coisas casavam.

Até que uma professora me apresentou. Ela perguntou dos alunos, e eu falando que eu gostava muito dessa questão da criança, da família, aí ela perguntou ‘Você já leu relações familiares sistêmicas?’ e aí eu falei ‘não’ e ela me trouxe um livro e disse que seria o módulo dela no próximo ano, e eu me encantei com aquilo e me encantei tanto que, quando ela fez o módulo dela, ela viu minha paixão e quando eu me formei eu fui trabalhar com ela porque ela dizia ‘- Nossa, eu nunca vi alguém tão dedicada pra família como você’ e ela dizia assim ‘- Olha, você vai pra minha clínica, quando for família eu passo pra ti!’.

Então eu fiquei oito meses trabalhando com ela até que eu ganhei asas e voei, né, mas é algo encantador você conseguir, através da criança chegar no casal e do casal você traz a família, e você vê que todo o sistema está adoecido por causa muitas vezes, de uma pessoa. Eu sempre digo: Quando tem um filho esquizofrênico a família toda é esquizofrênica. ‘- Eu tenho um filho bipolar! Toda família é bipolar. Uma mãe às vezes, na maioria das vezes, eu tenho várias mães bipolares e a família toda é bipolar. Porque a família precisa vivenciar dentro dos altos e baixos do outro, então eu preciso tratar a família toda. Não dá pra você trazer só um indivíduo, ele volta pro ambiente adoecido e volta pior de novo, né. Então quando eu descobri isso eu falei: ‘- Gente, porque ninguém tá falando sobre isso?’ E aí fui atrás da pós que não tinha aqui em Manaus, aí descobri que havia tido no Dom Bosco, mas foi extinto, mas que talvez voltasse.

Aí eu: ‘- Tá, o que precisa pra voltar?’ ‘- Ah, precisa de uma turma’, e aí ‘- Eu vou juntar essa turma’, e aí fui lá, juntei uma turma e aí juntamos essa turma. Tanto que depois do nosso, acho que só teve mais uma turma e depois acabou de novo. Mas assim, é o ponto chave, porque se eu trabalho a família eu consigo a alta muito mais rápida do meu paciente e consigo resolver quase todo o sistema. A gente só não resolve aqueles que não querem. Então foi ali que eu descobri a minha abordagem, a ênfase e estou vivendo aí.

E você fez faculdade no Dom Bosco?

Não, eu fiz faculdade na Uninorte e aí a pós lá no Dom Bosco.

A paciente daquele horário chegou...

Entrevista 3: Esta foi a última entrevista realizada com a colaboradora já no ano de 2023 com sua devida transcrição. Aqui o foco foi retomar outros elementos que apareceram nas entrevistas anteriores e adentrar novas camadas dessa trajetória.

Transcrição entrevista com Marly Paixão em 1 de maio de 2023

São agora 15h49 do dia primeiro de maio de 2023, estou aqui retomando a entrevista com Marly Paixão para aprofundar questões da história oral de vida dela.

Então, você pode se apresentar caso veja necessidade, já que a gente já fez outras entrevistas e a gente pode partir do ponto que a gente terminou naquele dia em que estávamos falando da tua relação com a psicologia mesmo, quando você estava falando do motivo de ter adentrado na psicologia. Tu podes começar a falar um pouco mais dessa parte da carreira, que acredito que seja um ponto de partida interessante da gente começar.

Olá, meu nome é Marly Paixão, sou psicóloga especialista em família e organizações. Tenho também um cunho ali pro lado da educação e de algumas profissões que a gente vai elaborando na vivência, né, das pessoas, dentro do âmbito onde elas estão inseridas. A minha paixão pela psicologia começa, eu acredito que é bem clichê dizer isso, mas é uma coisa que eu venho analisando a partir de alguns pontos. Ela começa a partir de eu estar na barriga da minha mãe, porque quando nós falamos dessa questão de vínculo, de família, né, que você coloca aí o quanto eu pontuo a importância da família, da maternidade, ela é tanto importante pra mim enquanto filha dos meus pais, irmã dos meus irmãos, quanto mãe das minhas filhas, esposa do meu marido.

A partir daí eu acredito que essa visão minha da psicologia ela ganha força porque eu sempre quis cuidar do outro, eu sempre quis compreender melhor a família, auxiliar melhor as famílias a partir da minha vivência, mas, em algum momento eu fiquei meio perdida porque eu não sabia que existia essa profissão.

Então, pegando tudo aquilo que eu recebia da minha mãe, a questão das próprias tranças, que foi algo bem familiar, que a gente foi passando de geração pra geração, também a questão do cuidado e do acolhimento, a questão de que quando meus pais vieram pra Manaus o quanto eu me senti arrancada das minhas raízes. Saí do gueto, saí dos lugares que eu tinha amizade e vim pra um lugar em que eu era um bichinho, eu me sentia um bichinho de zoológico, aquela negra esquisita que as pessoas não reconheciam bem. Que as pessoas questionavam ‘- Por que ela usa essas roupas?’ ou ‘- Por que o cabelo dela é desse jeito?’. E

ali, ou eu me adequava ao lugar ou buscava o meu espaço e até então eu não sabia qual era o meu espaço porque, se vocês lembram, eu fui morar num bairro, onde só existiam ali italianos e ali eu precisei me adequar aquele ambiente. Quando eu saio de lá e venho pra Manaus já é um outro ambiente, é uma outra situação, são outras questões que eu não estava acostumada. Mas a minha família foi primordial pra que eu me compreendesse enquanto pessoa nesse espaço. Eu precisei compreender a cidade, as culturas, conversar sobre isso com os meus pais, me adequar novamente, tanto na questão de cabelos quanto de roupas, até eu me encontrar.

E isso começou depois do meu casamento, com o corte químico, com a questão de eu olhar pro outro sem ver que o outro, sendo negro, preto, preta como eu, não tinha voz nem vez e aí eu precisei ver o meu espaço, aceitar o meu espaço, mesmo que eu não tivesse e eu não tinha muitas pessoas pra que eu pudesse me espelhar, né, não tinha muitas referências aqui em Manaus. Foi aí que, mediante as tranças, eu fui me adaptando, conhecendo outras pessoas, né. Quando as pessoas me viam elas perguntavam ‘- Quem foi que fez teu cabelo?’, ‘- Como é que é?’. Então, algumas pessoas foram se identificando e a gente foi formando um núcleo, né. Porque eu lembro que o Juarez começou a trazer a filha pra fazer o cabelo e o Juarez é uma grande referência em Manaus, e aí a gente teve uma amizade muito grande. A Iolete também e outros profissionais que hoje em Manaus são referências. E eu comecei a me encontrar, a partir daí.

E nesse desenvolvimento todo eu conheço meu marido, eu me caso, eu tenho minhas filhas e a gente é muito família. Estava tudo perfeito até que eu começo a conhecer a realidade das crianças abandonadas, das crianças excluídas. A adoção é uma coisa muito normal em qualquer lugar, principalmente no Brasil, enquanto bebês pra famílias que não tem filhos. Isso passa a ser normal. Mas quando a família já tem uma estrutura, já tem uma funcionalidade e já tem os seus filhos mais ou menos adolescentes e você conhece uma realidade bem cruel, que enquanto éramos, eu não lembro qual dos grupos de casais, nós participamos de tantos deles, eu não me lembro se no grupo "Diálogo..." ou se do "ECC". Um desses dois grupos na época nos levou pra várias palestras, porque nós éramos coordenadores de várias áreas, e a gente começou a conhecer a realidade da adoção tardia, a adoção tardia de crianças acima de dez anos e é gritante esse número aqui em Manaus, né, é gritante, é gritante. E através das palestras a gente começou a estar nesses lugares e começamos a perceber o quanto isso é importante.

E a questão de famílias entrarem nos abrigos pra ministrar palestra, a priori parece que é uma coisa legal, né. Vem aí um casal, vão participar de algumas intervenções aqui e

vai pra palestra e sai dali e está tudo legal mas não é isso. Você vai lá, você deixa algum conhecimento, você colhe algumas coisas também. Você vê que as coisas não funcionam muito bem, você vê que as crianças vão continuar ali e nesse meio uma das freiras passou ali pra gente um bilhetezinho no guardanapo e a gente começou a verificar o quanto era importante a gente conhecer mesmo essas crianças. Isso a partir de vários sinais que nós já havíamos recebido né. O do lixo que falou dos nossos cachorros, das crianças que a gente vai visitar no natal só no natal e quem é que vai voltar lá, né? Elas nos perguntavam: ‘- Quem volta, quando é que vocês voltam de novo?’ ‘- Vocês só voltam no natal?’. E isso foi sendo um choque de realidade pra gente, então a gente entendeu, e eu e o meu marido a gente tem muito essa questão de onde nós estamos, tudo o que a gente aprende naquele dia onde nós estamos a gente não aprende por aprender, a gente precisa fazer alguma coisa com aquilo que a gente aprendeu. Então, a igreja faz muito isso com a gente, né. A questão de entender a comunidade, a comunhão e o que você faz pela comunidade. Então a gente começou a entender que a gente tinha muita teoria, mas a nossa prática era falha. As nossas ações eram muito fragmentadas, deixavam *geps* ali e que a gente não conseguia preencher visitando abrigos uma vez no ano, visitando abrigos no dia da criança, então a gente começou a ver o quanto isso era importante.

E aí eu comecei a refletir o quanto família é importante pra mim, o quanto a minha família é importante pra mim enquanto nuclear lá dos meus pais e enquanto família nuclear eu e meu marido, a gente começou a ver essa importância. Então, porque não outras crianças? Porque essas crianças são privadas disso? Era uma reflexão que a gente sempre fazia. Então a gente começou a visitar e uma dessas crianças veio fazer uma experiência com a gente e depois dessa experiência foi ficando e assim foram vindo as outras né, que foram vinte e duas, dezoito que nós ficamos por mais tempo e o total de vinte e duas de todas que passaram por nós de alguma forma e que ainda estão conosco né. Então, o que que a gente entendeu? O que eu entendi a priori? Que a família era a base de tudo e que a família precisava de uma revisão. Não sei se eu posso chamar de revisão, de reciclagem. Mas que a família precisava de um olhar e de um recomeço, de um ressignificar. A partir daí eu entendo, as crianças que a gente já tinha em casa, na época eram sete adotivos mais as nossas duas, um total de nove e aí a coisa começou a ficar muito grave porque a gente buscava por eles e não tinha pra onde correr. As vezes tinha que estar cinco horas na fila do SUS com um monte de criança e estar correndo atrás de muita coisa. A questão da psicologia era muito fundamental porque eu via que enquanto eles tinham acolhimento da psicologia, eles desenvolviam melhor, quando faltava psicologia e a gente tinha que correr atrás e não tinham psicólogos pra acolhe-los, a gente via que nós travávamos nesse processo e eles também. Então eu comecei a ver o quanto

era importante eu entender essa questão da psicologia. A psicologia já fez parte da minha vida né e só depois eu entendi isso, eu já era psicóloga desde criança porque eu sempre, onde eu parava, as pessoas vinham pedir conselho de mim. Se bem que psicologia não é aconselhamento, mas eu conseguia instigar as pessoas a pensarem, então isso já me fazia estar dentro da área sem saber. E a primeira vez que eu me deparei com psicólogos, na realidade, foi com os psicólogos que atendiam os meus filhos, nessa questão da adoção. E aí eu comecei a ver o quão importante era essa profissão na vida das pessoas. Pra mim, eu trabalho hoje muito com essa quebra de paradigma da psicologia porque eu sei como eu via a psicologia. Eu via a psicologia que colocavam pra mim, a psicologia elitizada, a psicologia que o pobre não tinha acesso, a psicologia pra loucos entre parênteses e eu vi que a psicologia não era isso. A partir daí, a partir do apoio que alguns psicólogos começaram a dar pra nós enquanto casal eu vi que a profissão era algo que eu não podia negar, a psicologia era aquilo que eu queria.

Aí abandonei o que eu vinha fazendo há um tempo já na área de Comunicação Social e parto pra psicologia. Nesse momento eu passo por várias questões, até entrei em crise religião e ciência, porque ‘- O que é isso né?’ Até eu filtrar tudo e entender direito.

Nesse momento eu entendo o quanto a psicologia é importante nas vidas das famílias, o quanto as famílias estão desprovidas de acolhimento e aí eu me especializo em família. Passei por todo o processo, foram oito anos né, enquanto as pessoas se formam em seis eu demorei oito anos por conta de um processo, de filha que engravida, de cuidar do neto, do meu próprio adoecimento enquanto acadêmica, então tudo demorou muito pra mim.

Depois que eu me formo começo a entender a questão da família, começo a dar aquilo que eu entendia que faltava para outras famílias, a trabalhar pra isso e encontro outras famílias em desconstrução, e perdas porque queriam desconstruir, mas não sabiam o que construir naquele momento. E a maioria dos pacientes que eu atendia eu precisava ouvir a família porque eu ouvia um lado da história e enquanto eu ouvia meus pacientes ficavam muita coisa perdidas nas falas, e quando eu trazia a família, pelo menos uma parte dela, eu conseguia fechar Gestalt, né, eu conseguia fechar as lacunas abertas. Eu consegui entender o processo daquele paciente e eu entendia. Enquanto algumas áreas da psicologia se preocupavam com a psicopatologia eu me preocupava em saber o porquê da psicopatologia e quem era a rede de apoio que esse meu paciente tinha pra que ele pudesse se apoiar e seguir a partir dali e 99% que pode fazer isso é a família, então eu precisava ter acesso a essas famílias e aí descobri, desde a faculdade eu já sabia, mas descobri que aqui em Manaus também tinha a questão da especialização em Psicologia Familiar Sistêmica e quis adentrar mais e conhecer

um pouco mais. Então família pra mim sempre foi e sempre será a base de tudo. Todo o ensinamento que eu tive da minha mãe desde a barriga, desde bebê, todo o ensinamento que meu pai passou pra gente, todo o amor que eu vi entre os meus pais e enquanto filhos e eu achei que, pelo menos algumas das pessoas que eu pudesse tocar, precisavam ter a mesma experiência que eu tive enquanto família. E eu fico feliz de poder ter feito por algumas, pouquíssimas crianças, mas a gente conseguiu fazer, a gente vem fazendo ainda. Então a psicologia só vem agregando à minha vida.

A cada dia eu vejo que a gente pode mais. Eu acho que quando você veio a gente não tinha ainda a Associação Acolhedor, a gente estava ainda enquanto projeto. Hoje a Associação já existe. A associação na época, acredito que uns dois anos e meio, um ano e meio atrás mais ou menos, nós éramos oito pessoas e hoje a associação são mais de cinquenta pessoas e a gente tem várias pessoas aí querendo ser associadas e a gente tá andando por Manaus, trabalhando dentro das escolas, trabalhando com famílias. Hoje nós estamos lá no santuário São José todas as manhãs de sábado trabalhando com famílias, com autistas, com mães. Então assim, a gente vem vendo a possibilidade de apresentar esse cuidado com a família, que eu acho que isso não tem preço. O quanto de pessoas que a gente vem tocando, que a gente começou ali com a Associação começando com oito jovens que estavam pensando em se matar porque tinham perdido um amigo e hoje são várias pessoas que tem sentimento suicida e que a gente consegue trazer pro Acolhedor e ver o quanto é importante nós trabalharmos as famílias, porque muitos desses que pensam no suicídio enquanto saída se perderam dentro da família, não foram acolhidos na família, porque a família não tinha como acolher, porque não aprenderam. Então se eu não tenho, eu não tenho como te dar, eu só posso te dar aquilo que eu tenho. E eu só posso compreender a partir daquilo que eu olho, que eu investigo, que eu pesquiso. Então a gente vem crescendo muito hoje enquanto psicologia em Manaus por conta disso.

E a Associação é somente de psicólogos?

A associação começou com sete psicólogos e uma pedagoga. Porque essa pedagoga é a raiz da Acolhedor, porque foi essa pedagoga que viu essa questão dos adolescentes que estavam com sentimentos suicidas, até porque até a filha dela era uma dessas adolescentes, que já estavam planejando suicídio, logo após a morte do amigo, e essa pedagoga veio pedir ajuda. Então, desde lá ela não nos largou e nós não largamos mais ela. Então nós começamos aí com esse olhar multiprofissional da Pedagogia e da Psicologia, mas hoje nós temos Assistente Social, hoje nós temos Educador Físico, hoje nós temos Massoterapeutas, se eu não me engano uns seis Massoterapeutas, que são os estagiários que fazem a massoterapia, a

massagem todos os sábados também lá com a gente. Temos Enfermagem também, temos o setor Jurídico, que nos acolhe, pelo menos a cada ação grande que a gente precisa fazer. Eles vêm pra tirar a dúvida de algumas das mães e outros profissionais que estão chegando que eu não saberia te relatar agora, porque são tantas pessoas chegando, mas temos assim, mais de quarenta e nove estagiários de Psicologia, a grande maioria são psicólogos. Porque nós começamos lá com a psicologia então a grande maioria são psicólogos, mas a gente deixa aberto pra todos os profissionais porque todos podem corroborar com uma família de alguma forma, com a sua profissão. Então hoje a gente vem abrindo, se você tem um projeto a gente já convida a pessoa com esse projeto a estar dentro da Associação pra agregar, né.

Hoje nós já temos aí a questão de algumas Assembleias sobre suicídio e o que a gente vem ganhando voz e vez é para a questão dos povos indígenas e dos quilombolas em Manaus onde o número de suicídio é grande e não se tem um olhar pra isso. Então hoje nós já temos um projeto que é o SIMPITAMA, que provavelmente em setembro a gente vai estar fazendo um grande simpósio. Nosso sonho é trazer a Sônia Guajajara, a gente já tá com todos os movimentos pra que ela venha fazer a abertura do nosso simpósio. Já temos aí algumas tribos indígenas que vão fazer umas aberturas com dança, vão trazer a questão do artesanato, mas em si, nós vamos falar dessa dor, né, porque tantos indígenas se matam hoje. E foi um olhar que veio me despertar há dois anos atrás e aí a gente vem estudando sobre isso. Então, até uma pessoa nessa correria mês passado me perguntou: ‘- Por que você tá lutando pela causa indígena?’, ‘- O que você tem a ver com isso?’. E eu pensei, meu Deus, o que a gente não tem a ver com isso, né, a nossa raiz tá aí. A gente tem visto tantos conflitos e eu tenho certeza, eu até falei isso na última entrevista que a gente deu pra rádio na semana retrasada, que nós devemos muito aos povos indígenas, nós devemos essa invasão toda. O negro que foi jogado no Brasil de qualquer forma e esquecido e nós temos aí os quilombolas. E nesse quesito o nosso olhar é muito maior pela classe dos povos indígenas porque a quantidade de pessoas que se matam por suicídio da classe negra é muito menor do que os brancos e os indígenas estão no topo de todos, inclusive dos não indígenas, e os negros tem uma proporção bem pequena se você for olhar quando se olha em relação aos indígenas e os brancos. Os negros eu não sei se é pequena por conta de realmente ser de fato, ou se porque não colhem os fatos na verdade, né, mas o que a gente vê é que os negros são muito mais assassinados do que se matam. Porque eles têm esse olhar, esse desejo de viver que é muito grande, eles lutam realmente pela vida, então são olhares distintos e a gente quer falar sobre isso no Simpósio, sobre as possibilidades, até porque isso vai ser setembro, dia 10 de setembro que é o dia

Internacional do olhar para o Suicídio, da violência auto provocada, então nós deixamos pros dias 9 e 10 de setembro o Simpósio. Então assim, a gente tem muita coisa pra fazer na psicologia e não dá tempo de a gente ficar discutindo coisas que a gente vê que não agrega. Se for pra agregar a gente sabe que precisa sentar e dialogar, mas tem coisas assim que a gente precisa passar direto porque são perdas de tempo e a gente tem muito a fazer, muito mesmo. Então o meu olhar hoje tem sido as famílias dos povos indígenas. Desde 2019 eu venho meio que paquerando isso e não é coincidência, eu sei, porque eu conheço um pouquinho de como esse universo conspira pra gente estar se encontrando com outras pessoas que pensam igual. Então de 2019 pra cá eu venho me esbarrando muito com pessoas dentro das causas indígenas. Então assim, eu venho vendo que não é à toa, e a gente precisa fazer alguma coisa. E quando alguém tocou no meu ombro e falou assim: ‘- Ei, vocês falam tanto das causas do suicídio, mas vocês ainda não vieram aqui pra falar do suicídio indígena.’ E eu ‘- oi?’, eu era ignorante acerca disso e eu precisei ler, precisei estudar e foi quando eu me choquei com essa realidade e também comecei a esbarrar desde 2018, eu venho atendendo indígenas pelo meu trabalho lá no Pró Menor Dom Bosco onde alguns Salesianos tem alguns trabalhos e algumas Instituições e alguns desses indígenas vem morar com os Salesianos e eu preciso fazer a psicoterapia deles, e aí eu falei ‘- Não, não é à toa que isso está acontecendo’ e eu ouvindo eles falarem ‘- Olha, na minha família tantas pessoas já se mataram’. E alguns tratam isso até de uma forma muito natural, o que me chocou também, porque se tem um problema aqui e a pessoa viu que ela é o problema, então ela tem que sair, ela tem que se retirar, então ela se retira da vida e problema resolvido, algumas família veem isso assim. Então, nós precisamos adentrar nessa cultura e sabermos se isso realmente é tão natural assim, ou se eu vejo que preciso engolir minha dor, fingir que ela não existe pra que as coisas fluam de uma forma meio natural. Então a gente está investigando isso, a gente está aí desde 2019, que eu venho fazendo essa pesquisa, e essa questão da naturalidade com que eles olham, porque eles têm esse olhar, tem me incomodado. Porque se é cultural a gente precisa respeitar, mas se não é cultural e se tem dor e se tem um lamento e se tem uma falta de compreensão pra isso, nós podemos ser instrumento. E o que eu vim aprender também no meio disso tudo é que eu não posso entrar dentro de uma área indígena trazendo a solução, que não é isso. Eu preciso entender como eles se comportam ali, respeitar a cultura, mas verificar dentro da saúde indígena qual é o indígena que está ali que possa nos passar alguma informação de como a gente pode estar dando algum material pra auxiliar dentro do processo das causas do suicídio porque o que eu estou vendo na maioria dos lugares, são os não indígenas que estão chegando lá com as drogas, com a bebida alcoólica e estão chegando

lá adoecendo esses jovens indígenas e fazendo com que eles percam seu amor por sua cultura porque a cultura do outro parece que é muito mais interessante, ‘- Mas eu não consigo adentrar, eu não consigo ter a vida que eles tem, então acabou a vida, a vida não tem sentido’. Ou eu me acabo na droga, na droga e no álcool. Então, isso tem preocupado a gente também e a gente tem tentado ver o quanto é importante dialogar. Então o Simpósio vai ser um grande espaço onde a gente quer dialogar com essas pessoas para compreender, porque eu não sei nada sobre. Então a gente precisa sentar com quem sabe e cada um dá o seu pouquinho, né, eu vou dar um pouquinho que eu sei sobre suicídio, o outro vai dar um pouquinho que ele sabe sobre esse diálogo e eu também quero colaborar com a questão da família, de como a família se vê, de como cada família precisa se respeitar dentro da sua realidade. Então, dialogando a gente vai compreendendo como é esse movimento. E uma coisa a gente não pode negar, nós todos precisamos entender o quanto o povo indígena tem a salvação do planeta nas mãos, só eles tem, só eles sabem como cuidar da natureza, só eles sabem como cuidar do ser humano como humano, com humanização, e o homem branco, até nós pretos, já perdemos um pouquinho disso porque a gente acaba que a gente vai na onda muitas vezes e a gente vai perdendo muito as nossas raízes, então eu entendo o quanto a psicologia se faz necessária pra que haja esse olhar, esse respeito com a cultura de cada movimento e que os movimentos ganhem força.

Eu tenho pra mim que Deus deixou tantas pessoas diferentes no mundo pra que um dia elas entendam que cada uma tem a chave e a chave só vai girar quando todo mundo se encontrar, quando tiver uma comunhão, quando tiver uma comum união entre cada povo e cada um se respeitar. Não é à toa que cada um fala uma língua, que cada um é diferente do outro, isso não é à toa, isso parte do princípio de que precisamos entender que somos diferentes sim, e cada um na sua diferença, mas que podemos trabalhar igualmente e que podemos estar juntos. Então eu acredito que a gente tem muito a dialogar e estamos abrindo espaço para o diálogo e a gente precisa encontrar outras pessoas pra dialogar, pra ouvir, pra entender outras realidades e pra saber como cada um pode ajudar, porque a gente também precisa de ajuda, a psicologia também precisa de ajuda, a psicologia precisa escutar pra ser escutada, ela precisa entender outras realidades, então, se não houver esse espaço, se a gente não abrir essas possibilidades, as coisas não acontecem. Então eu estava contando aqui essa semana e eu esbarrei com mais de quinze pessoas esse ano que lutam pela causa de uma forma distinta da minha e que a gente está conseguindo somar pra fazer uma coisa só, então isso não tá acontecendo à toa, não é por nada, isso está acontecendo porque a gente tem a

chave e a gente precisa conectar com a chave do outro pra quando for rodar todo mundo rodar junto.

Então essa questão da família te levou muito longe

Está me levando, né, porque isso não para. Isso é movimento.

É interessante porque eu já conheço movimentos que lidam com a psicologia voltada pra pessoas negras e existem muitas pessoas de cor que não gostam de ser atendidas por profissionais brancos.

Eu atendo muitas pessoas negras também.

E existe um porquê disso também.

Eu sei na pele.

Sem dúvida. Eu também já senti essa barreira com psicólogos brancos, é difícil.

É difícil entender a sua dor, né, enquanto você não passou por isso, é muito difícil. O olhar de: “Nossa, como ele se vê coitadinho porque chamaram ela disso, chamaram ela daquilo”

Existe uma insensibilidade assim...

Marly: Eu não diria uma insensibilidade não, eu já vi assim, hoje não, hoje eu vejo como ignorância. Ignorância no sentido de que eles ignoram isso. Eu ignoro aquilo, eu não conheço, eu tenho um desconhecimento daquilo. Então, como é que eu vou entender algo que eu não conheço? Assim como eu sou ignorante em várias coisas. Até pra eu criticar eu preciso conhecer, eu preciso estudar, eu preciso entender.

Tem um projeto inclusive, que eu vi que você estava fazendo há um tempo atrás, já tem um tempo, que é o Trançaterapia, queria que você falasse um pouco sobre ele...

Inclusive hoje também está tendo curso de tranças e daqui a pouco eu corro pra lá também.

É mesmo? Queria que você falasse um pouco mais dessa junção, como está lidando com essa questão da estética das tranças que foi uma linguagem de cuidado também, eu entendo dessa forma e o processo com a psicologia.

Eu lembro que eu dialoguei com você sobre enquanto a gente trança a cabeça do outro, a gente tá fazendo a cabeça do outro por dentro e por fora. Tanto que esse é nosso slogan, né. São até 12 horas trançando. Eu sozinha trançava em mais de 20 horas, usava dez horas de cada dia pra trançar uma cabeça, sozinha. Então, essas 20 horas ouvindo as dores de uma pessoa, ouvindo as lamúrias. Olha que tem até um videozinho que a minha filha fez há um tempo atrás, que meu marido disse ‘- Olha, eu nunca tinha visto isso’ e ele começou a lacrimejar e eu falei ‘- É, dói’. É porque alguém pediu pra ela fazer um videozinho curto

sobre a questão das tranças como nasceu e ela conseguiu retratar em alguns minutos, acredito que deve ter uns dois, três minutos, desde quando eu concebi cada uma delas, né. Quando eu comecei a perder meu cabelo por corte químico, tudo isso assim passado em alguns minutinhos e aí foi interessante porque quantas pessoas sentaram com uma dor na alma nas nossas cadeiras e quando terminava o processo, o olhar da pessoa no espelho olhando pra ela e o sorriso e o choro, de uma pessoa que não se reconhece e fala assim ‘- Meu deus essa sou eu’. A pessoa toda trançada, sabe, com aquela trançona até a bunda, aquele cabelo meio crespo, mas com maior volume, que ela tentou esconder por tanto tempo, que ela alisou tanto tempo e ela se olhar e falar assim ‘- Olha, sou eu’. E claro que nós tivemos poucas pessoas que a partir do momento em que você terminou de trançar ela falar assim “- Tira, tira porque é demais pra mim” e nesse tira eu entendi, essas pessoas precisam de cuidado. Primeiro eu preciso fazer um tratamento na minha alma, preciso desconstruir aqui dentro primeiro, pra depois começar a mudar fora porque se não, não adianta.

Quando mudou fora antes de dentro tem aquele impacto, aquele choque e aí eu comecei a ver o quanto a estética e a psicologia elas estavam meio que ali agregadas, né.

Tem até um livro que a gente começou a escrever e tá parado há um tempão, que a gente precisa retomar porque as nossas primeiras clientes, que muitas delas são clientes até hoje e a maioria delas já abandonaram as tranças, hoje usam seus Blacks lindos.

A maioria delas, quando sentavam com a gente, falavam, desde uma separação por conta do cabelo, separação mesmo, de casamento. Na lua de mel, ou seja, com um mês e pouco de casamento, a pessoa precisou trocar de cabelo, foi lá de madrugada e quando o marido viu no outro dia ‘- Essa é sua cara?’ – ‘Essa é a sua realidade’. E a partir dali veio uma briga e aí separaram. Então tinha desde esse tipo de situação até a pessoa que vinha dormir com a gente, que dormia dois dias no salão, trazia colchonete, trazia comida, tudo, acampava e dormia esses dois dias no salão e ninguém mais podia entrar no salão, porque ninguém nunca tinha visto essa pessoa sem os apliques dela, e ninguém, nem ela mesma, se reconhecia. Então quando ela se olhava no espelho sem os apliques, ela chorava muito e pedia que colocasse ela de costas pro espelho, não queria ver a realidade, porque quando ela olhava pro espelho ela via a ‘- Nega do cabelo de bombрил’, ‘- Nega de piche’ e outros adjetivos e quando ela colocava os apliques ela era a musa, ela era a modelo, ela era a negra que estava na moda, então era esse o padrão, era até aí que a negritude dela ia, a negritude dela só conseguia chegar até aí.

E isso começou a me mobilizar muito, né, eu comecei a ver que isso não era só negócio de estética e que tinham questões psicológicas ali que precisavam ser trabalhadas.

Eu não posso me reconhecer, principalmente aqui em Manaus que tem muitos casos. Que eu acredito também que a gente falou sobre isso, você até se colocou nesse lugar também: Existem pessoas que falam: ‘- Eu não sou negra, eu não sou branca, eu não sou indígena, o que eu sou?’, ‘- Como é que me reconheço? E a partir daí a gente tenta ajudar nessa questão de identidade. ‘- Quem sou eu, onde é que eu me construo?’; ‘- O que eu sinto que eu sou?’; ‘- Ou o que eu estou sendo?’ Porque somos seres em constante mudança, estamos em movimento.

Então a psicologia, ela veio na Trança Terapia nessa função. Eu vou trançar, eu quero trançar meu cabelo, mas eu estou pronta? O que que a minha alma está dizendo dessa trança que tá na minha cabeça? O que eu estou carregando aí? É só uma trança? É moda? O que eu estou carregando? Você conhece as origens? Você conhece o porquê? E Parar de estar dizendo ‘- Ah, eu quero fazer rastafari na minha cabeça’, você não faz rastafari, rastafari é uma religião, vamos falar sobre isso. E você começar a desconstruir algumas coisas, né, dar nome as tranças. Olha, o que você está usando é uma trança nagô que tem esse nome por isso e por isso, que foi constituída a partir disso. Então assim, entra até história aí, né, eu acredito que precisaria ter um professor de história narrando um pouquinho isso, porque não é só chegar, sentar e fazer o cabelo.

Eu abri o curso desse bimestre, né e eu abri anteontem e vou fechar hoje porque finaliza hoje. E eu finalizo hoje porque eu entro com esse olhar da psicologia, falando dessa questão da própria mulher empreendedora, né, dela entender o empreendedorismo que ela é capaz e pra ela saber o que que ela tá fazendo na cabeça das outras pessoas. Você não está colocando moda, você não tá levando moda. E é muito gostoso isso porque é como se a gente estivesse passando o bastão do nosso legado pra outras pessoas, a gente consegue fazer com que elas entendam que elas estão reproduzindo algo que nasceu lá atrás, que o meu bisavô enquanto africano que teve o seu pé amputado pra fugir, ele mesmo amputou os pés pra fugir, acho que eu te contei essa história.

Não contou essa história

Não te contei? Nossa, não dá tempo.

Não dá tempo, não acredito...

Muito rapidamente né. O meu bisavô veio num navio negreiro pro Brasil, pra Minas Gerais, e lá ele foi trabalhar numa fazenda de café onde espanhóis eram donos, né. Então tinha lá, era quase que uma princesa, tem um nome lá que os espanhóis usavam, mas não lembro agora. Mas tinha a filha desses donos muito ricos nessa fazenda espanhola, que se apaixonou pelo meu bisavô. O meu bisavô estava lá com os grilhões nas pernas e só andava

com aquilo pra cima e pra baixo, trabalhando nas fazendas e os dois se apaixonaram loucamente. E aí quando descobriram que eles estavam apaixonados colocaram ele isolado, muito isolado dos outros negros onde ela não poderia ter acesso a ele. E aí numa das tentativas de fuga ela foi sequestrada pelos próprios pais e aprisionada não sei dizer onde. E quando ele viu isso, isso deu força pra ele amputar o próprio pé e ele cortou o seu pé pra tirar dos grilhões e conseguiu chegar até onde ela estava, levar algumas pessoas com ele e tiraram ela de lá e os dois fugiram. E dali nasceu a minha família que eu só conheço daí pra cá. Eu não sei de que lugar que o meu bisavô veio, enquanto escravo. Eu também não sei quem era essa mulher espanhola muito rica e que era vista como uma princesa na época. De onde eles vieram? Quem eram eles? Eu também não sei. Eu sei que a minha família nasceu a partir daí. E eu lembro até que minha mãe dizia que a caça dele era tão importante para as pessoas da fazenda que colocaram vários cães farejadores que descobriram onde ele estava porque tinha rastros de sangue da perna dele que ele ia arrastando. E foi uma coisa muito dolorida que ele contava e que eles contavam isso depois pros filhos. Então a partir dali minha família é o que eu conheço de lá pra cá.

Então não é só trança, tem toda uma história, tem todo um contexto. As minhas primas aprenderam a trançar a partir desse meu bisavô que falava muito da questão de quantas vezes ele precisou, pra ajudar outros que estavam fugindo com ele, ajudava a trançar e deixar alguém trançado pra deixar ali um mapa do lugar pra onde eles estavam indo. Então as tranças nagôs eram deixadas como um mapa na cabeça do outro para os outros saberem pra onde eles tinham que ir. A trança nagô ajudou muito nessa fuga dele, como ajudou na de muitos outros escravos. Então quando a gente passa a questão do amor ao cabelo, a dificuldade até de pentear os nossos cabelos, a questão das raízes e de como a estética vem se adequando pra que a mulher não precise sofrer tanto, é porque a gente não precisa sofrer por conta disso. Pra que a gente possa ter na nossa cabeça o que a gente quiser e usar como a gente quiser, foram anos pra isso ser construído e ainda existe esse processo.

Então quando as pessoas chegam no curso, a gente faz esse trabalho pra elas entenderem a psiquê de tudo isso. Então hoje a gente consegue fazer aí essa junção e vê essa importância que a gente só entendeu tudo isso através dos clientes que nós tínhamos que vinham frustrados, que vinham com choque de realidade e que vinham, na maior parte deles, filhos de mães brancas que não sabiam lidar com o cabelo afro e que, muitas vezes cortavam o cabelo bem baixinho pra que elas ficassem com o cabelo daquela forma, ou mesmo alisavam. Então a gente vê o quanto é importante a gente passar isso pra eles.

E no caso você passou para suas filhas primeiro, né?

Sim claro, porque elas pequenininhas com seis anos começaram a aprender a trançar. Com oito anos elas já trançavam comigo. Com cinco, seis anos, elas aprenderam a trançar bonecas e elas gostavam disso. E eu lembro que eu pintava as bonecas com base porque elas não tinham bonecas negras, a gente não encontrava bonecas negras com essa facilidade, né. Hoje eu sei fazer abayomi, eu faço bonequinhas negras de crochê e faço pros meus netos. Mas antes a gente não tinha essa visão, então a gente pintava com base, dava pra elas brincarem, colocava trancinhas e elas diziam: ‘- Não quero a minha boneca assim, de cabelo liso, por que ela tem cabelo liso?’. Então a gente tirava todo o cabelo da boneca e ali fazia apliques. As bonecas das minhas filhas tinham apliques e elas aprenderam a partir dali esse amor. Então elas mesmas iam lá e trançavam o cabelinho das bonecas delas. Então isso precisa ser passado, porque é o orgulho que a gente tem, do que a gente é. É o legado que eu recebi de outros.

E era uma coisa eu ia lhe perguntar, pra você falar como foi o processo pra elas assumirem o salão no teu lugar e você se tornar psicóloga, saber desse processo com as tuas filhas!

No início elas sempre trabalharam comigo. Eu trabalhei sozinha por muito tempo quando elas eram pequenininhas, né, trabalhava tipo africana mesmo, com uma amarrada aqui, a outra brincando ali de carrinho, então eu trançava muito com elas assim, e elas cresceram dentro do salão, foram vendo isso. E o dinheiro do salão me deu suporte pra estudar psicologia dentro desse processo que eu já estava ali com vários outros filhos e o meu marido ali dando suporte em tudo isso. E aí teve um momento que eu falei assim: Não, não estou conseguindo levar as duas coisas. E eu não conseguia abandonar os meus clientes porque eles diziam: ‘- Marly, como assim, você não pode parar de trançar?’. Mas eu não conseguia mesmo conciliar os dois porque eu queria crescer na Psicologia e eu estava vendo que tinha um mundo pra mim ali. Mas para eu migrar eu precisava ter muito respeito com tudo o que eu tinha aprendido, com tudo o que eu tinha feito e saber como eu ia deixar a partir dali.

Então a partir de ter construído e montado todo o salão e ver o quanto as minhas filhas já se dedicavam pra isso, principalmente a minha filha mais nova. A mais velha, como ela trabalhava e sempre gostou de trabalhar fora, sempre gostou de ter seu emprego e ela é meio que nômade, ela tá sempre em movimento e ela tá na rua e ela sempre dizia: ‘Eu não dou pra ficar trancada dentro de um salão’. Então assim, como mais velha eu ofereci pra ela o salão, e ela me disse ‘- Mãe, me desculpa’ e aí eu vi aquele olhar e eu disse: ‘- Filha, eu não estou

te obrigando a isso, vai e segue com o que você quer fazer, segue a tua vida”. E então a Jeanny a filha mais nova disse: ‘- Não, mãe, eu quero’. Mas a Jeanny era muito pequena e não tinha como. Mas ela sempre dizia: ‘- Não, mãe, eu consigo, eu consigo fazer’. Então a gente foi fazendo um desmame, né, eu e a Jeanny, e eu fui deixando ela fazer. E eu lembro que chegavam clientes que falavam assim ‘- Tu vais me deixar com ela?’ E eu falava ‘- Olha, eu comecei agora, mas ela vai assumir!’ E eles questionavam: ‘Você vai me deixar com ela?’.

Ela tinha quantos anos?

Na época ela era adolescente, ela começou pequenininha. Com oito anos ela estava no salão, mas quando eu comecei a deixar ela à frente ela já era uma adolescente, mas eu não sei bem a idade. Mas foi assim, uns três, quatro anos nesse processo de desmame. E chegou uma hora que ela começou a me dar aula e eu ‘- Espera aí, quê?’. E ela dizia: ‘- Olha, essa sua técnica aqui ela é muito legal até aqui, mas se a senhora prestar atenção ela solta em alguns dias e eu vi que se a gente fizer assim fica melhor.’ E eu ‘- Como é que é isso’ e ela ‘- Não, eu vou lhe explicar.’ e ela começou a me ensinar. E quando ela começa a me ensinar eu vi “Ela está pronta, ela tá pronta”.

E aí eu começo a sair e deixar mais tempo com ela. Aí duas irmãs minhas começam a vir pra ajudar. E ela tinha todo um jeito dela, né, eu não fazia propaganda pra ter meus clientes porque eles eram de boca a boca, eram aquelas pessoas que iam chegando. Aí um outro negro que viu em outro negro, mas assim, eu vi que ela tinha o jeito dela de divulgar. ‘- Não, mãe, vamos divulgar, vamos fazer assim...’ e eu dizia, mas a gente não vai ter como lidar com a demanda, a demanda vai aumentar e a gente não vai ter como. E aí ela dizia: ‘- Mãe, se a demanda crescer a gente treina outras pessoas pra fazer com a gente’ então eu pensei, não, ela tá pronta. E aí eu comecei a ir menos no salão e a ir menos, ir menos e quando eu vi, ela já estava lá com a equipe dela, mudando tudo.

Eu lembro que eu quase choro no dia que ela foi mudar a logo: ‘- Mas filha, por que você vai fazer isso, nossa eu demorei dias criando essa mulher, eu desenhei a mão, essa mulher. Você não sabe o quanto eu sofri’ e ela: ‘- Mãe, isso passou, vamos fazer coisas novas, vamos mudar’, e ela falava isso com uma naturalidade e eu ficava pensando ‘- Meu deus, como eu sou apegada a isso’.

E um dia desses ela estava filmando, fazendo uma filmagem no meu quarto e aí ela parou na porta do meu closet e olhou e falou ‘- Gente, olha isso aqui, isso aqui é o apego que a minha mãe tem ao salão. Pra não desfazer dos cartõezinhos que ela tinha e eu tinha milhares de cartõezinhos, o que eu fiz? Eu fiz um contorno, fiz como se fosse a borda de contorno do meu closet com o espelho no meio. E são centenas de cartõezinhos, e ela disse: ‘- Olha gente,

como a minha mãe é apegada’ e eu dizendo ‘- Deixa aí, deixa aí porque essa foi a forma que eu encontrei, você queria jogar no lixo e eu dei um jeito neles.

Então, é entender que esse é o processo, a coisa não vai parar ali, ela vai se adequando, ela está em movimento, e aprender a respeitar também esse movimento. E eu achei muito lindinho quando ela me chamou pra apresentar essa turma que está fazendo curso e ela entrou me apresentando ‘- Essa é a mulher que trouxe a trança pra Manaus, essa é da onde eu trouxe o meu legado’. e eu: ‘Meu Deus do céu, eu nem me lembrava mais disso, né, e ela começou a falar várias coisas. E pra mim o Studio Tranças Afro hoje é ela, a referência é ela, e ela trazer isso de volta pra mim, eu fiquei impactada. Eu fiquei ali alguns segundos pensando, opa, nossa, fui eu, e a gente se esquece disso, né, e eu me lembro quando você vem e quando você fala pra retomar e é quando eu me lembro disso, e elas não se esquecem disso, né.

Hoje quem manda no salão é a mais nova e a mais velha trabalha com ela. Porque a mais velha viu que, enquanto mãe, enquanto cuidadora dos seus filhos, que agora ela tem, ela não conseguia mais estar nesse mercado de trabalho que suga, né, que demanda horas e que teria que deixar os filhos ali. Então ela viu que o Studio dá flexibilidade pra ela, dá o direito de ela cuidar dos filhos dela. E ela sai pra amamentar que por sinal ela tá ali agora, veio amamentar, pra depois ela voltar pro curso. Então há anos elas trabalham juntas e funciona assim, né, e tem gente que pergunta pra Jeynni: ‘- Por que tu, sendo a mais nova é que é a dona do salão?’ E é porque a mais velha veio três, quatro anos depois e falou ‘- Não, deixa eu te ajudar? Eu vou te ajudando’ e assim foi ficando e hoje já estão elas duas. Tem também a uma das minhas irmãs e tinham outras irmãs minhas também, além de outra filha minha que agora está morando com a minha mãe em Canelas. E a coisa ficou familiar e a coisa tá indo e ela vai passando isso pra outras. E hoje ela tem algumas funcionárias dela que são pessoas que fizeram cursos passados e que ela sabe que fazem tão bem quanto ela porque ela formou. Então essa visão empreendedora que ela tem é algo que eu não tinha na época e foi assim que as coisas fluíram.

E a gente passou sobre as questões da maternidade, né. Eu imaginei que falar sobre esse processo do salão e de como ele passou para as mãos das filhas, ia tocar nessa questão.

E como os meus bisavós me influenciaram nisso...

E acho que a gente tá chegando perto do fim, não sei também quanto tempo tu tens aí pra mim.

A gente tem uns vinte minutinhos.

Então a gente vai pra uma questão que eu já lhe fiz, mas acho que quero lhe ouvir falar hoje sobre ela. Que é: O que significa pra você hoje, ser mulher negra em Manaus? O que é hoje pra Marly, essa Marly de 57 anos, com essa trajetória.

A gente só para pra pensar quando o outro pergunta, né, porque a gente não tem noção. Semana passada eu recebi um texto de uma estagiária que está com a gente no acolhedor e ela falava o quanto eu influenciei a vida dela enquanto psicóloga e aí eu ouvi também uma outra aluna enquanto negra e ela chegou comigo e falou ‘- Marly, eu queria poder tratar mulheres pretas. E eu “Ham?” e ela continuou ‘- Você me deixa estar aqui no projeto pra tratar as mulheres pretas?’ Gente, aquilo me arrepiou, eu olhei pra ela, até então eu achava que ela era uma estagiária, mas ela é psicóloga. Pequeninha, toda meigazinha ali no canto e veio porque indicaram. E disse ‘- Você me dá esse espaço?’ e eu falei ‘- Gente, a gente precisa desse espaço’. Mas porque que eu não tinha aberto esse espaço? Eu atendo mulheres negras, mas não é maioria. Não sei se não é uma maioria porque talvez a mulher negra não esteja sofrendo tanto, não sei, ou mesmo porque elas já se veem fortalecidas com a própria caminhada. Eu ainda não parei pra questionar o porquê e talvez sejam vários porquês, né. Cada uma tem seu porquê.

Até um dia desses uma me ligou, me pediu uma avaliação e disse que precisava ser atendida, mas até então como ela ligou pro meu particular querendo saber os preços, eu passei meu cartão com os meus vários preços que eu tenho pra família, casais. E aí ela falou ‘- Poxa, é legal, mas os seus preços são altos pra mim, eu não teria como te pagar’. E aí eu pensei, ai meu Deus, deve ser alguém que é pro projeto e aí eu falei ‘Ah tá, então, o projeto funciona todo sábado, você pode ir lá de manhã e a gente vai te atender, tem um grupo de pessoas lá que vai te direcionar e é de graça.’ Aí ela: ‘Não, eu acho que você não está me entendendo, eu quero que você me atenda, mas eu não posso pagar o teu preço’. Aí, o meu marido estava até perto, né, ele tinha me chamado pra ver um filme e eu falei ‘- Não, estou resolvendo um problema’ e ele até perguntou ‘- Tem alguém tentando se matar?’ Porque geralmente eu fico de madrugada conversando com alguém que está tentando se matar. E aí ele perguntou ‘- Tem alguém tentando se matar?’, e eu falei ‘- Não, tem alguém querendo atendimento e eu estou tentando negociar preço mas é complicado pra mim negociar preço porque a gente tem que seguir ali um padrão do Conselho, mas também eu não vou deixar de atender alguém que tá precisando e pela foto eu vi que ela é negra e eu tenho poucas pacientes pretas, então eu quero saber qual é a demanda dela’ e aí ele falou ‘- Pergunta pra ela quanto que ela pode pagar.’ E aí eu perguntei ‘- Quanto que você pode pagar?’ e aí ela colocou o valor que ela podia pagar e foi explicar embaixo o porquê e nesse porque ela veio falar da mulher preta

que precisa ser reconhecida enquanto os tantos traumas que ela já veio tendo com psicólogas brancas e que, por acaso alguém falou que conhecia uma psicóloga preta e me indicou pra ela e por isso ela estava querendo saber as possibilidades e por isso ela precisava que eu a atendesse e aí eu entendi. Porque lá no projeto vai ser alguém que vai atender somente meia hora e que tem um outro olhar e ali eu vi a importância de acolher uma mulher preta. Então hoje eu vejo, por essas pessoas que falam e por esse olhar que eu tenho com a minha própria realidade e noto o quanto eu precisava e não tinha ninguém por mim. Eu tinha, né, eu tinha os meus pais, tinha os meus irmãos, tinha o meu marido, mas se eu precisasse de alguém por mim, na época em que eu cheguei em Manaus, eu não teria e eu não sabia sequer onde que eu ia buscar. Então hoje eu vejo que eu já construí algumas pontes, hoje eu até me faço de ponte para outras pessoas chegarem em outros lugares.

Hoje eu me vejo mulher preta pela causa indígena, hoje eu me vejo mulher preta pela causa dos sentimentos suicidas de vários jovens. Hoje eu me vejo como referência para os estagiários que falam ‘Meu Deus, eu precisava estagiar com você, eu precisava aprender isso que você tinha pra passar pra mim’. Ontem eu ouvi uma pessoa falar assim: ‘Você não me conhece, mas eu te conheço e te conheço muito por algumas questões que eu já passei na minha vida e sempre alguém falava assim ‘- Espera, você vai chegar no estágio com a Marly. Você vai chegar lá pra estagiar nessa faculdade com a Marly e aí quando eu chego lá você não está mais lá e aí eu me desesperei e pensei, a Marly não está aqui. Mas aí eu te achei aqui’’. Então ela me achou na “Acolhedor”. E até então eu não sabia que ela tinha passado por tudo isso e ela já estava há três meses sendo supervisionada por mim e ontem ela veio conversar sobre isso comigo e aí eu falei meu Deus e aí eu penso, mas por que, comigo, por que eu? E a maioria das pessoas falam ‘- Você tem um jeito...’. Mas eu não sou uma pessoa boazinha, eu tenho meus momentos de brava, eu tenho meus momentos de não estar legal, mas elas dizem que eu sou a pessoa que consegue acolher. Eu sei que eu sou uma pessoa flexível e eu não me importo com o quão ruim a outra pessoa é. Eu não vou dar pra ela aquilo que ela está dando pra ela ou pro mundo, eu vou dar o que eu tenho pra dar, e isso me diferencia de muitos outros profissionais. Eu não ligo para o que estão falando quando dizem ‘- ah, ela está fazendo isso com algum interesse’. O único interesse que eu tenho é em fazer, se pensam hoje isso não me importa. Então hoje eu me vejo como uma pessoa resiliente. Ontem lendo um livro e eu amo física quântica, até porque a minha abordagem ela tem um cunho quântico, e ontem lendo esse livro sobre a harmonia da humanização e a física quântica e o quanto o universo corrobora pra gente estar alinhado com pessoas que tem a mesma energia que a gente e aí eu refletia quanto as pessoas vão passando na nossa vida. A vida

meio que tem uns eixos, as engrenagens, mas, quando você se conecta com alguém você não sai mais, ela não fica mais fora, e a vida vai rodando e vai vindo outro, e isso vai acontecendo de forma tão grandiosa que quando a gente vê, a gente tem tantas pessoas pensando igual a gente, fazendo o que a gente gosta de fazer, e a gente vê o quanto tá valendo a pena. Tem dias que eu não tenho um real no bolso, mas eu estou tão feliz de saber que a gente sabe acolher e a gente tem muita gente ainda pra gente acolher e isso não pode parar, então assim, eu já me sinto rica por isso.

Então vamos lá, eu vou pra outras questões. A questão da estética hoje enquanto mulher negra. Foi um processo que eu vi que ele é muito importante pra você, a lida com o cabelo. Mas eu acabei falando mais do que você e eu gostaria de te ouvir sobre isso: Por que a aparência é fundamental quando você é uma mulher negra aqui?

Eu creio que eu falei pra você o quanto minha mãe me dizia “Preto não pode feder, preto não pode ser burro porque todo mundo diz: “se tá sujo foi o preto que sujou”. E eu cresci ouvindo isso. A minha mãe não falava isso por maldade, eu vejo que era a forma dela me proteger.

A minha filha um dia desses falou: ‘- Mãe, a senhora usa perfume demais e a minha filha toda vez que vai pro seu colo ela fica com alergia. E aí eu falei ‘- Tá bom, você vai ter uma avó fedorenta agora, eu não vou mais usar perfume’. E aí ela olhou e disse: ‘Mamãe, a senhora de novo com essa questão de ser fedorenta? Você não é fedorenta’. Aí eu pensei “nossa”, mas pra você ver como fica na gente essa questão. Eu tenho um monte de perfumes e se eu não usar eu vou me sentir fedorenta, é isso? Mas eu aprendi isso. Você não pode estar suja, então tem que tomar vários banhos no dia, tem que estar sempre bem penteadinha, o cabelo tinha que estar baixinho e hoje quanto mais eu puder assaranhar o cabelo, melhor.

E quantas vezes eu não ouvi ‘- Abaixa o cabelo da sua filha, ela tá assaranhada’. Dá um jeitinho no cabelo da sua filha, ela veio despenteada. Então a estética tem um cunho que nem tem como eu te narrar isso. Eu gosto de me arrumar, eu gosto porque eu era viciada em me arrumar e nem sei se foi a mamãe que me influenciou nisso porque ela me batia porque eu demorava muitas horas pra sair pra taberna pra comprar o que ela me pedia. Ou seja, se eu estava de pijama e a mamãe pedia pra eu comprar alguma coisa, eu tinha que entrar, tomar banho, arrumar meu cabelo, e passava horas tentando baixar o cabelo pra não ir com ele armado pra não me chamarem de Bombril, então tinha que baixar muito o meu cabelo, e haja creme e aí passava um pozinho, passava alguma coisinha no rosto, e um pozinho que não era

um pozinho de pele preta porque não existia, então era algo bem branco e depois eu vim entender que era pra disfarçar talvez um pouquinho a negritude, para as pessoas não falarem ‘- Olha a neguinha do café, do piche, de asfalto de não sei o quê’ Porque quando eu saía eu me chocava com isso, com esses olhares, com as pessoas que simulavam se assustar quando eu aparecia ‘- Ai meu Deus, que monstro é esse?’.

Então eu evitava sair na rua e quando eu saía eu passava horas me arrumando e eu apanhava muitas vezes, apanhei muitas vezes. A minha mãe até um dia falou assim ‘- Você está quase parecendo com essas mulheres da rua’, as prostitutas, né, porque ela perguntava ‘- Porque você tá cheia de maquiagem, pra quê isso?’, mas eu queria que as pessoas olhassem pra mim e falassem: - Olha como ela é bonita! e eu achava que a maquiagem ia fazer com que as pessoas me chamassem de bonita. E mal sabia eu que eu já era linda sem maquiagem nenhuma.

Mas eu aprendi a gostar muito de maquiagem. Pra você ter uma ideia, com 12 anos eu já trabalhava, trabalhava na Avon, vendia os meus cosméticos e o que que eu ganhava em troca com isso? O meu salário era todo em perfume e maquiagem, todo. Eu tinha 12 anos e andava de salto, me maquiava, tinha vários acessórios. Meu apelido era árvore de natal, e eu adorava.

E assim, hoje quando a gente começa a estudar psicologia a gente vem entender que quanto mais arrumada você está, menos você chama atenção para aquilo que você não gostaria de chamar atenção. Ou seja, se eu sou muito gorda, vou colocar várias tatuagens, colocar várias coisas em mim pra que a gordura não seja algo que chame atenção, vai chamar atenção o tipo de roupa que eu estou usando, as tatuagens.

Enfim, com o negro é a mesma coisa, com qualquer pessoa como uma pessoa muito tímida também. Pra você ver, eu tenho vários pacientes que são tímidos demais, mas que andam com o cabelo pintado de rosa, de azul, ou cabelo cobrindo o rosto, muitas tatuagens, ou seja, é a forma de desviar atenção para aquilo que eles não querem que chame atenção. Então a estética entrou na minha vida dessa forma.

Hoje eu mantenho só aquilo que eu quero, hoje você não vai me ver mais só de cabelo baixo, você não vai me ver. Por mais que meu cabelo hoje seja muito baixinho, acredito que devido a tanta química e de tanto colocar coisas nele, ele é muito frágil. E eu estou sempre com uma alegoria junto com ele pra ter o cabelão que eu já tive um dia, mas não usei, não valorizei e aí foi caindo. Eu tenho várias cicatrizes capilares por conta disso, né e aí a gente vai se adequando.

Então a estética hoje pra mim é uma forma de eu me mostrar enquanto mulher preta, que não é aquilo que a sociedade colocou um dia, que o preto é feio, que o preto fede, que o preto é burro. Eu quis desconstruir tudo isso. Mas eu posso ser sim a preta que fede, a preta descabelada, eu posso ser aquilo que eu quiser ser. Mas eu filtrei hoje e eu sou só aquilo que me faz bem. Não aquilo que faz bem ao outro e nem mesmo ao meu marido. Tem dias que eu estou horrível. E eu adoro dormir maquiada, adoro e eu sempre fui assim. Eu durmo maquiada, eu durmo penteada, mesmo antes de ser casada.

E antes eu sofria. Você já assistiu o filme “Por um fio”? Eu era a mulher do “Por um fio” tá? Eu dormia de bobby no cabelo, eu dormia de coisas no rosto, pra eu acordar linda. Acordava de madrugada, tirava os bobbys pro meu marido acordar e falar “Nossa, que mulher linda” e a estética foi mais ou menos isso na minha vida. Hoje não, hoje tem dia que eu quero acordar descabelada, tem dias que eu acordo com Maria Chiquinha, tem dias que eu acordo com uma trança de cada lado. Então, hoje eu já me sinto à vontade, me sinto eu mesma, do meu jeito. Tem dias que eu saio sem maquiagem e tem dias que eu volto e uso.

Eu só abuso muito da maquiagem quando eu vou pra rádio, até porque eu já vi que quando eu não estou maquiada e que vai pro VT, vai pra televisão, não me agrada muito então eu quero agradar as pessoas. Mas assim, hoje eu já sou muito de boa com a questão da estética, muito de boa, mas eu ainda acho que a gente precisa estar bem pra fazer com que o outro também esteja bem, então eu gosto de estar bem. Então se hoje eu estou bem maquiada, beleza, se eu não estou bem, beleza também.

Semana passada eu saí uns quatro dias sem maquiagem e aí a minha filha pediu pra eu fazer um vídeo e eu fiz o vídeo pra ela e ela me perguntou: ‘- Mãe, mas a senhora tá sem maquiagem’ e eu ‘- Tá, mas e daí?’ e ela disse ‘- Nossa, que evolução!’. Mas porque assim, eu já estou nessa vibe, né, daqui há dois anos eu estou fazendo sessenta anos e eu já estou meio que me preparando. Já vi que tem uns fios de cabelos brancos saindo e estou deixando sair. E eu estou num grau de aceitação que eu queria ter 30 anos com esse grau de aceitação, sabe. Mas tudo bem, eu só sou assim porque o tempo me fez assim e eu agradeço muito por tudo isso e hoje eu só quero passar o de melhor para as minhas netas e para as minhas filhas porque ser mulher preta não é fácil, mas a gente pode fazer ficar leve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BAÍA, Luara Paula Vieira. **Maternidade tem cor?: vivências de mulheres negras sobre a experiência de ser mãe**. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2020.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude** . 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** . 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- BITTENCOURT, Paula de Melo. **Da Vila Municipal ao Adrianópolis: percepção, representação e produção social do espaço**. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica in: **Usos e abusos da história oral** . História Oral, v. 183-191, 1996.
- BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) — Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005. p. 64-68.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) – Instituto de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- _____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil** . São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CASTILHO, Edimilson Peres et al. **A praça dos trabalhadores de Guaianazes: periferia de São Paulo** . 2007.
- CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Alisamento compulsório do cabelo crespo: Impactos do racismo na subjetividade negra**. FDC, v. 10, n. 2, p. 2-20, 2024.
- COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade** . São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- _____. O poder da autodefinição. In: COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: UNESCO. **Gênero e raça: textos básicos de referência**. Brasília: UNESCO, 2001.

DA SILVA, Júlio Cláudio. **Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia**. Manaus: Editora UEA, 2023.

DA SILVA, Tânia Maria Gomes. **Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil**. *Politéia-História e Sociedade*, v. 8, n. 1, 2008.

DE SOUZA QUEIROZ, Rafaela Cristina. **Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra**. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 40, pág. 213-230, 2019.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Tempo*, v. 12, pág. 100-122, Niterói, 2007.

_____. **Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos**. *Dimensões*, n. 21, 2008.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs). **Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa: UFPB, Ideia/Editora Universitária, 2005

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIGUEIREDO, Ângela. **Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros**. Trabalho apresentado na XXVI Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, 2002.

_____. **Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo do negro**. Monografia para a conclusão do curso de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 1994.

_____. Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In: PINHO, AO; SANSONE, L. (Orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2. ed. Rev. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 237-255. ISBN 978-85-232-1225-4.

FLORES, Maria Benardete Ramos. **Tecnologia e Estética do Racismo: Ciência e Arte na política da Beleza**. Chapecó: Argos, 2007.

GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos; SEAWRIGHT, Leandro. **História oral: a democracia das vozes**. São Paulo: Pontocom, 2019.

GOMES, Jéssica Dayse Matos; COSTA, Renilda Aparecida. **Negros no Amazonas: constituição de identidade étnico-racial e ação afirmativa**. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. Ed. Especi, pág. 103-119, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira** . Revista Ciências Sociais Hoje, v. 1, pág. 223-244, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** . São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, v. 10, 2016,

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais** . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. São Paulo: Editora Cobogó, 2020.

KYRILLOS, Gabriela M. **Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 1, e56509, 2020.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

_____. **Rumo a um feminismo decolonial** . Revista estudos feministas, v. 22, p. 935-952, 2014.

MACHADO, Nealla Valentim; COELHO, Tamires Ferreira. **Maternidades negras e fuga das imagens de controle no jornalismo brasileiro**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Manual de História Oral** . 4.ed. São Paulo: Loiola, 2005.

MELO, Patrícia Alves. **O fim do silêncio: Presença Negra na Amazônia**. 2. ed. Rev. e ampl. Curitiba: CRV, 2021.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. Cadernos Pagu, n. 4, p. 9-28, 1995.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **De mocambeiro a cabano: Notas sobre a presença da negra na Amazônia na primeira metade do século XIX** . Terra das Águas, v. 1, 1 sem. 1999.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos**. Rio de Janeiro, v. 2, pág. 59-72, 1996.

_____. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XX. In: **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 67-72.

_____. **O que faz a história oral diferente**. In: Portelli 1991. Texto traduzido por Maria Terezinha Janine Ribeiro, 1995, Proj. História, SP, 1997.

_____. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SALVATICI, Silvia. **Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres**. História Oral, v. 1, 2005.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **O fim do silêncio: Presença Negra na Amazônia**. Belém: Editora Açai/CNPQ, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano : São Paulo e pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume / FAPESP, 1998.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnica**. Estudos Afro-asiáticos, n. 38, pág. 49-65, 2000.

SANTOS, Luane Bento dos. **Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos em grupos afro-brasileiros**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2013.

_____. **Trancista não é cabeleireira!** 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, jul./dez. 1995, pág. 71-99.

SOUTO, Calina Ramos de Brito. **Memória histórica, visual e paisagística do bairro Educandos (Manaus/AM)**. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.

SILVA JÚNIOR, Juarez Clementino da. **Presença Negra no Estado do Amazonas: a contribuição dos arquivos do TJAM**. LexCult: Revista Eletrônica de Direito e Humanidades, v. 2, pág. 409-427, conjunto. 2020. Disponível em: <http://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/400>.

SILVA, Júlio. Cláudio. **Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia**. 2. ed. Manaus: Editora UEA, 2024.

_____. **Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza (1945-1952)**. 1. ed. atualizada. Manaus: UEA Edições, 2017.

SILVA, Jamily Souza da. **A festa de São Benedito no bairro da praça 14 de janeiro,**

Manaus. In: MELO, Patrícia Alves (Org.). *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*. 2. ed. rev. ampl. Curitiba: CRV, 2021. p. 75-92. (Coleção PPGH, v. 5).

SILVA, Karollen Lima da. **Patrimônio cultural, festa e construção identitária: uma análise do processo de certificação quilombola da Comunidade do Barranco de São Benedito (2010-2016)**. 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

VITTO, Douglas; SANTOS, Crispina de Jesus; LIMA-PAYAAPÁ, Jamille da Silva. **Territorialidades do racismo: uma leitura da obra “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA (ENANPEGE), 15. 2023, Palmas, TO. Anais [...]. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2023.

XAVIER, Giovana da Conceição Cortês. **Branças de almas negras? Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)**. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2012.

_____. **Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA**. *História e Perspectivas*, v. 1, 2022